

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada para a obtenção do grau Mestre em Educação, variante
Desenvolvimento Pessoal e Social

**Os Projectos Comenius 1 nas Escolas do Concelho de Silves:
contributo para a avaliação dos impactos percebidos pelos
Professores – Coordenadores, nas diferentes dimensões do processo
educativo.**

Fátima Isabel Guedes da Silva

Sob a orientação do Professor Doutor José Bravo Nico

Julho de 2009


UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada para a obtenção do grau Mestre em Educação, variante
Desenvolvimento Pessoal e Social

**Os Projectos Comenius 1 nas Escolas do Concelho de Silves:
contributo para a avaliação dos impactos percebidos pelos
Professores – Coordenadores, nas diferentes dimensões do processo
educativo.**

Fátima Isabel Guedes da Silva



169 840

Sob a orientação do Professor Doutor José Bravo Nico

Julho de 2009

Agradecimentos

A todas as pessoas que me auxiliaram, que colaboraram e me apoiaram, e que, de forma diversificada, contribuíram para a concretização deste trabalho, quero, aqui, deixar a minha gratidão.

Ao Professor Doutor José Bravo Nico, orientador deste trabalho, deixo aqui o meu apreço e estima, pela disponibilidade, pelas sugestões, pelos ensinamentos, pelo rigor, pela compreensão, pelo apoio e pela amizade manifestados.

Aos Presidentes dos Conselhos Executivos que aceitaram dar o seu contributo.

Ao Presidente do Conselho Executivo da Escola E. B. 2,3 D. Fernando - Vila Nova de Cacela, pelo auxílio na realização do Guião de Entrevista.

Aos Professores Elsa Pereira, Rui Silva, Anabela Gonçalves, Carlos Gomes e Eduardo Luís, pela partilha da sua experiência profissional e pela disponibilidade manifestada.

À Sofia, pelo apoio constante, pela troca incessante de ideias, pelos conselhos, pelo reforço positivo e pela amizade que se desenvolveu.

À Quitéria, pelo apoio e motivação.

Às amigas Celina, Florbela e Júlia, que sempre se disponibilizaram para me ajudar e me animaram em alguns momentos menos bons.

Às amigas Cristina e Luísa, pela grande amizade que nos une.

À Sandra, à Elsa e à Fátima, por me terem encorajado e animado para terminar este trabalho.

À colega Ana Paula Cunha, pela ajuda na parte informática.

À minha irmã Sandra, cuja gravidez eu acompanhei, e ao Nuno, por todo o apoio dado, aquando das minhas deslocações a Évora.

À minha sobrinha – afilhada, Beatriz, que nasceu em Évora, e que cada vez que eu me deslocava lá me animava com os seus sorrisos e brincadeiras.

À minha irmã, Carla, que, ao telefone, ia acompanhando o meu trabalho.

À minha avó, que, aos Domingos e ao telefone, perguntava sempre se estava tudo bem e ficava contente só por lhe ligar.

Aos meus sogros, que sempre preocupados comigo, me mimavam e ajudavam, quando se deslocavam ao Algarve.

À Zeca, que, muitas vezes, se disponibilizou para ouvir as minhas queixas ao telefone, quando as coisas não corriam bem.

Em especial....

Aos meus pais que, apesar de distantes, sempre se preocuparam em saber como estava a correr o trabalho e estavam sempre prontos a ajudar, quando necessário.

À amiga e conselheira, Doutora Rosa Fernanda, pela alegria e satisfação com que recebeu a notícia de que eu me tinha inscrito no Mestrado, pela disponibilidade manifestada e pelo facto de me ter proporcionado, durante a frequência da Universidade de Letras do Porto, uma deslocação à Alemanha, ao abrigo do programa Erasmus.

À sua mãe, D. Guidinha, pela alegria e palavras de apoio que me fazia chegar sempre que falava comigo ao telefone.

Por último, um agradecimento muito especial, ao Augusto, a “minha caracemate”, que foi o responsável pela minha frequência deste Mestrado. Pelo apoio e ajuda dados, pela disponibilidade de tempo, pela partilha de experiência profissional e pela motivação e insistência para ir até ao fim. Pela compreensão pelas minhas ausências, pelos meus humores e pelos momentos em conjunto que não proporcionei. Tudo sempre com um sorriso nos lábios e um humor que lhe é característico.

Ao meu avô...sempre presente.

Resumo

Este estudo teve como principal objectivo ser um contributo para a compreensão e identificação dos impactos importantes que os Projectos Europeus, na área da Educação, no âmbito da sub-acção Comenius 1 – Parcerias entre Escolas, do Programa Sócrates, tiveram e têm na comunidade educativa do concelho de Silves.

O estudo parte, assim, da seguinte questão de investigação:

Quais são os impactos percebidos pelos professores coordenadores dos projectos Comenius 1 nas diferentes dimensões do processo educativo?

Neste sentido, estabeleceram-se as seguintes questões secundárias:

- Como se construíram e implementaram estes Projectos nas Escolas?
- De que forma é que estes Projectos foram integrados no desenho curricular da escola?
- Quais foram as maiores dificuldades sentidas pelos responsáveis pelos Projectos na implementação dos mesmos?

Através de uma metodologia qualitativa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a cinco professores de escolas diferentes do Concelho de Silves e recorreu-se à análise documental e de testemunhos.

Os resultados parecem indicar que a implementação deste tipo de projectos nas escolas deixa impactos em todos os intervenientes (na Escola, no Conselho Executivo, nos Professores da escola e das escolas parceiras, no Pessoal não Docente, na Comunidade Envolvente, na Família, no responsável pelo Projecto e nos alunos) e que, muitas vezes, esses impactos só se verificam a longo prazo.

Verificamos também que a implementação destes projectos segue três princípios essenciais: a planificação, a realização e a avaliação sendo que as escolas tentam integrar os projectos no seu Projecto Educativo. As maiores dificuldades sentidas verificaram-se a nível da organização da escola, da carga burocrática inerente ao projecto e do pouco envolvimento e participação de alguns professores.

Sugere-se que a Escola aposte cada vez mais na implementação deste tipo de projectos, pois estes podem contribuir para uma Escola mais democrática, mais flexível, com mais qualidade, mais motivadora e mais Europeia.

Abstract

The Socrates Comenius 1 Programmes – its impacts in the school policy of Silves’s schools from the coordinators points of view

The aim of this study was to understand and to identify the biggest impacts that the Community’s education-related action programmes “Socrates” (namely Comenius 1) have in the School policy.

So, the central question of this research was to find out, from the coordinators points of view, which were the most important impacts of the Comenius projects.

This central question led to the formulation of the following three questions:

- a) How were the Comenius projects implemented at school?
- b) How were the Comenius projects integrated in school organisation and structure?
- c) Which were the difficulties coordinators had to face in order to organise and implement a Comenius project?

Using a qualitative methodology, semi-structured interviews were held with five teachers from different schools in the region of Silves. The following instruments were used during the research: analysis of documents and interviews.

The results of the research revealed that the Comenius projects have impacts (although they take a lot of time to be felt) on School, on School heads, on other teachers, on School staff, on the region, on parents, on coordinators and on pupils.

They also revealed that the preparation, the activities and the evaluation are important moments to implement a Comenius project and that all the projects are included in the School policy.

The biggest difficulties had to do with the school organisation, with the coordination work and with the lack of motivation and of participation of some colleagues.

It is suggested that schools should implement more Comenius projects, because they can lead to a more democratic, flexible, motivating and European School.

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS	X
LISTA DE TABELAS.....	XII
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO 1 – A UNIÃO EUROPEIA E A EDUCAÇÃO	6
<i>1.1 – O Processo de construção europeia</i>	<i>6</i>
1.1.1 – Da mitologia grega à II Guerra Mundial: “A procura de um ideal de uma Europa Unida”	6
1.1.3 – Da CECA à CEE	10
1.1.4 – Da CEE ao Acto Único Europeu	13
1.1.5 – O Tratado da União Europeia (Tratado de Maastricht)	15
1.1.6 – Do Tratado de Amesterdão à Presidência Portuguesa	18
<i>1.2 – O papel da Educação ao longo do processo de construção da União Europeia, os programas de acção comunitários e o conceito de “dimensão europeia da Educação”</i>	<i>21</i>
1.2.1 – O papel da Educação ao longo dos vários Tratados da União Europeia	21
1.2.2 – A União Europeia e os programas comunitários	29
1.2.3 – O conceito a dimensão europeia da Educação.....	36
<i>1.3 – Programa Sócrates II – a segunda fase do programa (2000-2006)</i>	<i>38</i>
1.3.1 – Objectivos	38
1.3.2 – Acções comunitárias.....	39
1.3.3 – A Acção 1 – COMENIUS: Ensinos Básico e Secundário	40
1.3.4 – A sub-acção <i>Comenius I</i>	41
1.3.5 – Projectos de Escola.....	43
1.3.6 – Projectos de Línguas	44
1.3.7 – Projectos de Desenvolvimento Escolar.....	44
<i>1.4 – A Mobilidade Transnacional</i>	<i>46</i>
CAPÍTULO 2 – A DIMENSÃO EUROPEIA NO CURRÍCULO PORTUGUÊS.....	48
<i>2.1 - Documentos legais que enquadram a organização curricular.....</i>	<i>48</i>
2.1.1 – A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 alterada pela Lei n.º 49/2005).....	48
2.1.2 - A Educação Pré – Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro).....	49
2.1.3 – A Reorganização Curricular do Ensino Básico (Decreto-Lei 6/2001, de 18 de Janeiro).....	49
2.1.4 – O Ensino Secundário – (Decreto-Lei 74/2004)	51
2.1.5 – O Ensino Superior – (Decreto-Lei n.º 74/2006, Lei 62/2007 e Decreto-Lei n.º 107/2008)	52

2.2 – <i>As orientações curriculares e os programas das diferentes disciplinas</i>	53
2.2.1 – Educação Pré-escolar	53
2.2.2 – 1º Ciclo	54
2.2.3 – 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico	55
2.2.4 – Ensino Secundário	58
2.3 – <i>Projectos de Mobilidade</i>	61
2.4 – <i>Redes Europeias de sistemas de reconhecimento e certificação de competências</i>	64
2.5 – <i>Projectos de cooperação na área da educação</i>	67
2.6 – <i>Actividades dinamizadas nas escolas</i>	71
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	74
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	75
3.1 – <i>Seleção e caracterização da amostra</i>	75
3.2 – <i>Opções metodológicas do estudo</i>	78
3.2.1 – Modelo de investigação	78
3.2.2 – Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	80
3.2.2.1- Análise Documental	80
3.2.2.2 – Análise de Testemunhos	80
3.3 – <i>Processo de recolha de dados</i>	82
3.4 – <i>Modelo de análise de dados</i>	84
3.5 – <i>Limitações do estudo</i>	88
PARTE III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	
 CAPÍTULO 4 – OS RESULTADOS E RESPECTIVA ANÁLISE	89
 CAPÍTULO 4 – OS RESULTADOS E RESPECTIVA ANÁLISE	90
4.1 – <i>Análise Documental</i>	90
4.1.1 – Formulários de Candidatura	91
4.1.2 – Relatório de Actividades	91
4.1.2.1 – “Descrição do Projecto”	92
4.1.2.2 – “Impacto e Avaliação do Projecto”	92
4.1.3 – Documentos da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates e Leonardo da Vinci	93
4.1.4 – Projecto Educativo de Escola (PEE) e Plano Anual de Actividades (PAA)	95

4.2 – Entrevistas	96
4.2.1– Dimensão A – “Contexto Pedagógico”	96
4.2.1.1: Categoria A1 – “Características do projecto”	97
4.2.1.2: Categoria A2 – “O currículo / a legislação”	133
4.2.1.3: Categoria A3 – “A Escola”	139
4.2.1.4: Categoria A4 – “O Conselho Executivo”	144
4.2.2 – Dimensão B – “Contexto Pessoal”	147
4.2.2.1 – Categoria B1 – “O Próprio”	148
4.2.2.2 – Categoria B2 – “Os Professores da Escola”	156
4.2.2.3 - Categoria B3 – “Os Professores Estrangeiros”	162
4.2.2.4 - Categoria B4 – “Os Alunos”	165
4.2.2.5 – “O Pessoal Não Docente”	172
4.2.3– Dimensão C – Contexto “Extra-Escolar”	176
4.2.3.1 - “A Comunidade Envolvente”	176
4.2.3.2 - Categoria C2 – A Família	181
 4.3 - Síntese.....	 188
 CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	 194
BIBLIOGRAFIA	197
ANEXOS	206
<i>Anexo A – Guião de Entrevista</i>	<i>207</i>
<i>Anexo B – Exemplo de uma entrevista realizada.....</i>	<i>215</i>
<i>Anexo C – Formulário de candidatura.....</i>	<i>229</i>
<i>Anexo D – Relatório de Actividades</i>	<i>249</i>
<i>Anexo E – Unidades de Registo da Dimensão A.....</i>	<i>258</i>
<i>Anexo F – Unidades de Registo da Dimensão B.....</i>	<i>281</i>
<i>Anexo G – Unidades de Registo da Dimensão C.....</i>	<i>296</i>

Lista de Siglas e/ou Abreviaturas

- CC – Coordenadora de Curso
- CCNO – Coordenador do Centro de Novas Oportunidades
- CD – Coordenador de Departamento
- CD – “Compact Disc”
- CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
- CE – Comunidade Europeia
- CEE – Comunidade Económica Europeia
- CIEJD - Centro de Informação Europeia Jacques Delors
- CIG – Conferência Intergovernamental
- CEF – Curso de Educação e Formação Profissional
- CP – Coordenador de Projectos
- GFC – Gestão Flexível de Currículo
- EB 2,3 – Escola Básica de Segundo e Terceiro ciclos
- ECU – “European Currency Unit”
- EFTA – Associação Europeia do Comércio Livre
- ES – Escola Secundária
- EURATOM – Comunidade Europeia da Energia Atómica
- F – Feminino
- FISSUL – Feira Internacional de Silves
- GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação
- JAI – Justiça e Assuntos Internos
- LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo
- M – Masculino
- NET – Conglomerado de redes de milhões de computadores interligados
- OE – Orientadora Educativa
- OECE – Organização Europeia de Cooperação Económica
- OSCE – Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa
- PAA – Plano Anual de Actividades
- PAC – Política Agrícola Comum
- PCT – Projecto Curricular de Turma
- PEE – Projecto Educativo de Escola

PESC – Política Externa e de Segurança Comum
PQND – Professor do Quadro de Nomeação Definitiva
RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
SC – Sub – Coordenadora de Grupo
SMS – Serviço de mensagens curtas
TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação
TUE – Tratado da União Europeia
UEM – União Económica e Monetária
UEO – União Europeia Ocidental
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
EU – União Europeia
UE – Unidade de Enumeração
UR – Unidade de Registo
WEB – Rede de alcance mundial

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Organização e orientação dos projectos	43
Tabela 2: Tipologia das escolas e anos lectivos em que se implementaram projectos	75
Tabela 3: Tipos de Projecto Implementados	76
Tabela 4: Perfil dos participantes	77
Tabela 5: Plano de trabalho	79
Tabela 6: Realização das entrevistas	83
Tabela 7: Documentos cedidos pelos professores	84
Tabela 8: Dimensões	87
Tabela 9: ”Tópicos de análise documental”	90
Tabela 10: Sub – categorias da categoria A1 – “Características do Projecto”	97
Tabela 11 – “Tipo de Projectos”	97
Tabela 12 – “Função que desempenha”	98
Tabela 13 – “Duração dos projectos”	99
Tabela 14 – “Características dos projectos”	99
Tabela 15 – “Razões da escolha da Escola coordenadora”	103
Tabela 16 – “Função da Escola Coordenadora”	103
Tabela 17 – “Vantagens em ser uma Escola Coordenadora”	104
Tabela 18 – “Forma como são escolhidas as escolas parceiras”	105
Tabela 19 – “Formas de contacto”	106
Tabela 20 – “Língua de Comunicação”	106
Tabela 21 – “Etapas mais motivadoras”	110
Tabela 22 – “Dificuldades sentidas”	111
Tabela 23 – “Valores”	114
Tabela 24 – “Objectivos”	117
Tabela 25 – “Temas”	118
Tabela 26 – “Actividades promovidas na escola”	122
Tabela 27 – “Produtos finais”	125
Tabela 28 – “Recursos materiais”	126
Tabela 29 – “Apoio financeiro extra”	129
Tabela 30 – “Divulgação na Escola”	130
Tabela 31 – “Divulgação na Comunidade Envolve”	131

Tabela 32 – “Como é obtida a Avaliação”	132
Tabela 33 – “Onde é que a Avaliação é registada”	133
Tabela 34 – “Os projectos são integrados”	134
Tabela 35 – “Os projectos são articulados”	136
Tabela 36 – “Como funciona o projecto”	137
Tabela 37 – “Caracterização do contexto geográfico e social”	139
Tabela 38 – “Objectivo da escola”	141
Tabela 39 – “Impactos do projecto na instituição”	142
Tabela 40 – “Apoio aos Projectos”	145
Tabela 41 – “Impactos do Projecto no Conselho Executivo”	146
Tabela 42 – Dimensão B – Contexto Pessoal.....	147
Tabela 43 – “Cargos que desempenham”	148
Tabela 44 – Horas disponíveis no horário”	149
Tabela 45 – Contacto com os projectos.....	149
Tabela 46 – A Motivação para participar nos projectos.....	151
Tabela 47 – “Alteração do método de ensino ou da forma de ensinar”	153
Tabela 48 – “Impactos Pessoais”	154
Tabela 49 – “Número de professores que participam no projecto”	156
Tabela 50 – Como são escolhidos os professores que participam directamente no projecto	157
Tabela 51 – “Como mantêm contacto”	162
Tabela 52 – “Que actividades desenvolvem em conjunto”	162
Tabela 53 – “Quais as motivações que levam os alunos a participarem nos projectos” ...	168
Tabela 54 – “Quais os impactos dos projectos nos alunos”	169
Tabela 55 – “Há envolvimento do Pessoal Não Docente nos projectos?”	173
Tabela 56 – “Quando participam, de que forma o fazem?”	173
Tabela 57 – “Há impactos dos projectos no Pessoal Não Docente?”	175
Tabela 58 – Dimensão C – Contexto “Extra-escolar”	176
Tabela 59 – “ Há apoio da comunidade envolvente? Se sim de quem?”	177
Tabela 60 – “Como é que a comunidade envolvente tem conhecimento do projecto?” ...	179
Tabela 61 – “Que impactos tem o projecto na comunidade envolvente?”	180
Tabela 62 – “Como tem conhecimento do projecto?”	182
Tabela 63 – “Quais os impactos do projecto na família?”	186

INTRODUÇÃO

Numa sociedade em constante mudança cada, vez mais se colocam novos desafios à Educação. No relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, é sublinhado que a Educação assenta sobre quatro pilares fundamentais: “*aprender a conhecer*”, “*aprender a fazer*”, “*aprender a ser*” e “*aprender a viver juntos*”. Estes pilares não são mais do que um conjunto de aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento do ser humano não só enquanto indivíduo, mas também enquanto cidadão.

Desta forma, a Educação não só se caracteriza cada vez mais como um processo contínuo decorrente ao longo da vida, como também se espera que promova uma aprendizagem num ambiente multicultural.

Assim, a aprendizagem não passa apenas pela aquisição de conhecimentos e competências dentro de uma sala de aula, mas poderá ser muito mais enriquecida quando implica uma mobilidade, ou seja, um contacto com jovens e adultos com outras vivências e outras culturas.

A participação de alunos em projectos transnacionais pode, assim, resultar numa motivação acrescida face à escola e num enriquecimento linguístico. Pode também estimular nos alunos uma curiosidade por outros povos e culturas, educando-os a aceitarem e a respeitarem as diferenças, a serem tolerantes e solidários.

Assim, surgem os Projectos Comenius I, no âmbito do Programa Sócrates, implementados por diversas escolas, com diversos objectivos, dos quais se destacam os seguintes:

- Fomentar a qualidade do ensino numa sociedade em mudança, na qual o conhecimento e a experiência adquiridos são, cada vez mais, encarados como processos evolutivos;
- Reforçar a dimensão europeia da educação promovendo uma consciência inter cultural;
- Contribuir para o alargamento dos horizontes dos alunos e professores;
- Promover a aceitação das diferenças:

- Motivar os alunos a tentarem obter melhores resultados escolares;
- Estimular a inovação pedagógica dos professores.

Neste contexto, este estudo, pretende ser um contributo para a compreensão e identificação dos impactos importantes que os Projectos Europeus na área da Educação, no âmbito da sub-acção Comenius 1 – Parcerias entre Escolas do Programa Sócrates, têm na comunidade educativa do concelho de Silves.

O estudo parte, assim, da seguinte questão de investigação:

Quais são os impactos percebidos pelos professores coordenadores dos projectos Comenius 1 nas diferentes dimensões do processo educativo, em escolas do concelho de Silves?

Assim, na sequência da formulação do problema de estudo e na formulação da principal questão de investigação, definimos as seguintes questões secundárias:

- a) Como se construíram e implementaram estes Projectos nas Escolas?
- b) De que forma é que estes Projectos foram integrados no desenho curricular das escolas do concelho de Silves?
- c) Quais foram as maiores dificuldades sentidas pelos responsáveis pelos Projectos na implementação dos mesmos?

Feita a apresentação e a contextualização genérica do propósito da investigação, importa referir como se estrutura o trabalho. Este estudo encontra-se organizado em três partes distintas:

A primeira parte, que diz respeito ao enquadramento teórico, engloba dois capítulos, a saber: o capítulo 1, dividido em quatro grupos, e o capítulo 2, dividido em seis grupos.

No primeiro grupo, do capítulo 1, analisamos o processo de construção da União Europeia ao longo dos Tratados assinados.

No segundo grupo, estudamos o papel da educação ao longo do processo de construção europeia, identificamos os programas de acção comunitários criados (no âmbito da educação) e analisamos o conceito “*a dimensão europeia da educação.*”

No terceiro grupo, debruçamo-nos sobre o Programa Sócrates II e identificamos os seus objectivos e as suas acções comunitárias. Posteriormente, seleccionamos a sub-acção Comenius 1. De seguida, identificamos os projectos que fazem parte desta sub-acção e procedemos à sua caracterização.

No quarto grupo, analisamos o conceito de mobilidade transnacional e estudamos o papel, os objectivos, o modo de funcionamento e a importância dos intercâmbios.

No capítulo dois, debruçamo-nos sobre a forma como a dimensão europeia é fomentada no currículo nacional, procedendo à análise de alguns documentos legais que enquadram a organização curricular do Sistema Educativo Português. Analisamos, também, as orientações curriculares e os programas das diferentes disciplinas, os projectos de mobilidade, redes europeias de sistemas de reconhecimento e certificação de competências, projectos de cooperação na área da educação e algumas actividades dinamizadas pelas escolas.

A segunda parte diz respeito ao enquadramento metodológico e encontra-se dividida em cinco grupos. Nesta parte, descrevemos a selecção e a caracterização da amostra do estudo, apresentamos as opções metodológicas utilizadas (nomeadamente, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados) bem como o processo de recolha de dados e o modelo de análise dos mesmos. Referimos também algumas das limitações deste estudo.

Na terceira parte, que se encontra dividida em três grupos, procedemos à apresentação dos resultados e à sua respectiva análise e concluímos com uma síntese resultante da análise dos resultados e das questões que guiaram a investigação.

Concluímos, tendo como referência o enquadramento teórico e metodológico e fazendo algumas sugestões para futuras reflexões.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Ao pretendermos estudar os impactos que a implementação dos Projectos Comenius 1 têm na Escola e em toda a Comunidade Escolar do concelho de Silves, não podíamos deixar de reflectir sobre a *União Europeia e o papel da educação e as orientações curriculares* que são um suporte de apoio à construção de uma nova *cultura* de currículo nas escolas.

As escolas de hoje são instituições que operam num espaço europeu e que acolhem, cada vez mais, alunos das mais diferentes origens. Neste contexto, as escolas devem ser espaços que contribuam para a construção de uma nova Europa, onde é importante conceber a aprendizagem como um processo ao longo da vida, onde a formação transcultural tem um papel importante e onde se deve promover a mobilidade dos jovens e professores.

Assim, é necessário contribuir para a construção de uma concepção de currículo mais aberta e abrangente, com práticas mais autónomas e flexíveis de gestão curricular.

É, essencialmente, em torno destas duas ideias que se procurou estruturar o enquadramento teórico que a seguir se apresenta.

Capítulo 1 – A União Europeia e a Educação

1.1 – O Processo de construção europeia

1.1.1 – Da mitologia grega à II Guerra Mundial: “A procura de um ideal de uma Europa Unida”

Europa, na mitologia grega, era uma princesa, filha de um rei fenício, por quem Zeus, o pai dos deuses, se apaixonou e com quem casou. Do casamento nasceram três filhos, um dos quais foi Minos, rei de Creta e "dux Europaeus".

Talvez tenha surgido aqui a palavra *Europa* e se alguns defendem que só se pode falar de integração europeia, após a II Guerra Mundial, outros acham que é muito mais antigo e defendem que a ideia de uma Europa unida “começou por ser apenas uma sonho de filósofos e visionários”.¹

Segundo Hen e Léonard ², “Já em 1306, Dante, em *A Divina Comédia*, [se referia à Europa quando] considera que o único meio de construir a Europa é haver um imperador que domine os outros soberanos: [e] ao afirmá-lo, limita-se a traduzir o sonho da Idade Média, a reconstituição da unidade nomeadamente realizada por Carlos Magno”.

Encontramos, também, identificados³, ao longo dos séculos XIX e XX, algumas acções tomadas em prol da procura de uma Europa unida e ideal, dos quais referimos os seguintes:

- A publicação de um Ensaio, por Wiliam Penn, em 1693, “em que propunha um Parlamento Europeu” e onde defendia que a paz podia ser obtida através da justiça;
- A realização da Conferência de Paz de Utreque (1713) que teve como um dos objectivos propor a construção de uma Europa unida e livre, onde os “soberanos” seriam representados por deputados;

¹ In: FONTAINE, Pascal. (2003). *A Europa em 12 lições*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, p.9.

² In: HEN, Christian & LÉONARD, Jacques. (2002). *O essencial sobre a União europeia*. Lisboa: Editorial Bizâncio, p.16.

³ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, pp. 31-38.

- O lançamento da obra “Para a Paz Perpétua”, em 1795, por Immanuel Kant, que visava estabelecer uma paz eterna entre os povos europeus. Para Kant a paz só poderia surgir num regime republicano, com uma Constituição assente nos princípios de liberdade e igualdade entre todos os membros de uma sociedade e na dependência a uma única legislação em comum;
- A realização de um estudo sobre “*A reorganização da Sociedade Europeia*”, por Claude Henri, em 1814, que conclui que o ideal seria que em cada nação existisse um Parlamento que defendesse essa nação e que, por sua vez, todas as nações reconhecessem a supremacia de um Parlamento Europeu “*investido de poder de julgar os seus diferendos*”;
- A realização do Congresso da Paz, em Lausanne, em 1849, onde Victor Hugo proferiu, na sua abertura, um discurso pautado por uma “*emoção visionária*”, onde deslumbra uns Estados Unidos da Europa pacíficos, um “*Senado Soberano*” europeu, eleito por sufrágio universal. Mais tarde, em 1867, Victor Hugo continuou a vislumbrar a existência de uma nação europeia extraordinária e livre que simbolizará a paz entre os povos. Segundo o mesmo, essa nação, que no século XX se chamará Europa, nos séculos seguintes chamar-se-á “*Humanidade*”;
- O uso frequente da expressão “*Estados Unidos da Europa*”, durante os anos de 1831 a 1838, no jornal “o Europeu”, publicado em França;
- A fundação da “*União Paneuropeia*” por Richard Koudenhove- Kalergi, em 1923, que defendia a união dos povos europeus para se resolverem conflitos internacionais, existentes na altura. O mesmo, em 1939, deslumbra, também, a existência de um país “*uma grande nação e pátria comum dos seus povos*” chamado Europa, que será descoberto e dará início a um “*novo capítulo da história mundial*”;
- O discurso realizado perante a “*Assembleia da Sociedade das Nações*”, a 5 de Setembro de 1929, em Genebra, por Aristide Briand (Ministro dos Negócios Estrangeiros Francês), que considera que entre todos os povos da Europa deve

existir um “*vinculo federal*” e que todos, em conjunto, devem debruçar-se sobre os interesses económicos comuns, adoptar resoluções e estratégias e fomentar um espírito de solidariedade que lhes permita enfrentar, em conjunto, problemas graves que surjam.

Como verificamos, apesar desta tentativa e criação de uma Nação europeia, a mesma não foi criada até 1930. Após esta data, surge, na Alemanha, Hitler, que levou os países europeus à Segunda Guerra Mundial, implementando a destruição e a guerra, em vez do ideal de paz desejado por muitos.

1.2 – Do Congresso da Europa ao nascimento do Conselho da Europa

Após a II Guerra Mundial, deparamos com uma série de iniciativas que irão ser responsáveis pela realização de um «*Congresso da Europa*», em Haia, de 7 a 10 de Maio de 1948. Estas iniciativas, identificadas por Monteiro,⁴ foram as seguintes:

- O discurso de Churchill, a 19 de Setembro de 1946, em Zurique, no qual faz um apelo à unificação da Europa e defende a criação de uma “*família europeia*” que se poderá chamar “*os Estados Unidos da Europa*”.

Esse apelo levou à criação de alguns movimentos em prol da unificação da Europa. De todos eles, destacamos os seguintes:

- A realização da primeira reunião da “*União Europeia dos Federalistas*”, em Agosto de 1946;
- A criação de um Comité Internacional de “*estudos e acção para os Estados Unidos Socialistas da Europa*”, em 1947;

⁴ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A. pp.39-40.

- A fundação do “*Movimento para a Europa Unida*”, de Winston Churchill, em Dezembro de 1947;
- Lançamento das “*Novas Equipas Internacionais*”, em Junho de 1947 por democratas -cristãos de 10 países da Europa, em Chaudfontaine;
- A criação do “*conselho francês para a Europa Unida*”, em Julho de 1947 por René Courtin;
- A fundação da “*Liga Independente de Cooperação Económica*”, em 1947, por Van Zeeland;
- A criação da “*União Parlamentar Europeia*”, em 1947, de Coudenhove-Kalergi.

Com o objectivo de congregar todos os esforços destes movimentos surge o Comité Internacional de Coordenação dos Movimentos para a Unidade Europeia em 1947. O primeiro acto levado a efeito por este comité foi a realização de um congresso em Haia onde estiveram presentes quase a totalidade dos defensores da ideia da unificação da Europa.

Assim, o Congresso em Haia foi considerado como o “*acto de nascimento do pós-guerra*”, onde se propôs “*a criação de um Conselho da Europa e de uma Assembleia Europeia, a adopção de uma Declaração comum dos direitos do homem que os estados-membros deveriam respeitar, e a constituição de um Tribunal europeu [que fizesse respeitar] os direitos do homem, cuja garantia seria assegurada, se necessário, por «uma força armada europeia mista»*”.⁵

Deste Congresso resultaram algumas *Resoluções*, que podemos considerar importantes, a saber:

1) a nível Político, foi considerado essencial criar uma união económica e política para *assegurar a segurança e o progresso social* e criar uma Carta dos Direitos do Homem;

⁵ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, p.40.

2) a nível Económico e Social, não só se considerou essencial a união económica e política, como, também, a criação de uma Europa que represente a união, a liberdade e a paz;

3) a nível Cultural, foi considerado que deveriam ser respeitados os seguintes direitos fundamentais do homem: a liberdade de expressão e de pensamento.

Do Congresso nasce um movimento denominado o *Movimento Europeu*, que convocou, em Fevereiro de 1949, para Bruxelas, uma conferência com o objectivo de decidir *os princípios de uma união política europeia, as funções e a composição da Assembleia Europeia e a constituição e jurisdição de um Tribunal Europeu*. A 5 de Maio de 1944, é criado o *Conselho da Europa*, considerado bastante importante para garantir a defesa dos direitos do homem, com uma Assembleia Parlamentar que não representa os governos dos Estados-Membros, mas que apenas dispõe de um poder consultivo.

1.1.3 – Da CECA à CEE

No final da II Guerra Mundial, a Europa estava em ruínas e é desta situação que, como afirma Manuela Rebordão⁶, “...surgiu uma determinação de ultrapassar os anos do passado e de unir os esforços no sentido da reconciliação e da reconstrução, com vista a promover o progresso económico e social”.

A 5 de Junho de 1947, o General Marshall propõe o auxílio à Europa por parte dos Estados Unidos da América, ao *declarar guerra «à fome, à pobreza, ao desespero, ao caos»*⁷.

Pensava-se, nessa altura, que a melhor forma para fazer face aos antagonismos que tinham dado origem à guerra passava por uma integração das diferentes economias que, em conjunto, deveriam tentar compreender os problemas comuns que estavam a afectar a Europa. Desta forma, tendo consciência de que a paz e uma reconstrução da Europa eram urgentes, vários países uniram-se e formaram organizações de cooperação económica e

⁶ In: REBORDÃO, Manuela. (1994). *A construção Europeia*. Porto: Areal Editores, p.7.

⁷ In: FONTAINE, Pascal. (1998). *A Construção Europeia de 1945 aos Nossos Dias – Edição revista e actualizada por José Barros Moura*. Lisboa: Gradiva, p.9.

política, com a finalidade de construírem conjuntamente uma comunidade com um objectivo comum.

Tendo em mente as palavras de um dos responsáveis pela criação da Europa Comunitária, Robert Schuman, Ministro dos Negócios Estrangeiros Francês, que, segundo Rebordão⁸, “defendia que a construção da Europa não se fará de uma só vez, far-se-á por realizações concretas que conduzirão a uma solidariedade de facto”, podemos dizer que a União Europeia foi sendo progressivamente construída.

O primeiro passo foi dado com a *Constituição da Organização Europeia de Cooperação Económica (OECE)* em 1948. No entanto, o passo que foi dado no sentido de criar instituições europeias, considerado mais significativo, surge quando Jean Monnet (grande negociador e construtor da paz) propõe a Robert Schuman e ao chanceler alemão Konrad Adenauer a gestão, sob o controlo de uma autoridade independente, do mercado do carvão e do aço. Segundo Fontaine⁹, “colocar sob uma autoridade comum – a Alta Autoridade – a produção de carvão e de aço de países outrora inimigos era um acto de elevado valor simbólico. Com ele, as matérias-primas da guerra transformavam-se em instrumentos de reconciliação e de paz”. Esta proposta foi bem acolhida pela Alemanha, Itália, Países Baixos, Bélgica e Luxemburgo.

O tratado que instituiu a primeira Comunidade Europeia surge com a assinatura do *Tratado de Paris*, a 18 de Abril de 1951, que criou a *CECA, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço*. A CECA tinha uma Alta Autoridade, sedeada no Luxemburgo e, para a presidência da mesma, foi Jean Monnet, uma personalidade associada aos ideais europeístas, cuja acção foi decisiva para a criação das Comunidades Europeias.

Este tratado teve como objectivo instituir uma cooperação europeia, com vista a uma integração económica e política e a uma cooperação pacífica entre diversos países. Nesta primeira comunidade europeia uniram-se, assim, seis países ("Os Seis"): A França, a Alemanha, a Itália, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo.

⁸ In: REBORDÃO, Manuela. (1994). *A construção Europeia*. Porto: Areal Editores, p.7.

⁹ In: FONTAINE, Pascal. (2003). *A Europa em 12 lições*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, pp.3-4.

Foi, assim considerado, que “*A dimensão inovadora da CECA situa-se a nível político [e que a mesma] contribuiu grandemente para a situação de paz, estabilidade, prosperidade e solidariedade que conhecemos hoje na União Europeia*”¹⁰.

O sucesso obtido com a criação da CECA foi determinante para continuar a tarefa de construir uma *Europa Comunitária* unida, que acreditava que a integração económica era o caminho a seguir. Em 1955, reúnem-se, na Conferência *de Messina*, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Seis, sob a presidência do Belga Paul Henri Spaak e, como resultado dos acordos estabelecidos entre ambos, a 25 de Março de 1957, são assinados os *Tratados de Roma*, que criaram a *Comunidade Económica Europeia* (CEE) e a *Comunidade Europeia da Energia Atómica* (EURATOM). A criação destas duas comunidades numa época, do pós – guerra, em que a prioridade era garantir a prosperidade da Europa através de um *Mercado Único Comum*, destinado, exclusivamente, à livre circulação de bens e não ao livre movimento de pessoas e capitais. Outro acordo importante obtido em Roma foi a adopção de uma Política Agrícola Comum (PAC).

Encontrando-se a União Europeia aberta a todos os países europeus que a ela pretendam aderir, tornava-se imprescindível que esses países seguissem as seguintes normas, a saber:

- a) respeitassem os compromissos assumidos nos Tratados de fundação;
- b) subscrevessem os mesmos objectivos;
- c) se localizassem no continente europeu;
- d) pautassem sua prática por procedimentos democráticos inerentes a um Estado de Direito.

No entanto, este Tratado enfrentava um problema que era o facto do Reino Unido não querer fazer parte do mesmo. A principal razão para não querer fazer parte prendia-se com facto deste Tratado prever que a soberania de cada estado cessaria em prol da criação de *instituições supranacionais europeias*. Desta forma, o Reino Unido cria a Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA), a que aderiram os seguintes países: a Suécia, a Suíça, a Noruega, a Dinamarca, a Áustria e Portugal. A EFTA, torna-se, assim, numa “*associação, longe de qualquer projecto de integração política... uma mera zona de livre*

¹⁰ In: [http:// www.europa.eu.pt](http://www.europa.eu.pt) “Europa - O termo de vigência do Tratado CECA – Balanço.mht”

*comércio, essencialmente de produtos industriais, e [que] não reconhecia qualquer fronteira comum”.*¹¹

Durante os anos seguintes, o Reino Unido tentou iniciar negociações para a entrada do Reino Unido na CEE, o que acaba, por acontecer em 1973. Neste ano, mais dois países entraram na CEE: A Irlanda e a Dinamarca. Assim, foi criada a “Europa dos Nove”. O Tratado de Roma veio estabelecer as bases da União Europeia de hoje, e que se, inicialmente a União Europeia era vista como uma organização económica, com este Tratado considera-se importante o seguinte:

- a) a garantia aos cidadãos de um elevado nível de protecção social;
- b) a promoção da democracia;
- c) a protecção dos direitos humanos;
- d) a criação de uma sociedade civil;
- e) a luta contra a discriminação.

1.1.4 – Da CEE ao Acto Único Europeu

Entre a segunda metade dos anos setenta e os primeiros anos da década de oitenta, “a crise do petróleo de 1973”, origina, também, uma crise da indústria, que provoca desemprego e o aumento da inflação. No entanto, o processo de integração europeia continuou, e salientam-se algumas decisões tomadas neste período, tais como:

- 1) a institucionalização do *Conselho da Europa (1975)*;
 - 2) o nascimento *do Sistema Monetário Europeu e a criação do ECU (European Currency Unit)*;
 - 3) as primeiras eleições, por sufrágio universal, para o *Parlamento Europeu (1979)*.
- Com as quedas das ditaduras militares na Grécia, em Espanha e em Portugal, estes países aderem à CEE, em 1981 (a Grécia) e os outros em 1986, afirmando-se como nações democráticas. Se, inicialmente, a tónica é posta na coesão económica, a partir da segunda metade dos anos oitenta, com a melhoria das condições de vida e de trabalho dos cidadãos da União Europeia, a tónica passa a ser, também, colocada na coesão social, ou seja, na promoção da democracia, dos direitos humanos, dos direitos sociais e na luta contra a discriminação.

¹¹ In: <http://www.historiasiglo20.org/europortug>

Em 1984, é apresentado ao Parlamento Europeu um "*Projecto do Tratado da União Europeia*", com o objectivo de substituir o Tratado de Roma e fazer avançar a integração europeia. Em 1985, os três países do Benelux, a França e a Alemanha assinaram o *Acordo de Schengen*, que pretendia garantir a livre circulação de pessoas e a supressão das fronteiras entre os países da CEE.

Em Fevereiro de 1986, Jacques Delors permite a assinatura do *Acto Único Europeu* no Luxemburgo (que vem revogar o Tratado de Paris e modificar e completar o Tratado de Roma). Foi considerado que este tratado era «único» porque procedeu a uma revisão simultânea dos três Tratados comunitários; porque incluía tanto as questões comunitárias como as relativas à cooperação política; e [serviu] também para tranquilizar alguns Estados-Membros, que não queriam que ele pudesse ser visto como um passo na direcção da União Europeia." Os objectivos do mesmo assentam "na melhoria do ambiente e meio de trabalho, na harmonia da legislação entre os países membros em áreas como a indústria, a agricultura, o turismo e a educação, no desenvolvimento da investigação científica e no progresso para a união económica e monetária, obtendo assim, um grande espaço europeu sem fronteiras"¹²

O Parlamento Europeu não se mostrava satisfeito com os poucos avanços do *Acto Único Europeu* pelo que continuou a insistir numa revisão mais completa dos Tratados e na transformação da Comunidade numa verdadeira União Europeia. Assim, decorreu de 27 a 30 de Novembro de 1990, em Roma, uma Conferência, onde foram formalizadas importantes Resoluções relativas à União Europeia, a saber:

- a conclusão de que o Acto Único «representou um passo em frente inadequado e insuficiente»;
- a continuação da fomentação de "uma união cada vez mais estreita entre os povos europeus";
- a decisão de que essa União deve permanecer aberta às adesões dos Estados europeus e democráticos que o desejem";

¹² in: www.europa.eu.pt

- a decisão de que a União “*pode aderir aos acordos internacionais relativos aos direitos e às liberdades fundamentais*”;
- a declaração de que “*«os cidadãos da União...[devem participar] na vida política da União...segundo critérios e modalidades a definir*”;
- o reconhecimento de que “*o direito da União prevalece sobre o dos Estados-membros*»;
- a decisão de que “*a legitimidade da União baseia-se em instituições que derivam directa ou indirectamente do voto dos cidadãos e cujas relações se baseiam no princípio da separação de poderes*”.¹³

A 9 de Novembro de 1989, a queda do Muro de Berlim, tem três consequências consideradas importantes, a saber:

- i. o desaparecimento dos sistemas comunistas nos países da Europa central e do leste;
- ii. a crise da União Soviética, que culminaria com a queda do regime comunista e com a desintegração do próprio estado em 1991;
- iii. a reunificação da Alemanha.

Ao mesmo tempo, este período é caracterizado por uma falta de estabilidade monetária e financeira, o que leva a que o Presidente da Comissão, Jacques Delors, insista no processo de integração europeia, defendendo fortemente a ideia que a CEE, é, numa época em que a Europa está confusa, a organização capaz de garantir estabilidade.

1.1.5 – O Tratado da União Europeia (Tratado de Maastricht)

Todos estes factores contribuíram para que, em 1992, fosse assinado na Holanda, na cidade de Maastricht, o *Tratado da União Europeia*, também conhecido como o *Tratado de Maastricht*. Este Tratado, que substitui o nome CEE (Comunidade Económica Europeia) por CE (Comunidade Europeia) foi assinado pelos doze Estados membros da

¹³ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, p.59.

Comunidade (Portugal, Espanha, França, Itália, Irlanda, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha, Dinamarca e Grécia).

Com este tratado, o objectivo económico inicial foi substituído por uma dimensão política e é criada a União Económica e Monetária, que vai instituir novas políticas comunitárias, na área da Educação e da Cultura e vai alargar as competências do Parlamento Europeu. É considerado que o Tratado da União Europeia (TUE) constituiu, assim, uma nova etapa na integração europeia, pois, além de instituir a cidadania europeia, contribuiu para a criação de uma “ *União Europeia assente em três pilares: as Comunidades Europeias, a Política Externa e de Segurança Comum (PESC) e a cooperação policial e judiciária em matéria penal (JAI)*”.

Relativamente ao pilar comunitário, este tratado vai permitir o seguinte:

- “*O reconhecimento de uma cidadania europeia*”;
- A adopção de uma moeda única (o Euro), através da UEM (A União Económica e Monetária);
- A criação do Fundo de Coesão “*que proporcionaria uma ajuda financeira nos sectores do meio ambiente e das redes europeias em matéria de infra-estruturas de transportes*”;
- O aumento das competências comunitárias “*em campos como as política económica e monetária, a política industrial, as redes transeuropeias e a política de transportes, as políticas educativas, a protecção aos consumidores, a investigação e o desenvolvimento tecnológico, a cooperação e o meio ambiente*”¹⁴

Foi, também, estabelecida, uma Política Externa e de Segurança Comum (PESC) e uma *cooperação inter – governamental*, que se baseia na *Justiça e nos Assuntos Internos (JAI)*, cujos objectivos, como refere Cruz ¹⁵ são:

“*Salvaguardar os valores comuns, os interesses fundamentais e a independência da União;*

¹⁴ In: www.europa.eu.pt

¹⁵ In: CRUZ, Manuel Machado P. (1995). *Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social – 12º ano, volume I*. Porto: Areal Editores, p.331.

Reforçar a segurança da União e dos seus Estados-membros sob todas as formas;
Garantir a manutenção da paz e do reforço da segurança internacionais;
Fomentar a cooperação internacional;
Desenvolver e reforçar a Democracia e o Estado de Direito, bem como o respeito pelos
Direitos do Homem e liberdades fundamentais.”

Este tratado prevê, também, uma cooperação reforçada a nível judiciário, policial e aduaneiro, onde se devem debater assuntos que interessam a todos os Estados Membros, tais como, o terrorismo, a imigração clandestina, a política de asilo, o tráfico de drogas, a delinquência internacional, as alfândegas e a cooperação judicial.

É também consagrado no tratado o *princípio de subsidiaridade*. Este é um princípio “segundo o qual a União só deve actuar quando a sua acção seja mais eficaz do que uma acção desenvolvida a nível nacional, regional e local, excepto quando se trate de domínios da sua competência exclusiva. Este princípio está intimamente relacionado com os princípios de proporcionalidade e de necessidade, que supõe que a acção da União não deve exceder aquilo que seja necessário para alcançar os objectivos do tratado”¹⁶.

Nunes ¹⁷refere, também, a este respeito que “A subsidiaridade é referida logo nos considerandos do Tratado, onde se perfilha o princípio de que, na criação da União, as decisões devem ser tomadas o mais próximo possível dos cidadãos.”

Apesar da ratificação do Tratado de Maastricht ter sido complicada devido a uma grave crise económica que assolou a Europa e devido à guerra da Jugoslávia, o Tratado entrou em vigor a 2 de Novembro de 1993 e, a 1 de Janeiro de 1995, nascia a “Europa dos Quinze”, com a adesão da Áustria, da Finlândia e da Suécia.

A 26 de Março de 1995, os *acordos de Schengen* entram em vigor em sete Estados-Membros, a saber, na Alemanha, na Bélgica, em Espanha, em França, no Luxemburgo, nos Países Baixos e em Portugal. Posteriormente, outros países aderem, também, ao espaço Schengen. A partir deste momento, os cidadãos, de todas as nacionalidades, podem deslocar-se a estes países sem controlo de identidade nas fronteiras.

¹⁶ In: www.europa.eu

¹⁷ In: NUNES, M. Jacinto. (1993). *De Roma a Maastricht*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.94.

1.1.6 – Do Tratado de Amesterdão à Presidência Portuguesa

No princípio de 1996, deu-se início a uma “*Conferência Intergovernamental (CIG)*” com a finalidade de elaborar um novo tratado que reformasse o Tratado de Maastricht e que tivesse os seguintes objectivos:

- a) o desenvolvimento da Europa dos Cidadãos;
- b) fomentar o papel da União Europeia na política internacional;
- c) reformar as instituições;
- d) e debruçarem-se sobre a perspectiva de uma nova ampliação, da CE, aos países da Europa central e oriental.

Após um consenso na reunião do Conselho Europeu, celebrado em Amesterdão nos dias 16 e 17 de Junho de 1997, era criado o *Tratado de Amesterdão* que foi assinado a 2 de Outubro de 1997 pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos quinze países membros da União Europeia e, que apesar de ter sofrido algumas críticas, entrou em vigor a 1 de Maio de 1999.

Com este Tratado são reforçados direitos fundamentais, tais como, *a liberdade, a democracia, o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais e do Estado de Direito* e é desenvolvido o conceito de *cidadania europeia*. Todos os Estados Membros comprometeram-se a respeitar os direitos sociais dos trabalhadores, e foi também estabelecido, como directriz, *o princípio da não discriminação e da igualdade de oportunidades*, reforçando-se, assim, a igualdade entre homens e mulheres.

O Tratado refere, também, como objectivos a longo prazo, a adopção de uma *política de Defesa Comum* e a futura integração da União Europeia Ocidental (UEO) na União Europeia.

O ano de 1989 trouxe uma transformação radical, pois a queda dos sistemas comunistas, a desagregação da União Soviética, a afirmação de novos estados e a guerra na Jugoslávia vêm transformar profundamente o centro e o oriente da Europa, e torna-se evidente que o alargamento (da CE) aos países da Europa central e oriental irá aumentar a influência da União Europeia.

Em Dezembro de 1997, iniciam-se negociações de adesão com Chipre, Malta e com 10 países da Europa Central e Oriental: Bulgária, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa e Roménia. Em 2001, a assinatura do *Tratado*

de Nice abre a via para o alargamento da União Europeia, ao reformular as regras comunitárias em matéria de votação. Verificamos ainda que, em Dezembro de 2000, é assinada, aquando do Conselho Europeu de Nice, a *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia*. Pela primeira vez passa a existir um único texto que é uma síntese dos valores comuns dos Estados-Membros e que reúne os direitos político, económico, civil e social dos mesmos.

Em Maio de 2004, oito países da Europa Central e Oriental (Estónia, Eslováquia, Eslovénia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa), Chipre e Malta aderem à União Europeia, pondo termo a uma divisão da Europa que tinha sido decidida *60 anos antes pelas grandes potências*.

Os 25 Estados-Membros assinam, em Outubro de 2004, um *Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa* com vista a simplificar o processo de decisão democrática e o funcionamento de uma Europa com 25 membros, com os seguintes objectivos:

- Criar uma aproximação entre os Cidadãos da Europa;
- Fomentar um espaço político comum numa Europa mais alargada;
- Associar à União a ideia de estabilidade.

Em Janeiro de 2007, mais dois países da Europa oriental, a Bulgária e a Roménia, aderem à União Europeia, elevando o número de Estados-Membros para 27. A Croácia, a antiga República Jugoslava da Macedónia e a Turquia também são países candidatos à adesão.

Os 27 Estados-Membros da UE assinaram, a 13 de Dezembro de 2007, o *Tratado de Lisboa*, que modifica os Tratados anteriores. O seu objectivo é aumentar a democracia, a eficácia e a transparência da UE e, deste modo, torná-la capaz de enfrentar desafios globais tais como as alterações climáticas, a segurança e o desenvolvimento sustentável.

Das diversas opiniões, relativamente ao Tratado de Lisboa, destacamos as seguintes:

- No Tratado de Lisboa, na opinião de Silveira, *“foram eliminadas... todas as expressões que, no Tratado Constitucional, indicassem a criação de um temível super-Estado europeu... [o tratado] despiu-se das vestes constitucionais: os símbolos foram retirados... a Carta dos Direitos Fundamentais deixou de figurar no articulado dos Tratados... sendo substituída por uma referência que lhe atribui força juridicamente*

vinculante; o Ministro dos Negócios Estrangeiros passou a chamar-se Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros...ainda que as suas funções se mantenham; a cláusula do primado do direito da União desapareceu do articulado dos Tratados. ...[e concluiu que com este tratado] perdeu-se manifestamente em termos de simplificação... em termos de democraticidade...e em termos de agregação.”¹⁸

- Segundo Froufe “*O Tratado de Lisboa marcará, então, e em resumo, um novo impulso na integração europeia, esperando-se que proporcione à União os mecanismos de funcionamento adequados à nova realidade quase continental*”.¹⁹
- Para Silveira o tratado de Lisboa era necessário porque “*Precisamos de um novo tratado porque os desafios globais com que estamos confrontados não são tratáveis a nível nacional [e por isso] não podem ser resolvidos por um Estado isoladamente [mas] demandam uma estratégia concertada para os enfrentar. [E reforça que] os tratados que regulam actualmente a União Europeia não são suficientes para este efeito, porque foram pensados noutro contexto, para 6 Estados-Membros e não 27. [Salienta que] As questões ambientais, climáticas, energéticas; as questões relativas à paz, à segurança, ao terrorismo, à criminalidade organizada; as questões relacionadas com os efeitos imprevisíveis do desenvolvimento científico-tecnológico – que não conhecem fronteiras –, no âmbito da chamada “sociedade de risco”; as questões que se prendem com a gestão dos fluxos financeiros; as questões relativas ao desemprego, à precariedade do emprego, à sustentabilidade do sistema de segurança social – tudo isto exige interacção e conjugação de esforços. [Termina referindo que] O albergue seguro do Estado soberano deixou de o ser [logo] a melhor maneira de defender a soberania...é através da soberania partilhada.”²⁰*

Antes da sua entrada em vigor – o que se espera que aconteça antes das próximas eleições para o Parlamento Europeu, em Junho de 2009 – deverá ser ratificado por cada um dos Estados-Membros, o que está a ser dificultado pelo Não da Irlanda ao Tratado.

¹⁸ In: SILVEIRA, Alessandra & FROUFE, Pedro Madeira. (2008). *Tratado de Lisboa. (versão consolidada)*. Lisboa: Quid Júris – Sociedade Editora, pp.9-10.

¹⁹ In: idem, p.20

²⁰ In: idem, p.12.

1.2 – O papel da Educação ao longo do processo de construção da União Europeia, os programas de acção comunitários e o conceito de “dimensão europeia da Educação”

1.2.1 – O papel da Educação ao longo dos vários Tratados da União Europeia

No que diz respeito ao papel da Educação durante o processo de construção da União Europeia, podemos concluir que os Tratados que foram sendo estabelecidos e assinados para contribuir para a integração europeia, que se iniciaram nos anos 50, não davam uma importância relevante ao papel da educação na sociedade. Assim, só a partir de 1992, quando é assinado o Tratado de Maastricht, é que se pode considerar que a acção comunitária na área da educação foi consagrada.

No entanto, o Tratado de Roma (1957) fazia já uma referência à formação profissional, considerada como condição necessária para a construção de uma *Europa económica*, como podemos deduzir ao analisar os seguintes artigos do referido Tratado²¹:

No Capítulo 1 – Disposições Sociais – Artigo 118., é referido que:

“Sem prejuízo das outras disposições do presente Tratado e em conformidade com os objectivos gerais nele definidos, cabe à Comissão promover uma colaboração estreita entre os Estados-Membros no domínio social, designadamente em questões relativas: (...) à formação e ao aperfeiçoamento profissionais”.

Depois, no Capítulo 3 – Educação, Formação Profissional e Juventude, no artigo 126. é referido o seguinte:

“1 – A comunidade contribuirá para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, incentivando a cooperação entre os Estados-Membros, apoiando e completando a sua acção, respeitando integralmente a responsabilidade dos Estados-Membros pelo conteúdo do ensino e pela organização do sistema educativo, bem como a sua diversidade cultural e linguística.”

²¹ In: “Acto Único Europeu – Jornal Oficial das Comunidades Europeias. NºL169/10. 29/6/97.

No artigo 127.º ponto 1, é referido que:

“A Comunidade desenvolve uma política de formação profissional que apoie e complete as acções dos Estados-Membros, respeitando plenamente a responsabilidade dos Estados-Membros pelo conteúdo e pela organização da formação profissional”.

É também neste Tratado que encontramos definido, como objectivo *“da acção da Comunidade, desenvolver a dimensão europeia da educação, nomeadamente através da aprendizagem e divulgação das línguas dos Estados-Membros”* (artigo 126.º, ponto 2).

Assim, verificamos que o domínio da educação foi limitado à formação profissional e associado aos princípios comunitários da liberdade de circulação e à não – discriminação, a todos os níveis, de educação e a todos cidadãos comunitários.

Em 1971, reúne-se, pela primeira vez, o Conselho de Ministros da Educação e só em Fevereiro de 1976 é que se estabelece, segundo Galvão, o primeiro *“programa de acção, abrangendo intercâmbio de experiências e informações, apoio a projectos-piloto e a criação de parcerias”*.²²

É também no ano de 1976 que é criado o Instituto Universitário Europeu de Florença, que se limitou a oferecer cursos de pós-graduação e actividades de investigação nas áreas das ciências sociais. Ainda relativamente a este período (1971-1976) foi considerado, por Monteiro, que:

“a intervenção no domínio da educação, que começara em 1971, a nível infracomunitário (apenas intergovernamental), passou para o nível paracomunitário (reuniões dos Ministros da Educação, no seio do Conselho), em 1976, data em que ganhou forma de Programa de Acção. Este programa foi sendo concretizado por actos normativos”.²³

Em 1986, com a assinatura do *Acto Único Europeu*, encontramos as seguintes referências à Educação²⁴:

²² In: GALVÃO, Maria Emília. (2000). *A Dimensão Europeia na Educação e Formação: Um dilema Europeu?* in <http://www.dgdc.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe54/dossier>.

²³ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, p.286.

²⁴ In: www.europa.eu

«TÍTULO VI – A INVESTIGAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO»

Artigo 130º F

1. *A Comunidade assume o objectivo de reforçar as bases científicas e tecnológicas da indústria europeia e de favorecer o desenvolvimento da sua competitividade internacional.*
2. *Para esse efeito, incentivará as empresas, incluindo as pequenas e médias empresas, os centros de investigação e as universidades nos seus esforços de investigação e de desenvolvimento tecnológico; apoiará os seus esforços de cooperação, tendo especialmente por objectivo dar às empresas a possibilidade de explorarem plenamente as potencialidades do mercado interno da Comunidade por meio, nomeadamente, da abertura dos mercados públicos nacionais, da definição de normas comuns e da eliminação dos obstáculos jurídicos e fiscais a esta cooperação.*
3. *Na realização desses objectivos, será especialmente tida em conta a relação entre o esforço comum empreendido em matéria de investigação e de desenvolvimento tecnológico, o estabelecimento do mercado interno e a execução de políticas comuns, nomeadamente, em matéria de concorrência e de trocas.”*

Artigo 130º G

Para a prossecução destes objectivos, a Comunidade desenvolverá as acções seguintes, que completam as acções empreendidas nos Estados-membros:

- a) *Execução de programas de investigação, de desenvolvimento tecnológico e de demonstração, promovendo a cooperação com as empresas, os centros de investigação e as universidades;*
- b) *Promoção da cooperação em matéria de investigação, de desenvolvimento tecnológico e de demonstração comunitários com países terceiros e com organizações internacionais;*
- c) *Difusão e valorização dos resultados das actividades em matéria de investigação, de desenvolvimento tecnológico e de demonstração comunitários;*
- d) *Incentivo à formação e à mobilidade dos investigadores da Comunidade”.*

Podemos assim dizer que, entre 1971 e 1986, existe uma institucionalização da educação enquanto uma área de cooperação e acção comunitárias, e que, entre 1986 e 1992, a intervenção política no domínio da educação se estrutura da seguinte forma:

“O Conselho Europeu e os Ministros da Educação e a Comissão Europeia assumem e promovem decisões relativas a Programas de Acção Comunitários orientados para objectivos comunitários, assentes em regulamentos comunitários, operacionalizados ao nível nacional, transnacional e comunitário por organismos de coordenação entre os Estados-Membros e a União Europeia.”²⁵

²⁵ In: ANTUNES, Fátima. (2004). *Políticas Educativas Nacionais e Globalização. Novas Instituições e Processos Educativos*. Braga: Centro de Investigação em Educação – Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, p.134.

Com a assinatura do Tratado de Maastricht, no que diz respeito à Educação, encontramos também referido o seguinte²⁶:

“ [Este tratado ao] Abordar o tema da educação geral e da formação profissional, [considera que] os estados membros têm responsabilidade exclusiva nos planos de estudo e na organização do sistema educativo. [Desta forma] A tarefa da comunidade limita-se a promover a cooperação entre os estados na educação, apoiando e complementando as medidas adoptadas por cada país. A União Europeia pôs [com este Tratado] em marcha diversos programas para fomentar esta cooperação, facilitando os contactos e trabalhos conjunto de alunos e professores europeus. O Programa Sócrates centra-se na educação não universitária, o Leonardo da Vinci na formação profissional e o Erasmus na educação superior”.

Com este tratado “o cidadão de cada Estado-membro, mantendo a sua nacionalidade, passa a assumir a cidadania europeia” e foi, também, “criado o Fundo de Coesão, fundamentalmente vocacionado para projectos nos domínios do ambiente, das infra-estruturas, dos transportes e de redes transeuropeias. Este fundo destina-se a “promover a investigação e o desenvolvimento tecnológico, melhorar a protecção do ambiente e promover uma política industrial moderna para a comunidade.” Para que tal pudesse acontecer, foi considerado essencial “privilegiar acções de encorajamento aos estados e às regiões, com vista a uma educação de qualidade, através da cooperação entre os Estados-membros, da promoção das Línguas faladas nos países comunitários, fomento da mobilidade de professores e estudantes e da cooperação entre as Universidades.”²⁷

Este tratado dá uma ênfase à Educação, sendo esta considerada um elemento chave na construção de um futuro em plena cidadania europeia.

Destacamos a opinião do Grupo de Educação da Ert²⁸ que refere o seguinte:

[Os professores] “deveriam de dispor de todas as oportunidades para preparar os seus alunos para uma sociedade com novas dimensões, regionais e nacionais, mas também europeias e globais. É [assim considerado] indispensável uma abordagem europeia a todos os níveis, não só para

²⁶ In: www.europa.eu.pt

²⁷ In: CRUZ, Manuel Machado P. (1995). Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social – 12º ano, volume I. Porto: Areal Editores, pp.332-333.

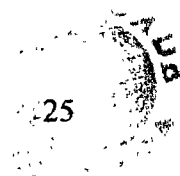
²⁸ In: GRUPO DE EDUCAÇÃO DA ERT. (1994). Uma Educação europeia – A caminho de uma sociedade que aprende. Bélgica: ERT, p.18.

aprender a língua e a história dos outros países, mas [também] para ajudar os estudantes a compreender, de uma forma prática, como se inserir num mundo multicultural e daí tirar o máximo de benefícios. A educação europeia deve ter em conta problemas globais: a protecção do ambiente, o desenvolvimento duradouro, a demografia, a segurança e a interdependência do comércio mundial”. Desta forma é considerado importante e necessário encorajar “ uma maior mobilidade dos estudantes e dos professores; o domínio de um maior número de línguas europeias; o desenvolvimento dos intercâmbios entre universidades e escolas europeias.”

Em matéria de Educação, o artigo 126º do Tratado da União Europeia conferiu à Educação o estatuto de Direito Comunitário e não só criou, assim, o quadro jurídico que inspirou a criação dos Programas SÓCRATES e LEONARDO DA VINCI, como também foi responsável pela criação dos seguintes textos sobre a educação adoptados pela Comissão e pelo Conselho, a saber²⁹:

- a) “ *«Diretrizes para uma acção comunitária em matéria de educação e formação», documento apresentado pela Comissão a 5 de Maio de 1993*”;
- b) “*Livro Branco sobre a Educação e a Formação – Ensinar e aprender – Rumo à Sociedade Cognitiva, apresentado pela Comissão a 29 de Novembro de 1995*”;
- c) “*Conclusões do Conselho de 6 de Maio de 1996, relativas ao Livro Branco da Comissão*”;
- d) “*Conclusões do Conselho de 20 de Dezembro de 1996, sobre a eficácia da escola: princípios e estratégias para a promoção do sucesso escolar*”;
- e) “*Conclusões do Conselho de 20 de Dezembro de 1996, relativas a uma «estratégia para uma aprendizagem permanente»*”;
- f) “*Para uma Europa do conhecimento, Comunicação da Comissão, a 12 de Novembro de 1997*”;

²⁹ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A.p.291.



- g) *“Rumo ao Terceiro Milénio: Elaboração de novos métodos de trabalho para uma cooperação europeia no domínio da educação e da formação profissional, Resolução adoptada pelo Conselho da Educação, a 26 de Novembro de 1999”.*

Relativamente ao *Livro Branco sobre a Educação e Formação*, “*Ensinar e Aprender: Rumo à Sociedade Cognitiva*”, este representou uma etapa importante no processo de construção da dimensão europeia na educação e formação porque a Comissão Europeia, toma consciência “*que promover a dimensão europeia de educação e de formação se tornou, mais do que no passado, uma necessidade por razões de eficácia, como reacção à mundialização e ao risco de diminuição da sociedade europeia. Para preservar a sua diversidade, a riqueza das suas tradições e das suas estruturas [é considerada] necessária [uma] cooperação nestes domínios com a União Europeia e os seus Estados-Membros.*”³⁰

É a partir da criação destes textos que a educação passa a ter como finalidade permitir o desenvolvimento pessoal do ser humano e contribuir para o seu desenvolvimento social, em detrimento da finalidade económica anteriormente associada. A abordagem da Educação deve também ser global e estar cada vez mais aberta à Europa. O Tratado sobre a União Europeia contribuiu, assim, para o desenvolvimento de educação com mais qualidade, com o objectivo fomentar a dimensão europeia da educação através da aprendizagem das línguas dos diferentes Estados-Membros. O conceito dimensão europeu da educação traduz “*as aprendizagens e actividades, internacionais ou transnacionais, que visam a aproximação e a compreensão entre os povos da Europa, favorecendo a emergência da consciência da sua identidade cultural comum.*” Este é um conceito que “*implica uma educação inter cultural, uma educação internacional e uma educação para os direitos do homem*”.³¹

Podemos considerar que a criação dos programas SÓCRATES e LEONARDO DA VINCI contribuiu para a construção do conceito da Dimensão Europeia, uma vez que estes programas, ao proporcionarem um “*ensino sobre outros países participantes no programa Sócrates ou sobre a União Europeia*”, vão constituir um referencial de “*experiência [ou*

³⁰In: GALVÃO, Maria Emília. (1998). *Dimensão Europeia da Educação Realidade ou Utopia?* in <http://www.1pv.pt/millennium/galvao>.

³¹ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A.p.327.

experiências] *de vários países participantes com vista a melhorar a qualidade da oferta de educação, e a gerar um valor acrescentado europeu*".³²

Com o Tratado de Amesterdão (1997), continua a considerar-se que a educação e a contínua actualização de conhecimentos devem contribuir para a promoção do desenvolvimento de um nível de conhecimento mais elevado possível. Assim, a Comissão Europeia criou uma Comunicação intitulada *Por uma Europa do Conhecimento*, que fez chegar ao Conselho e ao Parlamento, e onde procurou não só definir as orientações que permitissem cumprir o objectivo da *Aprendizagem ao Longo da Vida*, como meio de fomentar uma *cidadania europeia activa e aumentar a empregabilidade*, como também procurou promover a construção de um *espaço educativo europeu*.

Também o Processo de Bolonha, lançado em 1999, que tinha como objectivo o desenvolvimento do espaço europeu de ensino superior, cuja aplicação tem vindo a provocar transformações nos sistemas de ensino superior nacionais, foi uma decisão importante para a formação de uma política europeia de educação.

Após uma reflexão dos Estados-Membros sobre os objectivos futuros dos sistemas educativos (proposta pelo Conselho Europeu de Lisboa), no Conselho de Barcelona (2002) foi aprovado um programa de trabalho, denominado "*Educação e Formação 2010*" o qual serve de quadro de referência das políticas europeias de educação.

Este programa propõe-se a atingir três objectivos, a saber:

- 1 - a melhoria da qualidade e eficácia dos sistemas de educação e formação na União Europeia;
- 2 - a facilitação do acesso, em todas as fases da vida, a esses sistemas;
- 3 - a sua abertura ao mundo exterior.

Em Outubro de 2004, os 25 Estados-Membros assinam um Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa e, no que diz respeito à Educação, no Capítulo V, na secção 4 – Educação, formação profissional, juventude e desporto, no Artigo III-182.º, páginas 176/177, é referido o seguinte:

"1 – A União contribui para o desenvolvimento de uma educação de qualidade (...) e respeita integralmente a responsabilidade dos Estados-Membros pelo conteúdo do ensino e pela organização do sistema educativo, bem como a sua diversidade cultural e linguística."

³² In: GALVÃO, Maria Emília. (1998). *Dimensão Europeia da Educação: Realidade ou Utopia?* in <http://www.ipv.pt/millennium/galvao>.

“2 – A acção da União tem por objectivos:

- a) Desenvolver a dimensão europeia na educação, nomeadamente através da aprendizagem e divulgação das línguas dos Estados-Membros;
- b) Incentivar a mobilidade dos estudantes e dos professores, nomeadamente através do incentivo ao reconhecimento académico de diplomas e períodos de estudo;
- c) Promover a cooperação entre estabelecimentos de ensino;
- d) Desenvolver intercâmbio de informações e experiências sobre questões comuns aos sistemas educativos dos Estados-Membros;
- e) Incentivar o desenvolvimento do intercâmbio de jovens e animadores sócio-educativos e a participação dos jovens na vida democrática da Europa;
- f) Estimular o desenvolvimento da educação à distância”.

Foi, também, assinada uma *Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho* sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida, em Dezembro de 2006, que tem como objectivo procurar garantir que, no final dos percursos de educação e formação, os jovens adquiram um conjunto de conhecimentos, aptidões e atitudes que lhes permita estarem preparados para a vida adulta e para aprendizagens futuras.

Mais recentemente, com o *Tratado de Lisboa* (também denominado Tratado Reformador) podemos salientar que a respeito da importância da Educação na construção da Europa, do conceito de Educação defendido pelo Tratado de Lisboa e do papel da Escola, Rodrigues et al ³³referem o seguinte:

“A escola, pelos conteúdos que ensina e pelas oportunidades de mobilidade que abre aos estudantes, tem nesta matéria um papel central. Ao partilharem os mesmos valores, as mesmas instituições, por vezes, os mesmos bancos da escola, os estudantes europeus contribuem para a construção de uma Europa que valoriza a aprendizagem, o conhecimento, a tolerância e a troca de experiências. Para além de formar pessoas e produzir profissionais e trabalhadores, a escola deve também transformar os seus alunos em cidadãos europeus”.

³³ In: RODRIGUES, Maria de Lurdes & ANTUNES, Manuel Lobo. (2007). Caderno informativo – *Tratado de Lisboa – Presidência Portuguesa da União Europeia*, p.2.

1.2.2 – A União Europeia e os programas comunitários

É após a assinatura do Acto Único Europeu que surgem os primeiros programas de acção comunitários na área da educação, com impacto directo nos sistemas de ensino dos Estados-Membros da Comunidade Europeia. São exemplo os seguintes programas:

- *“COMETT (Programa de Cooperação entre a Universidade e a empresa em matéria de formação no domínio das tecnologias);*
- *ERASMUS (Programa de Cooperação das comunidades Europeias para a mobilidade dos estudantes universitários);*
- *PETRA (Programa de acção para a formação profissional e preparação dos jovens para a vida adulta);*
- *DELTA (Acção Comunitária no domínio das tecnologias educativas, desenvolvimento do ensino europeu através do processo tecnológico);*
- *LÍNGUA (Programa de acção para a promoção do conhecimento de línguas estrangeiras na comunidade Europeia);*
- *JUVENTUDE PARA A EUROPA.*

Os programas Erasmus, Petra e Comett são decididos ao abrigo do artigo 128.º (Tratado de Roma), o Língua ao abrigo dos artigos 128.º e 235.º e o Delta ao abrigo do artigo 130.ºQ do mesmo Tratado”.³⁴

Para Galvão³⁵, destacam-se “*nesta primeira geração de programas, a título de exemplo, duas das principais componentes [que contribuíram para uma definição europeia da educação]:*

³⁴ In: ANTUNES, Fátima. (2004). *Políticas Educativas Nacionais e Globalização. Novas Instituições e Processos Educativos*. Braga: Centro de Investigação em Educação – Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, p.129.

³⁵ In: GALVÃO, Maria Emília. (2000). *A Dimensão Europeia na Educação e Formação: Um dilema Europeu?* in <http://www.dgdc.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe54/dossier> .

“1 - A Mobilidade Física de estudantes e professores do ensino superior (ERASMUS e COMETT), [de] alunos e professores do ensino secundário (LÍNGUA e PETRA), [e de] jovens e formadores (JUVENTUDE PARA A EUROPA);

2 – A Transnacionalidade/Multilateralidade de parcerias, entre promotores de áreas tão diversificadas como sejam o ensino superior, o ensino secundário, empresas e Universidades”.

Esta primeira geração de programas comunitários durou até 1994, altura em que aparecerá a segunda geração de programas enquadrados pelo Tratado de Maastricht, também conhecido como Tratado da União Europeia (1992), que, através dos artigos 126.º e 127.º, consagra a educação e formação como áreas de intervenção comunitárias, que resultam da cooperação entre os Estados-Membros e da aplicação do, já anteriormente referido, **“Princípio da Subsidiaridade”**.

Fazem, assim, parte da segunda geração de programas comunitários o programa SOCRATES e o programa LEONARDO DA VINCI, cuja primeira fase de implementação, decorreu de 1995 a 1999, e constituem os dois primeiros programas abrangentes a nível da União Europeia para a promoção da cooperação nos domínios da Educação e Formação.

O Programa SÓCRATES, adoptado pela Decisão nº 819/95/CE do Conselho e do Parlamento Europeu, de 14 de Março de 1995, contribuiu para o desenvolvimento de uma educação e formação de qualidade e para a criação de um espaço europeu de cooperação na área da educação.

Este é um programa que abrange diferentes áreas, a saber:

- O Ensino Superior (ERASMUS);
- O Ensino Básico e Secundário (COMENIUS);
- A aprendizagem das Línguas (LÍNGUA);
- A Educação aberta e à distância (EOD);
- Os intercâmbios de saberes e experiências (EURYDICE e ARION).

É também um programa que apoia a promoção de projectos educativos europeus e fomenta a formação contínua de professores.

Se pensarmos nos objectivos deste programa podemos enumerar os seguintes:

- Promover a melhoria da qualidade da educação;
- Promover a mobilidade;

- Adaptar a formação profissional às novas tecnologias;
- Combater o insucesso escolar,
- Combater a discriminação e o racismo, a exclusão social e a xenofobia.

O programa Leonardo da Vinci, adoptado pela Decisão do Conselho nº 94/819/CE, de 6 de Dezembro de 1994, ao abrigo do disposto no artigo 127.º do Tratado de Maastricht, é um programa que coloca a tónica na formação profissional e agrupa os seguintes programas identificados por Monteiro³⁶:

- a. *“PETRA (formação inicial);*
- b. *FORCE (formação contínua);*
- c. *COMETT (cooperação entre universidade-empresa para a formação);*
- d. *EUROTECNET (promoção das qualificações ligadas à inovação tecnológica) e LÍNGUA (aprendizagem de línguas)”.*

Em relação à forma como decorreu a primeira fase destes programas, segundo o relatório da Comissão Europeia³⁷, constatamos que na opinião da Comissão: o Programa Leonardo da Vinci teve como vantagens *“o seu carácter transnacional”*, a contribuição para *“a promoção de uma mobilidade transnacional”* e o facto de se ter tornado *“um laboratório de inovação e experimentação”*.

Os impactos deste programa verificaram-se a vários níveis:

- *“Impacto sobre a internacionalização dos estabelecimentos e práticas de formação”* – a comissão considera que houve uma *melhoria do perfil dos estabelecimentos de formação profissional*, contributo para *uma dimensão europeia ou uma cooperação transnacional no contexto da formação profissional*, impacto sobre *a criação de módulos, a aprendizagem das línguas e a utilização das novas tecnologias no domínio da formação*, impacto da *mobilidade transnacional que reside na aquisição de novas competências sociais e interculturais, na auto-confiança individual, no acesso ao mercado de trabalho e na familiarização com novos métodos de trabalho”*;

³⁶ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A idem, p.266.

³⁷ In: “Relatório final sobre a execução da primeira fase do Programa comunitário de Acção Leonardo Da Vinci (1995-1999) e “Relatório final da Comissão sobre a execução do Programa Sócrates 1995-1999” in <http://ec.europa.eu>

- *“Impacto a nível do sistema de formação” – principalmente no que diz respeito “à modernização dos seus sistemas de formação”;*
- *“Impacto sobre a melhoria da empregabilidade dos participantes nos projectos de mobilidade”;*
- *“O programa permitiu experimentar, por vezes em várias regiões, novas modalidades de parceria entre os empregadores e as estruturas de formação e reconversão”.*

No que concerne ao programa Sócrates, a mesma Comissão considera que *“os projectos executados ao abrigo deste programa contribuíram para o desenvolvimento das competências chaves da cidadania europeia, nomeadamente no plano linguístico, mas também em termos de comunicação e de luta contra preconceitos e estereótipos culturais”*. No entanto, no que diz respeito *“a incentivar num contexto de diversidade cultural, a aprendizagem das línguas da União Europeia menos ensinadas”* o impacto não foi tão significativo. Os projectos contribuíram também para a promoção da mobilidade e de intercâmbios de estudantes, professores, alunos, de experiências e de informação e para a promoção da cooperação entre os estabelecimentos de todos os níveis de ensino. Funcionou também como um incentivo ao *“reconhecimento dos diplomas, períodos de estudo e outras qualificações”* e *“ao ensino aberto e à distância”*.

Após a avaliação feita à primeira fase de implementação destes programas é criada uma segunda fase que decorreu entre 2000 e 2006.

A segunda fase do programa Leonardo Da Vinci foi criada pela *Decisão n° 1999/382/CE do Conselho, de 26 de Abril de 1999*. A segunda fase do programa Sócrates foi criada pela *Decisão n° 253/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 24 de Janeiro de 2000*.

Os referidos programas tiveram, segundo Galvão³⁸, como *“referentes o aprofundamento da cooperação europeia na área da educação e formação (uma vez que o Tratado de Amesterdão não alterou nem o artigo 126.º nem o artigo 127.º do Tratado da União e desta forma os Estados-Membros mantêm a sua soberania intacta e a Comissão*

³⁸ In: GALVÃO, Maria Emília. (1998). *Dimensão Europeia da Educação. Realidade ou Utopia?* in <http://www.ipv.pt/millennium/galvao>.

terá um papel complementar e supletivo), o alargamento da cooperação a novos países do continente europeu (o que poderá fazer com que se tenham de repensar práticas da cooperação e da sua transferibilidade) e a concretização da Sociedade do Conhecimento (porque não é previsível qual será o ritmo de desenvolvimento dos sistemas educativos e de formação (...) tendo em conta o ritmo acelerado da globalização e o impacto das tecnologias de informação e Comunicação)”.

Segundo a avaliação feita a esta segunda fase de implementação destes projectos³⁹ podemos concluir, que, no programa Leonardo da Vinci, foram considerados bastantes positivos os seguintes aspectos:

“os projectos transnacionais de estágios e de intercâmbios”;

“os projectos-piloto”;

“a promoção de competências linguísticas e culturais na formação profissional”;

“a formação de redes transnacionais”;

“a criação de materiais de referência”;

“a oportunidade de executar vários programas sobre temas específicos, em cooperação com outros programas comunitários”.

Relativamente ao programa Sócrates e à sua eficiência, a mobilidade proporcionada pelo programa é considerada uma *“mais-valia europeia em termos da consciência da diversidade cultural e da maior compreensão e tolerância das diferenças”* e *“a eficiência é igualmente boa no que diz respeito às actividades de cooperação interinstitucional”*. Os objectivos gerais do programa podem ser resumidos da seguinte forma:

“reforçar a dimensão europeia da educação”;

“promover uma melhoria do conhecimento das línguas da União Europeia;

“promover a cooperação e a mobilidade do domínio da Educação”;

“encorajar as inovações pedagógicas”.

A 15 de Novembro de 2006, através da Decisão 2006 /1720/CE, é adoptada pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da União Europeia, a terceira fase destes programas (consultada no Diário da República)⁴⁰, que estabelece um programa de acção no domínio da

³⁹ In: “Relatório intercalar sobre a execução da segunda fase do programa Leonardo Da Vinci” e “Relatório intercalar da avaliação sobre os resultados obtidos e sobre os aspectos qualitativos e quantitativos da segunda fase do programa de acção comunitário em matéria de Educação Sócrates (Bruxelas, 08-03-2004)” in <http://ec.uropa.eu>

⁴⁰ In: Diário da República, 1ª série – N.º. 89 – 9 de Maio de 2007

aprendizagem ao longo da vida, designado “*Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida*” e que decorrerá entre 2007 e 2013.

Este Programa da Aprendizagem ao Longo da Vida tem como principal objectivo contribuir para o desenvolvimento da Comunidade Europeia, enquanto sociedade baseada no conhecimento, com mais e melhores empregos, com uma maior coesão social, caracterizada por um crescimento económico sustentável, em defesa da protecção do meio ambiente tendo em mente as gerações futuras. Este programa destina-se a promover essencialmente os intercâmbios e a cooperação, assim como a mobilidade entre sistemas de ensino e formação, a nível europeu, no sentido de estes se estabelecerem enquanto referência mundial de qualidade.

O Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida dá seguimento aos programas Sócrates e Leonardo Da Vinci e surge como “*uma intervenção integrada, que abraça todo o ciclo de vida do cidadão europeu*. Este programa “*desdobra-se em quatro subprogramas sectoriais de base – Comenius, Erasmus, Leonardo da Vinci e Grundtvig*” e caracteriza-se como um “*programa transversal que engloba, entre outros, a promoção da aprendizagem das línguas e actividades de e-learning e, ainda o programa Jean Monnet, relativo ao ensino e à investigação no domínio dos estudos sobre a integração europeia*”.

O Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida⁴¹ põe a tónica na aprendizagem ao longo da vida, de todos os cidadãos “*incluindo pessoas com necessidades especiais e grupos desfavorecidos*” e pretende proporcionar aos mesmos o seguinte:

- Um espaço europeu de aprendizagem, que fomente a cidadania europeia e a compreensão e o respeito pelos direitos humanos;
- Uma aprendizagem cooperativa e de qualidade em todos os domínios da educação e formação da Europa;
- A melhoria da qualidade das aprendizagens;
- Uma valorização do contributo “*da aprendizagem ao longo da vida para a coesão social, a cidadania activa, o diálogo intercultural, a igualdade entre homens e mulheres e a realização pessoal*”;

⁴¹ In: http://ec.europa.eu/education/programmes/newprog/index_en.html

- Uma promoção da “*criatividade, da competitividade e da empregabilidade, bem como para o desenvolvimento do espírito empreendedor*” e da aprendizagem de diferentes línguas;
- Fomentar as competências a nível das TIC;
- Um incentivo ao intercâmbio de experiências e “*dos produtos e processos inovadores e assegurar o intercâmbio de boas práticas nos domínios abrangidos pelo Programa, no intuito de melhorar a qualidade nos sectores da educação e da formação*”.

Para concluir registamos a seguinte opinião que caracteriza os Programas de Acção Comunitária, na área da Educação da seguinte forma:

“Os programas comunitários Sócrates e Leonardo da Vinci são, acima de tudo, uma janela aberta à Educação e à Formação que têm como horizonte o mosaico cultural e linguístico que é a Europa”⁴²

⁴² GALVÃO, Maria Emília. (2000). *A Dimensão Europeia na Educação e Formação: Um dilema Europeu?* In : <http://www.dgicd.min-edu.pt/movbasicedicoes/noe/ noe54/dossier> .

1.2.3 – O conceito a dimensão europeia da Educação

Verificamos, ao longo da formação da União Europeia, que uma das ideias muitas vezes referidas é a da *dimensão europeia da educação*.

Esta noção de dimensão europeia que tem como objectivo uma abordagem europeia da escola vai implicar uma aposta numa educação voltada para os direitos do homem que seja internacional e inter-cultural. E esta abordagem é considerada necessária porque a Europa

*“compartilha um património cultural comum que se manifesta na a diversidade cultural; a Europa está cada vez mais integrada nas grandes Organizações intergovernamentais que são o Conselho da Europa, a União Europeia e a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE), a Europa está cada vez mais inscrita nos factos dada a interdependência dos seus povos.”*⁴³

Considerando que o objectivo desta dimensão será, segundo Monteiro⁴⁴, o de *“formar cidadãos da Europa e do mundo, isto é, europeus com raízes locais e sentimentos universais”*, então esta dimensão terá o seguinte objectivo:

- Fomentar uma verdadeira identidade europeia, a nível político, jurídico, ético e cultural, baseada em valores como o Direito, o Direito do Homem, a Democracia, a Igualdades, a Dignidade e que valorize a multiculturalidade europeia e proporcione um desenvolvimento humano *durável, tolerante, pacífico, aberto e solidário*.

Desta forma, adquirir esta dimensão europeia da educação, no meio escolar, significa o seguinte:

“aprender valores, conhecimentos, aptidões e atitudes”.⁴⁵

⁴³ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, p.327.

⁴⁴ In: idem, p.328.

⁴⁵ In: idem, p.330.

Se nos debruçarmos sobre como fomentar uma pedagogia da dimensão europeia, na escola, concordamos que esta deva “começar desde cedo” e “desenvolver-se em todos os níveis e formas de educação e de formação e ser objecto tanto de estudo específico como de uma abordagem transdisciplinar”, que deve ser feita por todas as disciplinas.

Será também necessário fomentar o estudo do tema da Educação para a Cidadania fornecendo-se aos alunos referenciais sobre o tema e fomentar “também uma abordagem afectiva e vivencial. Para fomentar essa abordagem afectiva e vivencial é sugerido que se utilize, como exemplos, a música, a poesia, o teatro, acontecimentos internacionais, os Clubes Europeus, a comemoração de datas de *Dias Internacionais*, podem também realizarem-se concursos, por exemplo, o *Dia Europeu das Escolas*, ou festas, alusivas às diversidades culturais. Podemos também recorrer às novas TIC e aos Média e à promoção de intercâmbios escolares.

No entanto, para que a introdução de uma dimensão europeia nos sistemas educativos resulte será imprescindível que “a sua introdução seja feita a todos os níveis de ensino escolares” e que haja uma “reforma profunda do conteúdo e da organização da educação escolar fundamental, criando condições de valorização e coerência da aprendizagem da dimensão europeia da educação.” Por outras palavras “a dimensão europeia da educação tem de ser concebida como uma dimensão da finalidade ética, democrática e internacional da educação, na sua qualidade de direito do homem.”⁴⁶

Já Jean Piaget⁴⁷ referia que o artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos do Homem não se limitava a afirmar o direito à Educação, mas salientava que “a Educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o reforço do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais”. Logo, deve falar-se de uma “Educação internacional”, pois esta deve “favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações unidas para a manutenção da paz”.

Será a Dimensão Europeia da Educação uma realidade ou utopia?

Para Galvão⁴⁸, “poderíamos desenhar dois cenários possíveis: seguindo o princípio da entropia, a ideia da dimensão europeia da educação poderia estar sujeita a

⁴⁶ In: MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A, p.331.

⁴⁷ In: PIAGET, Jean. (1990). *Para onde vai a Educação?* Lisboa: Livros Horizonte, pp.73-97.

⁴⁸ In: GALVÃO, Maria Emília. (1998). *Dimensão Europeia da Educação: Realidade ou Utopia?* in <http://www.ipv.pt/millennium/galvao>.

um processo de desintegração à medida que, sob influência inexorável do tempo, a comunicação entre a ideia e a prática cessasse, e a ideia acabaria por morrer” ou “segundo a perspectiva do princípio da ecologia da acção, isto é, se considerarmos que esta ideia é dotada de autonomia e que está sujeita a um ecossistema que a alimenta, esse regeneração conservará a sua integridade e vitalidade”.

Nos dias de hoje verificamos que esta dimensão europeia da educação não morreu, mas continua a ser alimentada.

1.3 – Programa Sócrates II – a segunda fase do programa (2000-2006)

1.3.1 – Objectivos

A segunda fase do programa Sócrates, como já foi referido anteriormente, foi criada com a Decisão N.º 253/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 24 de Janeiro de 2000 (publicada no Jornal Oficial das Comunidades Europeias, a 3 de Fevereiro de 2000), tendo em conta os artigos 149.º e 150.º do Tratado que institui a Comunidade Europeia.

Com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de uma educação de qualidade e para o incentivo de uma aprendizagem ao longo da vida, esta segunda fase do programa Sócrates tinha os seguintes objectivos:

- *“Reforçar a dimensão europeia da educação a todos os níveis, facilitando um amplo acesso transnacional aos recursos educativos na Europa e promovendo simultaneamente a igualdade de oportunidades em todos os sectores da educação;”*

- *“Promoção da melhoria quantitativa e qualitativa do conhecimento das línguas da União Europeia, especialmente das menos utilizadas e ensinadas, por forma a reforçar a compreensão e a solidariedade entre os povos da União Europeia e a promover a dimensão intercultural da educação;”*

- *“Promoção da cooperação e da mobilidade no domínio da educação, nomeadamente, estimulando os intercâmbios entre instituições de ensino; incentivando o ensino aberto e à distância; incentivando um melhor reconhecimento dos diplomas e dos períodos de estudo; desenvolvendo os intercâmbio de informação; e contribuição para a eliminação dos obstáculos neste domínio.”*
- *“Incentivo à inovação no desenvolvimento de práticas pedagógicas e de materiais didácticos, incluindo, se for caso disso, a utilização de novas tecnologias, e à exploração de temas do interesse da política comum no domínio da educação.”*

1.3.2 – Acções comunitárias

Os objectivos, acima referidos, poderiam ser operacionalizados através da aplicação das seguintes Acções:

Acção 1 – COMENIUS – Ensino Básico e Secundário

Acção 2 – ERASMUS – Ensino Superior

Acção 3 – GRUNDTVIG – Educação de adultos

Acção 4 – LÍNGUA – Ensino e aprendizagem de línguas

Acção 5 – MINERVA – Ensino aberto e à distância; tecnologias da informação e da comunicação no domínio da educação

Acção 6 – Observação e inovação

Acção 7 – Acções conjuntas

Acção 8 – Medidas de Acompanhamento

Estas acções poderiam ser implementadas através *“de operações transnacionais que podem combinar um ou vários tipos das seguintes medidas:*

- *Apoio à mobilidade transnacional das pessoas no domínio da educação na Europa;*
- *Apoio à utilização das TIC na Educação;*

- *Apoio ao desenvolvimento de redes de cooperação transnacional que facilitem o intercâmbio de experiências e de boas práticas;*
- *Promoção das competências linguísticas e da compreensão das diferentes culturas;*
- *Apoio a projectos-piloto inovadores baseados em parcerias transnacionais que visem o desenvolvimento da inovação da qualidade da educação;*
- *Aperfeiçoamento permanente dos materiais de referência da Comunidade.*

1.3.3 – A Acção 1 – COMENIUS: Ensinos Básico e Secundário

A acção Comenius é uma parte do programa de acção da Comunidade Europeia no domínio da educação que se centra no ensino escolar e se orienta por quatro objectivos gerais:

1. Melhorar a qualidade do ensino escolar
2. Reforçar a dimensão europeia da educação
3. Incentivar a aprendizagem de línguas
4. Promover a consciência intercultural.

A Acção Comenius divide-se em três sub-acções:

- **A sub-acção *Comenius 1* – Parcerias escolares** que promovem a cooperação entre todos os tipos de instituições, incluindo estabelecimentos de ensino geral e profissional. Esta promoção pode ser conseguida através da implementação de três tipos de projectos:

Projectos de Escolas, Projectos de Línguas e Projectos de Desenvolvimento Escolar.

- **A sub-acção Comenius 2 – Formação Pessoal do Ensino Escolar** promove o desenvolvimento profissional de todas as categorias de pessoal ligado ao ensino escolar. Esta promoção pode ser obtida através da realização de Projectos de Formação do Pessoal de Educação Escolar e de Bolsas Individuais de Formação.
- **A sub-acção Comenius 3 – Redes Comenius**, promovem a constituição de Redes entre projectos ou instituições que participam em actividades no âmbito das do Comenius 1 e 2.

1.3.4 – A sub-acção Comenius 1

Os projectos que fazem parte da sub-acção Comenius 1 são projectos que assentam em parcerias constituídas por escolas dos países que fazem parte dos 27 Estados membros da União Europeia e que participam no Programa Sócrates (Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, Republica Checa, República Eslovaca, Roménia e Suécia); escolas dos países que integram a Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) e que subscrevam também o Acordo relativo ao Espaço Económico Europeu com a União Europeia (Islândia, Liechtenstein e Noruega).

Existem muitas vantagens para aqueles que participam num projecto Comenius 1 e que podemos encontrar enumeradas no “*Manual para as Escolas – Comenius 1*”.

Algumas dessas vantagens verificam-se aos seguintes níveis:

- **Nos professores** – que, ao planificar e gerir um projecto Comenius 1, terão a oportunidade de adquirir novas competências ou de aperfeiçoar competências já adquiridas; terão um conhecimento mais real sobre os diferentes sistemas educativos e métodos de ensino, o que poderá levar

à inovação pedagógica; [e] os contactos profissionais com colegas estrangeiros podem converter-se em sólidas amizades.

- ***Nos alunos e professores** – que podem adquirir novas competências, tais como competências de comunicação e exposição, de decisão, de resolução de problemas e gestão de conflitos, de criatividade, de espírito de equipa e solidariedade e linguísticas. Tal poderá contribuir para o sentimento de sucesso e de desenvolvimento pessoal e aumentar a motivação e o empenho dos mesmos.*

- ***Nas escolas** – que, beneficiando de uma motivação acrescida de alunos e professores, aumentarão também o nível de interesse e de aproveitamento dos alunos. Poderão também ser impulsionadas aplicações de novas abordagens de gestão e de resolução de problemas na escola.*

- ***Nos pais** – que beneficiam do interesse acrescido, da motivação e do melhor aproveitamento escolar dos seus filhos. Os pais também desfrutam da oportunidade de alargarem os seus horizontes pelo contacto com outros países, culturas e mentalidades, o que poderá contribuir para que aprendam a conviver, de forma mais positiva, com a diversidade e a diferença.*

No âmbito da sub-acção Comenius 1, estão previstos três tipos de projectos: ***Projectos de Escola, Projectos de Línguas e Projectos de Desenvolvimento Escolar.***

Apesar de podermos dizer que estes projectos tenham muitos aspectos que sejam semelhantes, estes possuem também diferenças em termos de organização e orientação, como podemos deduzir ao observar a seguinte tabela:

Tabela 1 – Organização e orientação dos projectos

	<i>Projectos de Escola</i>	<i>Projectos de Línguas</i>	<i>Projectos de Desenvolvimento Escolar</i>
Centrados no aluno	X	X	
Centrados na instituição			X
Parceria bilateral		X	
Parceria multilateral	X		X
Duração	Máximo de 3 anos lectivos consecutivos	Normalmente, 1 ano lectivo	Máximo de 3 anos lectivos consecutivos
Ênfase sobre as línguas		X	
Integrados no currículo	X	X	
Transdisciplinares	X	X	

(Fonte: Manual para as Escolas-Comenius 1- página 8)

1.3.5 – Projectos de Escola

Estes projectos promovem a cooperação europeia entre grupos de professores e de alunos de diferentes países europeus e proporcionam aos mesmos uma oportunidade de *explorarem aspectos relacionados com países, culturas, estilos de vida e mentalidades e de aprenderem a compreendê-las e apreciá-las melhor*. Considera-se importante que participe nestes projectos o maior número possível de alunos e que estes participem na planificação, realização e avaliação do projecto.

Outro aspecto a ter em consideração é a integração deste projecto no currículo normal dos alunos, o que por vezes não é tarefa fácil, pois isso pode implicar ter de reorganizar as turmas. No entanto, os projectos que são inseridos na organização curricular da escola já existente e que envolvam várias disciplinas são considerados os mais gratificantes.

Um elemento considerado impulsionador de qualquer projecto é o tema, que poderá ser livremente escolhido, mas que deve ser motivador, que permita fazer pesquisas, trocar informações e aprender com os outros e que seja transdisciplinar.

Os produtos finais deste tipo de projectos poderão passar pela criação de um folheto, de uma brochura ou de um CD. Podem ser organizadas exposições, espectáculos ou produções multimédia.

1.3.6 – Projectos de Línguas

Este tipo de projecto tem como finalidade motivar os alunos e aumentar a sua capacidade de comunicação em línguas estrangeiras. Professores e alunos trabalham um tema em conjunto, cujas actividades, também, devem ser integradas no currículo normal dos alunos, que devem participar activamente em todas as fases do projecto.

Estes projectos implicam a realização de um intercâmbio *com a participação mínima de 10 alunos, com mais de 14 anos, para uma visita de 14 dias (mínimo) à escola com a qual foi estabelecida uma parceria.*

O produto final resultante deste tipo de projectos deverá ser elaborado em conjunto pelos alunos das duas escolas nas línguas das parcerias.

Com estes projectos pretende-se procurar motivar e alargar as competências linguísticas dos alunos para a aprendizagem das línguas, para que estes consigam comunicar em situações reais.

1.3.7 – Projectos de Desenvolvimento Escolar

Estes projectos centram-se nas necessidades das escolas participantes, enquanto *estabelecimentos de ensino* que têm por objectivo *melhorar a gestão escolar e as abordagens pedagógicas*. Proporcionam, principalmente, a grupos de professores e responsáveis pela gestão escolar uma troca de informações e de experiências sobre necessidades e problemas que são identificados em conjunto. Podem desenvolver-se abordagens e métodos novos em termos pedagógicos e de organização. Os alunos também podem ser integrados neste tipo de projectos sempre que se considere benéfico.

Como estes projectos incidem sobre as necessidades e problemas comuns, será decidido em conjunto qual a área em que ocorrerá a cooperação. Estas áreas, deverão centrar-se em questões de gestão escolar e poderão envolver as seguintes questões⁴⁹:

- a) *como desenvolver uma escola sustentável;*
- b) *como cooperar com estruturas de apoio dentro e fora da escola;*
- c) *como implicar os pais;*
- d) *como tirar o máximo partido da autonomia escolar;*

⁴⁹ In: “Programa Sócrates /Acção Comenius 1 - “Manual para as Escolas 2001 ” in www.socleo.pt

- e) *como estabelecer relações efectivas entre a escola e o mundo do trabalho;*
- f) *como desenvolver a qualidade da gestão numa escola;*
- g) *como garantir a igualdade de oportunidades entre pessoas de ambos os sexos.*

Poderão também incidir sobre questões de ordem pedagógica, tais como:

- a) *as possibilidades de recorrer de forma eficaz na sala de aula às tecnologias de informação e da comunicação;*
- b) *como introduzir o trabalho de projecto nos currículos;*
- c) *como estimular a aprendizagem cooperativa;*
- d) *como conciliar os currículos nacionais com os níveis e capacidades de aprendizagem individuais;*
- e) *como motivar os alunos para matérias específicas;*
- f) *como introduzir uma dimensão europeia em várias disciplinas;*
- g) *como introduzir a educação para a saúde e como desenvolver trabalho transdisciplinar.*

Estes projectos permitem ainda focar os seguintes temas:

- a) *como integrar os filhos de migrantes,*
- b) *como lidar e beneficiar da diversidade que as crianças refugiadas trazem para a sala de aula e para a escola,*
- c) *como integrar os alunos portadores de deficiência no ensino regular;*
- d) *como motivar os alunos em risco para evitar o abandono escolar;*
- e) *como fomentar a igualdade de oportunidades, na educação, entre rapazes e raparigas.*

Podemos concluir, com a referência ao filósofo checo do século XVII, Comenius, que dá o nome a acção Comenius que considerava que a escola deveria estar aberta ao mundo exterior e que referiu o seguinte:

“ Importa agora demonstrar que, nas escolas, se deve ensinar tudo a todos... Ou seja, aquelas coisas que dizem respeito à cultura do homem todo. ”⁵⁰

⁵⁰ COMENIUS, I. Amos. (2001). *Didáctica Magna*. (Versão ebook). Brasil: Fundação Calouste Gulbenkian.

1.4 – A Mobilidade Transnacional

A mobilidade de alunos e de professores corresponde a uma das liberdades fundamentais consagradas no Tratado da União Europeia, que, no seu artigo 159.º, refere:

“A acção da comunidade tem por objectivo (...) incentivar a mobilidade dos estudantes e dos professores, nomeadamente através do incentivo ao reconhecimento académico de diplomas e períodos de estudo (...)”.

Quando falamos em mobilidade transnacional, referimo-nos aos intercâmbios além-fronteiras que se realizam entre os parceiros de um projecto Comenius. Sempre que se considere importante para a implementação ou para o desenvolvimento de um projecto, o mesmo pode incluir uma “visita preparatória”, uma “reunião de projecto” ou um “intercâmbio de professores e/ou alunos ou turmas”.

Verificamos, assim, que os intercâmbios desempenham um papel importante, principalmente nos Projectos Línguas, e que são estes tipos de projectos que utilizam mais os intercâmbios de grupos de alunos.

Os objectivos de um intercâmbio são vários e passam pelo aumento da motivação de alunos e professores e pelo aumento da capacidade e da confiança dos alunos para comunicarem noutras línguas. A participação num intercâmbio dará aos participantes a oportunidade de usarem uma língua estrangeira num contexto real e proporcionará aos *visitantes* uma verdadeira experiência intercultural, enriquecida pelo facto de permanecerem alojados junto de uma família. Desta forma os alunos terão oportunidade de praticarem os seus conhecimentos linguísticos e terão um contacto directo com outra cultura, o que pode contribuir para o desenvolvimento das suas competências sociais.

Como podemos ler no Manual para as Escolas – Comenius 1, *“Normalmente, o intercâmbio consiste em dois períodos com uma duração mínima de 14 dias cada um (incluindo as viagens), nos quais um mínimo de dez alunos, com 14 anos ou mais, visitam a localidade da instituição parceira”.*

Antes da realização do intercâmbio deve realizar-se uma reunião de projecto com os professores da escola parceira para tratar da viagem, para organizar a preparação linguística e estabelecer contactos entre os alunos que irão participar. Devem também tentar angariar-se fundos suplementares para o projecto.

Durante o intercâmbio, os alunos irão colaborar na realização de tarefas previstas no projecto e na primeira parte do intercâmbio os alunos continuarão o trabalho que realizam, antes do seu início, e aproveitarão para planear as actividades que irão realizar na segunda parte (retribuição da visita). Na segunda parte, concluirão o produto final.

É também referido que devem fazer parte do programa do intercâmbio os seguintes momentos⁵¹:

- *Uma margem de tempo suficiente para o trabalho de grupo no projecto;*
- *Um período diário em que os alunos discutem sozinhos com os seus professores acompanhantes questões sociais e do projecto;*
- *Aulas suplementares de línguas;*
- *Aulas sobre história nacional e local, bem como geografia;*
- *Visitas culturais em consonância com os objectivos do projecto;*
- *Tempos livres e descanso.*

Durante o intercâmbio, é considerado, também, importante envolver:

- *O pessoal e os alunos que não participam directamente no intercâmbio,*
- *Os pais, independentemente de acolherem alunos do intercâmbio ou não,*
- *Membros da comunidade local, tais como empresas, associações culturais, etc.*

Após o intercâmbio é necessário terminar o produto final, avaliar o projecto e divulgar os resultados do projecto.

Concluimos, assim, que a mobilidade é um dos principais objectivos da União Europeia em matéria de educação e da formação profissional; deve ter por base valores comuns e deve assentar num respeito pela diferença e pela diversidade. É também um meio para promover o desenvolvimento da consciência europeia e da cidadania europeia activa. Verificamos também que, de acordo com o Parlamento Europeu⁵²:

“em termos gerais a mobilidade aproxima os cidadãos da realidade europeia, reforça a compreensão mútua entre os cidadãos dos vários Estados-Membros e favorece a solidariedade, a troca de ideais e um melhor conhecimento das culturas que constituem a Europa, contribuindo assim para a coesão social”.

⁵¹ In: “Programa Sócrates /Acção Comenius 1 - “Manual para as Escolas 2001 ” in www.socleo.pt

⁵² In “Projecto de Parecer, do Parlamento Europeu, de 27/3/2006, in www.europal.europa.eu

Capítulo 2 – A dimensão europeia no currículo português

Após estudarmos o que traduz o *conceito dimensão europeia da educação*, pretendemos analisar de que forma é que esta *dimensão europeia* é incorporada no currículo nacional, procedendo à análise de alguma legislação e documentação, relevante para o contexto curricular do Sistema Educativo Português.

2.1 - Documentos legais que enquadram a organização curricular

Ao debruçarmo-nos sobre a legislação que enquadra a organização curricular do Sistema Educativo Português, destacamos o seguinte:

2.1.1 – A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 alterada pela Lei n.º 49/2005)

Ao analisarmos o conteúdo da Lei de Bases do Sistema Educativo verificamos que alguns dos princípios base da Educação em Portugal tentam promover a dimensão europeia da educação.

Analisando os artigos 2º e 3º da respectiva lei, verificamos que esta tenta promover “*o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram...*”, contribuir para “*o desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania*”, “*assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais de existência*” e contribuir para “*...a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária*”.

2.1.2 - A Educação Pré – Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro)

No âmbito da Educação Pré-Escolar, encontramos já referidos que alguns dos objectivos deste grau de ensino, passam por uma educação para a cidadania, para o respeito pelas diferentes culturas e para o fomento da igualdade de oportunidades, como podemos observar pelas seguintes afirmações:

“a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;

b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;

c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem. (Artigo 10.º).”

2.1.3 – A Reorganização Curricular do Ensino Básico (Decreto-Lei 6/2001, de 18 de Janeiro)

Em 1998, após ter sido feita uma reflexão sobre os currículos do Ensino Básico chega-se à conclusão que é necessária uma Reorganização Curricular e sublinha-se o facto de que a *“... escola precisa de se assumir como um espaço privilegiado de educação para a cidadania e de integrar e articular, na sua oferta curricular, experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente mais espaços de efectivo envolvimento dos alunos e actividades de apoio ao estudo”*.⁵³

Não esquecendo as recomendações da União Europeia torna-se necessário valorizar o carácter transversal da educação para a cidadania, cujas temáticas podem ser abordadas nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares e em actividades não formais desenvolvidas pelas escolas, como programas, projectos, clubes, em consonância com o Projecto Educativo de Escola e os Projectos Curriculares de Escola e de Turma. Devem-se,

⁵³In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Princípios, Medidas e Implicações. Decreto-Lei: 6/2001*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional, p.12.

também, proporcionar actividades de enriquecimento curricular que garantam uma ligação com o meio e que desenvolvam a *dimensão europeia na educação*.

Desta forma, é promulgado o Decreto-Lei 6/2001, a 18 de Janeiro, que tem como objectivo garantir uma educação e formação ao longo da vida para todos, de qualidade. Assim, após a promulgação do referido decreto, inicia-se o processo de reorganização curricular do ensino básico (1º, 2º e 3º ciclos), que estabelece os *princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional*, que é entendido como *o conjunto de aprendizagens e competências*, onde estão integrados os *conhecimentos, as capacidades, as atitudes e os valores*, que os alunos do ensino básico devem desenvolver ao longo da frequência do ensino básico e que estão de acordo com os *objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Este diploma implementou o *Programa de Generalização do Inglês nos 3º e 4º anos* do 1º ciclo do ensino básico, fomentando a implementação de actividades de enriquecimento curricular. No que diz respeito a estas actividades verificamos, ao analisar o Despacho n.º 12 591/2006 (2ª série), que:

“ 9 - Consideram-se actividades de enriquecimento curricular no 1º ciclo do ensino básico as que incidam nos domínios desportivo, artístico, científico, tecnológico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia da educação, nomeadamente:

- a) Actividades de apoio ao estudo;*
- b) Ensino do inglês;*
- c) Ensino de outras línguas estrangeiras;*
- d) Actividade física e desportiva;*
- e) Ensino da música;*
- f) Outras expressões artísticas;*
- g) Outras actividades que incidam nos domínios identificados.”*

O mesmo diploma determinou, no seu artº 5º, também a criação de três áreas curriculares não disciplinares, a saber: Área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

A Área de Projecto visa a concepção de projectos, articulando saberes das diferentes disciplinas. O Estudo Acompanhado visa a apropriação pelos alunos de métodos

de estudo e de trabalho que lhes permitam ser alunos cada vez mais autónomos. A Formação Cívica visa o desenvolvimento da Educação para a Cidadania, da consciência cívica, como elemento importante no processo de formação dos alunos enquanto cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes. O diploma *“consagrou (também) a educação para a cidadania, o domínio da língua portuguesa e a valorização da dimensão humana do trabalho, bem como formações transdisciplinares, abordando de forma integrada a diversificação das ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, e definindo um quadro flexível para o desenvolvimento de actividades de enriquecimento do currículo”*.⁵⁴

Considera-se necessário que cada Escola construa os seus Projectos Curricular de Escola e de Turma, assente em competências essenciais – transversais e disciplinares –, de acordo com o perfil de saída do aluno no final do ensino básico. Nas palavras de Alonso⁵⁵ *“estas competências... permitirão orientar o currículo para o desenvolvimento integral do aluno nas suas dimensões pessoal e social. A transversalidade da Educação para a Cidadania e das TIC, assim como a introdução de novas áreas (curriculares não disciplinares) vêm reforçar o papel do aluno como construtor activo e crítico de conhecimento, numa sociedade da informação e da aprendizagem ao longo da vida”*.

2.1.4 – O Ensino Secundário – (Decreto-Lei 74/2004)

Em relação ao Ensino Secundário os princípios orientadores da sua revisão curricular, que surgem na consequência das recomendações da União Europeia, na área da educação, são os seguintes: a transversalidade da educação para a cidadania; o fomento da integração das dimensões teóricas e práticas dos saberes; a integração do currículo e da avaliação, enquanto elemento regulador do ensino e da aprendizagem; a flexibilidade na construção de percursos formativos e permeabilidade entre cursos; a integração da disciplina Tecnologias de Educação e Informação, na componente de formação geral, comum a todas as formações do Ensino Secundário.

Observamos, assim, que no Ensino Secundário há uma preocupação com a formação e a qualificação dos jovens para fazer face aos desafios da sociedade. Há um fomento do desenvolvimento social e da aprendizagem ao longo da vida e uma preocupação com a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos. Há uma grande

⁵⁴ In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Princípios, Medidas e Implicações. Decreto-Lei: 6/2001*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional, p.14.

⁵⁵ In: ALONSO, Luísa. (2001). *O Projecto de “Gestão Flexível do Currículo” em questão*. In: Noesis, número 58, Abril/Junho, p.29.

aposta na formação em TIC (ao tornar obrigatório a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação) e na transversalidade da educação para a cidadania.

Neste nível de ensino verificamos, também, uma preocupação com a promoção da *empregabilidade* ao estabelecerem-se diferentes cursos, a saber:

- Cursos científico – humanísticos;
- Cursos tecnológicos;
- Cursos artísticos especializados;
- Cursos profissionais;
- Cursos científico – humanísticos, tecnológicos e artísticos, especializados de Ensino Recorrente.
- Cursos de Educação e Formação

Todos estes cursos procuram contribuir para a realização pessoal dos alunos e permitir a reorientação do seu percurso escolar, ao serem orientados para o prosseguimento de estudos, a nível superior ou não, para a inserção no mercado do trabalho ou para cursos tecnológicos. Os Cursos de Educação e Formação surgem, também, como cursos orientados para a vida activa, mas destinados a jovens que se encontram desmotivados com a escola formal.

2.1.5 – O Ensino Superior – (Decreto-Lei nº 74/2006, Lei 62/2007 e Decreto-Lei nº 107/2008)

Em relação ao Ensino Superior encontramos referidos, na Lei 62/2007, de 10 de Setembro, alguns aspectos que permitem fomentar a dimensão europeia da educação. Se nos debruçarmos sobre a *missão* do Ensino Superior verificamos que esta passa:

- Pela formação cultural e tecnológica dos alunos num *quadro de referência internacional*;
- Pelo estímulo à formação ao longo da vida;
- Pela promoção da mobilidade, de alunos e professores, a nível nacional e internacional;
- Pela promoção do intercâmbio de experiências e informação;

- Pela contribuição para a *cooperação internacional e a aproximação entre os povos, com especial destaque para os países de língua portuguesa e os países europeus. (Artigo 8º, h).*

Lendo o Decreto-Lei 74/2006, de 4 de Março observamos que os objectivos do Ensino Superior passam por tentar *garantir a qualificação dos portugueses no espaço europeu concretizando o Processo de Bolonha*, melhorar a qualidade da formação e promover a mobilidade e a cooperação entre universidades. O mesmo decreto assegura aos alunos universitários portugueses *condições de formação e integração profissional, similares em duração e conteúdo, às dos restantes estados que integram o espaço europeu.*

Ao analisarmos o Decreto-Lei nº 1007/2008, de 25 de Junho, encontramos definida a adopção do sistema europeu de transferência e acumulação de créditos (ECTS), sendo esta uma das metas do Processo de Bolonha, que vai promover um sistema de ensino mais baseado no desenvolvimento das competências transversais dos alunos e vai permitir a possibilidade de acreditação da experiência profissional em estabelecimentos de ensino estrangeiros.

2.2 – As orientações curriculares e os programas das diferentes disciplinas

Se procedermos à análise das orientações curriculares para os diferentes ciclos podemos observar que a dimensão europeia da educação é visível em alguns dos conteúdos leccionados por determinadas disciplinas.

2.2.1 – Educação Pré-escolar

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a *dimensão europeia da educação* é desenvolvida de forma global e transversal, nas três grandes áreas do saber, onde se encontra bem expressa a dimensão da educação para a cidadania.

Verificamos, assim, que as Áreas de Conteúdo, na educação pré-escolar, favorecem uma perspectiva globalizante no que se refere aos conteúdos transversais conducentes às diferentes aprendizagens. Essas áreas de Conteúdo designam-se, pois, por Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Meio.

A área de Formação Pessoal e Social é uma área transversal e integradora, que assenta no conhecimento de si, do outro e na relação com os outros e onde se privilegia o seguinte: a promoção nos alunos de atitudes e valores, que lhes permitam tornarem-se

cidadãos conscientes dos diferentes valores sociais e levem a uma participação democrática em grupo. Existe, também, o fomento da igualdade de oportunidades e do respeito pela diferença, pelos saberes e culturas. São, também, privilegiados conteúdos como a educação para a cidadania e a educação ambiental.

Verificamos, assim, que a nível das competências na Área de Formação Pessoal e Social, espera-se que os alunos saibam “*Partilhar o Poder*”, isto é, aprendam a participar democraticamente na vida do grupo, ser cooperante, ser justo. Dentro do tema “*Demonstrar capacidade de respeito por si e pelo outro*” espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar, reconhecer e aceitar as diferenças do outro, quer físicas, sociais, sexuais, raciais e étnicas.

2.2.2 – 1º Ciclo

Ao nível do 1º Ciclo, os princípios orientadores passam por garantir uma educação de sucesso, pelo fomento do respeito pelas diferenças individuais, pelas diferentes culturas, pelas vivências pessoais, por diferentes pontos de vista e pela criação de hábitos de interajuda e solidariedade.

A nível das áreas curriculares disciplinares, no 1º Ciclo, encontramos a dimensão europeia mais visível na área curricular de Estudo do Meio.

Esta área curricular encontra-se dividida por blocos, e no bloco 2, intitulado “*À Descoberta dos outros e das instituições*”, considera-se o seguinte:

“A escola, como instituição em que os alunos participam, é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação, directa e gradual, na organização da vida e da classe da escola que eles irão interiorizando os valores democráticos e de cidadania.”⁵⁶

Nesta área curricular, pretende-se que os alunos adquiram uma responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura e que desenvolvam atitudes de tolerância, respeito pelas diferenças, solidariedade e cooperação. Por exemplo, um dos conteúdos temáticos a ser trabalhado no 3º ano é “*Conhecer costumes e tradições de outros povos*” e no 4º ano é “*Portugal na Europa e no Mundo*”.

⁵⁶ In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação, p.108.

No entanto, podemos, também, encontrar outros indicadores da promoção da dimensão europeia da educação, a saber:

- Na disciplina de Língua Portuguesa existe, desde logo, a preocupação que os alunos, dominando a língua materna, sejam capazes de *saber ouvir e respeitar as diferentes opiniões e de compreender o mundo que os rodeia*;
- Em Expressão e Educação Plástica, o fomento da representação da realidade de uma forma própria e livre permite lutar contra estereótipos existentes na sociedade.

2.2.3 – 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico

Nestes dois níveis de ensino, podemos considerar que a dimensão europeia da educação encontra a sua expressão na criação de uma nova componente do currículo, já referida anteriormente: a Educação para a Cidadania. Esta é uma componente do currículo que é transversal a todos os ciclos (1º, 2º e 3º Ciclos) e a todas as disciplinas, abarcando um plano de trabalho a ser realizado por diversas disciplinas e nas áreas curriculares não disciplinares.

O objectivo principal desta componente é o de contribuir para a construção da identidade e para o fomento da consciência cívica dos alunos. Visa, assim, desenvolver o conhecimento, a compreensão, as capacidades, as atitudes e os valores que ajudem os alunos a desempenhar um papel activo na comunidade (local, nacional e internacional) e que os ajude a estar informados e conscientes dos seus direitos, responsabilidades e deveres.

Nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, a valorização da dimensão europeia, a nível curricular, é também visível nas seguintes disciplinas: Línguas Estrangeiras, História e Geografia de Portugal/Geografia e TIC.

Em relação à aprendizagem de Línguas Estrangeiras, considera-se o seguinte:

“Tornar-se competente em línguas significa apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que relevam da língua, enquanto saber organizado, e da cultura dos povos que a utilizam, enquanto expressão da sua identidade... significa, ainda, desenvolver características

*individuais relacionadas com a personalidade de cada um, nomeadamente atitudes de receptividade/interacção em relação a outras formas de ser, de estar e de viver.”*⁵⁷

As finalidades da aprendizagem de um língua estrangeira passam, assim, por proporcionar o contacto com outras línguas e culturas, promover a educação para a comunicação enquanto forma de favorecer o respeito pelos outros, o sentido da solidariedade, da cidadania e da cooperação.

Se analisarmos alguns dos conteúdos leccionados, verificamos o seguinte:

- Na disciplina de Inglês, verificamos que, por exemplo, no 2º e 3º ciclos, um dos temas a leccionar é *“Eu e a minha comunidade – espaços e pessoas versus espaços e pessoas em comunidades anglo-americanas.”*
- Na disciplina de Francês, no 9º ano de escolaridade, dentro do conteúdo temático *“A França na Europa e no Mundo”* fala-se do papel da França nas grandes Organizações Mundiais (CE, UNESCO, OTAN, FAO, OMS, etc).
- Na disciplina de Alemão, um dos tópicos intitula-se *“Portugal e os Países de Língua Alemã.”*
- Em Espanhol, encontramos o tema *“Espanha: geografia física e humana. Algumas referências culturais.”* Relativamente às atitudes, pretende-se desenvolver, nos alunos, uma atitude de tolerância face a outras culturas e fomentar o respeito e a compreensão pelas mesmas.

Em relação à disciplina de História, considera-se que é através desta que o aluno vai construindo uma visão global e organizada de uma sociedade sempre em mudança. O conhecimento adquirido pelo aluno vai permitir-lhe que *“compreenda criticamente a sua realidade, mas também transformá-la através de uma participação consciente na vida da comunidade.”*⁵⁸

Dos conteúdos a leccionar, encontramos os seguintes temas *“A Península Ibérica na Europa e no Mundo”* (2º ciclo) e *“Portugal no contexto europeu e mundial”* (3º ciclo) e no domínio das atitudes e valores considera-se importante desenvolver atitudes de

⁵⁷ In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2002). *Curriculo Nacional do Ensino Básico -Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, p.40.

⁵⁸ In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2002). *Curriculo Nacional do Ensino Básico -Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, p.89.

sociabilidade e solidariedade em relação a outros indivíduos, povos e culturas; desenvolver o espírito de tolerância, levar os alunos a empenharem-se na defesa dos direitos humanos e interessarem-se pela construção de uma consciência europeia.

Relativamente ao papel da disciplina de Geografia, podemos ler o seguinte:

*“A Geografia é, não só, um meio poderoso para promover a educação dos indivíduos, como também dá um contributo fundamental para a Educação para a Cidadania, nomeadamente no âmbito da Educação Ambiental e da Educação para o Desenvolvimento.”*⁵⁹

Existem definidos, como temas a serem tratados nesta disciplina, os seguintes: *“Ambiente e Sociedade e Contrastes de Desenvolvimento.”* As finalidades dos mesmos passam pela reflexão sobre as vantagens da cooperação internacional na responsabilização dos diferentes governos na gestão e na preservação do meio ambiente e sobre o impacte ambiental da actividade humana alertando para a necessidade de se desenvolverem esforços comuns na preservação e gestão do meio ambiente. Os alunos são, também, levados a reflectir sobre as desigualdades de desenvolvimento de diferentes regiões mundiais, a encontrar formas de as superar e a saber expressar opiniões sobre quais as vantagens e/ou desvantagens de existir uma cooperação a nível internacional.

Tendo o sistema educativo português assumido, como objectivo, a necessidade de assegurar, a todos os alunos, o acesso às tecnologias de informação e comunicação, constituiu-se a disciplina de TIC como obrigatória. Considera-se que a frequência desta disciplina é uma condição indispensável para a melhoria da qualidade e da eficácia da educação e formação face às exigências de uma sociedade do conhecimento.

Na disciplina de TIC, espera-se que o uso do computador e o recurso à pesquisa, de diversos sítios na Internet sirva de apoio ao desenvolvimento de conteúdos, pedagogias e práticas inovadoras no domínio da aprendizagem ao longo da vida e que garanta a todos os alunos o domínio de um conjunto de competências e conhecimentos básicos em TIC que crie condições para que o aluno considere o domínio das TIC como uma mais valia na sua formação e ter acesso a certificações externas que decorrem da exigência do mercado de trabalho e que lhes permita fazer face aos desafios da globalização.

⁵⁹ In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2002). *Curriculo Nacional do Ensino Básico -Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, p.107.

2.2.4 – Ensino Secundário

Em relação ao ensino secundário, observamos que a dimensão europeia da educação se encontra presente, essencialmente, nos conteúdos programáticos de algumas disciplinas, cujos objectivos e finalidades passam pela promoção de atitudes e valores que promovam uma consciência europeia, pela aquisição de valores fundamentais, tais como, a tolerância, o respeito pelas diferenças e pelos outros, a solidariedade, a cooperação e a cidadania.

Podemos encontrar a dimensão europeia nos conteúdos que fazem parte de algumas disciplinas, a saber:

➤ **Línguas Estrangeiras** – Ao fomentar o desenvolvimento da competência da comunicação, enquanto fenómeno de interacção social. A língua é considerada, assim, como um fenómeno social e o veículo privilegiado para transmitir atitudes e valores sócio-culturais. A aprendizagem de uma língua abre aos alunos uma oportunidade de aceder a novas culturas e permite que os mesmos alarguem o seu campo de desenvolvimento pessoal e social, através do contacto com outras vivências e outros modos de ser e de estar. Fomenta, também, uma promoção do enriquecimento humano e uma abertura de espírito que conduz a uma melhor compreensão e aceitação de outras maneiras de ser, agir e de pensar. A aquisição da competência linguística fornece, também, aos alunos uma importante ferramenta profissional, quer no prosseguimento de estudos, quer no ingresso na vida activa.

Por exemplo, na disciplina de Alemão, em relação aos conteúdos programáticos verificamos que existe um tema comum aos 3 anos “*O Mundo Envolve*”. No 10º ano foca-se a atenção na caracterização sumária dos países de língua alemã; no 11º ano debruçam-se sobre a Comunidade Internacional - Nacionalidades, línguas, problemas comuns (poluição, meio ambiente, fome, etc..) e no 12º ano privilegia-se a Comunidade Internacional, tendo como foco a União Europeia e a mobilidade de pessoas, o empenhamento cívico e social de jovens naturais dos países de língua alemã.

Na disciplina de Espanhol, são apresentados diversos temas a trabalhar, a saber: *Cidadania* (Mulheres e Homens, Cidadãos Europeus - Unidade e diversidade, Direitos e Deveres; *Trabalho* (Estudos - contributos das novas tecnologias).

Em Francês, as áreas de referência sócio-cultural debruçam-se sobre “*L'environnement, L'avie Sociale - Technologies de la communication; Représentations du monde*”.

Na disciplina de Inglês, a dimensão sócio-cultural vai permitir ao aluno desenvolver conhecimentos acerca da sociedade em que está inserido e do seu posicionamento na mesma, das relações que existem entre esta e o mundo.

Assim, no 10º ano, os domínios de referência dividem-se entre os tópicos “*Um Mundo de Muitas Línguas*” (Contactos com outras línguas, experiências e culturas; Mobilidade, juventude e línguas e a língua inglesa); “*O Mundo Tecnológico*” (Inovação Tecnológica, Mudanças Sociais, A exploração de outros mundos); “*Os Media e a Comunicação Global*” (A Internet e a Comunicação Global, a Comunicação e a Ética); “*Os jovens na era global*” (valores, atitudes, comportamentos, sonhos, ambições, formação ao longo da vida).

No 11º ano, encontramos os seguintes domínios de referência: “*O Mundo à nossa volta*” (Ameaças do Meio Ambiente, questões Demográficas, questões de Bioética, Intervenção Cívica e Solidária), “*O Mundo do Trabalho*” (Formação ao longo da vida, as novas tecnologias no mundo do trabalho, diversidade de percursos) e “*Um Mundo de muitas Culturas*” (A diversidade de culturas, a sociedade multicultural, Movimentos e Organizações de Acção Social e Voluntariado).

Ao nível do 12º ano, os domínios de referência abrangem os seguintes temas: “*A Língua Inglesa no Mundo*”, “*Cidadania e Multiculturalismo*” (A Declaração Universal dos Direitos do Homem, conviver com a Diversidade) “*Democracia na Era Global*” (Tendências nas Sociedades Democráticas, a Democracia em Mudança) e “*Culturas, Artes e Sociedade*”.

➤ **História** – Ao articular a História de Portugal com a História da Europa e do Mundo fomenta-se o espírito de solidariedade, a consciência cívica e a cidadania. Pretende-se, também, que os alunos mobilizem conhecimentos de diversas realidades históricas, para fundamentarem opiniões e intervirem de um modo responsável no meio envolvente. Pretende-se que os alunos manifestem abertura à *dimensão intercultural das sociedades contemporâneas*. Analisando os programas do ensino secundário, deparamos com os seguintes conceitos: *Polis, Cidadão, Democracia, Democracia Popular, Cidadania Europeia, Interculturalidade, Ambientalismo, Contracultura, Cultura de Massas, Estandarização de comportamentos e Mobilidade Social*.

➤ **Geografia** – Ao relacionar Portugal com outros espaços Europeus, encontramos identificados os seguintes temas: “*A Posição de Portugal na Europa e no Mundo*”

(Cidadania, Mercado Comum, Tratado de Maastricht, Tratado de Roma, União Europeia);
“*A integração de Portugal na União Europeia: Novos desafios, novas oportunidades*”
(Tratado de Amesterdão).

➤ **Economia:** Ao debruçar-se sobre a realidade económica e social de Portugal e da União Europeia, torna-se importante falar sobre a noção e formas de integração económica, o processo de integração na Europa, os desafios da EU na actualidade e sobre Portugal no contexto da EU.

➤ **Filosofia** – Ao proporcionar o exercício do espírito crítico, tendo como pressuposto uma educação para a cidadania democrática, considera-se importante capacitar os alunos para um *juízo crítico e participativo na vida comunitária*. A frequência desta disciplina é considerada importante para que os alunos construam uma identidade pessoal e social, que lhes permita compreender o mundo em que estão inseridos, integrar-se nele e participar de uma forma crítica no mesmo. Assim, quando observamos o programa da disciplina, para o 10º, 11º e 12º anos, encontramos os seguintes temas a serem trabalhados: “*A acção humana e os valores*”, “*Valores e cultura*”, “*A dimensão ética*”, “*Ética, direito e política - liberdade e justiça social, igualdade e diferenças*” , “*Os direitos humanos e a globalização*”, “*O racismo e a xenofobia*” e “*A responsabilidade ecológica*”.

2.3 - Projectos de Mobilidade

Uma outra forma de reforçar a dimensão europeia da educação é o fomento de acções e programas que incentivem os intercâmbios internacionais ou seja que promovam a mobilidade de estudantes, pessoal docente e pessoal não – docente.

Assim, procuramos identificar e caracterizar algumas das acções e programas de mobilidade que, em Portugal, procuram reforçar a dimensão europeia da educação.

Verificamos que, a 15 de Novembro de 2006, é adoptada pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da União Europeia, a Decisão 2006/1720/CE, que estabelece um programa de acção no domínio da aprendizagem ao longo da vida, designado “Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida”.

Este programa tem como um dos objectivos a promoção da cooperação, dos intercâmbios e da mobilidade entre sistemas de ensino e formação, a nível europeu e é um dos exemplos da forma como em Portugal a desejada mobilidade pode ser fomentada.

Relativamente à **mobilidade de estudantes**, as possibilidades oferecidas, pelo mesmo, são as seguintes:

- A acção LEONARDO DA VINCI que incentiva estágios para estudantes, ou seja, todos os organismos que trabalhem directamente com a formação profissional, podem organizar estágios profissionais para os seus alunos em empresas ou institutos de formação de outros países europeus.
- As Acções ERASMUS e ERASMUS MUNDUS que têm como objectivo *apoiar a criação de um Espaço Europeu de Ensino Superior e reforçar o contributo do ensino superior e do ensino profissional avançado no processo de inovação a nível Europeu*, disponibiliza dois programas de apoio à mobilidade de estudantes, a saber: a realização de um período de Estudos (SMS) e/ou a realização de um período de Estágio Profissional (SMP);

- A acção COMENIUS promove, também, estágios no estrangeiro para professores estagiários, concedendo bolsas para assistentes, com uma duração entre três meses e um ano lectivo.
- TEMPUS - que é um programa de mobilidade trans - europeu, destinado aos alunos do ensino superior.

Em relação à **mobilidade de professores e pessoal não – docente**, encontramos as seguintes possibilidades:

- *“Formação contínua de professores no estrangeiro”* disponibilizada pela acção COMENIUS, que se destina a pessoal docente e a pessoal não – docente. A formação traduz-se na possibilidade de assistirem a aulas ou de observarem o trabalho *de um homólogo* num estabelecimento de ensino parceiro. Nesta formação, podem participar, também, funcionários de um estabelecimento de ensino que participe numa parceria Comenius e que deseje obter formação numa língua dos membros da parceria.
- *“Parcerias entre estabelecimentos de ensino de vários países”*, também, disponibilizada pela acção COMENIUS, e que permite que as escolas estabeleçam parcerias multilaterais ou bilaterais com outra (s) escola (s) europeia (s).
- *“Receber um professor estagiário estrangeiro na escola”* através da acção COMENIUS, com o objectivo deste dinamizar as aulas de línguas estrangeiras.
- *“Formação contínua / estágios no estrangeiro”* fomentado pelo programa LEONARDO e mais virado para os profissionais ligados à formação profissional. Estes podem adquirir novas competências e aprender novas formas de trabalho ao observarem, num país estrangeiro, o contexto de trabalho dos seus homólogos.

- “*Experiência profissional no estrangeiro*”, mais direccionado para a mobilidade do pessoal universitário é fomentado pela acção ERASMUS. Através deste programa, o pessoal docente das universidades pode deslocar-se a um país europeu, entre 1 dia a 6 semanas, e contactar directamente com outros sistemas de ensino, com novas ideais e diferentes práticas. O pessoal não docente pode candidatar-se a *destacamentos de curta duração, visitas de estudo, observações em situação de trabalho numa empresa ou nouro estabelecimento de ensino superior que possua o Estatuto Universitário Erasmus*.
- “*Participação em conferências, seminários ou outras acções de formação no estrangeiro*” fomentado pela acção GRUNDTVIG (formação em exercício) e mais voltado para o pessoal ligado à educação de adultos.
- “*Estágios no estrangeiro para professores*”. O programa GRUNDTVIG permite que pessoal ligado à educação de adultos, possa fazer estágios, entre 12 a 45 semanas, noutra organização europeia ligada à educação de adultos.

Verificamos, também, que a mobilidade pode ser promovida através de outras práticas, a saber:

- Serviços de Voluntariado Europeu, proporcionando a possibilidade dos jovens exercerem uma actividade de voluntariado, entre dois a doze meses, num país da União Europeia.
- Visitas de estudo para *especialistas da educação e da formação profissional*.
- “*Lançamento de um projecto ou de uma rede de aprendizagens de línguas*”, durante 3 anos, onde se pretende apoiar o intercâmbio de ideias, de informação e de práticas educativas, em toda a Europa.
- Formação de uma parceria, com 3 países diferentes, e implementação de um *Projecto multilateral transversal*, com o

objectivo de se elaborar material pedagógico inovador para a aprendizagem das línguas.

Podemos, como conclusão, referir que qualquer forma de mobilidade escolhida fornecerá uma experiência valiosa, uma motivação acrescida, para os professores e para os alunos, e um desenvolvimento profissional e trará benefícios que poderão passar pelo aperfeiçoamento das competências linguísticas, pela troca e enriquecimento de métodos e práticas de ensino, por um maior conhecimento de outras culturas e, definitivamente, para um alargamento de horizontes.

2.4 - Redes Europeias de sistemas de reconhecimento e certificação de competências

Sendo ideia assente que a Europa entrou na *Era do Conhecimento*, tornou-se importante que os sistemas de educação e de formação se adaptem a essa era. Assim, considera-se que a aposta que a União Europeia faz na aprendizagem ao longo da vida deve “acompanhar uma transição bem sucedida para uma economia e sociedade assentes no conhecimento”⁶⁰. Torna-se importante que todos os Europeus beneficiem das mesmas oportunidades para se adaptarem às mudanças sociais e económicas para poderem participar na construção do futuro da Europa.

Se, por um lado, a União Europeia procura assegurar uma oferta de oportunidades de aprendizagem, por outro lado existe, também, a preocupação de valorizar os conhecimentos e as competências dos adultos.

Assim, surge em Portugal a *Iniciativa Novas Oportunidades* como forma de resposta à nova era do conhecimento e às novas exigências da União europeia. Esta iniciativa vai procurar aumentar a oferta de cursos técnicos e profissionais, disponibilizando mais alternativas de formação e *ofertas flexíveis de educação e formação*, orientadas também para os adultos, que se encontrem adaptadas ao percurso de vida de cada um e permitam alargar a qualificação dos mesmos.

Esta iniciativa possibilita duas Modalidades de Formação: Modalidades de Formação Jovens e Modalidades de Formação de Adultos.

⁶⁰In: “Memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida – Comissão das Comunidades Europeias. Bruxelas. 30/10/2000”.

Em relação às Modalidades de Formação Jovens, estas têm “*como objectivo dar resposta aos baixos níveis de escolarização dos jovens através da diversificação das vias de educação e formação, pelo reforço do número de vagas de natureza profissionalizante e da exigência em garantir melhores taxas de aproveitamento escolar*”⁶¹.

Assim, existem as seguintes possibilidades de cursos:

- Cursos Artísticos Especializados
- Cursos Científico – Humanísticos
- Cursos de Aprendizagem
- Cursos de Educação e Formação
- Cursos Profissionais
- Cursos Tecnológicos
- Cursos das Escolas de Hotelaria e Turismo

Relativamente às Modalidades de Formação Adultos, estas têm como objectivo principal *a elevação dos níveis de qualificação de base da população adulta. Torna-se importante “desenvolver a capacidade de construir trajetórias de aprendizagem individuais, que valorizem as aquisições de cada pessoa, de promover modelos flexíveis de organização da formação e de dar maior expressão à formação em contexto de trabalho constituem prioridades assumidas nesta vertente de actuação*”⁶².

São, assim, disponibilizadas para os adultos as seguintes possibilidades de formação:

- Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA)
- Cursos de Ensino Recorrente

Surge, também, o RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) que é “*o Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências permite que cada adulto, com idade igual ou superior a 18 anos e habilitações escolares inferiores ao 4.º, 6.º, 9.º ou 12.º ano, possa ver reconhecidas,*

⁶¹ In: www.min-edu.pt

⁶² In: www.min-edu.pt

validadas e certificadas competências que adquiriu ao longo da vida e em diferentes contextos”⁶³.

Este processo é desenvolvido num Centro de Novas Oportunidades, que normalmente *“está sedado numa instituição pública ou privada com um equipa de profissionais que actua no sentido de reconhecer, validar e certificar competências que os adultos forma adquirindo em diversas situações, possibilitando a obtenção de uma certificação de 1º, 2º ou 3º ciclo do ensino básico ou ainda de ensino secundário*”⁶⁴.

Analisando uma notícia publicada a 11 de Janeiro de 2008⁶⁵ verificamos, ao analisar as seguintes afirmações, que estamos a caminhar em direcção à *Europa da Era do Conhecimento*:

- *“Contando com os cerca de 29 mil inscritos em Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), actualmente são 352 563 os adultos abrangidos pela iniciativa Novas Oportunidades”.*
- *“Em 2007, estão matriculados em cursos de dupla certificação de nível secundário 120 764 jovens”.*
- *“A expansão da população estudantil no ensino secundário deve-se, em larga medida, ao aumento dos matriculados em cursos profissionais nas escolas secundárias públicas, que passaram de 44 466 alunos, no ano lectivo de 2006/2007, para 62 996, no ano lectivo de 2007/2008”.*
- *“No nível básico, estão matriculados em cursos de dupla certificação 44 129 jovens, o que representa um aumento substancial desde 2005. Este crescimento deve-se à forte aposta nos Cursos de Educação e Formação (onde estão inscritos mais de 41 mil jovens), por parte das escolas públicas, dos centros de formação profissional e de entidades privadas, designadamente, de escolas profissionais”.*

⁶³ In: www.novasoportunidades.gov.pt

⁶⁴ In: www.novasoportunidades.gov.pt

⁶⁵ In: www.min-edu.pt

2.5 - Projectos de cooperação na área da educação

Uma outra forma encontrada para fortalecer a dimensão europeia da educação é a criação de projectos de cooperação na área da educação.

Um dos projectos direccionado para alunos, professores, encarregados de educação e investigadores, que procura suscitar um interesse pela União Europeia e fornecer ferramentas pedagógicas e de apoio aos mesmos é o projecto “*Aprender a Europa*”⁶⁶.

No espaço direccionado ao aluno, poderemos encontrar informações relevantes sobre a EU, desde materiais pedagógicos, a publicações juvenis, a símbolos da EU, a sites e a curiosidades. São, também, disponibilizadas, para os alunos, actividades de formação, tais como, aulas, sessões de informação e debates, e actividades de *animação pedagógica*, tais como, teatro, ateliers de dança e pintura, o concurso EuroElo e jogos multimédia. Através destas actividades, pretende-se transmitir aos alunos o *ideário europeu*, contribuindo para o *enraizamento* dos princípios de cidadania.

Para facilitar a mobilidade de estudar ou trabalhar num Estado-Membro e para facilitar a compreensão das qualificações e competências de cada aluno, a 15 de Dezembro de 2004, o Parlamento Europeu criou o EUROPASS que consiste num “*dossier pessoal e coordenado de documentos (...) que os cidadãos podem utilizar numa base voluntária para melhor comunicarem e apresentarem as suas qualificações e competências em toda a Europa*”⁶⁷. Este dossier é composto por cinco documentos, a saber: CV Europass, Passaporte de Línguas Europass, Europass-Mobilidade, Europass-Suplemento ao Diploma e Europass-Suplemento ao Certificado.

No espaço direccionado ao professor são disponibilizados kits pedagógicos e CDs, a serem utilizados na sala de aula, que se debruçam sobre diversos temas, tais como: Diversidade na Europa, Cidadania Europeia, Debater a Europa, Ambiente na EU. É, também, dada aos professores a possibilidade de realizarem cursos acreditados para professores de todos os graus de ensino, com o objectivo de fomentar a interdisciplinaridade e estabelecer uma articulação entre os currículos, do sistema de ensino português, e os assuntos europeus. No sentido de se promover uma troca de materiais entre professores, que frequentaram os cursos de formação CIEJD, são, também, disponibilizados planos de aula, trabalhos e projectos, que podem ser usados nas salas de aula.

⁶⁶ In: <http://aprenderaeuropa.pt>

⁶⁷ In: Idem.

Em 1986, através de uma iniciativa portuguesa são criados os Clubes Europeus, que são um projecto integrado no Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE) do Ministério da Educação, cujo um dos objectivos é fomentar trabalhos que permitam trabalhar a dimensão europeia da educação e fazer a ligação entre os diferentes estabelecimentos escolares e as suas comunidades educativas. Os outros objectivos destes clubes passam por⁶⁸:

“a) Criar entre os seus membros um verdadeiro espírito europeu e transmiti-lo, por todos os meios ao seu alcance, aos outros membros da comunidade em que estão inseridos;

b) Promover, com o apoio das entidades competentes, acções de dinamização tendentes a uma melhor informação sobre: A Europa, as instituições europeias (da União Europeia e o Conselho da Europa), os Estados-Membros da União Europeia e do Conselho da Europa, o património cultural e natural da Europa, os problemas com que se defronta a Europa contemporânea, o papel da Europa no mundo e o processo do alargamento da União Europeia e as suas implicações;

c) Contribuir para a compreensão do pluralismo europeu, nas suas semelhanças e nas suas diferenças, e no respeito pelas identidades nacionais;

d) Contribuir para a compreensão e tolerância recíprocas;

e) Contribuir para uma tomada de consciência relativamente à interdependência europeia e mundial e à necessidade de cooperação;

f) Contribuir para a criação do sentido de responsabilidade dos alunos – jovens cidadãos europeus – designadamente no que respeita à paz, aos direitos do homem e à defesa e conservação do ambiente e do património cultural”.

Encontramos, também, disponibilizados os seguintes programas, bolsas e estágios:

- Programas Comunitários na área da Educação e Formação (Erasmus Mundus e o programa no domínio da aprendizagem ao longo da vida) e na área da juventude (o programa Juventude em acção).

⁶⁸ In: <http://aprenderaeuropa.pt>

- Programas Nacionais: na área da Educação e Formação (Programa Operacional Potencial Humano, Programa Formar e Inov Jovem).

- Programas de Cooperação para Países Terceiros: Alfa, Ásia – link, Cooperação EU -Austrália, Cooperação EU – Canadá, Cooperação EU – Nova Zelândia, Cooperação EU – EUA e Cooperação EU – Japão. Todos estes programas promovem a cooperação entre instituições do Ensino Superior.

- Bolsas: Jean Monnet, Marie Curie, Robert Schuman e Formação e Mobilidade - Agência de Inovação.

- Estágios nas Instituições Comunitárias: Comissão Europeia, Parlamento Europeu, Comité Económico e Social Europeu, Comité das Regiões, Tribunal das Regiões, Tribunal de Contas Europeu e Provedor de Justiça Europeu.

Visitando o site da Direcção -Geral da Educação e Cultura⁶⁹ cuja missão é *"Reforçar e promover a aprendizagem ao longo da vida, a diversidade linguística e cultural, a mobilidade e o empenhamento dos cidadãos europeus, em especial dos jovens"* verificamos que existem disponíveis os seguintes programas e acções:

- Programa Educação e Formação: Promove acções destinadas a apoiar a educação e a formação para todos os grupos etários;
- Programa Juventude: Promove políticas e programas destinados aos jovens;
- Programa Cultura: Com o objectivo de se criar um espaço cultural comum a todos os povos europeus, preservando a sua diversidade nacional e regional;
- Programa Sociedade Civil: com o objectivo de se promover a cidadania europeia activa e aproximar a Europa dos seus cidadãos,
- Programa Multilinguismo: Promoção da aprendizagem das línguas e da diversidade linguística;

⁶⁹ [http:// ec.europa.eu/dgc/education](http://ec.europa.eu/dgc/education)

- Programa Desporto: Promove a discussão sobre questões relativas ao desporto, com o objectivo de se preparar uma futura acção europeia no domínio do desporto.

Verificamos que as escolas podem sempre tentar fomentar a dimensão europeia da educação ao participar em determinados projectos.

Assim, existe a possibilidade de participar nos seguintes projectos:

- Elos, que ⁷⁰ "... stands for 'Europe as a learning environment in schools'. It is both a concept and a network. The European Elos network aims for high-quality education, which explicitly prepares students at secondary general level (age 12-19, all school types) for their roles as European citizens, especially their future study and work in Europe."
- eSchola ⁷¹ trata-se de "*a European Schoolnet ...na international partnership of 31 European Ministries of Education developing learning for schools, teachers and pupils across Europe.*"
- ETF (European Training Foundation)⁷² cuja missão é "*to help transition and developing countries to harness the potential of their human capital through the reform of education, training and labour market systems in the context of the Eu's external relations policy.*"
- EDEN (the European Distance and E-Learning Network)⁷³ que existe para "...share knowledge and improve understanding for professionals in distance and e-learning across the whole of Europe and beyond, and to promote policy and practice for this field of endeavour. EDEN is for all those concerned with distance and e-learning, in all sectors and phases of education and training."
- ICDE (International Council for Open and Distance Education)⁷⁴ "*..is the global organization for flexible learning and teaching deriving its position from: the unique knowledge and experience of its members throughout the world; expertise from this in development and use of new methodologies and emerging technologies; its status within UNESCO as the NGO with formal consultive relations in distance and on-line education.*"

⁷⁰ In: www.europelarning.info

⁷¹ In: www.eun.org

⁷² In: www.etf.europa.eu

⁷³ In: www.eden-online.org

⁷⁴ In: www.icde.org

- PLOTEUS⁷⁵ – É um portal sobre oportunidades de aprendizagem no espaço europeu, cujo objectivo é “...ajudar alunos, indivíduos à procura do 1º emprego, pais e encarregados de educação, profissionais de orientação e professores a encontrar informação sobre estudar na Europa.”

2.6 - Actividades dinamizadas nas escolas

Cada escola pode ainda dinamizar actividades que contribuam para a introdução da dimensão europeia da educação. Essas actividades podem passar pela participação em campanhas e/ou concursos.

Algumas dessas actividades são as seguintes:

- *Primavera da Europa* que é uma iniciativa da Comissão Europeia com o objectivo de promover a Cidadania, através do debate, da reflexão sobre temas relativos à União Europeia.
- *A Europa na Escola* que é um concurso promovido pelo Conselho da Europa, pelo Parlamento Europeu e pela Comissão Europeia, que consiste na apresentação de trabalhos escritos e artísticos, com o objectivo de promover a dimensão europeia da educação.
- *O Parlamento Europeu dos Jovens* traduz-se num projecto educacional que dá aos jovens a oportunidade de praticar a cidadania, participar em questões europeias, aprender a trabalhar em equipa, conversar sobre a Europa e participar em congressos, fóruns, colóquios e debates.
- *O Dia da Europa ou a Semana da Europa* com o desenvolvimento de trabalhos, jogos, visualização de filmes e debates.
- *Campanha todos diferentes todos iguais* com o objectivo de promover os valores da igualdade e da dignidade humana, contra o racismo, o anti-semitismo, a xenofobia e a intolerância.

⁷⁵ In: <http://ec.europa.eu/ploteus>

- *Concurso “As línguas abrem caminhos”* no âmbito da celebração do Dia Europeu das Línguas, com o objectivo de valorizar a diversidade linguística e cultural, encoraja a aprendizagem das línguas como meio de acesso à mobilidade e promover o respeito pelas diferenças linguísticas.
- *Concurso “ A minha escola no combate à discriminação”* que pretende contribuir para a formação dos alunos contra a discriminação e o racismo.
- *Projecto “Viver os direitos humanos”* com o objectivo de se produzirem materiais para divulgação de boas práticas de educação para os direitos humanos.
- *Concurso “O que é isto de ser Europeu?”* sobre a temática o que é ser europeu nos dias de hoje.
- *“Projecto é! – Educação para o Empreendedorismo”* é um projecto que vai de encontro a um dos objectivos da Estratégia de Lisboa que é privilegiar a inovação e o conhecimento a caminho de uma cultura mais empreendedora.
- *“Europeana – Biblioteca digital de cultura europeia”* é um projecto da iniciativa da Comissão Europeia e de seis Estados-Membros: Alemanha, Espanha, França, Hungria, Itália e Polónia, que visa a construção de uma biblioteca digital que agregue em formato electrónico obras fundamentais da cultura europeia.
- *“Olimpíada da Ciência da União Europeia (EUSO)”* é um concurso que pretende proporcionar troca de experiências, na área das Ciências, e contactos entre alunos dos Estados-Membros da União Europeia.
- *Projecto “AGIS”* com o objectivo de prevenir e reduzir o absentismo e o abandono escolares e reduzir a delinquência juvenil e visa estimular a cooperação entre os países europeus no domínio da redução da criminalidade.

- “*MOLAN Project*” é um projecto financiado pela Comissão Europeia no âmbito da Aprendizagem ao Longo da Vida, com o objectivo de fomentar uma atitude positiva entre os jovens europeus para a aprendizagem de línguas estrangeiras e para o respeito pelas outras culturas.

Podemos, assim, concluir que, em Portugal, já muito se faz, na área da educação, para contribuir para o fomento da *dimensão europeia* e que se procura, cada vez mais, assegurar que os alunos adquiram conhecimentos e competências que lhes permitam assumir o papel de futuros cidadãos e membros da União Europeia, ao proporcionar-lhes, nomeadamente, o seguinte:

- A aprendizagem de mais do que uma língua estrangeira,
- Ao leccionar conteúdos relacionados com a União Europeia;
- Ao fomentar o uso das TIC;
- Ao possibilitar-lhes a participação em programas de acção Sócrates, fomentando, assim, a tão desejada mobilidade de alunos e de professores;
- Ao fomentar projectos de cooperação;
- Ao dinamizar actividades e fomentar colóquios, concursos e ateliers;
- Ao fomentar a aquisição de novas competências;
- E, principalmente, ao fomentar a igualdade de oportunidades, e ao promover a tolerância, a compreensão e o respeito pelos direitos humanos e a educação para a cidadania e para os valores.

PARTE II – Enquadramento Metodológico

Capítulo 3 – METODOLOGIA

No âmbito deste capítulo, procederemos a uma explicitação dos aspectos estritamente metodológicos referentes ao estudo. Em primeiro lugar, começamos por esclarecer a selecção e a caracterização da amostra. De seguida, apresentamos as opções metodológicas - nomeadamente o modelo de investigação, as técnicas e o processo de recolha de dados (Análise Documental e Análise de Testemunhos) - e o modelo de análise de dados utilizado.

3.1 – Selecção e caracterização da amostra

De seguida, apresenta-se uma tabela resumo da tipologia de escolas que fazem parte deste estudo.

Tabela 2: Tipologia das escolas e anos lectivos em que se implementaram projectos

Localização	Escolas	Tipo	Anos de implementação dos projectos
Silves	Escola Secundária de Silves	ES	2003/2004 2004/2005 2005/2006
Silves	Escola Dr. Garcia Domingues	E.B. 2,3	2002/2003 2003/2004 2004/2005
S. Bartolomeu de Messines	Escola João de Deus	E.B. 2,3	2000/2001 2001/2002 2002/2003 2003/2004 2004/2005
S. Bartolomeu de Messines	Escola Profissional de Agricultura do Algarve	EP	2000/2001 2001/2002 2002/2003

Legenda: ES – Escola Secundária; E.B. 2,3 – Escola Básica do segundo e terceiro ciclos; E.P. – Escola Profissional.

Verificamos, assim que, do ponto de vista organizacional, o contexto deste estudo é constituído por escolas que, entre os anos 2000 e 2006, dinamizaram projectos Comenius I, no Concelho de Silves, independentemente da sua tipologia.

Para este estudo não foram consideradas as Escolas Básicas do Primeiro Ciclo do Concelho de Silves, pelo facto destes projectos serem implementados com mais frequência nas Escolas Básicas dos Segundo e Terceiro Ciclos e no ensino Secundário. As escolas

com estes níveis de ensino possuem mais experiência na implementação deste tipo de projectos e, por consequência, mais informação sobre os mesmos.

As escolas seleccionadas para o estudo obedeceram aos seguintes critérios:

- a) **Critério geográfico:** pertencerem ao concelho de Silves.
- b) **Critério pedagógico:** terem implementado projectos entre os anos de 2000 e 2006, mesmo que não consecutivamente, como podemos observar na Tabela 2.

A escolha do período 2000-2006 deve-se ao facto de corresponder à segunda fase de implementação do programa de acção comunitário em matéria de educação “Sócrates”, criado pela “*Decisão N.º 253/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 24 de Janeiro de 2000*”;

De referir que, do concelho de Silves, fazem ainda parte duas escolas, a saber: a Escola E.B. 2,3 Dr. António da Costa Contreiras, de Armação de Pêra e a Escola E.B. 2,3 de Algoz. Estas não foram seleccionadas para este estudo uma vez que não desenvolveram projectos deste tipo, no período seleccionado.

Além disso, procurou garantir-se que houvesse diversidade em relação aos tipos de projectos implementados (Tabela 3):

Tabela 3: Tipos de Projecto Implementados

Escolas	Tipos de Projectos Implementados
Escola Secundária de Silves	Projecto de Desenvolvimento Escolar
Escola E.B. 2,3 Dr. Garcia Domingues	Projecto de Escola
Escola E.B. 2,3 João de Deus	Projecto de Escola Projecto de Línguas
Escola Profissional de Agricultura do Algarve	Projecto de Línguas

De realçar que, na Escola E. B. 2,3 João de Deus, de São Bartolomeu de Messines, existem dois professores responsáveis por dois tipos de projectos diferentes: Projecto de Línguas e Projecto de Escola.

Na Escola Secundária de Silves, o professor responsável desenvolve, neste momento, só Projectos de Desenvolvimento Escolar, mas, em anos anteriores, também, já desenvolveu Projectos de Línguas.

Quanto ao perfil dos participantes (coordenadores da promoção dos projectos), podemos destacar os seguintes aspectos, ao observarmos a Tabela 4:

Tabela 4: Perfil dos participantes

Participantes	Idade	Género	Categoria profissional	Área de Formação	Cargos exercidos	Tempo de serviço	Nº de anos que trabalha com os projectos
P1	54	M	PQND ¹⁾	Biologia	CD	30	11
P2	40	F	PQND	Inglês e Alemão	CP SC	17	11
P3	48	M	PQND	Geografia e Planeamento Regional	CCNO	22	13
P4	38	F	PQND	Filosofia	OE CC	11	13
P5	40	M	PQND	Educação Física	CD	19	10

1) PQND – Professor do Quadro de Nomeação Definitiva

- três são do sexo masculino e dois do feminino;
- a idade mínima é de 38 anos e a máxima de 54;
- todos são professores do quadro de nomeação definitiva nas escolas onde trabalham;
- os professores são oriundos de diferentes áreas de formação;
- todos os professores exercem um ou mais cargos, tais como: Coordenador de Departamento (CD), Coordenador de Projectos (CP), Sub – coordenadora de grupo (SC), Coordenador do Centro de Novas Oportunidades (CCNO), Orientadora Educativa (OE) e Coordenadora de Curso (CC);
- o tempo de serviço varia entre os 11 e 30 anos;
- o número de anos em que os mesmos desenvolvem e/ou participam em projectos situa-se entre os 10 e os 13 anos.

3.2 - Opções metodológicas do estudo

3.2.1 – Modelo de investigação

O objectivo fundamental deste consiste na identificação dos impactos percebidos pelos professores coordenadores, da implementação de Projectos Comenius 1, nas Escolas Básicas e Secundárias do Concelho de Silves.

Neste sentido, optámos por seguir uma investigação de natureza qualitativa, onde privilegiámos uma abordagem interpretativa dos fenómenos em análise. Este modelo de abordagem qualitativa, define -se por cinco características⁷⁶:

- *“A fonte directa dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” e “os materiais registados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento – chave da análise”;*

- *É uma investigação “ descritiva”, pois os dados são recolhidos “em forma de palavras” e os resultados contêm “citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação” e os investigadores tentam “analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos”;*

- *É dada uma maior ênfase ao “processo” do que aos “resultados ou produtos” e o investigador reflecte muito sobre como “as expectativas se traduzem nas actividades e procedimentos”;*

⁷⁶ In: BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994), *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, pp.131-133.

- Os investigadores analisam os dados de um modo indutivo e *“as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando”*;
- *“O significado é de importância vital”* pois os investigadores estão interessados *“no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas”* preocupam-se, assim, com *“aquilo que se designa por perspectivas participantes”*.

No âmbito desta abordagem qualitativa, optou-se por realizar um estudo descritivo que nos permitisse caracterizar o projecto desenvolvido por cada escola e estudar os impactos do mesmo em diferentes contextos. Os dados foram, assim, recolhidos nas diferentes escolas e resultaram da análise de documentos fornecidos pelos professores, de documentos pesquisados na Internet e das entrevistas realizadas. Como podemos observar na Tabela 5, o plano de trabalho seguiu a seguinte sequência:

Tabela 5: Plano de trabalho

Mês	Actividade realizada
Janeiro 2007	Projecto de Dissertação
Fevereiro 2007	Consulta e análise de documentos
Março 2007	Conversa exploratória
Abril 2007	Consulta e análise de documentos
Mai 2007	Criação de um Guião de Entrevista
Junho 2007	Validação das entrevistas Rectificação das entrevistas
Julho 2007	Testagem da entrevista Contacto com os professores a serem entrevistados Realização das entrevistas

3.2.2 – Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Para realizarmos esta investigação de natureza qualitativa, recorreremos às seguintes técnicas de recolha de dados:

3.2.2.1- Análise Documental

No nosso estudo, recorreu-se à análise de diversos documentos os quais não foram concebidos com o propósito de servirem como fonte de recolha de dados para o estudo, mas contribuíram para um melhor conhecimento do funcionamento e da implementação deste tipo de projectos nas escolas. Para tratar a informação, recorreremos à análise de conteúdo, de uma forma transversal, à medida que se tornava necessário obter informação pertinente para cada uma das fases do estudo. Essa análise centrou-se, prioritariamente, no estudo de documentos normativos e de documentos pedagógicos elaborados pela escola, nomeadamente os seguintes:

- “*Formulários de Candidatura dos projectos*” e os respectivos “*Relatórios de Actividades*” elaborados pelos Coordenadores dos projectos;
- “*o Programa Sócrates – Acção Comenius 1 – Síntese do Processo de Candidatura, Selecção e Avaliação*”, “*o Manual Administrativo e Financeiro 2005*” e “*o Manual para as Escolas – Comenius 1*”, da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates;
- “*o Projecto Educativo de Escola*” e o “*Plano Anual de Actividades*”, documentos de orientação pedagógica elaborados pelas escolas.

3.2.2.2 – Análise de Testemunhos

Um dos instrumentos de recolha de dados a que o nosso estudo, recorreu foi a entrevista semi-estruturada (cf. Anexo B), que consiste⁷⁷ “*numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas*”... “*dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra*” e permite recolher dados “*descritivos na linguagem do*

⁷⁷ In: BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora p.134.

próprio sujeito” e desenvolver “intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos”. Desta forma⁷⁸, “ao possibilitar o acesso ao que está “dentro da cabeça da pessoa”, estes processos tornam possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças)”.

Assim, de acordo com os objectivos desta investigação, recorreremos a uma entrevista que, em relação ao grau de estruturação, se pode classificar de semi-estruturada ou⁷⁹ *“semidirectiva... no sentido em que não é inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.”* É um tipo de entrevista que é guiada por questões gerais, mas que não exige uma ordem rígida. Este tipo de entrevista procura, também, garantir que os diversos participantes respondam às mesmas questões e que o entrevistado estruture o seu pensamento em torno desse tópico, requerendo que o entrevistador conduza a entrevista aprofundando determinados aspectos que o entrevistado não explicita de forma espontânea, não emitindo juízos de valor, mas tentando compreender os pontos de vista dos entrevistados e as razões que os levam a assumir esses mesmos pontos de vista

A razão por termos optado por este tipo de entrevista prende-se com o facto de nos permitir explorar em profundidade aspectos que possamos vir a considerar mais pertinentes para a nossa investigação e, segundo Bogdan e Biklen⁸⁰ *“ nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão ”.*

Tal como previsto, a entrevista deve ser conduzida por um conjunto de questões ou temas que o investigador pretenda investigar para posteriormente proceder à análise dos resultados obtidos. Nós optamos assim por utilizar⁸¹ *“questões indirectas”* pois assim *“Numa abordagem indirecta, o investigador pode perguntar à pessoa o que pensa do seu trabalho ou de determinados aspectos que o caracterizam e, então, tentar construir algumas inferências a partir das matrizes de respostas dadas”.* Ao mesmo tempo, permitimos que os entrevistados fornecessem *“respostas não estruturadas”*. Este tipo de

⁷⁸ In: TUCKMAN, W. (2000). *Manual de investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.307.

⁷⁹ In: QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Lucvan (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva., p.194.

⁸⁰ In: BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, p.135.

⁸¹ In: TUCKMAN, W. (2000). *Manual de investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.308.

respostas⁸², “ ao permitir-se ao sujeito essa liberdade, podemos ter a garantia de que ele nos dará as suas próprias respostas, e não quererá simplesmente estar de acordo connosco”.

Com este intuito, após a leitura feita dos diversos documentos fornecidos pelos professores, a consulta de alguns documentos na Internet, da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates/Comenius, e a conversa exploratória realizada com a Professora Elsa Pereira, da Escola E.B. 2, 3 João de Deus, de S. Bartolomeu de Messines, criámos um Guião de Entrevista (cf. Anexo A), que só foi aplicado após ter sido submetido a um processo de validação e, conseqüentemente, melhorado. A validação contou com dois passos: no primeiro, submeteu-se o guião a um painel de três especialistas, que introduziram algumas alterações ao instrumento seguidamente, procedeu-se à testagem da entrevista junto de um professor com características semelhantes aos professores da amostra, pertencendo, no entanto, a uma escola de um outro concelho do Algarve. O objectivo era verificar se as questões estavam construídas de uma forma clara, se eram bem compreendidas pelos entrevistados e se iam ao encontro aos objectivos da nossa investigação.

No entanto, apesar do guião orientar as entrevistas realizadas de um modo semelhante, no decorrer das mesmas foram colocadas novas questões e alterada a ordem prevista das mesmas, de modo a que pudéssemos compreender e explorar melhor as informações transmitidas pelos entrevistados.

3.3 – Processo de recolha de dados

Para a recolha de dados, verificaram-se os seguintes procedimentos:

Contactámos, durante o mês de Fevereiro de 2007, pessoalmente, os Presidentes dos Conselhos Executivos das escolas e os respectivos professores, das diferentes escolas, responsáveis pela implementação de projectos. Este contacto teve como objectivo explicar o objectivo do estudo, pedir a colaboração dos mesmos, garantir a necessária confidencialidade na investigação e solicitar a autorização para analisar, mas alguns documentos pedagógicos da escola. Durante os meses seguintes, sempre que foi necessário

⁸² In: TUCKMAN, W. (2000). “Manual de investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian p.312.

algum esclarecimento, os professores das diferentes escolas foram contactados pessoalmente, por telefone ou por e-mail.

No mês de Julho, contactámos os professores consultando a sua disponibilidade para a realização da entrevista. O horário da entrevista foi marcado, caso a caso, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Antes de realizar as entrevistas, foi enviado por e-mail, a cada professor, um pequeno guião com possíveis questões a serem colocadas.

Tabela 6: Realização das entrevistas

Dia	Horas	Escola	Local
23 de Julho 2007	9.30	E.B. 2,3 João de Deus – S. Bartolomeu de Messines	Sala de Directores de Turma
23 de Julho 2007	11 horas	E.B. 2,3 João de Deus – S. Bartolomeu de Messines	Biblioteca da Escola
24 de Julho 2007	11 horas	Escola Secundária de Silves	Sala ao lado do Centro das Novas Oportunidades
24 de Julho 2007	14.30	Escola Profissional de Agricultura do Algarve – S.B. de Messines	Gabinete
25 de Julho 2007	10 horas	E.B. 2,3 Dr. Garcia Domingues – Silves	Sala de Directores de Turma

Ao observar a Tabela 6, podemos concluir que a recolha de dados decorreu durante o mês de Julho, de 2007, entre os dias vinte e três e vinte e cinco, tendo sido realizadas cinco entrevistas, aos professores responsáveis pelos projectos nas suas escolas. Com estas entrevistas procurou-se recolher dados que permitissem identificar quais os impactos percebidos por esses professores, que os projectos têm em determinados contextos.

Relativamente às entrevistas, todas foram gravadas, depois de ter sido obtido o consentimento dos entrevistados e de ter sido garantida a confidencialidade da mesma. Todos os entrevistados revelaram receptividade e disponibilidade, colaborando com entusiasmo. Foram, posteriormente, transcritas, na íntegra, conservando-se alguns aspectos característicos da oralidade, tais como hesitações ou repetições e respeitando-se algumas incongruências gramaticais.

3.4 – Modelo de análise de dados

No que diz respeito à análise documental, solicitou-se aos participantes os documentos indicados na Tabela 7:

Tabela 7: Documentos cedidos pelos professores

Documentos	P1	P2	P3	P4	P5
Formulário de Candidatura	2005	2001 2002 2003 2004 2005	2006	2002 2004	2002 2004
Relatórios de Actividades	2004/2005	2003/2004 2004/2005	----- -----	2004/2005	2002/2003
Projecto Educativo de Escola	2003/2006	2003/2006	----- -----	2000/2003 2003/2006	----- -----
Plano Anual de Actividades	----- ----- ----- ----- -----	2004/2005	----- ----- ----- ----- -----	2000/2001 2001/2002 2002/2003 2003/2004 2004/2005 2005/2006	----- ----- ----- ----- -----
Projecto Curricular de Turma	/	/	/	/	----- -----

A leitura da Tabela 7 permite concluir que nem todos os professores disponibilizaram todos os documentos solicitados e o professor 3 só disponibilizou um.

A análise do “Formulário de Candidatura” e do “Relatório de Actividades” foi feita em função do objectivo central desta investigação: identificar e avaliar os impactos dos diversos projectos na escola. Permitted, também, fazer um cruzamento de informação entre os dados fornecidos pelos professores aquando das entrevistas e os dados fornecidos, pelos mesmos, aquando do preenchimento dos referidos documentos.

Foram também consultados e analisados os seguintes documentos disponíveis para consulta em diversos sites na Internet da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates e Leonardo da Vinci: “o Programa Sócrates-Ação Comenius 1 – Síntese do Processo de

Candidatura, Selecção e Avaliação”, “o *Manual Administrativo e Financeiro 2005*” e o “*Manual para as Escolas – Comenius I*”, com o objectivo de nos informarmos e compreendermos todas as etapas necessárias à implementação de um projecto deste tipo e qual a carga burocrática inerente.

Relativamente aos documentos pedagógicos da escola, o “Projecto Educativo” e o “Plano Anual de Actividades”, foi realizada uma leitura global, servindo unicamente, como documentos de confirmação dos dados fornecidos pelos professores entrevistados. Não foi possível analisar “O Projecto Curricular de Turma”, uma vez que o mesmo não foi disponibilizado.

Em relação às entrevistas e de acordo com as orientações de Hébert & Goyette & Boutin⁸³ “...os dados provenientes das entrevistas...” foram “...registados por escrito (ou transcritos...) e reduzidos (codificados, formatados) para serem, em seguida, tratados”.

Desta forma, todas as entrevistas foram sujeitas a uma análise de conteúdo, que, segundo a opinião de Bardin⁸⁴, se caracteriza por uma análise “essencialmente temática”. As entrevistas “são recortadas em redor de cada tema, objecto, quer dizer tudo o que foi afirmado acerca de cada objecto preciso no decorrer da entrevista, foi transcrito”. À medida que as entrevistas foram sendo lidas e analisadas foram destacadas “certas palavras, frases”, que traduziam⁸⁵ “formas dos sujeitos pensarem os acontecimentos”. Em todas as entrevistas foram identificadas “Unidades de Registo”, que correspondem à⁸⁶ “...unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial”. Na nossa investigação, decidimos tomar, como unidade de registo, o tema e, como unidade de contexto, as respostas fornecidas pelos professores às questões colocadas.

Seguiu-se, assim, um processo de categorização que consiste⁸⁷ “numa operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos.” Segundo o mesmo autor, este processo de categorização pode ter origem em dois processos distintos “por caixa” ou “por milha”. Nesta investigação, o

⁸³ In: HÉBERT, M. & GOYETTE, G. & BOUTIN, Gérald. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, p. 163.

⁸⁴ In: BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, p. 68.

⁸⁵ In: idem, p.221.

⁸⁶ In: idem, p.104.

⁸⁷ In: idem, p.117.

sistema de categorias e sub-categorias resultou da combinação destes dois processos, a saber: por um lado, existia um sistema de categorias definido previamente e pelo qual repartimos as unidades de registo; por outro lado, em resultado das unidades de registo identificadas, criámos outras categorias, que não estavam definidas anteriormente.

Após a identificação das categorias e sub-categorias, atribuímos a cada uma delas uma abreviatura. Foram então identificadas três dimensões (identificadas na Tabela 8) designadas como Contexto Pedagógico, Contexto Pessoal e Contexto Extra-Escolar e foram elaboradas tabelas com as categorias, e em alguns casos, com as sub – categorias.

De seguida, construímos tabelas para cada uma das categorias e sub-categorias e agrupámos, em cada uma, todas as afirmações (unidades de registo) feitas pelos entrevistados que possuíam indicadores relativos a cada uma. Procuramos que todas as unidades de registo fossem colocadas numa só categoria de codificação.

Tabela 8: Dimensões

	Categoria	Sub – categoria
Dimensão A -	A1 – Características do projecto	A1.1 – Tipo
		A1.2 – Parcerias
		A1.3 – Etapas de implementação
		A1.4 – Valores
		A1.5 – Temas
		A1.6 – Objectivos
		A1.7 – Actividades
		A1.8 – Recursos
		A1.9 – Produtos finais
		A1.10 – Divulgação
		A1.11 – Avaliação
Contexto Pedagógico	A2 – O Currículo / a legislação	
	A3 – A Escola	
	A4 – O Conselho Executivo	
Dimensão B -	Categoria	
	B1 – O Próprio	
	B2 – Os Professores da Escola	
	B3 – Os Professores Estrangeiros	
	B4 – Os Alunos	
	B5 – O Pessoal Não Docente	
Contexto Pessoal		
	Categoria	
	C1 – A Comunidade Envolvente	
Dimensão C -		
	C2 – A Família	
Contexto “Extra-escolar”		

3.5 – Limitações do estudo

Ao debruçarmo-nos sobre as possíveis limitações deste estudo, podemos considerar que as mesmas decorreram dos seguintes factores:

- a) A opção por uma análise qualitativa, que segundo Bardin ⁸⁸ *“levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que selecciona estes indicies sem tratar exhaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta”*;
- b) O facto de o recurso à entrevista, enquanto instrumento da recolha de dados, além de ser um método que requer o uso de amostras pequenas, é, também, um método de análise subjectivo em que as respostas dadas só se referem ao momento em que foram obtidas. Uma vez que a ordem das questões da entrevista não é rígida, alguns aspectos de conteúdo podem, também, não terem sido focados por todos os professores;
- c) O facto de esta investigação se centrar, essencialmente, numa realidade dada a conhecer pelos professores entrevistados e baseada nas suas práticas lectivas e experiências;
- d) Por outro lado, uma outra limitação deste estudo que não deve ser ignorada, e que está também directamente ligada a outra técnica de recolha de dados, a análise documental, foi o facto de não termos conseguido ter acesso a todos os documentos solicitados a todos os professores entrevistados.

⁸⁸ In: In: BARDIN, L.(1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, p.115.

PARTE III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Capítulo 4 – Os resultados e respectiva análise

Nesta parte, optámos por apresentar os resultados obtidos através da análise dos documentos fornecidos pelos professores, dos documentos pesquisados no site da Agência Nacional Sócrates – Comenius e da análise das entrevistas, realizadas a cinco professores.

4.1 – Análise Documental

Como já foi referido anteriormente, para efeito da análise documental, solicitámos aos professores os seguintes documentos:

- a) “O Formulário de Candidatura” dos projectos;
- b) Os “Relatórios de Actividades”.

De realçar que cada projecto é único e diferente, pelo que os itens que vamos analisar podem diferir uns dos outros e os impactos identificados não se verificarem todos em todos os relatórios.

Quando procedemos à análise dos documentos, seleccionámos alguns tópicos dos vários documentos ilustrados na seguinte Tabela:

Tabela 9: “Tópicos de análise documental”

<i>Documentos</i>	<i>Itens de análise</i>
Formulário de Candidatura	Impacto esperado a nível dos participantes
Relatórios de Actividades	Descrição do Projecto: Integração no Projecto Educativo de Escola Impacto e Avaliação do Projecto: Impacto do Projecto Dificuldades encontradas no decurso do Projecto

Assim, identificamos quais os impactos esperados a nível dos participantes (nos “Formulários de Candidatura”) e nos “Relatórios de Actividades” e seleccionámos os seguintes itens:

- a) Descrição do Projecto: Integração no Projecto Educativo de Escola;
- b) Impacto e Avaliação do Projecto: Impacto do Projecto;
- c) Dificuldades encontradas no decurso do Projecto

4.1.1 – Formulários de Candidatura

Relativamente aos “*Formulários de Candidatura*” disponibilizados, verificámos que, ao preencherem o mesmo, os professores identificaram quais os impactos que esperavam que os projectos tivessem. Constatamos, assim, que os impactos esperados abrangiam os seguintes domínios:

- melhorar as capacidades linguísticas dos alunos, no Inglês;
- promover uma abertura a novas culturas e o respeito e conhecimento por essas culturas e pelas tradições dos diversos países;
- promover a tolerância, atitudes e valores;
- desenvolver atitudes democráticas e um espírito crítico.
- promover a cidadania europeia;
- utilizar métodos de ensino e de aprendizagem inovadores.

4.1.2 – Relatório de Actividades

Após a realização dos projectos, os professores responsáveis têm de preencher o “*Anexo 1 – O Relatório de Actividades*”.

No capítulo designado “Descrição do Projecto”, os responsáveis assinalaram com uma cruz se o projecto foi ou não integrado no Projecto Educativo de Escola.

No capítulo denominado “Impacto e Avaliação do Projecto”, os professores escolheram, com uma cruz, a resposta que mais se adequa aos resultados dos seus projectos, identificando assim os impactos que se verificaram e seleccionam, das opções fornecidas, quais as dificuldades encontradas no decurso do projecto.

4.1.2.1 – “Descrição do Projecto”

Após a análise dos “*Relatórios de Actividades*” fornecidos, pudemos constatar que em relação à integração dos projectos no Projecto Educativo de Escola (PEE), todos referiram que o mesmo é integrado no PEE.

4.1.2.2 – “Impacto e Avaliação do Projecto”

A) “*Impactos*”

No capítulo denominado “*Impacto e Avaliação do Projecto*”, os professores identificaram os seguintes impactos, no item relativo aos *alunos*:

- Houve envolvimento, nos projectos, de turmas ou grupos de alunos;
- Houve uma melhoria das competências linguísticas e relacionais dos alunos e das competências dos mesmos nas TIC;
- Houve um aumento da autoconfiança dos alunos;
- Houve um aumento do conhecimento dos alunos dos países parceiros e da sua cultura.

No item relativo aos impactos nos “*professores e outros funcionários da escola*”, verificámos que os impactos identificados foram os seguintes:

- As competências linguísticas, nas TIC e na Gestão de Projectos melhoraram;
- O conhecimento dos países e da sua cultura também aumentou.
- Houve uma melhoria das competências pedagógicas dos professores e outros funcionários da escola.
- Houve um aumento da motivação dos mesmos.

Relativamente ao impacto na Escola, os professores foram da opinião de que:

- Houve alterações “*na metodologia de ensino – aprendizagem das línguas*”;
- Houve um aumento da cooperação entre professores e outros funcionários;
- Houve alterações na prática lectiva;
- Aumentou o apoio da gestão da escola

Ainda dentro deste item, os professores não identificaram alterações no currículo da escola nem na organização da mesma.

No que concerne aos impactos na “*Comunidade Local*”, identificaram-se os seguintes impactos:

- Aumento da participação dos encarregados de educação e/ou famílias;
- Houve a participação de outros agentes locais;
- Houve a participação de outras instituições/organizações.

A análise permitiu, também, concluir que nunca se verificou a participação de outras escolas locais, nos projectos pelos professores implementados.

B – “Dificuldades”

Relativamente às dificuldades encontradas no decurso do projecto, foram seleccionadas as seguintes:

- “*Problemas de organização da Escola*”
- “*Excesso de trabalho administrativo*”
- “*Falta de apoio das Escolas Parceiras*”

Dos itens fornecidos pela Agência Nacional, nenhum dos professores identificou como dificuldades sentidas o “*atraso no pagamento dos contratos*”, “*Tempo insuficiente para o desenvolvimento do projecto*”, “*Recursos financeiros insuficientes*”, “*Problemas de organização com as escolas parceiras*”, “*Problemas de Comunicação*” e “*Problemas linguísticos*”.

4.1.3 – Documentos da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates e Leonardo da Vinci

Foram também consultados e analisados os seguintes documentos disponíveis para consulta em diversos sites na Internet da responsabilidade da Agência Nacional Sócrates e Leonardo da Vinci, com o objectivo de nos informarmos e compreendermos todas as etapas necessárias à implementação de um projecto deste tipo e qual a carga burocrática inerente, a saber:

- a) *“Programa Sócrates – Acção Comenius 1 – Síntese do Processo de Candidatura, Selecção e Avaliação”*;
- b) *“Manual Administrativo e Financeiro 2005”*;
- c) *“Comenius 1 – Manual para as Escolas”*.

Podemos assim concluir que o documento *“Programa Sócrates – Acção Comenius 1 – Síntese do Processo de Candidatura, Selecção e Avaliação”* fornece aos professores as seguintes informações:

- *“Como iniciar a candidatura”*
- *“Como realizar a candidatura”*
- *“Documentos a consultar para a candidatura”*
- *“Faseamento do Processo de Selecção e Avaliação”*
- *“Princípios do Processo de Selecção e Avaliação”*.

O *“Manual Administrativo e Financeiro 2005”* diz respeito à gestão das subvenções atribuídas aos diferentes projectos. O objectivo é que este manual seja *“um documento orientador, a ser utilizado aquando da concepção de uma candidatura e um instrumento de gestão, para os beneficiários de projectos aprovados para o ano em causa.”*

O documento *“Comenius 1 – Manual para as Escolas”* resulta da colaboração entre a Comissão Europeia e um grupo de trabalho constituído por representantes das Agências Nacionais Sócrates / Comenius.

O manual fornece ao professor coordenador e à escola informação do que é necessário para participar num projecto Comenius 1 e conselhos sobre a constituição de parcerias. São também enumeradas as seguintes vantagens de participação neste tipo de projectos:

- **Para os *professores***, porque proporcionaram aos mesmos a oportunidade de adquirir novas competências ou de aperfeiçoar competências já adquiridas. Podem também proporcionar um conhecimento sobre os diferentes sistemas educativos e métodos de ensino. Podem contribuir para a inovação pedagógica e os contactos profissionais podem também converter-se em *sólidas amizades*.

- **Para alunos e professores**, porque podem adquirir competências úteis para a vida pessoal e profissional, tais como *competências de comunicação e exposição, decisão, resolução de problemas e gestão de conflitos, criatividade, espírito de equipa e solidariedade*. Podem desenvolver a competência linguística e podem contribuir para o aumento da motivação e empenho dos mesmos.
- **Para as escolas**, porque estas poderão beneficiar de uma motivação acrescida dos alunos e professores, que poderá resultar num aumento do *nível de interesse e de aproveitamento dos alunos*.
- **Para os pais**, porque beneficiam da motivação acrescida e do melhor aproveitamento dos filhos. Porque podem alargar os seus horizontes pelo *contacto com outros países, culturas e mentalidades*. Também poderá ser importante para o seu desenvolvimento enquanto indivíduos *capazes de aprender com os outros e de conviver de forma mais positiva com a diversidade e a diferença*.

4.1.4 – Projecto Educativo de Escola (PEE) e Plano Anual de Actividades (PAA)

No decorrer da análise das entrevistas, sentimos necessidade de solicitar aos professores entrevistados, através de um e-mail, exemplares do Projecto Educativo de Escola e do Plano Anual de Actividades elaborados pelas escolas entre os anos 2000 e 2006.

O Projecto Educativo de Escola é um projecto trienal, que se assume como “ *um documento orientador da acção da escola, onde se registam os alvos a atingir, as opções estratégicas a seguir, em função do diagnóstico realizado, e dos valores perfilhados, no quadro das competências e funções que lhe estão atribuídas*”⁸⁹. É o documento que define a “Política da Escola”.

O Plano Anual de Actividades é um documento onde estão planificadas as actividades que irão ser desenvolvidas pela escola ou agrupamento, ao longo do ano lectivo, e que visa a concretização dos objectivos definidos no Projecto Educativo de Escola.

⁸⁹ CANÁRIO, Rui. (1992). *Inovação e Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa, p.30.

Após uma leitura global dos Projectos Educativos e dos Planos Anuais de Actividades fornecidos, verificamos que os Projectos Comenius I surgem identificados no Plano Anual de Actividades, como uma actividade que vai de encontro a alguns dos objectivos do Projecto Educativo de Escola. São também referidos os objectivos específicos dos Projectos, o grupo dinamizador ou os intervenientes, na actividade, e a calendarização dos mesmos.

Quer o Projecto Educativo de Escola quer o Plano Anual de Actividades são avaliados no final de cada ano lectivo.

4.2 – Entrevistas

Relativamente às entrevistas, recorreremos à análise de conteúdo, na qual foram identificadas três dimensões:

- **Dimensão A – “Contexto Pedagógico” (Anexo E)**
- **Dimensão B – “Contexto Pessoal” (Anexo F)**
- **Dimensão C – “Contexto Extra-escolar” (Anexo G)**

Posteriormente, em cada uma das dimensões, utilizámos um sistema de categorias e, em alguns casos, de sub – categorias, em relação às quais foram identificados os Conteúdos e os Códigos dos Indicadores, as Unidades de Registo e as Unidades de Enumeração.

4.2.1– Dimensão A – “Contexto Pedagógico”

Na análise da dimensão A – “Contexto Pedagógico”, foi possível distinguirem – se quatro **categorias**, que são as seguintes:

- A1 – Características do Projecto;
- A2 – O Currículo/a legislação;
- A3 – A Escola;
- A4 – o Conselho Executivo.

Dentro da categoria A1, foi ainda possível identificarem-se as onze **sub – categorias** identificadas na Tabela 10:

Tabela 10: Sub – categorias da categoria A1 – “Características do Projecto”

Categoria	Sub – categorias
A1 - Características do Projecto	A1.1 – Tipo
	A1.2 – Parcerias
	A1.3 – Etapas de implementação
	A1.4 – Valores
	A1.5 – Objectivos
	A1.6 – Temas
	A1.7 – Actividades
	A1.8 – Produtos finais
	A1.9 – Recursos
	A1.10 – Divulgação
	A1.11 – Avaliação

4.2.1.1: Categoria A1 – “Características do projecto”

A1.1 – “Tipo de projectos”

Iniciamos com uma caracterização do projecto, procurando identificar qual o tipo de projecto que cada escola desenvolveu, qual a função que cada professor entrevistado desempenhou na implementação do projecto; qual a duração e as principais características do mesmo.

Tabela 11 – “Tipo de Projectos”

Conteúdos dos indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR / UE
1 – Tipo de Projecto	Projecto de Línguas	2.3.1 – 3.2.13 - 4.2.3	3	2	1,5
	Projecto de Escola	1.3.1 – 5.2.16	2	2	1
	Projecto de Desenvolvimento Escolar	3.2.12	1	1	1
Total			6	5	1,2

Legenda: **UR** – Unidades de Registo; **UE** – Unidades de Enumeração; **UR/UE** – quociente entre a totalidade das unidades de registo e as unidades de enumeração da sub – categoria.

Todas as escolas, abrangidas no estudo, desenvolveram projectos Sócrates-Comenius 1- Parcerias entre Escolas, no período de 2000 a 2006. Os projectos desenvolvidos dividem-se em três tipos: Projecto de Línguas, Projecto de Escola, e Projecto de Desenvolvimento Escolar. Podemos verificar, ao observarmos a Tabela 11, que, das escolas estudadas, o tipo de projecto que foi mais implementado foi o Projecto de Línguas, referido por 3 professores e o menos implementado foi o Projecto de Desenvolvimento Escolar, referido por só um professor.

Questionados em relação ao ano em que a Escola iniciou a candidatura aos diversos tipos de projectos as respostas foram variadas:

- “em 1996 (1.3.2)”;
- “...fizemos a candidatura em 1994 (2.3.2)”;
- “...com os projectos de Desenvolvimento Escolar há cerca de... para aí 5 anos (3.2.14)”. “Há 13 anos. (3.3.1)”;
- “...deve ter sido assim que a escola abriu, 92... (4.4.1)”;
- “Começou, portanto em 2000 e acabou em 2004/2005. (5.2.17)”, “Portanto 3 anos antes. (5.2.18)”.

Tabela 12 – “Função que desempenha”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
1 – Coordenador	1.1.2 - 1.3.3 - 3.3.2 - 3.3.4 - 5.2.19	5	3	1,6
Total		5	3	1,6

Apesar de um dos participantes não o ter referido (Tabela 12), todos os professores entrevistados eram Coordenadores dos Projectos e responsáveis por todo o processo de implementação do projecto:

- “ Coordenador do... do Projecto Comenius. (1.1.2)”, “Coordenador do projecto. (1.3.3)”;
- “ Sou Coordenadora de Projectos, sou a responsável pelo Projecto Comenius. (2.1.1);

- “Em termos aqui da Escola Secundária de Silves sou normalmente... sou eu que os promovo aqui... (3.3.2)”, “Nestes últimos dois projectos... de Desenvolvimento Escolar eu sou Coordenador. (3.3.4)”;
- “Era Coordenador. (5.2.19)”.

Tabela 13 – “Duração dos projectos”

Conteúdos dos indicadores			Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
1 – Duração	Projecto de Línguas	1 ano	2.4.6 - 4.4.20	2	2	1
	Projecto de Escola	3 anos	1.3.11 – 5.3.9	2	2	1
	Projecto de Desenvolvimento Escolar	3 anos	3.3.11	1	1	1
Total				5	5	1

Em relação à duração dos Projectos de Línguas, “Cada projecto tem a duração de um ano... (2.4.6)”;

“É um ano lectivo. (4.4.20)”. Os Projectos de Escola e de Desenvolvimento Escolar têm a duração de “3 anos. (3.3.11)” lectivos.

Quando um dos participantes (Tabela 13) refere “Estes projectos costumam ser anuais (1.3.11)”, ao falar de um Projecto de Escola, quer dizer que, apesar destes projectos terem a duração de três anos, todos os anos é feita uma renovação da candidatura e o título do projecto é diferente de ano para ano.

Tabela 14 – “Características dos projectos”

Conteúdos dos indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
1 – Características dos projectos	Promoção do desenvolvimento de competências linguísticas e das TIC	1.3.9 – 1.3.10 – 2.3.18 – 2.3.19 – 2.4.1 – 2.4.2 – 2.4.3 – 2.4.4 – 2.4.5 - 4.6.24	10	3	3,3
	Promoção da gestão / requalificação da Escola	3.4.9 – 3.4.11 – 5.3.1 – 5.3.2	4	2	2
Total			14	5	2,8

Todos os projectos têm características diferentes, mas podem ser agrupados, segundo os professores (Tabela 14) em dois grandes grupos:

- a) Os projectos cujo objectivo principal é a promoção do desenvolvimento de competências linguísticas e das TIC;
- b) e os projectos que estão mais direccionados para a promoção da gestão / requalificação da Escola.

Assim, constatamos que:

- **No Projecto de Línguas** procura-se desenvolver mais “*a parte linguística (1.3.10)*”, sendo este tipo de projectos considerados “*Uma forma de desenvolver essas tais competências que já falamos anteriormente, portanto, linguísticas (4.6.24)*”. No entanto, “*não é a língua que é mais importante. (2.3.18)*”, pois “*O objectivo em si não é eles falarem bem... Inglês (2.4.1)*”, “*até nem é eles desenvolverem bem o Inglês (2.4.2)*”, mas “*tem a haver com a capacidade de comunicação... (2.4.3)*”, “*de perderem o medo de comunicar (2.4.4)*” ou “*de... cometer erros (2.4.5)*”.
- **O Projecto de Escola** é virado “*mais para o desenvolvimento, portanto, das tecnologias... das tecnologias de informação e comunicação (1.3.9)*”. Um dos professores entrevistados refere que, na “*minha experiência [este tipo de projectos] ensinou-me que poderia trazer mais valências para...tanto para a escola...principalmente para os alunos (5.3.1)*”.

Na opinião, do mesmo professor, a implementação deste tipo de projectos é positiva “*Para a escola se a escola fosse capaz de se organizar e de aproveitar o positivo destes projectos [assim] então poderia reformular uma série de coisas (5.3.2)*”, isto é, “*melhorar em muitos aspectos (5.3.3)*” e “*tornar quase como um hábito, uma... ser normal a partilha com outras escolas, (5.3.4)*. Desta forma estaríamos perante um tipo de Escola que considera importante “*...não estar fechado em si, (5.3.5)*”. Comparando as Escolas Portugueses, o mesmo professor refere o seguinte “*...como acontece muito no nosso país, ...nas escolas, no nosso país. (5.3.6)*”, “*Acontece muitas escolas fecharem-se em si, terem pouca partilha, pouca relação com a comunidade. (5.3.7)*”. Reforça a sua opinião referindo que as escolas não se deveriam fechar sobre si mesmas “*E muito menos com...com as escolas estrangeiras, com escolas que... do mesmo nível, do mesmo nível de ensino, que lhes podem ensinar muita coisa e também podem aprender connosco. (5.3.8)*”.

Segundo a Agência Nacional Sócrates este tipo de projectos, além de tentarem promover a cooperação europeia, devem tentar proporcionar uma oportunidade de se “*explorarem aspectos relacionados com países, culturas, estilos de vida e mentalidades e de aprenderem a compreendê-las e a apreciá-las melhor*”. Devem, também, introduzir novas formas de abordagem dos conteúdos e

constituírem *“uma mais valia para o tradicional processo de ensino e aprendizagem”*.

- **Os Projectos de Desenvolvimento Escolar** *“São mais virados para a gestão da escola, ... Claro. (3.4.9)”*, isto é, *“...sei que são projectos... projectos virados para a... áreas como gestão, administração... desenvolvimento curricular... (3.4.11)”*. São, assim, projectos que se centram mais nas necessidades das escolas enquanto *“estabelecimentos de ensino”*. Têm como objectivos melhorar a gestão escolar e as suas abordagens pedagógicas, possibilitando um intercâmbio de informação e experiências sobre necessidades e problemas identificados em conjunto.

A1.2 – “Parcerias”

Para que cada projecto seja implementado, é necessário procurar escolas parceiras, definir qual será a escola coordenadora do projecto e manter permanentemente contacto. Procurámos identificar quais os países com os quais as escolas do estudo estabeleceram parcerias, qual era a escola coordenadora, como foi escolhida, quais as formas de contacto usadas e qual a língua usada para comunicarem.

Cada projecto estabelece, assim, parcerias com outros países e se o Projecto de Línguas estabelece parceria, normalmente, com um só país, os outros podem estabelecer parcerias com diversos países ao mesmo tempo.

Nos projectos estudados, verificámos que o Projecto de Línguas da Escola E.B. 2,3 João de Deus tem estabelecido parcerias com o mesmo país há muitos anos *“as instituições parceiras dos teus projectos têm sido sempre com a Holanda...Sim, tirando os primeiros com a Inglaterra. (2.18.5)”*. A Escola Profissional de Agricultura do Algarve tem estabelecido parcerias com *“...eu lembro-me, por exemplo, de quando tivemos em Itália... (4.3.13)”* e *“com a Áustria (4.4.9)”*.

Relativamente aos Projectos de Escola, as parcerias foram estabelecidas com os seguintes países: *“Holanda, Finlândia, Suécia, Noruega, Chipre, Polónia, Itália e Espanha (1.13.14)”* e *“Foi com a Alemanha, a Polónia... a Alemanha, a Polónia e Chipre. (5.7.14)”*. A Escola Secundária de Silves teve como escolas parceiras, do Projecto de Desenvolvimento Escolar, *“os nossos parceiros Finlandeses (3.6.10)”*, *“... eu tenho um*



projecto de desenvolvimento escolar onde ... somos cinco ... Portugal, Itália, Alemanha, Irlanda e Finlândia. (3.9.4)”.

Um aspecto interessante, que ressaltou da opinião expressa por um dos participantes, foi uma comparação feita entre o povo Português e, neste caso, o povo Finlandês. Segundo este, os Finlandeses “...têm métodos bastante diferentes dos nossos... [acrescenta que] *se de facto isto [o projecto] na Finlândia, como eu penso ... vai ter um... um impacto bastante grande, [então] se calhar e por tabela se lá houver impacto, sabemos que aqui [em Portugal] as coisas também têm, ...(3.6.11)”. Refere ainda que, “ ... nós os latinos temos uma maneira de fazer as coisas ... e acreditamos muito vezes muito pouco naquilo que estamos a fazer, ...(3.6.12)”, [isto é], “...normalmente... fazemos as coisas mas temos poucas expectativas... (3.6.13)”.*

Em cada projecto, existe uma instituição que é a respectiva Coordenadora. Em relação aos projectos estudados, as instituições coordenadoras eram as seguintes:

- Dos Projectos de Línguas da Escola E.B. 2,3 João de Deus de S. Bartolomeu de Messines, “*É sempre a escola Holandesa. (2.17.14).*”
- Dos Projectos de Escola da Escola E.B. 2,3 João de Deus de S. Bartolomeu de Messines, “*...foi a instituição que ... iniciou este projecto... (1.13.12)”.*
- Do Projecto de Desenvolvimento Escolar da Escola Secundária de Silves, “*Somos nós. (3.9.6)”.*
- Do Projecto de Escola da Escola Dr. Garcia Domingues, “*Era a escola de Chipre. (5.8.3)”, por outras palavras, “...este projecto, as suas... principais linhas partem de uma proposta cipriota que acabou por em conjunto acharmos ser a escola coordenadora deste projecto. (5.8.9)”,*

Constatamos que, de todas as escolas estudadas, só a Escola Secundária de Silves passou pela experiência de ser a Escola Coordenadora.

Tabela 15 – “Razões da escolha da Escola coordenadora”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Histórico do processo	1.13.11 – 1.13.12 – 1.13.13 – 2.18.4 – 5.8.4	5	3	1,6
2 – Inexistência de razão específica	2.18.1– 2.18.2	2	1	2
TOTAL		7	4	1,75

As razões que levaram à escolha destas instituições como coordenadoras, só foram identificadas por 4 dos participantes (Tabela 15) e prendiam-se com dois factores:

- a) **Histórico do processo:** “Foi escolhida logo de início (1.13.11)”, isto é, “...foi a instituição que ... iniciou este projecto... (1.13.12)”, e “ ... como essa escola era sempre coordenadora sempre ficou coordenadora (1.13.13)”. Um professor refere “nós acordamos há... há uns anos atrás... olha é sempre esta. (2.18.4)”, e outro acrescenta “... houve sempre uma escola...uma escola coordenadora... (5.8.4)”.
- b) **Inexistência de razão específica:** “Por nada... (2.18.1)”, pois, “...hoje em dia qualquer uma das escolas pode ser a escola... a escola coordenadora. (2.18.2)”
Um professor refere, ainda, que às vezes “... acaba por ser quase que digamos rotativo (5.8.6)”, “... embora [na sua Escola] não tenha havido tantos projectos que permitisse a todos serem escola coordenadora (5.8.7)”.
- Foi, também, sugerido por um dos entrevistados que, por vezes, não existe “*de facto eu penso que não haja vontade aqui de alguma forma tutelar um projecto desta natureza (3.9.7)*”.

Tabela 16 – “Função da Escola Coordenadora”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Estabelecer os contactos entre as escolas parceiras	1.13.8 – 1.13.10	2	1	2
2 – Proposta do tema a desenvolver	1.13.9 - 1.13.10	2	1	2
TOTAL		4	2	2

Em relação à função que desempenha a escola coordenadora foi referido, por um dos professores (Tabela 16), que a função da escola coordenadora divide-se entre:

- a) **Estabelecer os contactos entre as escolas parceiras** “...*Eles fazem esses contactos (1.13.8)*” com as outras escolas;
- b) **Proposta do tema a desenvolver** “ *depois dos contactos feitos e da aceitação dessas escolas propõe às outras escolas que já fazem parte do projecto (1.13.9)*”, “ *...e as escolas dão a sua opinião sobre (1.13.10)*” a proposta.

O professor entrevistado, da única escola do estudo que foi Coordenadora, referiu que, “ *...se quiseres que te diga eu sou coordenador, mas... de facto quem coordena acaba por ser... acaba por ser uma outra escola (3.9.8)*”, “ *porque eles têm... isto é trabalhamos muito na base do site e o site não é desenvolvido aqui em Portugal é desenvolvido na Itália, (3.9.9)*”, “ *portanto grande parte do trabalho é feito lá (3.9.10)*”. Na opinião do mesmo, “ *o meu papel de coordenação é mais nas reuniões. (3.9.11)*”.

Tabela 17 – “Vantagens em ser uma Escola Coordenadora”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Financiamento atribuído à Escola	5.8.5	1	1	1
2 - Inexistência de vantagens	2.18.3	1	1	1
TOTAL		2	2	1

Se questionarmos quais serão as vantagens (Tabela 17) de uma escola ser a coordenadora não foram identificadas nenhuma. Existe mesmo um professor que refere que, “ *Neste momento não há qualquer vantagem ou desvantagem em ser-se a escola coordenadora (2.18.3)*”.

No entanto, um dos professores, identificou como vantagem o facto de “ *as escolas coordenadoras ... [terem] mais verbas... (5.8.5)*”.

O mesmo realçou, ainda, que “ *...digamos sem termos um historial escolar que nos permita ter estabilidade e que nos permita ter conhecimentos...e...e...uma participação que seja sólida também acabamos por não ter interesse em ser uma escola coordenadora, porque as despesas são muito maiores. (5.8.8)*”.

Tabela 18 – “Forma como são escolhidas as escolas parceiras”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Contactos com Escolas conhecidas anteriormente	5.8.1 – 5.8.2	2	1	2
2 – Contacto directo com uma Escola	1.13.6 – 2.17.8	2	2	1
3 – Contacto com a Direcção Regional	2.17.6	1	1	1
4 – Contacto com o Consulado	2.17.7	1	1	1
TOTAL		6	6	1

O processo de escolha das escolas parceiras é muitas vezes iniciado “no... ano anterior (1.13.7)”, isto é, “o contacto é anterior, (2.17.12)”, à implementação do projecto.

Assim, a forma como são escolhidas as escolas parceiras, pode passar por:

- a) **Um contacto com a Direcção Regional** “Essa primeira... essa primeira escola já trabalhava com... este tipo de projectos e nós pedimos à Direcção Regional na altura que nos indicasse... algumas... algumas escolas (2.17.6)”.
- b) **Um contacto com o Consulado** “...pedimos inclusive também ao Consulado. (2.17.7)” para arranjar um contacto de uma escola parceira.

c) Um contacto directo com uma Escola:

No caso do Projecto de Línguas da Escola E.B 2,3 João de Deus de S. Bartolomeu de Messines, “... contactámos [uma Escola] e a escola estava disposta (2.17.8)”. O conhecimento dessa escola foi feito, segundo uma das professoras, “... pela Escola Agrícola, (2.17.9)”, “portanto conhecemo-nos, eles fizeram um ou dois anos intercâmbio ali (2.17.10)”, e “acabamos por ajudar, gostamos e fizemos o primeiro projecto em conjunto, resultou tão bem que...que continuamos. (2.17.11)”, A mesma professora acrescenta que “... nós efectivamente só tivemos que procurar parceiro uma vez ... (2.17.13)”.

No caso do Projecto de Escola da Escola E.B 2,3 João de Deus de S. Bartolomeu de Messines verificou-se o seguinte: “...a escola coordenadora que faz a... a selecção (...)

[realiza também] ... os contactos com outras escolas... (1.13.6)". Foi, assim, a escola coordenadora, que acabou por realizar um contacto directo com a Escola.

d) Contactos com Escolas conhecidas anteriormente:

Na Escola E. B. 2,3 Dr. Garcia Domingues de Silves, a escolha das escolas parceiras surgiu "Na sequência dos tais conhecimentos anteriores... (5.8.1)", "...foram escolas com que eu já tinha desenvolvido projectos... (5.8.2)".

Tabela 19 – “Formas de contacto”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Formas de contacto:	a) Internet / E-mail	1.4.5 – 1.6.14 – 1.13.16 – 1.13.17 – 2.18.6 – 4.5.8 – 4.5.9 – 5.8.11	8	4	2
	b) Telefone	1.13.15 – 2.18.7 – 5.8.12	3	3	1
	c) SMS	2.18.8	1	1	1
TOTAL			12	9	1,3

As formas de contacto estabelecidas entre as diversas escolas parceiras e os diversos participantes concretizam-se pelo uso do e-mail, como podemos deduzir da leitura da Tabela 19. No entanto, são também utilizados, em segundo lugar, o telefone, e em terceiro lugar, as SMS.

Tabela 20 – “Língua de Comunicação”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 - O Inglês	1.13.18 – 2.3.20 – 2.18.9 – 3.9.5 – 4.3.1 – 4.4.8 – 5.7.15	7	5	1,4
TOTAL		7	5	1,4

Todos os entrevistados (Tabela 20) referiram que os contactos estabelecidos entre as diversas escolas parceiras e os diversos participantes são, sempre, realizados na língua Inglesa.

A1.3 – “Etapas de implementação”

Construir um projecto implica uma organização que passa pela implementação de diversas etapas. Ao longo de todo esse processo, existem etapas motivadoras e enfrentam-se também dificuldades. Procurámos perceber como cada escola organiza os seus projectos, qual é etapa que os professores consideram mais motivadora e quais as dificuldades que sentem.

Em relação às diferentes fases de implementação de qualquer um dos projectos, verificamos que as escolas tentam simplificá-las *“Se bem que segundo o projecto nós deveríamos ter mais etapas, não é? Só que é inviável... é inviável. (2.4.12)”*, e estas coincidem entre todos.

Assim, cada projecto segue, normalmente, as seguintes etapas:

➤ **Arranjar uma escola parceira:**

- *“... o arranjar uma escola parceira quando é o caso disso (4.2.16)”*, *“...é efectivamente arranjar uma escola parceira (4.4.25)”*;
- *“Primeiro temos o contacto com uma escola, (4.4.21)”*, [para verificar] *“...se a escola está ou não interessada (4.4.22)”*.

Os contactos com essa escola *“... podem ser feitos em termos de sites existentes dentro...do... Sócrates... do Sócrates Leonardo, da agência nacional, inclusive... (5.3.11)”* e *“...que podem, que podem permitir... ver que tipo de projecto nos interessa e que depois... estabelecermos o contacto com esses potenciais parceiros (5.3.12)”*

➤ **Negociar o tema do projecto:**

- *“...o negociar os temas de trabalho... (4.2.15)”*, *“...depois enfim negociar o tema de trabalho (4.4.26)”*.

O negociar do tema é importante *“...porque se o tema de trabalho não nos interessar ou se não tivermos alunos daquela... de uma área específica... (4.4.27)”*, *“...portanto não avançamos. (4.5.1)”*, é considerado essencial *“... que essa escola parceira tenha um tema que... que sirva, digamos, às duas realidades, (4.5.2)”*, *“...caso contrário não avançamos. (4.5.3)”*

➤ **Realizar a candidatura:**

- *“A candidatura (1.4.1)”*;
- *“É elaborar a candidatura... (2.3.5)”, “...elaborar a candidatura com os... com os colegas... (2.3.7)”, “A primeira etapa é... a candidatura... (2.4.8)”*;
- *“...faço a candidatura... (3.312)”*;
- *“...as candidaturas, que antes não passavam por mim... (4.2.14)”, “Temos a candidatura... (4.5.4)”*.

➤ **Obter a aprovação da candidatura:**

- *“a aprovação (1.4.2)”*;
- *“...delinear então um projecto para ser aprovado pela...Pela agência. (5.3.14)”*

➤ **Preparar o projecto:**

- *“a preparação do trabalho... (1.4.3)”*;
- *“é evidente que a pessoa já vai falando com os colegas (1.4.4)”*;
- *“É organizar todo... todo o processo... (2.3.8)”*;
- *“...organizar a... a recepção dos...dos alunos e professores (2.3.10)”*;
- *“...marcar as visitas (2.3.11)”*.

Em relação **aos alunos** a preparação do projecto passa por:

- *“...a primeira coisa é realmente falar com eles, dizer-lhes preparem-se porque possivelmente iremos ter um projecto em que vamos trabalhar (4.8.15)”*;
- *“...depois ... há logo a preparação para... envolver as disciplinas... (4.8.16)”*;
- *“...depois há então uma reunião com os pais... (4.8.17)”, “...portanto para falar com eles explicar o que é o projecto, o que vamos fazer, onde é que eles vão dormir, pronto... para explicar tudo.... (4.8.18)”*.

As etapas seguintes nas várias escolas, em alguns casos, como referiu um dos professores, “...*depende um bocado também dos nossos “timings” aqui internos... (4.5.6)*”.

Assim, podemos verificar que em alguns dos projectos seguem-se **reuniões e/ou visitas preparatórias**:

- “...*tem-se mais uma reunião... (1.4.6)*”;
- “... *no caso especificamente deste houve uma visita preparatória... (3.3.13)*”, “...*portanto uma pré - reunião antes de... da execução do projecto...(3.3.14)*”;
- “...*às vezes fazemos visitas preparatórias... (4.5.5)*”, “...*a fase seguinte é ou avançar para uma visita preparatória... (4.5.7)*”, ou, “...*depois... senão houver visita preparatória avançamos então para a visita propriamente dita... (4.5.10)*”;
- “*As etapas, normalmente, são a visita preparatória, onde se definem os contactos preliminares... (5.3.10)*”, “...*e então, marcar uma visita preparatória a partir da qual se estabelecem e, se tenta delinear e ver se realmente é aquilo que interessa a todos os parceiros... (5.3.13)*”.

Noutros projectos, “...*a segunda etapa... é a... preparação para o intercâmbio... (2.4.9)*”, isto é, “...*organizar a ida de intercâmbio... (2.3.9)*” e a “*etapa seguinte são os intercâmbios (2.4.10)*” .

Mesmo, no Projecto de Desenvolvimento Escolar, como refere o coordenador do projecto, “...*já houve intercâmbio neste... neste projecto. (3.4.1)*”, apesar de considerar que o intercâmbio, “... *seja um acessório e não propriamente... não é um objectivo...(3.4.2)*”.

Na maior parte dos intercâmbios “...*normalmente vamos nós primeiro lá... depois é que vêm cá, mas já tem acontecido o inverso... (4.5.11)*”.

De salientar que, para um dos professores, “...*a maior parte do... trabalho recai sempre sobre a altura do... das visitas de intercâmbio... (2.4.7)*”.

Para todas as escolas, após a “...*conclusão do trabalho... (1.4.7)*”, “*a etapa final é a avaliação (2.4.11)*”. No entanto, não existe um só momento de avaliação, como refere um dos professores “...*há uma outra reunião intercalar, onde [se] faz a avaliação do...como o projecto está a... a ser desenvolvido... (1.6.13)*”.

De referir, a opinião de um dos entrevistados, que diz que “...*enfim eu já tenho uma certa experiência... (3.4.5)*”, mas, por vezes “...*nós projectamos as coisas... coisas*

extremamente ambiciosas e depois a consecução daquilo tudo, às vezes torna-se muito... (3.4.6)”, “...senão quase impossível.... (3.4.7)”.

Tabela 21 – “Etapas mais motivadoras”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 - O desenvolvimento do projecto	1.4.8 – 1.4.9 – 1.4.10 – 1.4.11 – 4.5.28 – 4.5.29 – 4.5.30 – 4.5.31 – 4.5.34 – 4.6.1 – 4.6.2 – 4.6.3 – 4.6.4 – 5.3.15 – 5.3.16	15	3	5
2 - A preparação do projecto	3.4.3 – 3.4.4	2	1	2
3 - O intercâmbio	2.4.13	1	1	1
TOTAL		18	5	3,6

Relativamente à identificação da etapa mais motivadora do projecto, todos os professores identificaram a etapa mais motivadora para os mesmos. Podemos concluir ao observar o Tabela 21 que a etapa mais motivadora, referenciada por 3 participantes e com 15 Unidades de Registo foi:

➤ **O desenvolvimento do projecto:**

- *“parte...de desenvolvimento do trabalho (1.4.8)”, isto é, “...naquela parte que estamos a trabalhar com os alunos e os alunos vão fazendo perguntas ...(1.4.9)”,e, “... vai havendo um certo debate (1.4.10)”e “ uma certa conversa sobre o tema do trabalho (1.4.11)”;*
- *“...acompanhá-los dentro de horário lectivo... (2.3.12)” e “...fora do horário lectivo... (2.3.13)”, “...incluindo fim-de-semana.... (2.3.14)”;*
- *“ É interessante mostrarmos o que fazemos. (4.5.28)”, “como é que fazemos (4.5.29)”, “o que é que temos (4.5.30)” e “o que é que somos (4.5.31)”;*
- *“Se calhar a parte mais aliciante é realmente quando estamos lá e não somos acolhedores. (4.5.34)”, pois nessa situação “... Somos os acolhidos e aí não temos que nos preocupar com toda a parte logística... (4.6.1)”, “ ...porque os colegas é que sabem onde é que nos vão levar... (4.6.2)”. São “...os colegas é*

que nos vão mostrar a realidade deles e é aí que realmente é muito mais motivador e fascinante... (4.6.3)”, “...porque vamos conhecer coisas diferentes... (4.6.4)”;

- “O processo. (5.3.15)”, isto é, “O processo de desenvolvimento do projecto (5.3.16)”.

Para dois dos entrevistados, há outras etapas mais motivadoras:

➤ **A preparação do projecto:** “É quando estamos os cinco a trabalhar e a arquitectar o projecto. (3.4.3)”, “ A preparação do projecto. (3.4.4)”

➤ **O intercâmbio:** “ É a do intercâmbio, sem dívida nenhuma (2.4.13)”

No entanto, foi também referido, por um dos professores, que, apesar de motivante, é também, algumas vezes, cansativo desenvolver algumas etapas do projecto. Assim, “...é muito cansativo. (4.5.33)”, “...quando somos escola receptora, acolhedora... (4.5.26)”, “.... porque temos que... estar muito atentos, temos que dar atenção, temos que esquecer tudo o resto e canalizar as nossas energias para ali...(4.5.27)”.

Tabela 22 – “Dificuldades sentidas”

Conteúdos dos indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR / UE
a) Professores		3.7.7 – 3.7.8 – 3.7.9 – 3.7.10 – 3.7.18 – 3.7.19 – 3.7.20 – 3.7.21 – 5.6.9	9	2	4,5
b) Tempo		1.7.3 – 1.7.4 – 1.7.5 – 2.7.29 – 2.7.30 – 2.7.31 – 2.7.32	7	2	3,5
c) Componente financeira		3.7.6 - 4.9.6 – 4.9.7 – 4.9.8 – 4.9.9	5	2	2,5
d) Arranjar uma escola parceira		4.4.23 – 4.4.24	2	1	2
e) Alunos		5.6.10	1	1	1
TOTAL			24	8	3

Foram também identificadas, por todos os participantes (Tabela 22) algumas dificuldades na implementação dos projectos, as quais podem ser agrupadas em cinco grupos:

a) Os professores:

- *“outra das dificuldades é muitas vezes conseguir arranjar gente para trabalhar comigo. (3.7.7)”*;
- *“...o facto de ir lá fora e conhecer coisas novas... (3.7.8)”, “...normalmente as reuniões são de 3 dias, eu saio daqui a uma 5ª feira e regresso no Domingo... (3.7.9)”, “...vais sempre aos mesmos sítios... (3.7.10)”* [a questão da deslocação];
- *“Por outro lado, eu vejo uma dificuldade enorme (...) de disponibilidade... (3.7.18)”*;
- *“mas aqui é uma dificuldade muito tremenda arranjar pessoas que queiram acompanhar o projecto, que queiram levar um grupo de alunos ao estrangeiro, muito difícil. (3.7.21)”*. Na opinião deste professor, isto deve-se ao facto *“...as pessoas... ficam assim um bocado envolvidas naquela desculpa “Oh não tenho família, não... tenho que fazer não... tenho aulas para dar”. (3.7.19)”*, *“...eu percebo que algumas pessoas (...) tenham dificuldades com a língua que sejam de alguma forma tímidas, (3.7.20)”*;
- *“A resistência dos professores. (5.6.9)”*.

b) O tempo para conciliar a implementação do projecto e o facto dos professores também não serem dispensados de todas as actividades lectivas:

- *“talvez a calendarização das actividades (1.7.3)2;*
- *“sobreposição (1.7.4)”*;
- *“ com mais dificuldade a calendarização das actividades. (1.7.5)”*;
- *“uma das grandes dificuldades é a falta de tempo...(2.7.29)”*;
- *“é o tempo necessário para o implementar. (2.7.30)”*;

- *“A segunda é que eu nunca posso prejudicar o normal funcionamento (...) das minhas aulas, mas efectivamente tenho que, em simultâneo, acompanhar (...) o grupo. (2.7.31)”*;
- *“é em termos (...) de tempo, é que tenho que desenvolver as minhas funções habituais e regulares na escola e em simultâneo tenho que dinamizar isto, onde tenho um grupo... um grupo de 13, 14, 15 pessoas que estão dependentes de mim e da minha colega, para tudo. (2.7.32)”*.

c) A componente financeira:

- *“As despesas de socialização. (3.7.6)”*;
- *“Por um lado... é a nível financeiro... (4.9.6)”*;
- *“...porque se não... se não formos financiados pela Agência não temos hipótese, tanto que estava a ver um e-mail de um colega da Áustria que faz exactamente o mesmo... faz um convite para que façamos um projecto através de intercâmbio, com outras turmas, mas sem o financiamento... o financiamento da agência... (4.9.7)”*;
- *“Acontece que não é possível porque nós não temos como. (4.9.8)”*;
- *“É impossível mesmo. (4.9.9)”*.

d) Arranjar uma escola parceira:

- *“...neste momento não temos tido projectos Língua, exactamente porque tem sido um pouco complicado... (4.4.23)”*;
- *“...temos contactado com algumas escolas, só que elas têm... já uma ideia... muito rígida e fixa acerca do tema de trabalho e muitas vezes esse tema não se adequa à nossa realidade e por isso acabamos por não avançar... (4.4.24)”*.

e) Os alunos:

- *“a falta de hábitos dos alunos em desenvolverem trabalhos diferentes daquelas que está no livrinho. (5.6.10)”*.

A1.4 – “Valores”

Tabela 23 – “Valores”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>EU</i>	<i>UR/EU</i>
a) Respeito pelas diferentes culturas e pela diferença	1.4.16 – 2.4.17 – 4.6.5 – 4.6.6 – 4.6.7 – 4.6.10 – 4.6.12 – 4.6.13 – 4.6.15 – 5.3.17 – 5.3.18	11	4	2,8
b) Cidadania Europeia	1.4.14 – 2.4.15 – 4.6.8 – 4.6.9 – 4.6.11	5	3	1,6
c) Tolerância	1.4.13 – 2.4.18 – 4.6.16	3	3	1
d) Igualdade de oportunidades	1.4.12 – 2.4.14	2	2	1
e) A mobilidade	2.4.16	1	1	1
TOTAL		22	13	1,7

Os valores prioritários do programa Sócrates/Comenius (segundo o Manual para as Escolas - Comenius 1 - elaborado pela Comissão Europeia e elementos representantes das Agências Nacionais Sócrates-Comenius) são:

- fomentar “a igualdade de oportunidades” entre todos, incluindo, pessoas portadoras de deficiência;
- e ser uma forma de “luta contra a exclusão social, o racismo e a xenofobia”.

Sabendo que cada projecto assenta em valores e que tenta, sempre, promovê-los, procurámos identificar quais os valores que os projectos elaborados pelas escolas tentaram promover e de que forma é que cada escola os promoveu.

Como referiu um dos professores “...os próprios temas são... como é que hei-de dizer são propícios a isso (1.4.15)”, podemos assim deduzir que, os valores que cada projecto tenta promover, muitas vezes, estão directamente ligados ao tema do projecto.

Os projectos implementados nas diferentes escolas, na sua maioria, assentaram em valores que podem ser integrados em 5 grupos. Ao observarmos a Tabela 23 verificamos

que o valor mais referido foi o “Respeito pelas diferentes culturas e pela diferença”, o que é visível nos 11 indicadores considerados.

Assim, os 5 grupos de valores identificados foram os seguintes (cf. Tabela 23):

a) O respeito pelas diferentes culturas e pela diferença

“...a aceitação de... das diferenças... (1.4.16)”

“...a interculturalidade... (2.4.17)”

“Eu por um lado eu acho que começa sempre pelo valor do respeito pela multicultural... (4.6.5)”

“...o respeito pela cultura do outro... (4.6.6)”

“... uma abertura à cultura do outro... (4.6.7)”

“...essas identidades culturais têm que ser respeitadas... (4.6.10)”

“... acho que eles, eles alunos, ficam muito mais sensíveis ... (4.6.12)”

“...e conseguem perceber muito melhor essa questão... (4.6.13)”

“...pode atenuar algum tipo de sentimento racista, xenofobista etc... (4.6.14)”

“...eu acho que atenua se houver... (4.6.15)”

“Essencialmente humanos. (5.3.17)”

“Estes valores humanos desenvolvem-se em várias vertentes (5.3.18)”

b) A Cidadania Europeia

“ cidadania e cidadania europeia (1.4.14)”;

“...todos aqueles valores que... estão por trás daquilo que é uma União Europeia... (2.4.15)”

“...perceber que realmente partilhamos um espaço comum que é... a Europa... (4.6.8)”

“...mas que temos identidades muito... muito diferentes... (4.6.9)”

“portanto não é agora somos todos europeus e somos todos iguais não passa por aí... (4.6.11)”

c) A Tolerância

“...a tolerância... (1.4.13)”

“...a tolerância... (2.4.18)”

"...se não houver, então alarga horizontes no sentido de perceber o outro... (4.6.16)"

d) A Igualdade de Oportunidades

"a igualdade (1.4.12)"

"Na igualdade de oportunidades... (2.4.14)"

e) A Mobilidade

"...a mobilidade, seja pessoal seja de alunos, ...(2.4.16)"

Um professor referiu, ao fazer uma comparação com as escolas parceiras, que *"penso também que aqueles valores que eu disse há bocado também são os mesmos que eles [os professores estrangeiros] tentam desenvolver nos alunos deles (1.9.14)"*.

No que diz respeito à forma como as escolas tentaram promover os valores, verificámos que um professor é da opinião de que *"nós não os promovemos propriamente... (2.4.19)"*, *"eles acabam por surgir (2.4.20)"*, pois *"nós não fazemos, nesse aspecto, nenhum trabalho prévio... (2.4.21)"*, sendo que *"as situações surgem e nós resolvemo-las de acordo com as... com as necessidades (2.4.22)"*.

O mesmo professor acrescenta, ainda, *"E acho que só pelo facto de eles terem que ficar alojados em casas de... colegas, que têm hábitos de vida (...) completamente diferentes, que se calhar até têm alguns valores completamente diferentes, só por aí...(2.4.23)"*, e, por *"(...) terem que lidar com essas situações no dia a dia...(2.4.24)"*, *"...é aí que vão adquirindo com a prática... (2.4.28)"*. Considera o professor que, em relação à questão dos valores, *"não é nada teórico [mas] surge (2.4.29)"*.

É, também, salientado que as aquisições de valores são *"...monitorizados por nós... (2.4.25)"*, *"...porque nós estamos lá sempre ...(2.4.26)"*, *"...a tentar corrigir alguma coisa que nos pareça menos bem... (2.4.27)"*,

De salientar que o professor responsável pelos Projectos de Desenvolvimento Escolar refere que *"eu não sei se eles assentam em sistemas de valores (3.4.10)"*.

A1.5 – “Objectivos”

Tabela 24 – “Objectivos”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
a) Desenvolvimento das competências linguísticas	2.5.1 – 2.5.2 – 2.5.3 – 4.6.17 – 4.6.18 – 4.6.19 – 4.6.20 – 4.6.21	8	2	4
b) Fomentar experiências pessoais	4.6.26 – 5.4.6 – 5.4.7 – 5.4.8 – 5.4.9 – 5.4.10 – 5.4.11	7	2	3,5
c) Desenvolvimento das competências das TIC	1.5.6 – 1.5.7 – 1.5.8 – 2.5.5 – 2.5.6	5	2	2,5
d) Motivação	4.6.22 – 4.6.23 – 5.4.3 – 5.4.4 – 5.4.5	5	2	2,5
e) Aceitação das diferenças	1.5.13 – 4.6.25 – 4.6.27 – 4.6.28	4	2	2
f) Desenvolvimento da escola	3.4.13 – 3.8.2 – 5.4.12 – 5.4.13	4	2	2
g) Desenvolvimento da tolerância	1.5.11 – 1.5.12 – 2.5.4	3	2	1,5
h) Igualdade de oportunidades	1.5.10	1	1	1
TOTAL		37	15	2,5

No que diz respeito aos objectivos dos projectos implementados, realçamos a afirmação de um dos professores entrevistados que, salienta que, por detrás de cada projecto, “... há um *objectivo* muito... muito bem definido... (3.8.1)”.

Observando a Tabela 24, podemos inferir que, muitos dos objectivos destes projectos, acabam por estar ligados aos valores, pois assentam “...quase tudo a nível dos...dos valores (1.5.14)”. Os objectivos podem variar de escola para escola e, muitas vezes, acabam por estar interligados.

Em relação ao modo como os objectivos das diferentes escolas foram definidos, verificamos que, como foi referido por um dos participantes, “Somos nós... [que definimos os objectivos] em reuniões das escolas (1.5.15)”.

Foi ainda acrescentado, por outro professor, que “...eu pessoalmente, antes de participar nestes projectos, depois de iniciar os contactos... submeto [os objectivos] à aprovação do Conselho Pedagógico [e do] Conselho Executivo... (5.4.14)”, “...tento conversar com eles e verificar dos objectivos e se realmente interessa... (5.4.15)”. O mesmo professor procura, sempre, “... tentar dar uma abertura... [para] que as coisas [os objectivos] sejam desenhadas em conjunto e não pelo coordenador. (5.4.16)”.

Ao debruçarmo-nos sobre os projectos estudados, verificamos que os mesmos tiveram os seguintes objectivos:

- a) promover nos alunos o desenvolvimento das competências linguísticas e das TIC, ao proporcionar ao aluno, a possibilidade “...de passar por uma série de... contactos, ...aprendizagens que normalmente não lhes seriam possíveis...(5.4.2)”;
- b) promover um intercâmbio de experiências, uma vez que, “...estes projectos (...) lhes permitem realmente aceder a uma série de experiências, (5.4.1)” e trazer algo de novo, em termos pessoais, para todos os participantes;
- c) promover a aceitação de culturas diferentes;
- d) fomentar o desenvolvimento da escola;
- e) contribuir para o aumento da motivação dos alunos face ao processo de ensino – aprendizagem, face à escola e face à vida pessoal;
- f) a promoção da igualdade de oportunidades e da aceitação das diferenças;
- g) contribuir para o desenvolvimento da tolerância.

No caso do Projecto de Desenvolvimento Escolar, o objectivo passava, naquele momento, por certificar a escola a nível da Gestão e Qualidade.

A1.6 – “Temas”

Tabela 25 – “Temas”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>EU</i>	<i>UR / UE</i>
a) O Meio Ambiente	2.5.11 – 2.5.12 – 2.5.13 – 2.5.19 – 4.4.10 – 4.4.11 – 4.4.12 – 4.4.13 – 4.4.14 – 4.4.15 – 4.4.16 – 4.4.17 – 4.4.18 – 5.4.18	14	3	4,6
b) O Respeito pelas diferenças	3.5.1 – 3.5.2 – 3.5.3 – 3.5.4 – 3.5.5 – 3.5.6 – 3.5.7 – 3.5.8 – 3.5.9	9	1	9
c) Povos: Alimentação e Habitação	5.5.12 – 5.5.13 – 5.5.14 – 5.5.15 – 5.5.16 – 5.5.17 – 5.9.22	7	1	7
d) A História	1.5.3 – 2.5.14 – 4.4.3 – 4.7.1 – 4.7.11 – 4.7.12	6	3	2
e) A Cultura	2.5.15 – 4.7.4 – 4.7.5 – 4.7.6 – 4.7.7 – 5.4.17	6	3	2
f) A Deficiência Física	1.4.17 - 1.4.18	2	1	2
g) O Desporto	2.5.16 – 2.5.17	2	1	2
TOTAL		46	13	3,5

Ao debruçarmo-nos sobre a forma como os temas são decididos verificamos que estes começam por ser discutidos, ou seja, “...*Os temas... normalmente são conversados (5.4.19)*” e decididos em comum com as escolas participantes. Normalmente, “ (...)*é feito uma reunião... (1.4.22)*”, isto é, “ (...)*as escolas reúnem-se (1.4.23)*” e “...*avança-se um tema (1.4.24)*”. Verifica-se que “...*normalmente já as pessoas trazem vários temas (1.4.25)*” e, quando se chega a acordo, “...*nós temos um tema de trabalho em conjunto... (4.4.2)*”.

Podemos, também, inferir que, a escolha dos temas, tenta sempre ir de encontro aos valores e objectivos dos diferentes projectos. Por vezes, os temas, também, vão de encontro a datas comemorativas, a um determinado curso ou a uma área sócio-cultural, como podemos deduzir ao analisar as seguintes afirmações: “*como a Europa às vezes faz o ano... europeu... por exemplo do deficiente... (1.5.1)*”, “...*nós tentamos que o tema vá para esse... tipo de... de comemoração (1.5.2)*” ou também “...*nós ficamos sempre de fazer uma trabalho que vá de encontro a um curso específico ou que vá de encontro a uma área sócio -cultural... (4.7.3)*”.

Outro aspecto, que é referido, é a preocupação em integrar o tema, a ser trabalhado, numa disciplina, comum às diferentes escolas. Quando isto não se verifica, pode acontecer o seguinte “...*eles também não têm a disciplina de História, então não tavam assim muito motivados para o trabalho... (4.7.2)*”.

Quando questionados em relação aos conteúdos que os temas abordam, foi referido por um dos professores que “*Conteúdos de disciplinas praticamente nenhuns (1.5.4)*”, “...*são mais aqueles a nível de valores de atitudes (1.5.5)*”, mas “...*a competência linguística, vai sempre (1.5.6)*”, “...*os alunos vão sempre melhorar a competência linguística (1.5.7)*” e “...*fundamentalmente a nível das TIC... (1.5.8)*”. No entanto, outros professores referem que os temas podem ser enquadrados nos conteúdos das “ (...)*mais variadas. (5.4.22)*”, disciplinas, e que “...*todas as disciplinas podem ser enquadradas... (5.4.24)*”, “ (...)*dependendo do tema... (2.5.18)*”, “*Isso é de acordo com cada tema. (5.4.23)*” escolhido. Apesar do tema ser importante para um projecto, há um professor que realça o seguinte: “...*normalmente tenta-se que os títulos tenham alguma..., algum impacto... (5.4.20)*”, pois “*o título também é importante [e] não só o conteúdo do próprio projecto. (5.4.21)*”.

Há uma preocupação em escolher temas que sejam apelativos, fáceis de trabalhar por qualquer professor e onde todas as disciplinas podem ser incluídas, como podemos deduzir ao analisar as seguintes afirmações: “...os temas já foram... já foram vários (2.5.7)”, “Normalmente nós tentamos arranjar uns temas que sejam fáceis de trabalhar por qualquer... professor... (2.5.8)”, “...também não posso escolher temas que sejam demasiado complicados... (2.5.9)” e “... cuja área eu não domine tão... tão bem (2.5.10)”.

Ao observarmos a Tabela 25, podemos concluir que, os temas trabalhados nos projectos analisados se inseriram nos seguintes grupos: O Meio Ambiente, O Respeito pelas Diferenças, Povos: Alimentação e Habitação, A História, A Cultura, a Deficiência Física e o Desporto.

São exemplos de temas trabalhados os seguintes:

➤ **O Meio Ambiente:**

- “ a forma como em Portugal e nos Países Baixos se lida com... ou com o excesso de água ou com a falta de água (2.5.12)”;
- “nós vimos como é que eles fazem, como é que... purificam a água, como é que a água era distribuída, por exemplo em Viena, pronto e vimos tudo isso... (4.4.17)”;
- “... planejar um ambiente condigno... (5.4.18)”.

➤ **O Respeito pelas Diferenças:**

- “...eles são muito virados para a inclusão... de... de... diferentes grupos sociais... (3.5.1)”, ou seja a, “ ... inclusão de minorias ...(3.5.2)”, e a “...inclusão de grupos sociais desajustados... (3.5.3)”.

➤ **Povos – A Alimentação e a Habitação:**

- “...no primeiro ano fizemos um estudo da forma de viver nos diversos países... desde os séculos mais remotos... o tipo de construção das casas... (5.5.12)”;

- “...a alimentação, a influência dos hábitos de... das... daquelas chamadas... da comida... da alimentação moderna... da Fast food... (5.5.13)”;
- “ ...tratamos sobre a questão do tabaco, do fumo na adolescência... (5.5.14)”;
- “falamos também sobre as “agua pops”, são aquelas bebidas tipo vodka com limão... (5.5.15)”;

➤ **A História:**

- “...história da Europa (1.5.3)”;
- “os alunos... da Áustria e os nossos portugueses fizeram um trabalho para avaliar o impacto, dois anos depois da introdução da moeda, do euro (4.4.3)”;
- “a Inquisição e a prática de Bruxaria durante o século XVI, em Portugal e em Itália (4.7.1)”;

➤ **A Cultura:**

- “trabalhos relacionados com Cultura (2.5.15)”;
- “ uma troca de informação sobre as lendas das duas localidades diferentes (4.7.7)”;

➤ **A Deficiência Física:**

- “ fomos investigar todos os sítios que... por exemplo tinham incompatibilidade para uma pessoa de cadeira de rodas (1.4.18);

➤ **O Desporto:**

- “os valores no Desporto. (2.5.17)”.

A1.7 – “Actividades”

Tabela 26 – “Actividades promovidas na escola”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>EU</i>	<i>UR/ UE</i>
a) Análise e tratamento de dados	3.5.10 – 3.5.11 – 3.5.12 – 3.5.17 – 4.4.6 – 4.7.13 – 5.9.10 – 5.9.11 – 5.9.12 – 5.9.13 – 5.9.14 – 5.9.15 – 5.9.16 – 5.9.18	14	3	4,6
b) Utilizar a Internet	1.5.18 – 2.6.1 – 2.6.7 – 2.6.8 – 2.6.9 – 2.6.10 – 2.6.11 – 4.5.14 – 4.5.15 – 4.5.16	10	3	3,3
c) Inquéritos	2.6.15– 3.5.14 – 3.5.15 – 3.5.16 – 3.5.18 – 3.11.3 – 3.11.4 – 4.4.4 – 4.4.5 – 5.9.9	10	4	2,5
d) Actividades lúdicas	2.6.3 – 2.6.4 – 2.6.5 – 2.6.6 – 2.6.16 – 2.6.17 – 2.6.18 – 3.11.2 – 3.11.5	9	2	4,5
e) Treinar a oralidade	2.5.23 – 2.5.24 – 2.5.25 – 2.5.26 – 2.5.27	5	1	5
f) Debates	1.4.18 – 1.4.19 – 1.4.20 – 1.4.21	4	1	4
g) Entrevistas	1.5.16 – 1.5.17 – 2.6.14	3	2	1,5
h) Intercâmbios	2.3.3 – 2.3.4	2	1	2
i) Fotografia	2.6.12	1	1	1
j) Tradução	4.5.25	1	1	1
TOTAL		59	19	3,1

No decorrer dos projectos, são promovidas diversas actividades. Cada actividade planeada “...*depende mais uma vez [também] do tema... (2.6.2)*”. As actividades podem ser planeadas localmente, no âmbito das instituições participantes, como também podem incluir a mobilidade de professores e de alunos “ *e fizemos logo o primeiro intercâmbio*” (2.3.3)”.

Os alunos que participam em Projectos de Línguas participam em Intercâmbios que têm normalmente a duração de uma 14 dias. Quando se deslocam a um país estrangeiro ficam em casa de famílias, participam em actividades na escola e fazem visitas de estudo. Quando os alunos do país estrangeiro se deslocam a Portugal os alunos portugueses recebem-nos em suas casas “...*eles, normalmente, durante os fins-de-semana ficam em casa de famílias... (4.5.18)*”, fazem visitas de estudo, isto é, “...*eles também se esforçam para ir mostrar aquilo que é o país deles... (4.5.22)*”, “...*a cultura deles... (4.5.23)*” e trabalham na escola.

Como podemos observar na Tabela 26, as actividades promovidas na escola, **dentro da sala de aula**, traduzem-se no seguinte:

- treinar a oralidade “...*Actividades lá com os... os colegas dentro... dentro da sala de aula... (2.6.13)*”, “ *em termos de revisão da oralidade (2.5.24)*”, “...*de pequenas...perguntas (2.5.25)*” e “...*frases (2.5.26)*”, de “...*vocabulário [na língua inglesa] que eles já deviam conhecer e que já deram e que normalmente não se lembram e que vão ser fundamentais para o dia a dia...(2.5.27)*”;
- debates;
- tradução de textos;
- utilização da Internet para se realizarem pesquisas e estudos. Por exemplo: em alguns projectos os alunos:
 - a) “...*fizeram estudos ao nível dos gastos...dos gastos energéticos da escola... (5.9.10)*”;
 - b) “...*dos gastos de água... (5.9.11)*”;
 - c) “...*de formas de reduzir os gastos... (5.9.12)*”;
 - d) “...*instalação de novas torneiras... (5.9.13)*”;
 - e) “...*instalação de novos interruptores... (5.9.14)*”;
 - f) “...*fizemos uma tentativa de saber...como é que se poderia modificar, por exemplo, o aquecimento ao nível da água do...para a Educação Física... (5.9.15)*”;
- troca de e-mails “*portanto algumas horas de trabalho na sala de Informática*” (4.5.16);
- pela leitura e pela análise e processamento de dados “...*depois de prontos nós temos um site e aí, portanto, são metidos todos os dados no site e o próprio site encarrega-os de os processar... (3.5.17)*”.

Fora da sala de aula, as actividades dividiram-se entre:

- a realização de entrevistas “...*e fizemos as entrevistas e perguntamos quais eram as dificuldades que eles encontravam na vila para desenvolver as suas actividades... (1.5.17)*”;

- a realização de inquéritos a professores, encarregados de educação, alunos e também, algumas vezes, aplicados às populações locais;
- o uso da fotografia;
- a leitura, a análise e o processamento de dados “...depois de prontos nós temos um site e aí, portanto, são metidos todos os dados no site e o próprio site encarrega-os de os processar... (3.5.17).
- a realização de visitas:
 - a) “Normalmente fazemos visitas a locais de interesse relacionados com o... o tema... (2.6.3)”;
 - b) “... fomos visitar os Delta Works que é o sistema de controlo da subida e descida do nível de água que eles têm, ver os moinhos... (2.6.4)”;
 - c) “Depois... de realizarmos as visitas quer aqui quer no outro país...(4.5.24)”.
- a organização de eventos e de actividades lúdicas, tais como festas e passeios.

Verificamos, também, que, em relação aos Projectos de Desenvolvimento Escolar, as actividades realizadas “...têm muito a ver com a melhoria da escola... (3.5.13)”.

O trabalho realizado em consequência das actividades propostas é considerado um trabalho útil, como podemos depreender das seguintes palavras “...deu para fazer um trabalho... rico, digamos assim, e... e proveitoso. (4.4.7)”.

Ao longo da realização das actividades, existe um “ (...) acompanhamento muito próximo, portanto, tanto da nossa parte de professores como dos alunos... (4.5.17)”.

A1.8 – “Produtos finais”

Tabela 27 – “Produtos finais”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>	<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
a) Valorização do espaço escolar	3.8.6 – 3.8.7 – 5.5.10 – 5.5.11 – 5.8.13	5	2	2,5
b) Brochuras / panfletos / calendários	1.6.4– 2.6.25 – 5.5.18	3	3	1
d) Produção de CDs	1.6.2– 1.6.3	2	1	2
e) Livros	2.6.24– 5.5.19	2	2	1
f) Página WEB	1.6.1	1	1	1
TOTAL		13	9	1,4

É importante que exista um produto final de cada projecto para que se possa dar a conhecer à escola e à comunidade envolvente os resultados do projecto. O produto final “... depende (2.6.26)” da escola, do tema, dos objectivos, enfim, da especificidade de cada projecto.

As escolas, deste estudo, deram a conhecer os resultados dos seus projectos de duas formas “*Até agora tem sido em suporte de papel... (4.8.2) e “...digital... (4.8.3)”*”.

São exemplos dos mesmos a produção de Websites, CDs, livros, brochuras, panfletos e calendários, como podemos deduzir das seguintes afirmações:

- “...produzir uma página web... (1.6.1)”;
- “...fazemos CDs... (1.6.2)”, “...produzimos sempre em duas línguas... (1.6.3)”;
- “Livros, (2.6.24)”, “...fizemos um pequeno livro de receitas tradicionais que foram escolhidas de vários países para fazer uma pequena brochura... um pequeno livrinho... com receitas tradicionais de cada país... (5.5.19)”;
- “... produzimos brochuras(1.6.4)”, “...panfletos... (2.6.25)”, “...produzimos um calendário comum, com desenhos feitos pelos alunos nas próprias...nas escolas...(5.5.18)”.

Nas escolas da Cidade de Silves, conforme podemos verificar ao observar a Tabela 27, os produtos finais, resultantes dos Projectos de Escola e de Desenvolvimento Escolar, foram mais voltados para a valorização do espaço escolar, a saber:

- “nas casas de banho dos alunos nós temos um sistema de verificação rotineiro (3.8.6)”, “Tem lá um relógio e diz esta casa de banho foi vista, e uma lista e a pessoa que vai limpar a casa de banho tem que assinar onde diz que verificou isto e aquilo (3.8.7)”;
- “nós no decurso deste projecto, fizemos uma pequena horta de... de ervas aromáticas e ervas de ...chás... (5.5.10)”, “foi a escola que pagou o sistema de rega, o... foí a escola que tratou do protocolo com a Câmara para... para tratar o terreno... (5.5.11)”;
- “...essa escola alemã, ...o seu principal objectivo foi montar na escola uma central foto voltaica... (5.8.13)”.

A implementação deste tipo de projectos, na Escola Secundária de Silves, fez com que a escola iniciasse o processo de auto-avaliação “...nós começamos com as... com auto-avaliação na escola por via deste projecto, (3.8.3)”. O mesmo professor refere ainda que “...e portanto há melhorias... há melhorias objectivas na escola por via dos projectos implantados, (3.8.4)”, pois, “... há muita coisa que já se fez aqui que decorreu devo-te dizer directamente de ideias colhidas... (3.8.5)”.

De referir que “...os resultados finais [dos trabalhos realizados] são feitos pelos alunos [acompanhados pelos professores], mas sempre com a questão do... Inglês. (4.4.19)”. Por outras palavras, o trabalho final é sempre realizado em Inglês, sendo esta a língua de comunicação entre as diferentes escolas que participam no projecto.

A1.9 – “Recursos”

Tabela 28 – “Recursos materiais”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
a) Materiais	Informáticos (computador...)	1.5.19 – 2.6.20 – 2.6.23 – 4.8.1	4	3	1,3
	Comunicações	2.7.13 – 2.7.15	2	1	2
	Gravador	1.5.20	1	1	1
	Máquina fotográfica	1.5.21	1	1	1
	Adereços	2.6.22	1	1	1
TOTAL			9	7	1,3

Para se implementarem estes projectos, são indispensáveis determinados recursos, os quais se dividem, normalmente, em recursos materiais, financeiros e um apoio extra de algumas instituições, das escolas, dos pais e, quando necessário, em casos de verdadeira necessidade, o que é raro, dos próprios professores.

Os recursos materiais necessários, para cada projecto, "*Depende do... depende do trabalho... (2.6.19)*", "*(...) é como digo... depende da especificidade do projecto (4.7.17)*" planificado.

Se nos debruçarmos sobre **os recursos materiais**, aos quais os projectos estudados recorreram, visíveis na Tabela 28, estes passaram muitas vezes pelo recurso a materiais que já se encontravam disponíveis nas escolas "*... materiais que às vezes até já existem na escola (1.5.22)*", tais como, recursos informáticos "*...o computador (1.5.19)*", gravadores, máquinas fotográficas e adereços (roupa).

No que diz respeito aos **recursos financeiros**, o principal montante para financiar o projecto é fornecido pela "*Agência Nacional para os Programas Comunitários Sócrates e Leonardo Da Vinci*". Em relação ao financiamento total, a que cada instituição tem direito, como salientou um dos professores, "*...até agora havia... havia duas franjas, uma que era a tal fatia... que era variável, [e]... o volume fixo (3.6.15)*". Ou seja:

- um montante fixo (*destinado a cobrir os custos elegíveis do projecto*);
- um montante variável (*para prover as despesas elegíveis relativas à mobilidade transnacional*).

No **montante fixo** são elegíveis as despesas relativas:

- "*à preparação linguística de pessoal e alunos*";
- "*despesas nas actividades do projecto*";
- "*tradução*";
- "*documentação*";
- "*Software*";
- "*administração em geral*";
- "*outros*". Como referiu um dos professores "*... porque aí também entram as comunicações ... (2.7.13)*", "*...entra qualquer outro... qualquer material que seja necessário... (2.7.14)*", "*... incluindo comunicações e comunicações há... imensas (2.7.15)*".

O montante fixo para as Escolas Coordenadoras não excede os dois mil euros. Para as instituições parceiras “*Há um montante fixo. (2.7.10)*” máximo, e “...*nós [as escolas] candidatamo-nos sempre ao montante máximo que eram 1500... 1500 euros... (2.7.11)*”.

Como referiram alguns dos entrevistados, reforçando o que foi dito anteriormente, “*O orçamento está praticamente... definido (1.6.18)*”, “... *quando fazemos a candidatura... temos um plafon máximo (1.6.19)*”, mas “...*facilmente se chega lá (1.6.20)*”, pois, “...*facilmente se chega aos 1000 euros... (1.6.22)*” devido à “...*necessidade de alguns materiais... (1.6.21)*”.

O **montante variável** é destinado a “*subsidiar a mobilidade transnacional de alunos e professores*” e contribuirá, também, para “*despesas de viagem, seguro de viagem e subsistência*”.

Como referiu um dos professores, “...*é tudo sem muita certezas... (4.9.1)*”, “... *como o montante variável é realmente variável faço [a proposta do montante variável] em função do... do preço em vigor... do preço de avião em vigor na altura em que faço a candidatura... (2.7.16)*”, acontece, também, que “...*por vezes acrescento mais... qualquer coisa para garantir... (2.7.17)*” [que não faltará dinheiro] “...*sabendo que posso sempre devolver caso não o gaste todo... (2.7.18)*”.

Foi ainda acrescentado, por um professor, que a forma utilizada para chegar ao valor do montante variável necessário é a seguinte: “...*eu costumo ir às tabelas que vêm no próprio formulário, identificar o país a que nos vamos deslocar e fazer as contas por... professores, alunos, pedir um... um orçamento à agência de viagens, também para ter uma ideia ... (4.9.2)*” [e, depois o montante variável] “...*é calculado a partir desses valores. (4.9.3)*”. Para fazer cálculos sobre o material necessário à execução do projecto, encontramos a seguinte opinião: “*Acerca do material... que vai ser necessário peço ali na Secretaria, que me digam... que me digam mais ou menos o valor daquilo que nós poderemos gastar. (4.9.4)*”, por outras palavras, “... *faz-se uma avaliação daquilo que é necessário fazer... (3.6.14)*”.

Assim, além do financiamento cedido pela Agência Nacional, em algumas situações os pais, também, contribuem financeiramente, como podemos depreender ao analisar as seguintes palavras:

“*Dos pais que dão sempre alguma... alguma contribuição*” (2.7.19), “...*portanto os...os pais dão sempre... (2.7.22)*”, “...*contribuem sempre com qualquer coisa. (2.7.23)*”, “*Tendo sempre em atenção... os pais contribuem de forma... de forma diferente... (2.7.24)*” de acordo com as suas possibilidades económicas, “... *há quem contribua mais e*

quem contribua menos” (2.7.25)”, “Nós [os professores e a escola] temos sempre em atenção ... (2.7.26)”, a “...situação familiar do aluno” (2.7.28)”, “... obviamente, não vamos deixar cá um aluno por não ter... recursos... (2.7.27)”.

Foi referido por um dos professores que, por vezes, a própria Escola também contribui, ao referir o seguinte: “...existe também a participação por parte da escola... (5.5.7)”, “Também pela escola. A escola também participa... (5.5.8)”, e a forma como o faz, passa por “...participar com material de execução, material de trabalho no dia a dia ... (5.5.9)”.

Tabela 29 – “Apoio financeiro extra”

Conteúdos dos indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
A) Apoio financeiro extra	A Escola	5.5.7 - 5.5.8- 5.5.9	3	1	3
	Pessoas conhecidas	3.7.2 – 3.7.4	2	1	2
	Instituições	3.7.1	1	1	1
	Os próprios professores	3.6.1	1	1	1
TOTAL			7	4	1,8

Em relação à obtenção de algum apoio financeiro extra, como podemos deduzir ao observara a Tabela 29, as opiniões diferem. Dois professores afirmam que “Normalmente não... (1.6.24)”, “...Não. (4.9.5)”, “Não conseguimos (1.6.23)” outros apoios financeiros e “Nem sentimos muita necessidade (1.7.1)”, pois “... não tem havido deficiências de funcionamento do... do projecto por falta de dinheiro (1.7.2)”, por exemplo, “...agora neste [projecto]... basta por si só a verba dada pelo... pelo próprio projecto... é suficiente. (3.6.2)”. Ou houve, também, quem referisse que, por vezes, recorreu a “...alguns conhecimentos” (3.7.4)”, porque “...porque o projecto depois não... não contempla as actividades lúdicas... (2.7.20)”, ou seja, “...não contempla muita coisa.... (2.7.21)”.

Foi também referido por um só professor que por vezes é necessário recorrer a “... nós próprios” (3.6.1).

Podemos concluir que, em relação a um apoio económico extra, é opinião geral que é difícil conseguir-se, apesar desse apoio ser por vezes necessário “... porque existem muitas coisas que se fazem com estes projectos que não são... não é matéria elegível... (3.6.17)” e que “muitas vezes se prende com as tais despesas de socialização... (3.6.18)”.

No entanto, o plafond disponibilizado pela Agência Nacional, na opinião dos professores, é “... suficiente sem ser... (3.6.16)”.

Uma preocupação, que se verifica agora com a implementação de novos projectos, salientada por um professor, foi a seguinte “...nas próximos candidaturas tendo em conta que os montantes agora são diferente, e são um todo e implicam um mínimo de mobilidades... tivemos que diminuir... o número de alunos para que o dinheiro chegue.... (2.11.16)”.

A1.10 – “Divulgação”

Um dos aspectos importantes de cada projecto é a forma como a escola o divulga, partilha e difunde. Pretende-se que essa divulgação seja feita da forma mais ampla possível, quer na Escola quer no Meio Envolverte.

Assim, verificamos que, em cada uma das escolas do estudo a divulgação dos projectos foi feita, em primeiro lugar, em Conselho Pedagógico, através do Coordenador de Projectos, que deu conhecimento do mesmo. Esta informação foi posteriormente transmitida a todos os professores da Escola nas reuniões de Departamento ou de Grupo. No Conselho Pedagógico, está presente um Representante da Associação de Pais que, também, toma conhecimento da existência do projecto.

Tabela 30 – “Divulgação na Escola”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
a) Divulgação na Escola	1 – Sites /página do site da escola	1.6.8 – 1.6.9 - 2.6.30 – 2.6.31 – 2.6.32 – 3.6.3 – 3.6.4 – 3.6.6 – 3.6.7	9	3	3
	2 – Trabalhos realizados	1.6.7 – 1.6.10 - 2.7.1 – 2.7.2 – 2.7.3	5	2	2,5
	3 – Alunos / Professores	4.8.4 – 4.8.19 – 5.6.2	3	2	1,5
	4 – Reunião do Conselho Pedagógico	1.6.5 – 1.6.6	2	1	2
	5 – Jornal da Escola	4.8.20 – 5.6.1	2	2	1
TOTAL			21	10	2,1

Na **Escola**, a divulgação dos projectos, também, é realizada do seguinte modo:

- através dos alunos que participam nos projectos;

- através da presença na escola de professores e alunos estrangeiros;
- através da realização de jantares de convívio;
- através da afixação de trabalhos e fotografias, alusivos ao projecto;
- através do recurso às novas tecnologias, por exemplo, através de um site de divulgação ou da página do site da escola, sendo este um dos meios utilizados por 3 dos entrevistados, conforme se pode observar na Tabela 30;
- através do Jornal da Escola, tendo sido este dos meios utilizados por duas das escolas.

Tabela 31 – “Divulgação na Comunidade Envolvente”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
a) Divulgação na Comunidade Envolvente	1 – Jornal Local	3.6.8	1	1	1
	2- Rádio local	3.6.9	1	1	1
	3 – Encontros sobre a Educação	2.6.29	1	1	1
	4 – Alunos	1.6.11	1	1	1
TOTAL			4	4	1

Na **comunidade envolvente**, de acordo com as seguintes afirmações, podemos deduzir que o projecto foi divulgado:

- através do Jornal Local “...para fazer a divulgação do projecto, penso também através do jornal “Barlavento... (3.6.8)”;
- através da Rádio Local, “...uma rádio local, que também vai servir para fazer alguma divulgação... (3.6.9)”;
- na Fissul (Fórum de Educação e Desporto realizado no Algarve da responsabilidade das Escolas do Concelho de Silves, que decorre todos os anos entre Maio e Junho)
- através da presença de alunos estrangeiros na freguesia “... quando temos aqui intercâmbios com os outros países... toda a gente fica a saber que existe... (1.6.11)”.

Um aspecto interessante, que ressaltou da análise das afirmações de um dos professores, foi o facto do mesmo considerar que, após treze anos de implementação de

projectos em S. Bartolomeu de Messines, “...não há necessidade de fazer uma divulgação muito... (2.6.27)”, “...grande... (2.6.28)”, “...porque o projecto já é mais que... conhecido pela comunidade envolvente. (2.6.29)”.

A1.11 – “Avaliação”

Tabela 32 – “Como é obtida a Avaliação”

Conteúdos dos indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
1 – Como é obtida a avaliação?	a) Diálogos	5.6.5– 5.6.6– 5.6.7– 5.6.8	4	1	4
	b) Observação directa	5.6.3	1	1	1
	c) Entrevistas	5.6.4	1	1	1
TOTAL			6	3	2

Em relação ao modo como as escolas avaliam o progresso do projecto e o seu impacto nos participantes, podemos concluir, ao observar a Tabela 32, que “Essa avaliação é feita... pelas próprias escolas quando se reúnem... (1.6.12)” e é obtida através de três formas:

- “...com conversa com os alunos no final...no final de cada um do projecto... (5.6.5)”; com “...os professores participantes no projecto... (5.6.7)” e com “...o Conselho Executivo... (5.6.8)”;
- por observação directa;
- e através de entrevistas.

A avaliação é realizada em reuniões, que acontecem ao longo da implementação do projecto, com os diferentes parceiros e na reunião final do projecto, como podemos deduzir das seguintes afirmações: “ É feita também nessa reunião final (1.6.15)” e “A avaliação é obrigatória como tu sabes... eu faço na última reunião... faço a avaliação do projecto. (3.14.11)”.

Tabela 33 – “Onde é que a Avaliação é registada”

Conteúdos dos indicadores			Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
1 – Onde é registada a avaliação?	a) Documentos oficiais	1 – Acta do Conselho Pedagógico	1.6.16 – 1.6.17 - 2.7.5 – 2.7.8 - 2.18.10 - 3.14.12 - 5.14.12	7	4	1,8
		2 – Documentos da Agência Nacional	2.7.6 – 2.7.7 – 2.7.9 - 4.8.14	4	2	2
		3- Relatório de Coordenação de Projectos	2.7.4 - 2.18.11	2	1	2
		4 – Plano de Actividades	3.14.10 – 5.14.11	2	2	1
	b) Em dossiers guardados na secretaria		5.14.9 – 5.14.10	2	1	2
TOTAL				17	10	1,7

A avaliação dos projectos, de acordo com a Tabela 33, é registada em vários documentos, a saber:

- no Plano de Actividades;
- no relatório da Coordenação de Projectos “...é feita na avaliação que eu faço no meu relatório de ... de coordenação de projectos ...(2.7.4)”, que depois é dada a conhecer na reunião do Conselho Pedagógico;
- “É [também registada] nos documentos próprios da agência nacional... (2.7.7)”, isto é, quando se preenche o Relatório de Actividades solicitado pela Agência Nacional.

Todos os documentos inerentes aos projectos costumam ficar arquivados em dossiers “Temos ali um dossier próprio... (5.14.9)” e estes costumam estar guardados na Secretaria da Escola, como podemos deduzir ao analisar a seguinte afirmação: “...todo o trabalho do projecto está na Secretaria... (5.14.10)”.

4.2.1.2: Categoria A2 – “O currículo / a legislação”

Na segunda categoria, “O Currículo / a legislação”, procurou-se saber de que forma é que os projectos foram integrados no Currículo da escola ou nos documentos que regem cada escola, tais como, o Projecto Educativo de Escola, o Plano Anual de Actividades ou no Projecto Curricular de Turma.

Tabela 34 – “Os projectos são integrados”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
A) Os projectos são integrados	1 – Projecto Educativo de Escola / Agrupamento	1.11.8 - 2.14.12 - 3.12.8 – 3.14.9	4	3	1,3
	2 – Projecto Curricular de Turma	5.5.2 – 5.5.5 – 5.11.14	3	1	3
	3 – Plano de Actividades	3.12.9 - 3.14.10	2	1	2
TOTAL			9	5	1,8

Como afirma um dos professores, a existência de um Projecto Comenius na escola, não vem referida como sendo um dos objectivos centrais do Projecto Educativo de Escola ou Agrupamento “*Nos objectivos não. (1.11.9)*”. No entanto, como é visível em treze dos indicadores (Tabela 34), três dos professores entrevistados referem que os objectivos dos projectos desenvolvidos acabam por dar resposta, na maioria das vezes, a alguns dos objectivos definidos no Projecto Educativo da Escola ou Agrupamento, como se pode deduzir das seguintes afirmações:

- “*um dos objectivos deste projecto... estão de acordo com os objectivos com... um dos principais objectivos do Projecto Educativo (1.11.8)*”;
- “*... um dos objectivos do Projecto Educativo que é valorizar a educação para a cidadania... (1.11.10)*” e “*...promover a igualdade de oportunidades... (1.11.11)*”, desta forma, “*...podem ser dadas respostas a estes objectivos através da implementação dos clubes... do Comenius (1.11.12)*”.
- “*...porque um dos objectivos que nós temos no Projecto Educativo vai ao encontro da multiculturalidade... (2.14.13)*” “*...temos outro que vai ao encontro da ... da cidadania... (2.14.14)*”, “*...dos valores... (2.14.15)*”, “*...temos ainda um outro, de que não falamos aqui... ainda, que tem a ver com o projecção do... da escola para o exterior. (2.14.16)*”.

Na Escola Secundária de Silves, o Projecto Educativo de Escola só foi criado em dois mil e seis “*...para o triénio 2006-2009... (4.12.18)*”, logo, durante a implementação dos projectos estudados, a escola não possuía um Projecto Educativo de Escola. No entanto,

como curiosamente refere o professor entrevistado “...agora devo dizer que o nosso projecto educativo desenvolveu-se de determinada forma porque existiram projectos [Comenius]... (3.12.10)”, ou seja, “...o Projecto Educativo melhorou muito por via daquilo que nós vimos no estrangeiro e quisemos implementar aqui... (3.12.11)”.

Verificamos, assim, que, entre 2000 e 2006, na escola Secundária de Silves, os projectos foram integrados no Plano Anual de Actividades, pois “...qualquer projecto que exista por definição tem de estar no Projecto Educativo ou pelo menos no plano de actividades (3.12.9) ...” mas a partir do momento em que a escola criou o Projecto Educativo de Escola, cada projecto “...Está no Plano de Actividades e está no Projecto Educativo. (3.14.10)”.

Na Escola E.B. 2,3 Dr. Garcia Domingues, o Projecto Educativo de Escola encontrava-se em construção, desta forma, “...não...houve alguma articulação... o Projecto Educativo estava em construção... (5.11.13)”, por isso “...o Projecto Curricular de Turma tentou adaptar-se o mais possível... (5.11.14)” ao projecto Comenius 1. Somente nesta escola o projecto foi enquadrado no Projecto Curricular de Turma, porque, como podemos deduzir da seguinte afirmação, “...porque seria mais fácil de enquadrar dentro do... Projecto Curricular de Turma... (5.5.2)”, “... seria mais fácil enquadrar do que ter de trabalhar com um grupo de alunos... (5.5.3)”, “...devido à própria organização da escola seria algo mais difícil de conseguir juntar os alunos e trabalhar... (5.5.4). Então, assim, havia “...uma equipa de professores que acompanharam a turma durante pelo menos os 3 anos do projecto para permitir o desenvolvimento do projecto que faz parte do Projecto Curricular da Turma... (5.5.5)”.

No que diz respeito, ainda, aos Projectos Curriculares de Turma, verificaram-se as seguintes opiniões “...se houver ligação é [o projecto é integrado no PCT], se não houver não é... (1.11.17)”. Um dos professores refere, ainda, que “Deveria haver [ligação com o PCT], mas efectivamente não há (2.14.17)”, uma vez que o projecto “Não vem mencionado em lado nenhum no Projecto Curricular de Turma. (2.14.18)”. Do mesmo modo, quando questionado sobre se “Há alguma integração [do projecto Comenius] no currículo, no programa curricular dos alunos? Do projecto? [a resposta foi] Não. (3.12.12)”.

De referir que o Projecto Curricular de Turma é um documento, elaborado pelo Conselho de Turma, que contém um “ Conjunto de estratégias de concretização e desenvolvimento do Currículo nacional e do Projecto Curricular de Escola, adequadas ao contexto de cada turma.” (Decreto-lei, nº6/200, de 18 de Janeiro, Artigo 2º, ponto 4). Cada

Conselho de Turma analisa a turma e identifica as características específicas dos alunos, a ter em conta no processo de ensino aprendizagem, identificando diferentes ritmos de aprendizagem e necessidades educativas especiais. Posteriormente, é planificado o desenvolvimento de actividades a realizar com os alunos e são adoptadas estratégias de diferenciação pedagógica.

Tabela 35 – “Os projectos são articulados”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>	
A) Os projectos são articulados com:	1 – Disciplinas / Conteúdos	Podem às vezes	1.5.9 - 2.15.1 – 4.7.8 - 4.7.16 - 5.11.15 – 5.11.20	6	4	1,5
		Não estabelecemos articulação com disciplinas	1.11.14	1	1	1
	Estabelecemos ligação com as disciplinas :	Línguas Estrangeiras	1.11.15 - 2.5.20 - 4.7.9	3	3	1
		TIC	1.11.16 - 4.7.10	2	2	1
		História	2.5.21	1	1	1
		Educação Física	2.5.22	1	1	1
		Português	4.7.15	1	1	1
		Área de Integração	4.7.14	1	1	1
2 – Os módulos	4.13.1 – 4.13.2 – 4.13.3	3	1	3		
TOTAL			19	15	1,3	

Relativamente à forma como os projectos são articulados com as diferentes disciplinas, podemos deduzir das afirmações dos professores que, na maior parte das vezes, como indicam as 6 unidades de registo da Tabela 34, tenta-se sempre estabelecer ligação com algumas disciplinas, a saber:

- “Às vezes há... [articulação com as disciplinas] dependendo (1.5.9)”, “Lá está... depende um pouco do tema... (4.7.8)”, “... quando o tema está ligado, por exemplo, a uma disciplina pode haver essa ligação, ...(1.11.13)”; pode haver uma articulação “...tentando ligar [o tema dos projectos] aos currículos que iam sendo leccionados... (5.11.16)”, isto é, “...tentar ligar aos conteúdos... (5.11.17)”, e “... ao programa, ao currículo que estava a ser leccionado. (5.11.20)”. Um dos professores refere, também, que tentava essa articulação ao “... dizer aos professores [que] este ano vamos trabalhar mais isto... (5.11.18)”.

Verificou-se, também, que as disciplinas de Inglês e TIC articulam quase sempre com os diferentes projectos, como podemos concluir ao analisar as seguintes afirmações “...mas normalmente estabelecemos, ou com Inglês... (1.11.15)”, “ou com as TIC (1.11.16)”, “...por isso as TIC são sempre envolvidas por uma questão de... de troca de e-mails com os colegas, por uma questão de arranjo do trabalho final, também são sempre envolvidas. (4.7.10)”.

As outras disciplinas que estiveram envolvidas nos projectos analisados foram as disciplinas de História, Educação Física e Português.

Na Escola E.B. 2,3 João de Deus – S. Bartolomeu de Messines, verificou-se que o Projecto de Escola não estabeleceu nenhuma articulação com as diferentes disciplinas, como podemos deduzir da seguinte afirmação “...nós não... estabelecemos uma ligação com disciplinas... (1.11.14)”.

Na Escola Profissional de Agricultura do Algarve o projecto é articulado com uma disciplina chamada “... a Área de Integração(4.7.16)”, “...mas também foram várias [as disciplinas] não só da componente sócio - cultural, mas depois mesmo aquelas específicas que dizem respeito ao tema (4.7.14)”, com as quais o projecto foi articulado. Como refere a professora “...nós aqui como funcionamos por módulos é mais fácil a adaptação ...(4.13.1)” do tema a uma disciplina, pois “...há sempre um módulo em que o tema pode-se encaixar mais do que noutra... (4.13.2)”, desta forma acabam sempre por dar mais atenção aos “... módulos e os conteúdos dos módulos... (4.13.3)”.

Tabela 36 – “Como funciona o projecto”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
A) Como funciona:	1 – Turma	3.5.19 – 3.5.20 – 3.5.24 – 3.10.5 - 4.8.5 – 5.5.1	6	3	2
	2 - Clube	1.11.7	1	1	1
	3 – Alunos de turmas diferentes	2.14.11	1	1	1
TOTAL			8	5	1,6

Em relação à forma como o projecto funciona esta difere de escola para escola. Podemos verificar, tendo em conta os elementos constantes na Tabela 36, que, das escolas deste estudo, só numa escola é que o Projecto “...*Funciona como um clube (1.11.7)*”.

Noutras, funcionou com uma turma, como referem 3 dos professores:

- “...*como sabes no 12º ano existe Área de Projecto e nós escolhemos uma turma... para nos ajudar a fazer isto... (3.5.19)*”, “... *e então escolhemos uma turma que nos auxiliou nesse tipo de trabalho. (3.5.24)*”;
- “...*só com uma turma... (4.8.5)*”;
- “*Aqui fizemos com uma turma... (5.5.1)*”.

As razões que levaram algumas escolas a integrar o projecto numa turma foram as seguintes:

- “...*portanto fizemos porque achamos que era facilitador... (3.5.22)*” e “... *já agora porque tínhamos facilidade de fazer algum intercâmbio e de levar dois alunos, por acaso depois acabamos por levar seis... (3.5.23)*”;
- “...*porque durante duas semanas não iríamos... prejudicar... vários alunos porque as aulas iriam decorrer normalmente... (4.8.6)*”. A mesma professora acrescenta que a escolha da turma a trabalhar “*Tem a ver com o tema do trabalho... (4.8.7)*”, “...*ou então o ano... (4.8.8)*” ou “...*depois tem a ver com o curso. (4.8.12)*”. Por exemplo na Escola Profissional de Agricultura do Algarve “...*normalmente escolhemos o segundo ano... (4.8.11)*”, “*Porque eles no terceiro ano fazem estágio e fazem uma PAC, por isso o terceiro ano está sempre fora de questão... viajar. (4.8.9)*” e “*O primeiro ano é sempre muito imaturo...(4.8.10)*”.

Na Escola Secundária de Silves, o Projecto de Desenvolvimento Escolar não obriga a que se trabalhem com alunos como podemos depreender da seguinte afirmação “...*não te vou dizer que era necessário trabalharmos com alunos... (3.5.21)*”.

Na Escola E. B. 2, João de Deus – S. Bartolomeu de Messines, com o Projecto de Línguas, o projecto funcionou com um grupo de alunos de turmas diferentes, do 9º ano de

escolaridade, como refere um professor: “... aqui como os participantes são de... de várias... são de várias turmas tem... tem que ser com pequenas coisas dentro das várias turmas. (2.14.11)

4.2.1.3: Categoria A3 – “A Escola”

Na terceira categoria, “A Escola”, os professores foram unânimes em afirmar que a escola tem um ou vários objectivo/s quando participa nos projectos Comenius 1, a saber:

- “...há um objectivo muito... muito bem definido... (3.8.1)” e o/s mesmo/s “Eu... eu acho que isso depende... (2.8.1)”; “... pode depender de escola para escola. (2.8.2)”. O mesmo professor acrescenta que “Esta escola... tanto quanto me parece e pelo menos é isso que eu pretendo ao desenvolver estes...projectos, é tentar modificar alguns conceitos base que existem nesta localidade e nos arredores. (2.8.3)”;
- Um outro professor refere que o objectivo da escola é “...um bocado a escola, portanto, estar aberta... ao contacto com outras... realidades, outras escolas, outras culturas, (1.11.4)”, assim, a “...escola é vista... com... uma estrutura dinâmica... (1.11.5)”, “...é uma escola que está aberta... (1.11.6)”.

Verificamos, também, que alguns dos objectivos, das diferentes escolas, estão directamente ligados ao contexto geográfico e social, no qual as suas escolas estão inseridas.

Tabela 37 – “Caracterização do contexto geográfico e social”

Conteúdos dos Indicadores				Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR / UE
A – Caracterização do contexto geográfico e social	1 – S. Bartolomeu de Messines	Zona Rural		1.10.23 - 4.12.7 - 4.12.8 - 4.12.9 - 4.12.10	5	2	2,5
		Zona com problemas sócio-económicos	Mentalidade fechada	2.8.4 - 2.8.6 - 2.14.2 - 2.14.3 - 2.14.5	5	1	5
			Famílias desfavorecidas	1.11.1- 1.11.3	2	1	2
			Carências sociais	1.11.2	1	1	1
	2 - Silves	Zona interior		5.11.3 - 5.11.4 - 5.11.6 - 5.11.7	4	1	4
		Características urbanas		3.12.5- 3.12.3	2	1	2
Características históricas		3.12.6	1	1	1		
TOTAL					20	8	2,5

Concluimos assim, ao observar a Tabela 37, que os professores das escolas que se localizam em **São Bartolomeu de Messines**, são unânimes em referir que as suas escolas ficam numa zona rural:

- *“A escola fica numa zona rural... (1.10.23)”*;
- *“somos uma terra de interior (4.12.7)”, “mas também... mas somos uma terra central. (4.12.8)”, “...estamos muito próximo de... de tudo. (4.12.9)”, “Estamos numa zona rural. (4.12.10)”*.

É também salientado que a escola se insere num contexto complicado, com muitos problemas sócio – económicos, a saber:

- **Famílias desfavorecidas** *“... uma grande parte dos alunos... oriundos de... de famílias... desfavorecidas... (1.11.1)”, “...um estrato social baixo... (1.11.3)”*;
- **Carências sociais** *“...com carências sociais... (1.11.2)”*;
- **Mentalidade fechada** *“Esta é uma zona muito fechada, com mentes muito... muito fechadas, (2.8.4)”, “...temos aqui uma população à qual foi difícil aceitar estes projectos no... no início... (2.8.6)”, “...uma freguesia muito grande, (2.14.2)” com “...uma mentalidade muito... muito fechada, (2.14.3)”, “...não é uma zona muito fácil. (2.14.5)”*.

Os professores das escolas da Cidade de **Silves** demonstraram dificuldades em caracterizar o contexto geográfico, como podemos depreender ao analisar as seguintes afirmações:

- *“eu tenho sempre muita dificuldade em pôr... porque eu não se isto é rural se é urbano (3.12.1)”, “De facto acho que não é nem uma coisa nem outra (3.12.2)”, “...na sua dinâmica falta-lhe de facto alguma coisa para ser considerada como uma cidade. (3.12.4)”*.

No entanto, foi possível concluir que Silves é, ao mesmo tempo:

- **Uma cidade de interior** *“uma escola interior que estando no interior... não tem aquelas características ditas de cidade de interior... (5.11.3)”, “é uma cidade pequena, (5.11.4)”, “...é um meio que... embora esteja inserido num meio, que até posso dizer rural, as características da cidade em si não são rurais, (5.11.6)”e com “...alunos que vêm de zonas mais de interior... (5.11.7)”*.

- **Uma cidade com características urbanas** “...o modo de viver das pessoas é urbano, de facto isto não é uma cidade propriamente dita... (3.12.3)”, “uma localidade com características urbanas do ponto de vista... do ponto de vista social, mas ainda com muita moralidade... (3.12.5)”.
- **Uma cidade com características históricas** “é uma cidade com características históricas muito bem colocadas... muito com... as pessoas muito orgulhosas enfim do seu aspecto... da sua história... (3.12.6)” e com “muitas disponibilidades para os alunos com muitas outras ofertas que não só a escola (5.11.5)”.

Tabela 38 – “Objectivo da escola”

Conteúdos dos Indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
A – Objectivo da escola	1 – Alargar horizontes	2.8.3 – 2.8.7 – 2.8.8 – 2.8.10 – 2.8.11 – 2.8.12 – 4.9.14 – 4.9.15	8	2	4
	2 – Cidadania Europeia	1.7.10 – 1.7.11 – 2.8.9 – 4.9.10 – 4.9.11 – 4.9.12 – 4.9.13	7	3	2,3
	3 – Inovação	3.3.15 – 3.3.16 – 5.6.11 – 5.6.12	4	2	2
	4 – Competências linguísticas	1.7.6 – 1.7.7 – 1.7.8	3	1	3
	5 – Competências das TIC	1.7.9	1	1	1
TOTAL			23	9	2,5

A análise das entrevistas e da Tabela 38 permite concluir que a escola, ao participar nestes projectos, pretende sempre algo específico, que passa por:

- **alargar horizontes** “Esta escola... tanto quanto me parece e pelo menos é isso que eu pretendo ao desenvolver estes... estes projectos, é tentar modificar alguns conceitos base que existem nesta localidade e nos arredores...(2.8.3)”, “...é dar-lhes uma visão um bocadinho diferente do... do mundo...(2.8.7)”. É fazer ver aos alunos “...que para além de Messines ainda existe um país inteiro, que eles muitas vezes não têm essa... quase não têm essa noção, Messines é que interessa, o Algarve é que é... é que é bom... (2.8.8)”. Pretende mostrar-lhes “... o resto do mundo lá fora. (2.8.10)”, “...e que nós não podemos estar constantemente a criticar, ou a avaliar os... ou a julgar os turistas que... que conhecemos aqui ...(2.8.11)”, e “...dizer “ai...todos os Ingleses são assim ou todos os Holandeses são... (2.8.12)”. A professora pretende, ainda, ajudar os alunos a “...verem uma escola diferente, com

esquemas e funcionamentos completamente diferentes do nosso... (4.9.14)”, de modo a poderem realizar “...uma comparação para terem uma... perspectiva diferente. (4.9.15)”;

- **assumir uma Cidadania Europeia** “...o assumir da... da cidadania europeia...(1.7.10)”. Uma vez que, os alunos “... não têm sequer a curiosidade de conhecer o que está para além de Messines ou do... do Algarve. [o objectivo do professor] *É dar-lhes a noção que para além de Portugal, o país onde eles vivem, também há uma União Europeia... (2.8.9)*”. Outro professor refere que um objectivo do projecto “... é sempre proporcionar aos alunos essa visão alargada do espaço... europeu (4.9.10)”, “...essa visão de culturas diferentes... (4.9.11)”, “...conhecer as pessoas como são... (4.9.12)”, e “...as sua vivências... (4.9.13)”;
- **trazer inovação** “...por diversas razões estamos aqui a implementar um projecto de gestão de qualidade...(3.3.15)”, “...queríamos uma coisa que se ajustasse de qualquer forma ao sistema de gestão de qualidade...(3.3.16)”, “...Trazer algo de novo...(5.6.11)”, “Inovação...(5.6.12)”.
- **dar competências** “...dar determinado tipo de competências aos alunos... (1.7.6)”; “...a nível linguístico (1.7.7) ...”; “... as competências linguísticas (1.7.8)”, e “...as competências das TIC são fundamentais (1.7.9)”.

Questionados em relação aos impactos que estes projectos têm na escola, enquanto instituição, as opiniões dividem-se (conforme podemos deduzir ao observar a Tabela 39):

Tabela 39 – “Impactos do projecto na instituição”

Conteúdos dos Indicadores			Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE
A – Impactos do projecto na instituição	1 - Escola	1.1 – Aceitação deste tipo de projectos	1.11.5 - 2.14.6 - 2.14.7 - 2.14.8 - 2.14.9 - 2.14.10	6	2	3
		1.2 – Na dinâmica da Escola	5.11.8 - 5.11.9 - 5.11.10 - 5.11.11 - 5.11.12	5	1	5
		1.3 – Qualidade de gestão	3.12.7	1	1	1
	2– Professores	2.1 – Maior ligação à Escola	4.12.15 - 4.12.16 - 4.12.17	3	1	3
	3– Alunos	3.1 – Maior motivação	4.12.13 - 4.12.14	2	1	2
TOTAL				17	6	2,8

1 – Na escola, os impactos foram sentidos a diferentes níveis, a saber:

A – Na aceitação dos projectos:

- “...escola é vista... como... uma estrutura dinâmica (1.11.5)”
- “... é uma escola que está aberta (1.11.6)”
- “Na escola enquanto instituição... será talvez a aceitação (2.14.6)”
- “O...ter-se tornado um hábito esta escola receber professores estrangeiros, (2.14.7)”
- “...as pessoas já encaram isso com alguma... (2.14.8)”; “naturalidade até porque temos colegas dos projectos que às vezes vêm passar férias ou vêm para outro projecto e aparecem por aqui, passam por aqui e vêm visitar a escola (2.14.9)”.

B – Na dinâmica da Escola

- “...com o Conselho Executivo, que... já este ano me pediram para fazer outro projecto ...e quando isso acontece é sinal que alguma coisa positiva ficou... (5.11.8)”
- “as pessoas dizem... pá...trouxe alguma movimentação à escola...(5.11.9)”
- “trouxe algo positivo trouxe... algo mais válido à escola...(5.11.10)”
- “...teve alguma validade para a escola... (5.11.11)”
- “...pequenas coisas que foram feitas, ainda...ainda continuam a funcionar é sinal que alguma coisa ficou... (5.11.12)”

C – Na melhoria da Qualidade de Gestão:

- “o maior impacto na escola enquanto instituição será... A melhoria de qualidade de gestão (3.12.7)”

2 – Nos professores, os impactos fizeram-se sentir ao nível de uma maior ligação/aproximação à escola, como podemos concluir ao analisar a seguinte afirmação:

- “E aos professores também, porque os professores acabam por se sentir também... um pouco, como é que hei-de dizer, mais ligados à escola, (4.12.15)”. “...porque

têm mais aquilo para fazer ou não... (4.12.16)", "...ou sentem-se mais envolvidos nas visitas. (4.12.17)".

3 – Nos alunos, os impactos estiveram relacionados com o aumento da motivação, dos mesmos, face à escola, como referiu um dos professores:

- *"Eu acho que passa muito pela motivação... (4.12.13)"*
- *"pela motivação relativamente aos alunos. (4.12.14)"*

Um dos professores, a título de explicação e comparação, referiu quais são os objectivos da sua escola para o projecto Comenius 1, do ano lectivo, 2007 / 2008. Os mesmos passam por *"... nós queremos ver o impacto das aprendizagens na... nos alunos mesmo, propriamente dito. (3.3.5)", "...ver que tipo de... consequências é que as aprendizagens que nós aqui... fornecemos têm de alguma forma influência no futuro. (3.3.6)", "...porque nós aqui estamos muito limitados... (3.3.7)", "...não podemos... alterar currículos... mas eles [as escolas estrangeiras] podem... (3.3.8)", daí "... que eu tenha um interesse especial... não por aquilo que eu possa fazer aqui... (3.3.9)".*

4.2.1.4: Categoria A4 – “O Conselho Executivo”

Na quarta e última categoria, “O Conselho Executivo”, todos os professores referem que o Conselho Executivo ou a Direcção da Escola, no caso da Escola Profissional de Agricultura do Algarve, apoia a implementação destes projectos na escola, como podemos deduzir ao analisarmos as seguintes afirmações:

- *"Eu penso que positivamente... (1.11.18)"*
- *"O Conselho Executivo... apoia e tem apoiado desde... desde o início... (2.15.2) ...
"...aliás como eu já te tinha dito anteriormente tanto o Conselho Executivo e o Conselho Pedagógico apoiam fortemente estes... estes projectos... (2.15.3)"*
- *"...embora o projecto... eu agora não faça parte do Conselho Executivo... eu tenho apoio do... do... 100 por cento... do Conselho Executivo... (3.12.13)"*
- *"Não se opõem. (4.13.4)"*
- *"...os projectos dos professores, no geral, são apoiados... (5.12.1) ... "...são apoiados o mais possível dentro das limitações da escola, claro está... (5.12.2)".*

Tabela 40 – “Apoio aos Projectos”

Conteúdos dos Indicadores		Código dos Indicadores (cf. Anexo E)	UR	UE	UR/ UE	
1 – Apoio do Conselho Executivo das Escolas aos projectos	1.1 – Sim	1.11.18 - 2.15.2 - 2.15.3 - 3.12.13 - 5.12.1 - 5.12.2 - 5.12.4	7	4	1,7	
	1.2 – Não se opõe	4.13.4	1	1	1	
	1.3 – Forma e importância do apoio	1.3.1 – Há um cuidado para que nada corra mal	5.12.5 - 5.12.6 - 5.12.7 - 5.12.8 - 5.12.9 - 5.12.10	6	1	6
		1.3.2 – Apoiam e participam em actividades do projecto	2.15.11 - 2.5.12 - 2.15.14	3	1	3
		1.3.3 - Colaboram	2.15.7 - 2.15.8 - 2.15.9 - 2.15.10	4	1	4
1.3.4 – Não colocam obstáculos		2.15.4 - 2.15.5 - 2.15.6	3	1	3	
2 – Porque apoiam os projectos?	2.1 - Interesse	1.12.3	1	1	1	
	2.2 –Abrir a escola à comunidade	1.12.4 – 5.12.3	2	2	1	
TOTAL			27	12	2,3	

A forma de apoio (Tabela 40) passa pela colaboração e pela não colocação de obstáculos às actividades que são realizadas, a saber, o “...*Conselho Executivo tenta... organizar... determinadas... coisas para que nós não temos... não temos tempo de organizar... (2.15.8)*”, “...*quando nós estamos envolvidas com o projecto, há coisas depois na escola que ficam para trás e o Conselho Executivo, tenta sempre dar resposta a isso... (2.15.9)*”, “...*ou tentar arranjar alguém que nos substitua, se nós tivermos que eventualmente faltar... (2.15.10)*”.

Foi dado como exemplo o facto da Presidente da Escola E.B. 2,3 João de Deus, de São Bartolomeu de Messines participar nas reuniões que são realizadas com os Encarregados de Educação, participar nas actividades delineadas nos projectos e já ter inclusivamente alojado em sua casa alunos dos intercâmbios.

Se indagarmos o porquê do apoio do Conselho Executivo à implementação dos projectos nas escolas um dos entrevistados referiu o seguinte: “...*que deve ter algum interesse... (1.12.3)*” em “...*mostrar a escola para fora... (1.12.4)*”.

Foi também considerado importante que o Conselho Executivo apoie estes projectos porque “...é importante para a escola para a própria comunidade escolar e que dentro da própria comunidade escolar, sejam os professores, sejam os alunos, que participem, que ganhem alguma coisa... (5.12.3)”. É, também, importante para esta escola assegurar que nada corra mal, como podemos aferir ao analisar as seguintes afirmações:

- “...quando temos visitas de professores estrangeiros, quando temos... professores nossos, alunos nossos a irem para o estrangeiro existe um determinado cuidado, (5.12.5)”, “...quando vamos para o estrangeiro... é importante o apoio e o contacto permanente [com o Conselho Executivo] para saber se realmente... se está tudo bem... (5.12.6)”, “...porque é muita responsabilidade... (5.12.7)”. O mesmo professor refere ainda o seguinte: “...eu penso que passa um pouco pela escola assumir as responsabilidades... (5.12.8)”, “...as responsabilidades que tem em receber, quando é possível... (5.12.9)”, “...e que tem enquanto os alunos e professores que vão numa representação ao estrangeiro... (5.12.10)”.

Tabela 41 – “Impactos do Projecto no Conselho Executivo”

<i>Conteúdos dos Indicadores</i>		<i>Código dos Indicadores (cf. Anexo E)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Impactos dos projectos no Conselho Executivo	2.1 – “Penso que sim”	1.12.1	1	1	1
	2.2 – Aprender Inglês	2.15.13	1	1	1
	2.3 – “Houve empenhamento”	3.13.1	1	1	1
	2.4 – Não é visível	4.13.5	1	1	1
	2.5 – “Mais num dos membros”	5.12.11	1	1	1
TOTAL			5	5	1

No que diz respeito aos possíveis impactos dos projectos no Conselho Executivo, as opiniões diferem e não são muito explícitas (Como podemos ver na Tabela 41).

O professor número 1 referiu:

“Penso que sim (1.12.1)”

“no apoio que dá(1.12.2)”

O professor número 2, único que identificou um impacto em concreto, disse:

“um impacto é que a Adélia está a aprender Inglês, (2.15.13)”

O professor número 3 disse:

“houve empenhamento mesmo. (3.13.1)”

“Existe neste momento uma grande preocupação de internacionalização da escola... (3.13.2)”

O professor número 4 foi da opinião de que esse impacto:

“Não é visível?... Não. (4.13.5)”

O professor número 5 concluiu que:

“Eu diria mais num... num dos membros do Conselho Executivo... (5.12.11)”.

Em relação a esta constatação o professor acrescentou *“...tem alguma importância para eles que as coisas corram bem... (5.12.12)”*, *“... que esteja tudo de acordo... com... com o projecto... (5.12.13)”*, *“...que não haja... desvios orçamentais, (5.12.14)”*, *“...que se receba bem, que... quando vamos ao estrangeiro... que tenhamos a consciência que estamos a representar não só a escola, mas o país... (5.12.15)”*. Acrescenta que *“...a principal preocupação do Conselho Executivo [foi que] ...realmente não houvesse problemas para ninguém... (5.12.16)”*. O professor considera, assim, que os membros do Conselho Executivo *“...tiveram sempre uma função muito de... fiscalização... (5.12.17)”*, *“...uma fiscalização que não era imposta, mas assumida... assumida por todos como necessária. (5.12.18)”*.

4.2.2 – Dimensão B – “Contexto Pessoal”

Tabela 42 – Dimensão B – Contexto Pessoal

Dimensão	Categorias
B - Contexto Pessoal	B1 – O Próprio
	B2 – Os Professores da Escola
	B3 – Os Professores Estrangeiros
	B4 – Os Alunos
	B5 – O Pessoal Não Docente

Quanto à análise da Dimensão B – Contexto Pessoal (Tabela 42) identificamos cinco categorias:

- B1 – “O Próprio”,
- B2 – “Os professores da Escola”,
- B3 – “Os professores Estrangeiros”,
- B4 – “Os alunos”
- B5 – “O Pessoal Não Docente”.

4.2.2.1 – Categoria B1 – “O Próprio”

Com esta categoria, pretendemos identificar que cargos desempenham os professores responsáveis pelos projectos e saber se nos horários dos professores vêm definidas horas para trabalharem neste tipo de projectos.

Pretendemos, também, averiguar as seguintes questões:

- como é que os professores tomaram conhecimento da existência destes projectos e como iniciaram o primeiro;
- o que os motivou a implementarem os projectos;
- se a implementação dos projectos os motivou mais face à profissão;
- se a participação nestes projectos os fizeram alterar os seus métodos de ensino aprendizagem, dentro da sala de aula;
- se conseguem identificar qual ou quais o/os impacto/s que estes projectos tiveram neles, enquanto, pessoas.

Tabela 43 – “Cargos que desempenham”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
1 - Cargos que desempenham	1.1 – Coordenador de Departamento / Curso	1.1.1 - 4.1.2 - 5.1.1	3	3	1
	1.2 – Sub – coordenadora de Grupo	2.1.2	1	1	1
	1.3 – Coordenador do Centro de Novas Oportunidades	3.1.1	1	1	1
	1.4 – Directora de Turma	4.1.1	1	1	1
TOTAL			6	6	1

Relativamente aos cargos que os professores desempenhavam e, em alguns casos ainda desempenham na escola, (Tabela 43) verificamos que quatro dos professores são Coordenadores de Projectos e acumulam outros cargos tais como:

- Coordenador de Departamento / Curso;
- Sub – Coordenadora de Grupo;
- Coordenador do Centro de Novas Oportunidades e Directora de Turma.

Além de todos estes cargos, por vezes os professores “...também trabalho [trabalham] noutros projectos, (4.1.3)” da escola.

Tabela 44 – Horas disponíveis no horário”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
1 - Horas disponíveis no horário	1.1 -Não	1.2.3- 2.2.1 – 3.1.2	3	3	1
	1.2 - Sim	1.2.1 – 5.1.2	2	2	1
TOTAL			5	5	1

Verificamos, também, que à excepção de um professor que este ano lectivo (2007-2008), tem pela primeira vez, um bloco de 90 minutos no horário para trabalhar no projecto, só um dos outros professores teve um bloco de 90 minutos no seu horário “Quando tive os projectos do Sócrates tive 2 horas. (5.1.2)”.

Nenhum dos outros professores tem ou alguma vez teve, como podemos deduzir da seguinte afirmação “Nem nunca tive... (2.2.2)”, horas disponíveis no horário para trabalhar nos mesmos (Tabela 44).

Na Escola Profissional de Agricultura do Algarve, os projectos funcionam de forma diferente, como podemos deduzir das seguintes informações “Isso aqui na escola nunca funcionou assim aqui dentro, (4.2.1)”, “ ...nós aqui gerimos um pouco o nosso tempo não seguindo um horário, (4.2.2)”.

Tabela 45 – Contacto com os projectos

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/UE</i>
1 – Contacto com os projectos	1.1 – Um colega	1.3.4 – 2.2.5	2	2	1
	1.2 – Participando em projectos de outros professores	4.2.5 – 4.2.6	2	1	2
	1.3 – Participação numa acção dinamizada pelo Comenius	3.2.1 - 5.2.20	2	2	1
TOTAL			6	5	1,2

Em relação à forma como tomaram conhecimento da existência dos projectos (Tabela 45) e como iniciaram o primeiro podemos concluir, ao analisarmos as seguintes afirmações, que dois professores, tomaram conhecimento através de outros professores:

- “...através de um colega ... (1.3.4)”;
- “...em Conselho Pedagógico, em que o Rui, que era Presidente do Executivo, encontrou... ou recebeu material sobre o Sócrates e...levou a Pedagógico direccionou logo para mim... (2.2.5)”.

No caso do primeiro professor, após tomar conhecimento “... eu depois informei-me logo... (1.3.5)”, e “... tive conhecimento destes (Projectos de Escola) e candidatamo-nos também (1.3.6)”, depois “... fui convidado... [por uma escola estrangeira] (1.3.7)”, “...e nós aceitamos logo... (1.3.8)”.

No caso do segundo professor, a adesão ao projecto “...isto aconteceu um bocado por...por acaso. (2.2.4)”. O colega [do Conselho Executivo] direccionou para este professor o projecto, porque “...que sabia que eu iria ficar no ano seguinte [na escola] ... (2.2.6)” e “...eu achei interessante. (2.2.7)”.

Um outro professor do projecto tomou conhecimento da existência dos projectos ao participar em actividades promovidas por outros projectos. O professor referiu que, na escola onde lecciona, “Quando eu vim para esta escola já existia portanto, uma tradição... (4.2.4)”, e “...depois na altura, convidaram-me para viajar... com uma turma... (4.2.5)”, “ Eu fui apenas como professora acompanhante. (4.2.6)”. Isto aconteceu “... estou a falar do primeiro em que eu participei que foi em 99 ... (4.2.7)”. Quando os alunos estrangeiros vieram a Portugal “...recebemos os alunos aqui eu depois envolvi-me mais um bocadinho ... (4.2.8)”, “...com os alunos com quem tinha viajado fizemos um programa das visitas ... (4.2.9)” e “...também fiz algum acompanhamento aos colegas que vinham da outra escola... (4.2.10)”. Se o contacto com os projectos “...começou um pouco por aí. (4.2.11)” a seguir surgiu “...o nosso director, que por uma questão de tempo e de disponibilidade, me passou a pasta... (4.2.12) e “...então pediu-me que ficasse com a coordenação dos projectos e com toda a responsabilidade que isso implica, (4.2.13)”.

Dois outros professores tomaram conhecimento dos projectos ao participarem, em Lisboa, em encontros que davam a conhecer a existência destes projectos. Como referiu um dos professores, “Aqui há uns anos... já largos fui convidado a participar num encontro em Lisboa, onde foi divulgado este tipo de projectos que eu desconhecia... (3.2.1) e “...entrei em contacto imediato com... com um grupo de professores que eram oriundos

da ... Grã-Bretanha... eram Irlandeses... Escoceses... e logo aí... formamos uma parceria. (3.2.2)". Outro professor referiu, ainda, que "Tive contacto em 97 porque participei numa acção... (5.2.20)", "...num curso a nível do Comenius... (5.2.21)", assim, "...os conhecimentos... que foram feitos a partir desse curso serviram como base para trabalhos futuros... (5.2.22)" e "...para projectos futuros que foram sendo desenvolvidos, tanto nesta escola, como noutras escolas... (5.2.23)".

Tabela 46 – A Motivação para participar nos projectos

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
1 - Motivação para participar nos projectos	5.1 – Contactar com outros professores e outras realidades escolares	1.2.5 – 1.2.6 – 3.7.14 – 3.7.15 – 4.2.19 – 4.2.20 – 5.1.3– 5.1.4 – 5.1.5 – 5.1.6	10	4	2,5
	5.2 – Gostar de viajar	2.2.8 - 3.7.11 – 4.2.18	3	3	1
	5.3 – Criar laços de amizade e profissionais	3.7.16 – 3.7.17 – 5.8.10	3	2	1,5
	5.4 – Melhorar capacidades linguísticas	1.2.4	1	1	1
	5.5 – Boa oportunidade para os alunos	2.2.9	1	1	1
	5.6 – Por gosto	2.2.11	1	1	1
TOTAL			19	12	1,6

Se pensarmos na motivação que levou os professores a implementarem estes projectos é curioso que um dos participantes tenha enunciado "...também nunca tinha pensado nisso... (2.2.3)".

Mas, observando a tabela 46, podemos afirmar que a motivação foi de vária ordem:

Em primeiro lugar, a motivação surgiu do desejo de **Contactar com outros professores e outras realidades escolares:**

- "...ter a possibilidade de contactar com colegas de outras escolas (1.2.5)"
- "...ver os sistemas educativos de outros países (1.2.6)"
- "...porque estou em contacto com outras pessoas que trabalham de forma diferentes... (3.7.14)"
- "...outras trabalham como eu trabalho... (3.7.15)"
- "como é que os nossos colegas fazem, (4.2.19)"
- "como é que as coisas se processam, (4.2.20)"
- "Essencialmente alargar horizontes, (5.1.3)"

- “... novas formas de ... trabalhar...(5.1.4)”
- “...conhecer outras realidades... (5.1.5)”
- “...e não só. (5.1.6)”.

Em segundo lugar, a motivação está directamente ligada ao **Gostar de viajar:**

- “é porque eu gosto de viajar...(2.2.8)”
- “... sobretudo dizer é verdade que quando eu me meti nisto era uma possibilidade de viajar...(3.7.11)”
- “Eu... como qualquer pessoa que gosta de viajar sinto uma certa curiosidade em ver como é que as coisas funcionam num país diferente, (4.2.18)

Uma observação curiosa surge de um professor que referiu que “...hoje as coisas já não são tanto assim... nós... nós verificamos que afinal temos muito pouco tempo para ver seja aquilo o que for... (3.7.12)”.

Em terceiro lugar, a motivação passou por **Criar laços de amizade e profissionais:**

- “...sempre... criamos laços de amizade, criamos laços profissionais até bem fortes... (3.7.16)”
- “...como às vezes não criamos aqui... e isso é de facto muito importante... (3.7.17)”
- “Existem coisas que são muito boas nestes projectos que é a amizade que se forma. (5.8.10)”

Em quarto lugar, a motivação passou por “**melhorar as capacidades linguísticas (1.2.4)**”. E em quinto lugar, porque “**achei que era uma boa oportunidade de levar os miúdos lá fora.... Aprenderem alguma coisa. (2.2.9)**” e, em sexto lugar, “**...se bem que... eu gosto de desenvolver estes projectos...(2.2.11)**”.

Relativamente ao facto da participação em projectos Comenius constituir uma maior motivação face à profissão verificamos que quatro dos professores são unânimes em afirmar que a participação nestes projectos não constituiu uma maior motivação face à profissão:

- “Não. (1.2.19)”.
- “Não... face à profissão em si não... (2.2.10)”.
- “Directamente acho que não... (3.2.3)”.
- “Não... propriamente. (5.2.6)”.

Enquanto que um professor referiu que “...para dar aulas é preciso estar motivado... (1.2.9)” e refere, quatro vezes, “...eu sempre estive motivado... (1.2.10)”, “...eu acho que sempre tive motivado... (1.2.20)”, “...sempre tive motivado... (1.2.21)”, “Motivação sempre tive. (1.2.23)”. Outro professor disse “que eu veja que isso me motive muito mais, se calhar até não (4.2.21)”, “porque acabamos sempre por ter algum trabalho extra que de alguma forma não nos é pago, digamos assim. (4.2.22)”, mas “...sinto-me talvez mais realizado... (1.2.22)”.

No entanto, um dos professores referiu o seguinte “...quando falamos, em alargar horizontes é ... (5.2.1)”, “...significa que estamos a tentar algo mais dentro da nossa profissão... (5.2.2)”, “...se isso é motivação, se é melhorar... tentar melhorar a nossa prestação ... (5.2.3)”, ou “... a nossa forma de trabalhar... (5.2.4)”, talvez possamos falar em motivação “...se pudermos entender [isto] como motivação... (5.2.5)”.

Um dos professores referiu que a participação nestes projectos o motivou mais face à profissão “Sim. (3.2.7)”, e acrescentou “ Mas de qualquer forma eu acho isto... espectacular... estes projectos... (3.7.13)”, “...porque estou em contacto com outras pessoas que trabalham de forma diferentes... (3.7.14)”.

Tabela 47 – “Alteração do método de ensino ou da forma de ensinar”

Conteúdos dos indicadores		Código dos indicadores (cf. Anexo F)	UR	UE	UR/UE
1 – Alteração do método de ensino ou da forma de ensinar	1.1 - Não	2.2.12 – 2.2.13 – 3.2.3 – 3.2.4 – 3.2.8 - 5.2.6	6	3	2
	1.2 - Um pouco	1.2.7 – 4.3.6	2	2	1
TOTAL			8	5	1,6

A nível da modificação/alteração dos métodos de ensino – aprendizagem, dentro da sala de aula, também parece coincidente a opinião dos diversos professores, que referem que estes projectos não alteraram significativamente esses métodos (Tabela 47) “...no processo de ensino-aprendizagem propriamente não há assim grandes impactos, (3.2.8)”.

Um dos professores referiu que a participação em projectos deste tipo “Poderá ter modificado um bocadinho.... (1.2.7) os seus métodos de ensino –aprendizagem. No entanto, é da seguinte opinião, “...eu penso que estes projectos não devem alterar... (1.2.8)”. Mas, afirmou, também, que a participação nos projectos “...abriu-me [horizontes] (1.2.12)”, pois “...tenho outra perspectiva do ensino... (1.2.13)”, porque “...por contacto com outras

escolas... (1.2.14)", "... vamos ver é como funcionam as outras escolas... (1.2.15)", "...assistir a aulas... (1.2.16)", "...inclusivamente dar aulas... (1.2.17)" e "... a pessoa ganha sempre uma certa experiência. (1.2.18)" profissional.

Uma outra opinião verificada foi a seguinte "...o facto de ter de trabalhar em Área de Projecto com a turma, com uma das turmas... portanto, por isso daí houve alterações... (3.2.5)", pois "...até aí não trabalhava muito em Área de Projecto. (3.2.6)".

Podemos também concluir que, algumas das actividades que os professores realizaram aquando dos projectos, tais como o visionamento de filmes, os trabalhos de grupo, os debates, o uso dos computadores e o acesso à Internet para fazer pesquisas, são também utilizadas dentro da sala de aula, quando leccionam a sua disciplina.

Desta forma, podemos deduzir que a participação neste tipo de projectos, relativamente à alteração dos métodos de ensino "... portanto não traz nada de novo nesse sentido. (4.3.10)". No entanto, o mesmo professor ao afirmar o seguinte "Talvez quando trabalhamos sobre o projecto em si... (4.3.6)" pode estar a colocar a possibilidade de realizar algumas actividades diferentes do habitual, dentro da sala de aula, aquando da implementação do projecto.

Tabela 48 – “Impactos Pessoais”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
1 – Impactos pessoais	1.1 – O conhecimento de outros sistemas educativos e de outras realidades	1.2.29 – 1.2.30 – 2.2.14 – 3.2.8 – 3.2.9 – 3.2.10 – 3.2.11 – 4.3.17 – 4.3.18 – 4.3.19 – 4.3.20 – 4.3.21 – 4.3.22 – 4.3.23 – 4.3.24 – 4.3.25 – 5.2.11 – 5.2.12 – 5.2.13 – 5.2.14 – 5.2.15	21	5	4,2
	1.2 – A nível da convivência	1.2.27 – 1.2.28 – 5.2.7 – 5.2.8 – 5.2.9 – 5.2.10	6	2	3
	1.3 – Criação de laços de amizade	2.2.15 – 2.2.16 – 2.2.17 – 2.2.18 – 5.8.10	5	2	2,5
	1.4 – A nível linguístico	1.2.24 – 1.2.25 – 1.2.26	3	1	3
	1.5 – Maior confiança em nós mesmos	4.3.26	1	1	1
TOTAL			36	11	3,3

No que concerne aos possíveis impactos, dos projectos, a nível pessoal, estes situam-se em campos diferentes, como podemos deduzir ao analisar a Tabela 48.

São estes os diferentes campos:

- A) O conhecimento de outros sistemas educativos e de outras realidades;
- B) A nível da convivência;

- C) Criação de laços de amizade;
- D) A nível linguístico;
- E) Maior confiança.

Para o professor número um, os impactos verificados foram os seguintes:

- *“abriu-me [os horizontes] (1.2.12)”, “tenho outra perspectiva do ensino (1.2.13)”. Permitiu-me “conhecer os outros sistemas educativos (1.2.29)”. Da mesma forma “a pessoa ganha sempre uma certa experiência (1.2.18)”, principalmente “...a nível linguístico (1.2.24)”, uma vez que “...quando iniciei nos projectos, portanto, falava muito mal e hoje..., portanto, já vou sozinho para esses países (1.2.25)” e “...não tenho problemas (...) nas competências linguísticas (1.2.26)”. Houve impactos “...também a nível do convívio (1.2.27)”, do “...saber... conviver com outras pessoas (1.2.28)”.*

Para o professor número dois, os impactos verificaram-se aos seguintes níveis:

- *“...enquanto pessoa foi o facto de... conhecer outras... outras escolas, outras realidades educativas (2.2.14)”. O facto “...de ter conhecido... outros professores com os quais já trabalho... há anos (2.2.15)”, com os quais “... acabou por haver uma relação de amizade muito... muito forte (2.2.16)”, que “...até já implica um conhecimento familiar (2.2.17)”, ao ponto de “...eles virem cá passar férias... (2.2.18)”.*

Para o professor número três, os impactos identificados foram os seguintes:

- *“...mas comecei-me a interessar sobretudo por diferentes processos de administração e gestão escolar... (3.2.9)” e “...pelos diversos sistemas educativos, aí houve muito mais impacto (3.2.10)”.*

O professor número quatro referiu os seguintes impactos:

- *“E isso é sempre positivo, porque acabamos por conhecer, como estava a dizer há pouco, outras realidades (4.3.23)”, “...porque conseguimos tirar algumas ideias (4.3.21)”. Considerou importante “Eu acho que é ver o que é que os nossos colegas fazem (4.3.18)”, e “...ai deu-me também para perceber como é que... como é que funciona o sistema (4.3.22)” Educativo noutros países.*

O professor número cinco referiu impactos nos seguintes níveis:

- “...foi um maior conhecimento a nível de... a nível pessoal (5.2.7)”, “...a nível humano (5.2.8)”, “...a nível da partilha (5.2.9)”, “ a nível da colaboração (5.2.10)”, “...a nível de saber muito mais (5.2.11)” e de “...conhecer outras realidades totalmente diferentes da nossa (5.2.12)”.

4.2.2.2 – Categoria B2 – “Os Professores da Escola”

Pensando nos outros professores que fazem parte da escola, quisemos saber quantos professores é que normalmente participam no projecto, que funções e/ou actividades desenvolvem e se existe algum critério para os escolher.

Tentámos, também, identificar que tipos de apoio deram ao projecto, quer falemos de professores que participam directamente, quer falemos de professores que não participam directamente no projecto, mas que fazem parte da escola.

Pretendemos, também, que fossem identificados impactos em ambos os professores.

Tabela 49 – “Número de professores que participam no projecto”

Conteúdos dos indicadores		Código dos indicadores (cf. Anexo F)	UR	UE	UR/ UE
1 – Número de professores que participam no projecto	1.1 – Directamente 2 professores (incluindo o responsável)	1.7.12 - 2.8.13 - 2.8.14 3.3.3 - 3.8.8	5	3	1,6
	1.2 – Directamente 4 a 5 professores	4.9.16 - 5.6.13	2	2	1
	1.3 – Indirectamente todos os que quiserem colaborarem	1.7.13 - 1.7.14 - 2.8.15 - 2.8.16 - 2.8.17 - 2.8.18 - 2.8.19 - 2.8.20	8	2	4
TOTAL			15	7	2,1

Após a análise das entrevistas e da Tabela 49, concluímos que, directamente, além do responsável pelo projecto existe sempre mais um a quatro professores que acompanham toda a implementação do projecto. Indirectamente, podem participar todos os professores que quiserem colaborar.

Tabela 50 – Como são escolhidos os professores que participam directamente no projecto

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1- Como são escolhidos os professores que participam directamente no projecto	1.1 – Por disponibilidade	3.8.9 - 4.10.1 - 4.10.8 - 4.10.10 - 4.10.13 - 4.10.14 - 5.6.19	7	3	2,3
	1.2 – Por continuidade	1.8.1 - 1.8.2 - 2.9.11 - 2.9.12	4	2	2
	1.3 – Por boa vontade	4.10.9	1	1	1
TOTAL			12	6	2

Não parece existir um critério específico para a escolha deste/s colega /s que acompanham directamente o projecto, como verificamos na seguinte afirmação “*Não. (5.6.18)*”.

Os critérios que existem passam, simplesmente, pela disponibilidade dos mesmos, pela continuidade e pela boa vontade (Tabela 50). Após a primeira participação, que muitas vezes surge voluntariamente e resulta da disponibilidade do colega, existe uma certa continuidade.

A importância desta questão da disponibilidade é bem visível ao analisarmos as seguintes afirmações proferidas por um dos professores:

- “...*nós aqui não temos um corpo docente a tempo inteiro... (4.10.2)*”, “...*somos uma escola pequenina ...(4.10.3)*”, e “...*não temos horários completos ou não temos horários muito completos... (4.10.4)*”, logo “...*também não podemos estar a exigir às pessoas, porque aqui as pessoas, recebem à hora ...(4.10.5)*”. Além disso “... *as pessoas normalmente que dão aqui aulas têm outras actividades... (4.10.6)*”, “...*são advogados, são pessoas ou professores que estão em regime de acumulação ou então são pessoas que têm outras actividades. (4.10.7)*”.

Um dos professores referiu que para arranjar um colega que o acompanhasse, num primeiro momento “...*houve também uma altura em que tentávamos, logo no início, que fosse sempre um homem e uma mulher a acompanhar o...o grupo... (2.9.6)*”, mas “...*até que chegamos à conclusão que não era... não era viável porque as pessoas que vão trabalhar num projecto destes e que estão durante duas semanas fora com miúdos têm que*

ser pessoas que tenham... que funcionem muito bem juntas... (2.9.7)”, “...que tenham a mesma forma de ver as coisas... (2.9.8)”, “...e de... de trabalhar... (2.9.9)”. O professor considerou, assim, importante que entre os professores que trabalham, directamente, no projecto “...tem que haver uma forma de actuação... em que os princípios sejam os mesmos... (2.9.10)”.

Um aspecto interessante, que resultou da análise do conteúdo da categoria B1, e que é visível num indicador, deixa transparecer uma ideia importante, ao afirmar que *“Porque ninguém lhes paga nada. (4.10.11)”* os professores que participam nestes projectos fazem-no, muitas vezes, por que querem.

As actividades, que estes professores, realizam passam pelo acompanhamento e pela planificação do projecto em conjunto, como podemos aferir ao analisar as seguintes afirmações:

- *“Acompanha-me... (2.8.21)”, “...acompanha-me em tudo... (2.8.23)”;*
- *“...planifica as actividades... comigo... (2.8.22)”; “...planifica tudo comigo em termos de intercâmbio... (2.8.26)”, “Depois planifica comigo, organiza comigo..., (2.9.3)”;*
- *“...e normalmente faz aquilo para que eu não tenho tempo... (2.8.24)”, “...e eu normalmente faço aquilo para que ela não tem tempo... (2.8.25)”;*
- *“Normalmente eu faço a candidatura... (2.9.1)”, “...depois dou-lhe e ela vê, revê e vê se faz... se faz sentido. (2.9.2)”;*
- *“...acompanha os miúdos comigo, (2.9.4)”, “...durante o intercâmbio fazemos tudo em... em conjunto, (2.9.5)”.*

A escolha dos professores, que ajudam na implementação do projecto, recaiu, em dois dos projectos, nas capacidades linguísticas demonstradas pela professora, como podemos deduzir ao debruçarmo-nos sobre os seguintes enunciados:

- *“...normalmente vou com uma colega que... que é de Inglês... (1.7.16)”;*
- *“...temos a professora de Inglês, a Elsa, que normalmente colabora depois com as traduções... (4.9.17)”, “...ou então se houver alguma dúvida às vezes num e-mail de um aluno qualquer coisa, ela ajuda ... (4.9.18)”.*

Em relação ao apoio dos professores da escola, em geral, foi referido, por um dos professores, “*Sim. (5.6.20)*” teve apoio.

Uma outra opinião aponta “*De alguns... sim, (2.9.13)*”, “*...de outros não. (2.9.14)*”.

Na escola E. B. 2,3 Dr. Garcia Domingues o apoio sentiu-se da seguinte forma:

- “*Foram os professores que trabalharam mais com a turma mais dentro do projecto... (5.6.14)*” que apoiaram o professor. O mesmo acrescenta “*...indirectamente trabalharam todos os professores que passaram pelo Conselho de Turma... (5.6.15)*” e “*Além disso houve mais alguns professores que colaboram, em termos de escola, com as suas valências, ...(5.6.16)*”, “*...com aquilo que tinham para dar que os professores que estavam no projecto solicitaram. (5.6.17)*”.

Verifica-se que existem professores da escola que contribuem também para o projecto, quando o tema do mesmo se enquadra nas suas disciplinas, nesta situação os apoios “*... às vezes, pontualmente são...são pedidos. (1.8.3)*”.

O apoio de alguns professores à implementação destes projectos nas escolas surge, muitas vezes, da boa vontade das pessoas, das suas disponibilidades, da compreensão demonstrada face a um projecto destes, da paciência que normalmente demonstram e do tema do projecto.

Normalmente, os professores que apoiam a implementação deste tipo de projectos, são professores, que, por si só, são pessoas dinâmicas e activas, como aponta um dos participantes “*...eu sinto normalmente o apoio de pessoas que de si já são muito dinâmicas... (2.9.15)*”, “*...que de si já trabalham em muita coisa na... na escola... (2.9.16)*”. E acrescenta “*...daqueles que não se envolvem tanto em actividades, não sinto, normalmente, apoio. (2.9.17)*”.

No entanto, existem também nas escolas professores que não reagem muito bem a este tipo de projectos, nem o apoiam de alguma forma, como podemos deduzir ao analisar as seguintes afirmações:

- “*...porque também há quem não tenha qualquer compreensão para este tipo de...projecto... (2.8.18)*”, “*...e não queira (2.8.19)*” ou “*...não tenha paciência... (2.8.20)*” para participar nos mesmos. E acrescenta “*...há uns que efectivamente reagem bastante mal...(2.10.1)*”, “*...há alguns, até já há muitos anos, que dizem que o... o intercâmbio acaba por prejudicar os resultados académicos dos... dos*

alunos. (2.10.2)". Isto acontece, na opinião do professor, pelo seguinte facto "Mas os... os colegas que não concordam é um bocado porque interfere com a rotina deles... (2.10.7)". Existem, assim, "...colegas aqui que sempre tiveram uma enorme resistência... (2.10.13)" à participação nos projectos.

- "Eu acho que eles são muito cépticos... (3.8.11)", "...eu não te vou dizer todos... (3.8.12)", "...mas a sensação que eu tenho é que existe muito cepticismo. (3.8.13)".
- "Alguns reagem com indiferença... (5.7.1)", e ao mesmo tempo, "O problema é que nós estamos cada vez pressionados... com os currículos... (5.7.3)", "...estamos cada vez mais pressionados em cumprirmos os programas escolares... (5.7.4)" e "...isso é extremamente limitativo... (5.7.5)", pois "...normalmente os professores começam a sentir que estão pressionados por cumprir determinado programa porque os alunos vão ser sujeitos a exame. (5.7.6)", e reforça "Isso é limitativo ...(5.7.7)", "...e é mesmo restritivo para o bom trabalho do projecto. (5.7.8)".

No entanto, parece também emergir a ideia de que, a longo prazo, a resistência a estes projectos, por parte destes professores, vai diminuindo "Penso que de início, acho que tinham assim umas certas reservas acerca dos objectivos dos projectos... (1.8.7)", "...mas ultimamente tenho visto que... que todos... praticamente todos apoiam... o desenvolvimento destes projectos... (1.8.8)". O professor referiu, ainda que, "...uma das coisas que verifico agora é que antigamente eles... quando vinham cá colegas das outras escolas, portanto até tinham problemas de falar (1.8.9)", mas "...agora já vai havendo mais comunicação com os colegas e interesse por parte dos...dos professores daqui da escola em saber o que se está a fazer. (1.8.10)", "...e que já encaram [a implementação dos projectos] com alguma tolerância (2.10.15)".

E assim, surgem já professores "...outros talvez com vontade de participar. (5.7.2)", o que pode significar que "...é porque estamos no bom caminho... (2.10.16)".

Relativamente a possíveis impactos nos diferentes professores da escola, quatro dos professores referem:

- "Para já não tou a ver (1.8.11)"

- “Não. (3.8.10)”
- “Não tenho nenhuma ideia sobre isso. (4.10.18)”
- “Não. (5.6.18)”

Só uma professora refere que o impacto destes projectos “...acho que é um bocado por aí e a troca de... de experiências, ...(2.10.10)”, “Tem a ver com a troca de experiências. (2.10.11)”, e acrescenta “Eu acho que tem a ver com o... com o conhecerem... (2.10.8)”, “...e o contactarem com... com os alunos e os professores estrangeiros ... (2.10.9)”.

Apesar da dificuldade em identificar directamente impactos, dos projectos nos diferentes professores da escola, os professores vão referindo o seguinte:

- “...mas pelo menos sei que eles dão algum valor a isso... (1.8.12)”, “...não sei que impacto possa ter... (1.8.13)”, e repete “...penso que dão algum valor a isso... (1.8.14)”;
- “...o maior impacto é como eu costume dizer é abrir os olhos. (3.8.14)”, “...tudo depende... há impacto... (3.8.15)”, “...há impacto essencialmente quando existe algum acontecimento, algum evento que de alguma forma os envolva... (3.8.16)”. O mesmo professor deu como exemplo “...no encerramento do nosso antigo projecto de Desenvolvimento Escolar, nós tivemos um jantar aqui num hotel... (3.8.17)”, “... isto envolvia toda a comunidade escolar, com o corpo docente... (3.9.1)” e “...eu tentei escolher pessoas...as chamadas “opinion makers” e algumas cépticas para ali estarem... (3.9.2)”, “...para além de ter sido agradável penso que de alguma forma divulguei... positivamente os projectos que pretendo desenvolver aqui na escola.... (3.9.3)”;
- “ Eu acho que houve alguns que poderiam ter... (5.7.9)”, “... modificado um pouco mais a sua maneira de estar...perante determinadas situações... (5.7.10)”, o que “...em alguns sei que aconteceu... (5.7.11)” e em “...outros nem por isso...(5.7.12)”. Acrescenta “...e ainda [houve] outros que tentaram que o projecto funcionasse de acordo com eles e não eles de acordo com o projecto... (5.7.13)”.

Resumindo, podemos concluir que os impactos passaram, desta forma, pela valorização dos próprios projectos, pelo alargar e horizontes e pela modificação das suas opiniões e atitudes face aos projectos,

4.2.2.3 - Categoria B3 – “Os Professores Estrangeiros”

Nesta categoria pretendemos saber quantos professores estrangeiros participam nos projectos, como é que são mantidos os contactos, que actividades desenvolvem e que impacto é que os professores portugueses acham que os seus projectos têm nesses professores.

Verificamos, assim, que o número de professores estrangeiros participantes, nos projectos, é, normalmente, em mesmo número que os professores portugueses, dois. Só nos projectos que envolvem muitas escolas parceiras é que o número de professores estrangeiros aumenta, podendo atingir os vinte e cinco participantes “...há volta de 25 professores... (1.8.15)”, “...mas são cerca de 25 que tão envolvidos... (1.8.17)”. Verifica-se, também, que por questões financeiras, só se deslocam dois, professores, nas visitas realizadas ao país estrangeiro e nos intercâmbios, como enuncia um dos participantes “... às vezes nestes intercâmbios por motivos financeiros só se deslocam dois... (1.8.16)” professores.

Tabela 51 – “Como mantêm contacto”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Como mantêm contacto	1.1 – Através da NET / E-mail	1.9.2 - 1.9.6 - 1.9.8 - 2.10.18 - 2.10.21 - 3.9.13	6	3	2
	1.2 - Telefone	1.9.1- 2.10.19 - 3.9.12 - 3.9.14	4	3	1,3
	1.3 – Por correio / fax	1.9.7- 2.10.20	2	2	1
TOTAL			12	8	1,5

Os contactos mantidos entre os diferentes parceiros, como podemos verificar ao observarmos a tabela 51, são realizados, em maior número, através da Internet, nomeadamente do e-mail. No entanto, é também utilizado o telefone, o correio (envio de materiais) e o fax (alguma documentação).

Tabela 52 – “Que actividades desenvolvem em conjunto”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Que actividades desenvolvem em conjunto	1.1 – Preparam as visitas de intercâmbio e as actividades do projecto	2.11.1 - 2.11.2 - 2.11.3	3	1	3
	1.2 – Produzem e trocam materiais	1.9.4 - 1.9.5	2	1	2
	1.3 – Trocam ideias	1.9.3	1	1	1
TOTAL			6	3	2

Analisando as actividades descritas, na Tabela 52, podemos concluir que, os professores estrangeiros, acabam por desenvolver actividades parecidas com as que os professores portugueses realizam.

Essas actividades dividem-se entre:

- **Preparar as visitas de intercâmbio e as actividades do projecto** (com 3 indicadores);
- **Produzir e trocar materiais** (com 2 indicadores);
- **Trocar ideias** (com um indicador).

Foi verificado por um professor que, por exemplo, *“O que eu noto é na escola... na escola Holandesa uma maior disponibilidade dos outros professores... (2.11.4)”*, *“...não só em participarem no projecto, como também em contactarem connosco. (2.11.5)”*. Prossegue a comparação acrescentando o seguinte *“...cá já... já melhorou bastante...(2.11.6)”*, *“...já tivemos anos em que os professores estrangeiros entravam na sala dos professores e os professores viravam a ... as...as costas... (2.11.7)”*. Ainda, na opinião do professor, estes comportamentos podem ser justificados da seguinte forma, *“...que eu não acho que fosse por má educação... (2.11.8)”*, *“...era por receio... receio de terem que comunicar numa Língua Estrangeira... (2.11.9)”*, *“...não se sentiam à vontade...(2.11.10)”*. No entanto, refere que na escola Holandesa *“...é uma coisa que lá não noto... (2.11.11)”*, *“...mas também lá... todos eles têm um domínio bastante bom da Língua Inglesa, ...(2.11.12)”*.

Questionando a existência de impactos, dos projectos implementados nas escolas Portuguesa, nos professores estrangeiros, as opiniões dividem-se entre uma professora que refere *“Acho que não... (4.11.1)”* e outra que refere que o maior impacto *“...é o... o contacto com outra realidade. (2.11.14)”*.

No entanto, quando o primeiro professor professa as seguintes opiniões *“...eu sei que por exemplo os colegas austriacos adoram vir para cá e adoram fazer projectos connosco, e adoram vir cá, por eles viriam cá todos os anos. (4.11.2)”*, *“...eu acho que eles gostam mesmo muito de... pelos... aqui do nosso cantinho... o resto do país... (4.11.3)”*, *“...mas eles gostam muito de vir para cá...(4.11.4)”* poderemos concluir e considerar um impacto o facto dos professores Austriacos gostarem do Algarve, que tiveram oportunidade de conhecer ao participar nestes projectos.

Os restantes professores concluem que os impactos que se verificaram, foram os seguintes:

A – A nível linguístico e das competências das TIC

- *“Eu penso que deve mais ou menos igual ao nosso (1.9.9)”, “...a maior parte deles também é a nível linguístico (1.9.10)”, “...comunicamos sempre em Inglês... (1.9.11)”, “...a nível linguístico tem de certeza... (1.9.12)”, “...a nível das... das TIC tem de certeza (1.9.13)”.*

B – A nível do contacto com outras realidades:

- *“Eu acho que os impactos devem ser basicamente os impactos que nós temos... (2.11.13)”, “...é o... o contacto com outra realidade. (2.11.14)”. Um outro professor referiu que se o impacto passar por se “Verificar que a opinião... a opinião que normalmente passa de nós no estrangeiro nem sempre é aquela...nem sempre é aquela que as pessoas ficam depois de trabalharem connosco... (5.9.1)” é bom, pois as pessoas “...acabam por compreender um pouco em termos das zonas limítrofes da Europa, [que em] determinadas zonas da Europa as coisas não se desenvolveram tanto... (5.9.2)”. E acrescenta “...digamos se revelar [que], em termos de construção... [existem] Escolas que ainda estão a crescer, que ainda estão a ganhar uma identidade, porque a nossa Democracia ainda é muito jovem... (5.9.3)” é sempre positivo.*

C – A nível da gestão da escola:

- *“...existem sempre impactos ao nível ...da gestão (3.10.4)”.*

Um dos participantes faz uma comparação com os professores estrangeiros e refere que *“...ao nível da escola Finlandesa [os impactos dos projectos] mexe muito [com a escola] ... (3.10.1)”,* uma vez que *“...de facto eles estão interessados em saber como os jovens saem dali... os formandos saem dali e vão para o mercado do trabalho... eles querem exactamente saber portanto... se o que estão a fazer estão a fazer bem... se é*

aquilo que os clientes querem ou não. (3.10.2)”, desta forma, “... por exemplo os impactos[dos projectos na Escola Finlandesa] são diferentes... (3.10.3)” dos nossos.

4.2.2.4 - Categoria B4 – “Os Alunos”

Debruçar-nos-emos agora sobre uma das partes importantes de qualquer processo de ensino aprendizagem: os alunos.

Interrogamo-nos sobre o número de alunos que tem a possibilidade de participar nestes projectos, como são escolhidos, que idade têm, que actividades desenvolvem, que dificuldades sentem, o que os motiva a participar nestes projectos e quais os impactos visíveis nos mesmos.

De acordo com as Unidades de Registo identificadas na sub – categoria B4, observamos que a maior parte dos alunos, das Escolas Básicas, que participa, frequenta o nono ano de escolaridade e as suas idades situam-se entre os doze e os quinze anos.

Na Escola Secundária de Silves frequentam, normalmente, o décimo ano e as suas idades rodam os quinze anos. Na Escola Profissional de Agricultura do Algarve de S. Bartolomeu de Messines, quando se escolhem os alunos com quem trabalhar, tem-se em atenção o Curso dos alunos. Assim, escolhe-se aquele curso que mais tem a ver com o tema e opta-se por trabalhar com alunos que estão a frequentar o segundo ano do curso. As médias de idades destes alunos variam muito *“Têm entre 16 e 20, 21. (4.8.13)”*.

O número de alunos que participa em cada projecto também é variável:

- Na Escola E. B. 2,3 João de Deus, nos Projectos de Escola, o número de alunos que frequenta o Clube é de quinze. Quando existe a possibilidade de se deslocarem ao estrangeiro, normalmente, vão 2 a 3 alunos, dos que frequentam o clube. Dos alunos que frequentam o clube verificamos que *“... alguns já vêm de anos anteriores... (1.9.17)”*, pois *“... desde o 5º ano que eles começaram (1.9.18)”* a frequentar o clube. Segundo, o mesmo professor, *“... comecei a sensibilizá-los para este tipo de projectos (1.9.19) ...”*, desde essa altura e agora *“...esses alunos estão... vão agora para o 9º ano e têm estado sempre a trabalhar connosco. (1.9.20)”*.
- Na mesma escola, mas nos Projectos de Línguas, trabalha-se com um grupo de alunos, que convergem de diferentes turmas do 9º ano. Não excedem, por norma, os

15 participantes e são escolhidos...em função dos... resultados obtidos no primeiro período. (2.11.18)”, isto é “... por resultados obtidos, falamos na média geral de todas as disciplinas, incluindo as... as NACS ... (2.11.19). Em caso de empate “...utilizamos como... como forma de desempate o... o Inglês e as faltas injustificadas. (2.11.20)”. Este critério de selecção “... nós arranjamos esta porque temos sempre muitos candidatos ... (2.11.21)”, “...e temos que... que arranjar uma forma clara e... e justa e que não...suscite dúvidas... (2.11.22)”. Este critério de selecção acaba, assim, por, na opinião da professora responsável pelo projecto, estimular o empenho dos alunos. Esta dedução é feita com base nas seguintes afirmações “...para além disso achamos também que era uma forma de premiar o empenho dos nossos... dos nossos alunos... (2.12.1)”, “...de premiar o empenho e até de estimular... (2.12.2)”. E acrescenta “...que já se conseguiu fazer isso... (2.12.3)”, pois “...nós temos miúdos que chegam ao 9º ano e iniciam o 9º e dizem “Ai eu este ano vou trabalhar mais que é para ver se vou à Holanda”. (2.12.4)”.

- Na Escola Secundária de Silves, trabalha-se com uma turma “São 25. (3.10.6)”, mas também, acrescenta o professor “Já tive um projecto em que... foi o anterior... tínhamos um dia onde nos encontrávamos e aí não trabalhava com uma turma [mas] tinha alunos oriundos de várias turmas, porque era o tal projecto inclusivo. (3.11.1)”. Nesta escola opta-se por trabalhar com turmas do 10º ano.
- Na Escola E.B. 2,3 Dr. Garcia Domingues de Silves, o projecto funciona com uma turma com “Por volta dos 30 alunos. (5.9.4)”, “Normalmente, 3º ciclo. (5.9.6)” logo podemos deduzir que o número de alunos participantes depende do número de alunos da turma e do ano que frequentam. O critério de selecção desta turma passou por “...entre todos os professores que participaram no projecto... um dos professores sugeriu que fosse este grupo de alunos... (5.9.7)”, “...pelo conhecimento que tinha deles e que achou que seria aquele que poderia ...produzir um trabalho mais válido. (5.9.8)”.

Nesta escola, como os Projectos de Escola têm normalmente a duração de 3 anos, o trabalho com a turma inicia-se no sétimo ano e vai até ao nono ano de escolaridade.

Quando existe a possibilidade de levar alguns alunos ao estrangeiro vão entre três e seis alunos.

Relativamente às actividades que os alunos desenvolvem, ao longo da implementação dos projectos, é curiosa a seguinte afirmação, de um dos professores, que referiu que *"...o projecto é-lhes dado logo como uma... um trabalho já feito ... (1.10.1)"*. Parece-nos que esta afirmação se refere ao facto de que quando o projecto é apresentado aos alunos o tema e as escolas participantes já estão seleccionadas.

No entanto, parece-nos que as actividades desenvolvidas pelos alunos são diversificadas, quer seja na escola ou quando se deslocam ao estrangeiro, pois mesmo nessa situação *"...se saem vão com trabalhinho de certeza... (3.11.7)"* e normalmente *"Desenvolvem trabalho de projecto. (3.11.6)"*.

Estas actividades passaram por:

- *"...eles vão é pesquisar... (1.10.2)"*, *"...a primeira fase do trabalho é a pesquisa... (1.10.3)"*,
- apresentar os trabalhos realizados;
- realizar debates;
- *"...foram assistir a aulas... (1.10.9)"*;
- trabalhar na sala de informática;
- organizar eventos;
- trabalhar em grupo,;
- elaboração e aplicação de inquéritos;
- realização de actividades práticas, como por exemplo, cozinhar *"...apresentamos algumas das receitas que eles cozinham...cozinham no estrangeiro.... (5.9.21)"*;
- apresentação da *"...a conclusão... (1.10.6)"*, dos resultados finais do trabalho realizado.

No que concerne às dificuldades encontradas, em realizar algumas das actividades planeadas no projecto, encontramos o facto dos alunos portugueses estarem presos a um horário fixo e não flexível, o que dificulta a participação em algumas destas actividades, principalmente quando os professores estrangeiros se deslocam às escolas portuguesas. Como referiu um dos professores *"...por acaso é umas das dificuldades que eu há bocado não mencionei ... é que...enquanto eles lá têm uma*

maior flexibilidade...que lhes permite sair da sala de aula quando precisam, criar grupos de trabalho... (2.12.10)”.

Outra dificuldade prende-se com o seguinte: “Normalmente a parte de... de Inglês que é onde eles têm mais dificuldade para a elaboração do trabalho... (1.10.7)”.

Tabela 53 – “Quais as motivações que levam os alunos a participarem nos projectos”

Conteúdos dos indicadores		Código dos indicadores (cf. Anexo F)	UR	UE	UR/ UE
1 Quais as motivações que levam os alunos a participarem nos projectos	1.1 – Conhecer outros país / viajar	1.10.14 - 1.10.15 - 2.13.1 - 2.13.2 - 3.11.8	5	3	1,6
	1.2 – Melhorar as competências do Inglês	1.10.13 - 5.10.4	2	2	1
	1.3- O uso das TIC	1.10.12	1	1	1
TOTAL			8	6	1,3

Se nos debruçarmos sobre quais as motivações que levaram os alunos a quererem participar nestes projectos, estas passaram por diversas razões:

Em primeiro lugar, como podemos comprovar ao fazer a leitura da Tabela 53, está **o desejo de viajar**:

- “o aliciante de poderem conhecer um país (1.10.14)”, pois “não teriam muitas possibilidades senão fosse através do projecto (1.10.15)”;
- “O que os leva é sem dúvida viajar... (2.13.1)”, “...e viajar com os colegas. ... (2.13.2)”;
- “É ir ao estrangeiro. (3.11.8)”.

Em segundo lugar o desejo de **falar melhor a língua Inglesa**:

- “...gostam muito de trabalhar... penso que Inglês... (1.10.13)”;
- “...as suas... capacidades a nível do...da expressão do Inglês são limitadas... (5.10.4)”.

Em terceiro lugar está o desejo de usar **as Novas Tecnologias de Informação**:

- “...gostam muito da... da valorização das TIC... (1.10.12)”

No que diz respeito aos impactos dos projectos, “*Nos alunos...mais uma vez é mais um impacto que só se vê...a longo prazo... (2.13.3)*”, mas, na opinião de um dos professores “*Os impactos são enormes... (3.11.10)*”.

Tabela 54 – “Quais os impactos dos projectos nos alunos”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
Quais os impactos dos projectos nos alunos	1.1 – Alargar horizontes	2.10.6 - 3.11.14 - 3.11.15- 4.11.9 - 4.3.12 - 4.3.14 - 4.3.15 - 4.3.16 - 4.3.17 - 4.11.9 - 4.5.21	11	4	2,8
	1.2– Motivação face ao estudo	4.2.23 - 4.2.24 - 4.2.25- 4.2.26 - 4.2.27 - 4.2.29 - 4.3.2 - 4.3.3 - 4.3.4 - 4.3.5	10	1	10
	1.3 – Nas competências do Inglês	1.10.16 = 1.10.17 - 1.10.18 - 2.13.5 - 2.13.13 - 3.11.11	6	3	2
	1.4 - Ganhar confiança nas suas capacidades	5.10.12 - 5.10.13 - 5.10.14 - 5.10.15 - 5.10.16 - 5.10.17	6	1	6
	1.5 – Maior participação em outros projectos	2.13.6 - 2.13.7 - 2.13.8 - 2.13.9 - 2.13.10	5	1	5
	1.6 - “Uma mais valia para os alunos”	2.10.3 - 2.10.4 - 2.10.5 - 4.3.11 -	4	2	2
	1.7 – Uma maior vontade de viajar	2.13.4 - 2.13.11 - 2.13.12	3	1	3
	1.8 – Melhoria do relacionamento entre os adolescentes	3.11.13 - 5.10.10	2	2	1
	1.9 – Criação de laços	3.11.12- 4.5.19	2	2	1
TOTAL			49	17	2,9

Em relação aos impactos, dos projectos nos alunos, identificados, pelos diferentes professores, verificaram-se a vários níveis:

A participação em projectos, contribuiu para que os alunos **Alarguem os seus horizontes**, como podemos deduzir ao analisar as dez Unidades de Registo, da Tabela 54:

- “*...acabou por aprender coisas que normalmente não... não aprenderia... (2.10.6)*”;
- “*...é o alargar de horizontes... (3.11.14)*”, “*...eles vêm de lá... vêm de outra maneira eles crescem... de uma maneira... (3.11.15)*”;
- “*...que é o facto de eles irem verificar outra realidade... (4.3.12)*”. E, exemplifica, o facto “*...de eles [os alunos] ficarem muito... muito surpreendidos com o facto dos colegas entrarem às oito da manhã, (4.3.14)*”, “*...depois também... enfim... permanecemos muito tempo na escola, trabalhávamos na sala de Informática deles e eles conheceram, portanto, toda a estrutura... (4.3.15)*”, “*... e o modo de funcionamento [da escola] ... (4.3.16)*”. Acrescenta “*...a troca de experiências eu acho que é muito enriquecedora para eles...*”

(4.3.17)”, pois “... acabam por experimentar um bocadinho daquelas comidas que para eles é tudo novidade... (4.5.21)”, e termina dizendo “Eu acho que eles perceberam que apesar de falarmos línguas diferentes de ... de... de haver uma cultura toda diferente... fazemos parte de um espaço comum e sentimos as mesmas consequências... e as mesmas consequências quer positivas quer negativas em relação aquilo que se passa, (4.11.9)”. Após a candidatura ser aceite, o professor responsável pelo projecto “... falo depois com eles [os alunos] e lhes digo “vamos ter um projecto de intercâmbio com outra escola, com outro país ... (4.2.25)”, e “...para eles é tudo novo. (4.2.26)”, “Para muitos deles é a primeira vez que vão viajar de avião, (4.2.27)”, “...é a primeira vez que saem do país, (4.2.28)”, “...é a primeira vez que contactam directamente com... jovens da idade deles, mas de outro país... (4.2.29)”.

Fomento de uma maior **Motivação face ao estudo:**

➤ “...porque quando eles sabem que existe [um projecto] (4.2.24)”, “Vejo que há uma outra motivação... em relação aquilo que depois fazem nesse ano, (4.3.3)”, e reforça referindo “...para eles vejo que sim... (4.3.2)”_“...porque se empenham. (4.3.4)”, “... viu-se que realmente quando ficaram a saber que só iam aqueles que tinham realmente boas notas ainda ficaram mais motivados. (4.3.5)”.

Contribuí para uma melhoria a nível das **Competências da Língua Inglesa**, o que vai de encontro a uma das motivações dos alunos:

- “...a nível do Inglês... (1.10.16)”, “...estes [os alunos] que participaram no projecto e foram ao intercâmbio, a nível do Inglês tiveram mesmo que falar, (1.10.17)”, “...porque senão não se desenrascavam, aí acho que tiveram um grande impacto... (1.10.18)”;
- “Depois em alguns verifiquei também que descobriram que afinal falar em Inglês... não é assim tão difícil. (2.13.5)”, verificou, também, “...outros [alunos] que... começaram a melhorar as notas nas Línguas Estrangeiras. (2.13.13)”, “...o desenvolvimento da língua estrangeira... (3.11.11)”.

Permite aos alunos **Ganhar mais confiança nas suas capacidades:**

- porque apesar de *“Alguns [alunos] estão perfeitamente disponíveis para trabalhar na escola... (5.10.2)”* e *“...têm óptima confiança em si... (5.10.3)”*, com outros isso não acontece *“...os alunos demonstram muita falta de confiança neles próprios...essa falta de confiança manifesta-se quando eles têm que viajar para o estrangeiro... (5.10.1)”*, assim, para esses alunos *“...este projecto simplesmente deixou memórias... (5.10.12)”*; *“...deixou ... se calhar algumas valências. (5.10.13)”*; *“Se calhar alguma outra confiança para chegar à Escola Secundária (5.10.14)”*. O professor acrescenta *“...eu sei que destes alunos, muitos deles, a maior parte deles quando chegaram à Escola Secundária, participaram noutros projectos da Escola Secundária. (5.10.15)”*; *“...o melhor que ficou, com que eles... foi a capacidade e a confiança de poderem participar e confiarem mais nas suas capacidades... (5.10.16)”* e *“...poderem participar. (5.10.17)”*.

Potencia uma **Maior participação em outros projectos:**

- *“E... também uma maior abertura para depois mais tarde participar em outros projectos (2.13.6)”*. Em relação a este tipo de impacto a professora referiu mesmo que: *“...conheço um inclusive, que... no 12º ano veio-me pedir qualquer coisa para passar um ano no... no estrangeiro, foi pelo Intercultura (2.13.7)”*; *“...hoje em dia está a estudar no... no Porto e trabalha para a Intercultura.... (2.13.8)”*; *“É ele que recebe colegas... colegas estrangeiros, faz o acompanhamento deles (2.13.9)”*; *“Conheço outros miúdos que depois participaram em Erasmus, também na Universidade (2.13.10)”*.

É considerada **“Uma mais valia para os alunos”:**

- *“...o Pedagógico, nesse aspecto, tem uma postura completamente..., (2.10.3)”*; *“...tanto o Pedagógico como o Conselho Executivo, tem uma postura completamente diferente.... (2.10.4)”*; *“ Nós achamos que isto é uma... é uma mais valia para os nossos miúdos... (2.10.5)”*, pois o aluno que participou no projecto *“...acabou por aprender coisas que normalmente não... não*

aprenderia... (2.10.6)". Desta forma o dos impactos na participação destes projectos é "*O que [o projecto] traz de novo [que] é realmente a experiência enriquecedora, (4.3.11)*".

Desperta uma **Maior vontade de viajar:**

- "*...o que eu vejo em muitos é vontade de viajar que era uma vontade que não tinham anteriormente. (2.13.4)*", "*Conheço outros em que passaram a fazer viagens com o Padre (2.13.11)*", "*juntaram-se ao grupo de jovens e passaram a fazer viagens para... para o exterior, (2.13.12)*".

Melhora o **relacionamento entre os adolescentes:**

- "*...como os miúdos interagem... os adolescentes, é melhor, ... entre si. (3.11.13)*". "*...embora haja alguns alunos tenham mantido contacto com alguns colegas... (5.10.10)*".

Contribui para a **Criação de laços:**

- "*...a criação de laços é espectacular (3.11.12)*".
- "*... há também essa vertente que para os próprios alunos também acaba por ser muito bom, porque acabam por conhecer os familiares dos colegas...(4.5.19)*"

4.2.2.5 – “O Pessoal Não Docente”

Na quinta e última categoria, que se debruça sobre mais um dos intervenientes na instituição que é a escola, “O Pessoal Não Docente”, procuramos saber se existe algum envolvimento do Pessoal Não Docente neste tipo de projectos, como é que eles participam no mesmo e quais os impactos que os projectos têm neles. Não queremos deixar de esclarecer que quando nos referimos a Pessoal Não Docente estamos a referir-nos aos Auxiliares da Acção Educativa.

Tabela 55 – “Há envolvimento do Pessoal Não Docente nos projectos?”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>U E</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Há envolvimento do Pessoal Não Docente nos projectos?	1.1 -Não	1.10.19 - 3.11.16 – 3.11.17	3	2	1,5
	1.2 – Participa quando solicitado	2.13.15 - 5.10.19 – 5.10.20	3	2	1,5
	1.3 – Existe ou existiu	3.11.18 - 4.11.10	2	2	1
	1.4 – Não directo	2.13.14	1	1	1
	1.5 - Pouco	5.10.18	1	1	1
TOTAL			10	8	1,3

Na opinião dos professores (Tabela 55) o envolvimento do Pessoal Não Docente nos projectos oscila entre o **não envolvimento**, o **pouco** e o **não directo**.

Um professor referiu “*Ai existe certamente... (3.11.18)*” e outro contrapôs “*...já houve. (4.11.10)*”. No entanto, é também referido que quando o seu apoio, dos mesmos, é solicitado eles participam.

Por vezes, o facto de não participarem mais deve-se, na opinião de um dos professores, ao facto do “*...grupo de funcionários já seja de uma idade muito mais avançada... (5.10.21)*”, logo “*... é mais limitada a capacidade de participar... (5.10.22)*”. No entanto, acrescenta o mesmo professor, “*... Embora nunca se recusaram em fazer coisas pontuais... (5.10.23)*”.

Tabela 56 – “Quando participam, de que forma o fazem?”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo F)</i>	<i>UR</i>	<i>U E</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Quando participam, de que forma o fazem?	1.1 – Acompanhamento e encaminhamento dos alunos e professores estrangeiros na Escola	2.13.16 – 2.13.17 – 2.13.18 – 2.13.19 – 2.13.20 – 2.13.21 – 2.13.22 – 5.10.24 - 5.10.25 – 5.10.26 – 5.10.27 – 5.10.28	12	2	6
	1.2 – Colaborando no que se pede	5.10.19 – 5.10.20 - 5.10.30	3	1	3
	1.3 – Deslocação ao estrangeiro com os professores	4.12.1 – 4.12.2 – 4.12.3	3	1	3
	1.4 – Acompanhamento nas deslocações (condutor da carrinha)	4.12.4 – 4.12.5	2	1	2
TOTAL			20	5	4

Quando participam nos projectos, essa participação é visível nas situações descritas na Tabela 56:

➤ **No acompanhamento e encaminhamento dos alunos e professores estrangeiros na Escola:**

- *“É mais no encaminhamento dos múltos estrangeiros quando eles andam... andam por aí...(2.13.16)”*;
- *“...têm toda a paciência e tolerância, quando por exemplo eles quebram uma regra da escola sem conhecerem a regra... (2.13.17)”*;
- *“...têm normalmente tendência a...a desculpar... (2.13.18)”*;
- *“... depois a falar comigo ou a com a Isabel... (2.13.19)”*;
- *“Acho que eles nesse aspecto em termos de atitudes têm trabalhado muito bem e mesmo sem falar Inglês... (2.13.20)”*;
- *“...tentam ajudá-los no Bar... (2.13.21)”*, e *“...ai pela escola quando eles estão a desenvolver actividades. (2.13.22)”*;
- *“...fosse a nível da gestão... da gestão, de ajudar os alunos quando eles foram...estiveram na nossa escola em visita... (5.10.24)”*;
- *“...para preparar a recepção na sala dos professores aos professores... (5.10.25)”*;
- *“...para acompanhar os alunos às salas de aulas... das aulas que eles iriam assistir. (5.10.26)”*;
- *“A cantina... para... para contar com alunos diferentes... (5.10.27)”*;
- *“...haver alguma... algum...alguma sensibilidade... mais sensibilidade para alunos diferentes e de outras escolas. (5.10.28)”*.

➤ **Colaborando no que se pede:**

- *“Colaboração que nós pedíamos... (5.10.19)”*, *“Colaborações pontuais... (5.10.20)”*;
- *“Foram pequenos alertas que foram feitos e pequenos pedidos de colaboração. (5.10.30)”*.

➤ **Na deslocação ao estrangeiro com os professores:**

- *“Portanto na última viagem foi uma pessoa da Secretaria, (4.12.1)”*, *“... porque costuma tratar de todas as partes burocráticas do processo e*

portanto... e também conhece os alunos etc... (4.12.2)", "... viajou com eles. (4.12.3)".

➤ **No acompanhamento nas deslocações:**

- "...um funcionário que nos... acompanha para todo o lado, (4.12.4)", "...fazem faltas várias carrinhas, não é... para deslocação e então o funcionário acompanha-nos. (4.12.5)".

Tabela 57 – “Há impactos dos projectos no Pessoal Não Docente?”

Conteúdos dos indicadores		Código dos indicadores (cf. Anexo F)	UR	UE	UR/ UE	
1 - Há impactos dos projectos no Pessoal Não Docente?	1.1 – Não sabe responder	1.10.20 – 1.10.21	2	1	2	
	2 - Sim	2.1 – No profissionalismo dos mesmos	3.11.19 - 3.11.20 – 3.11.21	3	1	3
		2.2 – São residuais / pontuais	5.11.1 – 5.11.2	2	1	2
		2.3 – Dão valor aos projectos	1.10.22	1	1	1
		2.4 – Perda do receio de comunicar em Língua Inglesa	2.13.23	1	1	1
		2.5 – Despertar para novas realidades	5.10.29	1	1	1
		2.6 – São bons, positivos	4.12.6	1	1	1
TOTAL			11	7	1,6	

À questão que tipo de impactos é que os professores achavam que, os seus projectos tiveram no Pessoal Não Docente obtivemos respostas que oscilaram entre o **não saber responder** e a **identificação de alguns impactos**, que se encontram sistematizados e categorizados na Tabela 57.

Esta categorização teve como base as seguintes afirmações:

- "...não sei responder a essa pergunta (1.10.20)", "... mas penso que não deve ter (1.10.21)", "... dão valor...vêm cá pessoas das outras escolas (1.10.22)";
- "...o perderem receio de perder o medo de comunicar com alguém que não entenda a língua deles. (2.13.23)";

- “...quem está ao telefone...tem que se desenrascar de alguma forma...doughes ali o básico do Inglês a atender alguém... (3.11.19)”, “...como temos aqui reuniões de projecto...são preparados... (3.11.20)”, “...isso é capaz de ter algum impacto digamos na... na sua profissional idade. (3.11.21)”;
- “Eu acho que são bons, são positivos... (4.12.6)”;
- “Despertar para outras realidades... (5.10.29)”;
- “O impacto que o projecto teve neles...acho que talvez...é... é residual... (5.11.1)”, “ Pontual. (5.11.2)”.

4.2.3– Dimensão C – Contexto “Extra-Escolar”

Na análise da Dimensão C – Contexto “Extra-escolar” (Tabela 58) foi possível distinguirem-se duas sub-categorias: “A Comunidade Envolvente” e “a Família”.

Tabela 58 – Dimensão C – Contexto “Extra-escolar”

Dimensão C	Categoria
- Contexto “Extra-escolar”	C1 – A Comunidade Envolvente
	C2 – A Família

4.2.3.1 - “A Comunidade Envolvente”

Nesta sub – categoria, **A Comunidade Envolvente**, os professores fizeram referência aos tipos de apoio que conseguiram ou não obter dos denominados “Parceiros associados”, que são organismos, tais como: autoridades locais ou regionais, empresas, associações e institutos. Pretendeu-se também saber como é que este projecto foi dado a conhecer e quais os impactos que tiveram na Comunidade Envolvente.

Tabela 59 – “ Há apoio da comunidade envolvente? Se sim de quem?”

Conteúdos dos indicadores			Código dos indicadores (cf. Anexo G)	UR	UE	UR/ UE	
1 - “ Há apoio da comunidade envolvente? Se sim de quem?”	1.1 - Sim	1.1.1 - Casa do Povo (S.Bartolomeu de Messines)	Cedência de instalações	2.15.15 - 2.15.16 - 2.15.17 - 2.15.18	4	1	4
			a) Nos transportes	5.13.12 - 5.13.13	2	1	2
		1.1.2 - Câmara Municipal	b) Elaboração / impressão de materiais	5.13.14 - 5.13.15	2	1	2
		1.1.3 - Outras instituições	a) - Empresas (Hotel Almansor, “Boca de Lagoa”, Os Amorim)	3.13.3 - 3.13.4	2	1	2
			b) - Supermercado Modelo	5.13.16 - 5.13.17	2	1	2
			c)- Zoomarine ⁹⁰	3.7.5	1	1	1
			d) - Silves Futebol Clube	5.13.18	1	1	1
		1.1.4 - Aceitação da presença de alunos estrangeiros na Comunidade em geral		2.15.19 - 2.15.20 - 2.15.21 - 2.15.22 - 2.15.23	5	1	5
		1.1.5 - Junta de Freguesia		3.5.26	1	1	1
		1.1.6 - Dos Encarregados de Educação		1.12.5	1	1	1
	1.2 - Não		4.13.6	1	1	1	
TOTAL				22	11	2	

Parece ser unânime a ideia de que se consegue obter pouco apoio dos diferentes organismos da Comunidade Envolvente. No entanto, só um professor refere que não tem qualquer tipo de apoio da Comunidade Envolvente, como se pode verificar ao analisarmos a Tabela 59.

Os outros professores identificaram alguns dos organismos que forneceram algum apoio. Foram estes os seguintes:

- **A Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines** “*sempre contamos com o apoio da Casa do... da Casa do Povo, (2.15.15)*” cujo apoio se traduz no colocar à disposição as suas instalações para acolher alunos e / ou professores estrangeiros. O professor acrescenta ainda “*é óbvio que se paga um preço por isso, mas [é verdade] que põem as instalações à... à disposição deles... (2.15.17)*”, “*...inclusive as instalações desportivas, (2.15.18)*”.

⁹⁰ - Parque Temático situado na Guia

- **A Câmara Municipal de Silves** "*Socorro-me de Câmaras Municipais (3.7.3)*", "*...tivemos o apoio da Câmara nos transportes, (5.13.13)*", "*...tivemos o apoio da Câmara na elaboração de algum material ... (5.13.14)*", "*...principalmente em termos de impressão... (5.13.15)*".

- **Outras instituições**, recorrendo a "*alguns conhecimentos... (3.7.4)*", "*...pelo do nosso contacto directo... (5.13.19)*". O apoio "*Existe de... de algumas empresas (3.13.3)*", tais como, "*tou a lembrar-me do Hotel Almansor, da Câmara Municipal de Lagoa, tou a lembrar-me do "Boca de Lagoa" ...os Amorim (3.13.4)*", "*...tivemos o apoio... do Modelo, (5.13.16)*", "*...em termos de ofertas, de uma série de coisas... (5.13.17)*", "*Zoomarine (3.7.5)*" e "*... tivemos o apoio do Silves Futebol Clube. (5.13.18)*".

- **Junta da Freguesia:** Um dos professores refere que "*houve outros projectos em que tivemos de nos recorrer de...por da Junta de Freguesia que nos deu alguma ajuda financeira, (3.5.26)*".

- **A aceitação da presença de alunos estrangeiros na Vila de Messines** é vista também como uma forma de apoio por um dos professores "*...a comunidade... (2.15.19)*", "*... pelo menos eu vejo pequenos pormenores, que eles vêem os lourinhos e já sabem "ai...são os Holandeses ali da... ali da escola... (2.15.20)*", "*...acho que até os tratam com algum... algum carinho... (2.15.21)*", "*...ou quando vêem... eu sei que se houver algum problema com... com um aluno Holandês e que alguém daqui veja... num instante uma de nós há-de saber... (2.15.22)*", "*...eles têm esse cuidado. (2.15.23)*".

- Um professor refere que recebe apoio "*Apenas só dos Encarregados de Educação... (1.12.5)*".

Tabela 60 – “Como é que a comunidade envolvente tem conhecimento do projecto?”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo G)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
1 Como é que a comunidade envolvente tem conhecimento do projecto?	1.1 – Através das visitas e dos contactos com as pessoas	4.13.7 – 4.13.8 – 4.13.9	3	1	3
	1.2 – Consultando a página da escola na Internet	1.12.8 – 1.12.9	2	1	2
	1.3 – Com a presença na comunidade de estrangeiros	2.16.1 – 2.16.2	2	1	2
	1.4 - Jornais	3.13.5 - 4.13.10	2	2	1
	1.5 – Através dos filhos / alunos da escola	1.12.6 – 1.12.7	2	1	2
TOTAL			11	6	1,8

No que concerne à forma como os projectos são divulgados na comunidade, esta divulgação é feita, em primeiro lugar, como podemos deduzir da análise da Tabela 60, através das **visitas e dos contactos com as pessoas**. Como referiu um professor, “...porque por vezes é necessário...fazer visitas e contactar pessoas aqui... aqui próximo que ficam a ter conhecimento... (4.13.9)”.

A divulgação passa também pela **consulta da página web da escola** “...depois se alguém consultar a Net... (1.12.8)”, “...através da página da escola... (1.12.9)” e com a **presença na comunidade dos alunos e professores estrangeiros**. Como referiu um dos professores “Numa comunidade tão pequena...e ao fim de tantos anos já nem sequer há necessidade de... de divulgação. (2.16.1)”, “A divulgação foi feita com a presença deles cá. (2.16.2)”.

A divulgação dos projectos é ainda conseguida através da **publicidade dos projectos em Jornais**, como podemos deduzir ao analisar as seguintes afirmações: “...eu já tenho escrito para alguns jornais... publicitando o tipo de trabalho que se desenvolve aqui em termos das parcerias... (3.13.5)”, “...outras possivelmente não terão...a não ser através do jornal da escola. (4.13.10)”.

A divulgação também passa pela informação transmitida pelos próprios **alunos** que participam nos projectos “Através dos próprios filhos... (1.12.6)”, “...dos alunos aqui da escola... (1.12.7)”.

Tabela 61 – “Que impactos tem o projecto na comunidade envolvente?”

Conteúdos dos indicadores		Código dos indicadores (cf. Anexo G)	UR	UE	UR/ UE
I - Que impactos tem o projecto na comunidade envolvente?	1.3 – Na publicidade feita a algumas instituições / empresas	3.13.6 - 3.13.7 - 3.13.8 - 3.13.9 - 3.13.10	5	1	5
	1.2 – Na aceitação de estrangeiros na comunidade	2.16.3	1	1	1
	1.3 – Nos Encarregados de Educação ou pais dos alunos que participam no projecto	1.12.10	1	1	1
	1.4 – Não me apercebi	4.13.11	1	1	1
TOTAL			8	4	2

Em relação à identificação de possíveis impactos, dos projectos na Comunidade Envolvente, verifica-se que não é fácil identificá-los e há uma professora que refere não se ter apercebido do facto “*Também nunca... nunca me apercebi. (4.13.11)*” e mesmo quando é possível estes são, na opinião dos professores, reduzidos.

De qualquer forma foram identificados os seguintes impactos ilustrados na Tabela 61:

- Na **publicidade** feita a algumas instituições ou empresas “*...sei lá... eu acho que sim... (3.13.6)*”, “*...tôu a ver as empresas que nos facilitam de alguma forma a vida e nos proporcionam algumas benesses...porque existe evidentemente publicidade... (3.13.7)*”, “*...nós quando vamos lá... nós também nos comprometemos a fazer isso... (3.13.8)*”, “*...e vê-se também nos jornais... (3.13.9)*”, “*Isso é publicidade... são... são coisas que se fazem... de alguma forma dão alguma projecção. (3.13.10)*”.

- Outro impacto identificado passa pela **aceitação de estrangeiros na comunidade** “*não sei se será talvez ao nível de aceitação de... de miúdos que acabam por fazer parte da comunidade durante aquele tempo. (2.16.3)*”.

- Podemos ainda destacar a seguinte opinião de um professor que refere “*Pelo menos existem naqueles [Encarregados de Educação] cujos filhos têm ou frequentam o clube ou participam nas actividades, portanto, do clube.. (1.12.10)*” no entanto, não conseguiu especificar o tipo de impacto.

Ainda em relação a este ponto, destacamos a opinião de um dos professores que refere que não se verificam impactos na Comunidade Envolverte, e explica manifestando as seguintes opiniões:

“...eu penso que acaba por não ter... (5.14.1)”, “...por uma razão muito simples ...[porque] nós temos pouco o hábito de... potenciarmos em termos positivos aquilo que fazemos bem.... (5.14.2)”. E exemplifica, “...a Câmara normalmente só publicita e só enuncia aqueles trabalhos que partem deles e então publicita-os... (5.14.3)”, “...mas em termos do próprio Modelo de Silves digamos que poderia... poderiam tirar algum benefício... (5.14.4)”. Nós “...colaboramos em termos sociais com estas [instituições] ... numa perspectiva social... (5.14.5)”, por exemplo, “...com o Silves Futebol Clube é a mesma coisa... que ... a publicidade que eles fazem da colaboração social que dão é pouca... (5.14.6)”, logo “A rentabilidade que tiram daí é pouca ou diria mesmo nula. (5.14.8)”. A relação entre a Escola e os diferentes organismos resume-se ao seguinte “...apoiam-nos e nós divulgamos que eles nos apoiam... (5.14.7)”.

4.2.3.2 - Categoria C2 – A Família

Nesta subcategoria pretende-se saber como a família teve conhecimento dos projectos; qual foi a receptividade da família, dos alunos que participam nos projectos, à realização destes projectos; qual foi a forma de envolvimento da família e quais os impactos dos projectos, que os professores que os implementam pensam que os mesmos tiveram na família.

Tabela 62 – “Como tem conhecimento do projecto?”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo G)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR/ UE</i>
1 – Como tem conhecimento do projecto?	1.1 – Através do director de turma nas reuniões com os Encarregados de Educação	1.12.13 – 1.12.14 – 2.16.4 – 2.16.5 – 2.16.6 – 3.13.11 – 3.13.12 – 4.13.2 – 4.13.3 – 5.12.19 – 5.12.20 – 5.12.21 – 5.12.22 – 5.12.23 – 5.12.24 – 5.12.25 – 5.12.26 – 5.12.27	18	5	3,6
	1.2 – Através dos filhos	1.12.11 – 1.12.12	2	1	2
TOTAL			20	6	3,3

Podemos concluir, pela análise das entrevistas e analisando a Tabela 62, que a família teve conhecimento da existência destes projectos de duas formas:

1 - Nas reuniões feitas com o Director de Turma onde é dado a conhecer o projecto, os objectivos, o conteúdo e é explicada a importância do projecto. De realçar que todos os professores identificaram esta forma de dar a conhecer o projecto, como se pode confirmar na Tabela 62.

Assim, um dos professores refere:

- “...os directores de turma também dizem aos encarregados de educação que esses os clubes existem... (1.12.13)”;
- “...naquelas reuniões do início do ano penso que também têm conhecimento ...(1.12.14)”.

Outro professor acrescenta que os Encarregados de Educação:

- “...dos alunos que participam são normalmente convocados à... à escola... (2.16.4)”;
- “...aqueles que vão ser os Encarregados de Educação dos alunos participantes normalmente já estão a contar com isso. (2.16.5)”;
- “Têm [conhecimento] porque é um conhecimento que fazem um bocado boca a boca. (2.16.6)”.

Mais uma vez vemos reforçada a ideia que:

- “...os encarregados de educação dos alunos que vão esses têm obviamente... conhecimentos dos projectos, são cá chamados, eu faço reuniões com eles... (3.13.11)”, “...preparo-os, informando acerca do conteúdo do projecto, da

importância do projecto, que provavelmente alguns deles vão receber gente em casa, portanto esse pedido é feito... (3.13.12)".

Um outro professor resume da seguinte forma:

- *"Através dos alunos... (4.13.12)", "...através da reunião em que lhes é explicado, portanto os objectivos, o que é que vamos fazer, como é que vamos fazer... (4.13.13)", "...por um lado tomam conhecimento que os filhos vão viajar... (4.14.1)", "...depois [são alertados] no sentido de acolherem os outros... os outros colegas durante o fim de semana e lhes mostrarem [tudo] ... [e eles] querem mostrar-lhes também tudo, porque entretanto também ficaram a saber que os filhos foram muito bem recebidos e então também querem mostrar... (4.14.2)".*

Por fim, um outro professor descreve a forma como costuma agir:

- *"Eu normalmente tenho por hábito quando inicio um projecto deste tipo ... não serem só os alunos ...a... terem conhecimento dele, mas também as famílias e os pais... (5.12.19)";*
- *"...tenho por hábito fazer uma reunião com os pais no início do ano (5.12.20)", e "...dizer-lhes... o que os vossos filhos vão trabalhar na... escola está de acordo com o programa deles, não vai influenciar em nada... as aprendizagens deles... (5.12.21)", "Não se pretende que influencie em nada as aprendizagens deles... (5.12.22)", "... aliás pretende-se que influencie pela positiva... (5.12.23);*
- *Procura "... também fazê-los assumir a responsabilidade... (5.12.25)", "...porque quando uma família diz assim "o meu filho vai participar e o que houver necessidade da minha parte colaborar" tem que ser... quando é dito depois tem que ser responsabilizado... (5.12.26)" e termina acrescentando "Nós tivemos... muitos...muitos... se calhar os pais... os Encarregados de Educação de... mais de metade dos alunos a terem uma participação muito... muito activa. (5.12.27)".*

Em alguns casos, a família é informada da possibilidade de existir um intercâmbio e da necessidade de apoio dos mesmos em questões de alojamento. Relativamente às questões do alojamento, esta é sempre uma questão delicada que não escapa aos responsáveis pelos projectos, como podemos deduzir ao ler as seguintes palavras: *"Depois há outros que têm dificuldades obviamente, por exemplo não têm condições para receber ninguém, embora eu tente de alguma forma colmatar essas falhas... (3.14.5)".*

Os professores tentam, também, fazer ver aos Encarregados de Educação, que a participação dos seus educandos nestes projectos não vai prejudicar o processo de ensino aprendizagem dos mesmos “... não vai ser prejudicial às aprendizagens que eles teriam normalmente... (5.12.24)”.

2 - Através dos filhos: “Penso que através dos filhos, que chegam a casa e dizem ...(1.12.11)”, e “...também nas turmas... (1.12.12)”.

Relativamente à receptividade da família à realização destes projectos, as opiniões são díspares.

Na opinião de quatro professores, a receptividade é caracterizada, da seguinte forma:

- “Pelo menos da parte destes alunos foi muito boa... (1.12.15)”;
- “Hoje em dia é excelente. (2.16.7)”;
- “...eu acho que é bastante boa... (4.13.14)”;
- “É boa. (5.13.4)”.

Na opinião de um professor, “Ai isso é muito dispar (3.14.1)”, “Há uns que sim que... abraçam isto e que apoiam, (3.14.2)”, “há outros que nem pensar... era o que faltava (3.14.3)”.

As razões que podem estar por trás da pouca receptividade, da família, aos projectos estavam directamente ligadas, segundo os professores, aos seguintes factores:

- “...O primeiro era o... permitirem... portanto...um bocado o receio de deixar... os filhos durante tanto tempo... fora de casa num país estrangeiro, com apenas dois professores. (2.16.9)”;
- “Havia também muitos problemas em relação ao alojamento, (2.16.10)”;
- “as pessoas tinham receio de... de receber um aluno estrangeiro em casa. (2.16.11)”;
- “Os problemas eram em termos de dormida (2.16.12)”;
- “ou por acharem que não tinham condições. (2.16.13)”;

- *“Por não falarem a língua, por não... não saberem o que é que os miúdos comem, e pensarem que se calhar depois tinham que alterar a ementa semanal toda. (2.16.14)”*;
- *“normalmente com algumas raparigas as coisas não são assim tão fáceis como tudo isso (3.14.4)”*;
- *“Por um lado é assim, eles inicialmente ficam muito apreensivos por causa da questão da língua, mas depois de... desses primeiros contactos essa parte dissipase um bocadinho, (4.14.5)”*;
- *“os pais também não, não têm grande confiança em deixar os filhos viajar porque estão permanentemente preocupados se lhes acontece alguma coisa. (5.10.6)”*.

Uma das formas arrançadas, por alguns professores, para colmatar alguns destes receios, da família, passou pelas seguintes atitudes:

- *“fosse na recepção, fosse... nas visitas que nós fizemos ao estrangeiro... em todos houve... cada família ficou com um plano pormenorizado de cada visita... (5.13.9)”*;
- *“telefones de contacto, (5.13.10)”*;
- *“isso os pais ficavam com um guião, que em qualquer altura poderiam estar em contacto e...e saber tudo o que se estava a passar...e saber... como se estava... o que se estava a passar. (5.13.11)”*.

Numa das escolas, alguns encarregados de educação viajaram, aquando do intercâmbio, para o estrangeiro, com o objectivo de observarem todo o cuidado que os professores têm quando realizam estes projectos. Desta forma os Encarregados de Educação sentem-se mais à vontade *“porque têm conhecimento que a nossa responsabilidade com os filhos deles é... grande e [ficam conscientes de] o cuidado que temos, as nossas preocupações, os mais pequenos detalhes... (5.13.8)”*.

O apoio dos encarregados de educação, à implementação dos projectos, *“foi... [considerado] impecável... (1.13.2)”*, *“...a recepção aos alunos italianos que nós tivemos foi excepcional... (1.12.16)”*.

Esse apoio passou pela sua participação em diferentes actividades, tais como:

- **Festas:**

- *“...já tem acontecido eles fazerem uma festa de despedida em que convidam toda a gente para participar... (4.14.3)”, “...toda a gente os pais, familiares, amigos. (4.14.4)”;*
 - *“Tivemos a participação ... na preparação das actividades tivemos de uma festa que foi... que foi... foi feita pelos professores da escola e os encarregados de educação com o jantar, com ementa típica nossa, com uma série de pequenas coisas, com a participação do rancho folclórico... uma festa ao longo da noite ...(5.13.1)”, “...em que os pais participaram... (5.13.2)”, “...os pais tiveram de colaborar, eu tive-os... tive-os a cozinhar, decorar a sala, uma série de coisas...que os pais tiveram activos. (5.13.3)”.*
- **alojamento** nas suas casas dos alunos estrangeiros e desenvolvimento de actividades com eles , principalmente no fim-de-semana, como por exemplo: *“...levavam-nos à praia... (1.12.17)”, “...nós tentamos arranjar sempre alguma actividade em que possam participar, por exemplo um piquenique... (2.17.2)”.*
- e a nível do **auxílio no transporte** dos alunos estrangeiros *“...ajudavam muito nos transportes.(1.13.1)”.*

Tabela 63 – “Quais os impactos do projecto na família?”

<i>Conteúdos dos indicadores</i>		<i>Código dos indicadores (cf. Anexo G)</i>	<i>UR</i>	<i>UE</i>	<i>UR / UE</i>
I “Quais os impactos do projecto na família?”	1.1 – O empenho dos Encarregados de Educação em comunicarem com alunos estrangeiros, mesmo sem perceberem a língua.	3.14.7 – 3.14.8 – 4.14.6 – 4.14.7	4	2	2
	1.2- Melhoria das competências linguísticas	1.13.4 - 1.13.5	2	1	2
	1.3 – A aceitação dos projectos	2.17.5	1	1	1
	1.4 – Algumas modificações nos filhos	5.13.5	1	1	1
	1.5 - O conhecimento de novas culturas	1.13.3	1	1	1
TOTAL			9	6	1,5

Em relação aos impactos, que os projectos tiveram nos encarregados de educação e/ou na família, verificamos que um professor refere que *“É curioso... eu por acaso nunca... nunca... nunca me preocupei muito em saber isso. (3.14.6)”.*

No entanto, também foram possíveis identificar alguns impactos que se encontram explícitos na Tabela 63.

Esses impactos foram divididos em cinco grupos, que são os seguintes:

- **O empenho dos Encarregados de Educação** em comunicarem com alunos estrangeiros, mesmo sem perceberem a língua:
 - *“mas as... as impressões que eu tenho é que as famílias de uma maneira geral se empenham bastante em receber... (3.14.7)”, “... evidente que depois existem dificuldades da língua. (3.14.8)”, “...e nem que seja por gestos acabam por conseguir comunicar. (4.14.6)”, “O impacto... eu... a esse nível parece-me sempre positivo... (4.14.7)”.*

- **A melhoria das competências linguísticas** dos Encarregados de Educação *“a melhoria também das competências linguísticas (1.13.4)”, “alguns aproveitam para se iniciar no... no Inglês (1.13.5)”.*

- **A aceitação dos projectos** *“É que as pessoas já não acham estranho receber um estrangeiro...em casa., (2.17.5)”, “Hoje em dia esses problemas já não se... já não se colocam... (2.16.15)”, “...todos eles dizem que recebem e até quando eu pergunto e quantos, dizem”ai...1,2,3”. (2.16.16)”.*

- **Algumas modificações nos filhos** *“...algumas modificações que se operaram nos... nos filhos... foram os ... os maiores impactos para aqueles que tiveram a possibilidade de ir... (5.13.5)”.*

- **O conhecimento de novas culturas** *“Talvez o próprio convívio com outras culturas (1.13.3)”.*

4.3 - Síntese

Em função das questões de investigação e a partir da análise documental e da análise dos resultados das entrevistas, é possível retirar as seguintes conclusões:

4.3.1 - Relativamente à primeira questão (Quais são os impactos percebidos pelos professores coordenadores dos projectos Sócrates Comenius 1 – Parcerias entre Escolas nos diferentes intervenientes no processo educativo, no concelho de Silves?), podemos referir que se verificam impactos positivos em todos os intervenientes no processo educativo, apesar de alguns professores não conseguirem definir alguns dos impactos nem, antes, terem questionado esse facto. De uma forma ou de outra, o desenvolvimento de um projecto deste tipo deixa impactos na Escola, no Conselho Executivo, nos Professores da Escola, em Professores Estrangeiros, no Pessoal Não Docente, na Comunidade Envolvente, na Família e, em maior grau, no responsável pelo projecto e nos alunos. Verifica-se que esses impactos, por vezes, só se verificam a longo prazo, sendo difícil identificá-los no imediato.

Na **Escola**, os impactos identificados não provocaram alterações na organização nem no currículo da mesma. Apenas nos Projectos de Desenvolvimento Escolar é que o impacto se manifesta na instituição. Nos outros projectos, os impactos verificados situam-se ao nível de uma maior motivação dos professores e alunos face à escola. A implementação desses projectos dá à escola uma maior dinamização e torna-a mais aberta ao exterior. Promove também uma maior cooperação entre professores e o pessoal não docente. Podemos identificar alguns impactos nas práticas lectivas dos professores, que se poderão traduzir no recurso a actividades mais diversificadas, dinâmicas e motivadoras e nas estratégias utilizadas para dinamizar a parte oral da aprendizagem de uma língua estrangeira.

Em relação ao **Conselho Executivo**, foi difícil para os professores identificarem os impactos, o que nos leva a concluir que os impactos não são muito visíveis. No entanto, podemos concluir que os impactos verificados passam por uma vontade de dar a conhecer a sua escola ao exterior. Um único impacto visível identificado refere-se ao facto de a Presidente do Conselho Executivo da Escola E. B 2,3 João de Deus - S.B. de Messines estar a aprender Inglês, para, mais facilmente, poder comunicar com os alunos e

professores estrangeiros que comparecem na escola, aquando dos intercâmbios e participar mais directamente no projecto.

Ao debruçarmo-nos sobre os impactos **nos Professores que implementam os projectos**, estes abrangem os campos pessoal e profissional. Os impactos passam, também, pela melhoria das competências linguísticas e pela utilização das TIC enquanto meio de comunicação e ferramenta pedagógica. A implementação de projectos é um meio de adquirir competências em relação à Gestão de Projectos diversificados. Relativamente a Projectos de Desenvolvimento Escolar, estes despertaram e aumentaram, no professor responsável, o interesse por diferentes processos de administração e gestão escolar. Noutros projectos, a participação em projectos deu aos mesmos uma nova perspectiva do funcionamento de outros sistemas de ensino e contribuiu para uma melhoria das suas competências pedagógicas. Nos relatórios de actividades, alguns professores referem que a participação em projectos aumentou a sua motivação, mas não especificam em relação a quê. No entanto, após a análise das entrevistas, e tendo em conta que só um professor refere que a sua motivação aumentou face à profissão desde que participa nestes projectos, podemos deduzir que essa motivação poderá ter aumentado face à escola.

A nível pessoal, a participação nos projectos permitiu, também, alargar e aumentar o conhecimento que os mesmos tinham dos países e da sua cultura e proporcionar momentos de grande convívio. Estes projectos acabam, muitas vezes, por permitir a criação de laços de amizade duradouros e que por vezes terminam em grandes amizades.

No que concerne os **Professores da Escola**, o projecto acaba por deixar algum impacto, mesmo nos professores que não participam no projecto, nem apoiam a sua realização. Estes impactos dão-se, nomeadamente, ao terem conhecimento e ao participarem em algumas actividades do projecto e ao cruzarem-se na escola com professores e alunos estrangeiros, aos quais é difícil ficar indiferente. Se, para alguns, esse impacto não é visível, para outros, aqueles que acabam por participar no projecto, os impactos situam-se ao nível da troca de conhecimentos e experiências. Os professores, que acabam por acompanhar o coordenador do projecto e os alunos na deslocação ao país estrangeiro, acabam por alargar os seus horizontes e por desenvolver, positivamente, as suas competências linguísticas.

Se falarmos dos **Professores Estrangeiros**, podemos concluir que os impactos que o projecto tem neles, passam pelo conhecimento e contacto com uma realidade diferente da deles, pelo contacto com uma forma diferente de gerir uma escola e com formas diferentes

de ensino. Esses impactos situam-se, também, a nível das competências linguísticas e das competências das TIC.

Nos **Alunos**, os impactos são variados e mais visíveis na melhoria das competências linguísticas a nível do Inglês e das TIC e numa maior vontade, abertura e envolvimento para participar em actividades e projectos na escola. A longo prazo, também se verifica que os alunos continuam a participar em projectos no Ensino Secundário, na Universidade e na Comunidade onde vivem e há por vezes influências na própria profissão que desenvolvem posteriormente. São também criados fortes laços de amizade; são proporcionadas experiências que deixam boas memórias; há um alargamento de horizontes; há um crescimento e um desenvolvimento a nível pessoal; há o desenvolvimento da capacidade de interacção com outras pessoas e um aumento da auto – confiança.

Relativamente ao **Pessoal Não Docente**, o contacto com professores e alunos de outros países tem um impacto, directo, na capacidade de comunicar numa língua estrangeira e no profissionalismo dos mesmos. Esse contacto desperta-os também para outras realidades e aumenta a sua motivação face à escola.

Se nos debruçarmos sobre a existência de impactos na **Comunidade Envolverte** à escola, e aqui mais concretamente na vila de São Bartolomeu de Messines e na cidade de Silves, onde as escolas estão inseridas e nas instituições, que de alguma forma, apoiam esses projectos, os impactos que se verificam nas mesmas situam-se ao nível da publicidade que a escola delas fará. Na cidade de Silves, poderá não ser tão evidente, por ser uma cidade histórica visitada por muitos estrangeiros, mas, na vila de S. Bartolomeu de Messines, os impactos poderão também fazer-se sentir a nível da aceitação de alunos e professores estrangeiros que, durante um período de tempo, acabam por se deslocar a lojas, restaurantes e mercados, onde terão um contacto directo com a população.

Se pensarmos na **Família**, um dos impactos mais visíveis será o aumento da participação dos encarregados de educação, dos alunos que participam directamente nos projectos, nas actividades da escola. Podemos também identificar uma melhoria nas competências linguísticas a nível do Inglês e uma melhor aceitação de culturas diferentes.

Podemos, assim, concluir que os impactos verificados foram de encontro às vantagens enumeradas no documento “*Comenius 1 – Manual para as Escolas*”.

4.3.2 - No que concerne à segunda questão (Como se construíram e implementaram os Projectos Comenius 1 nas Escolas), verificamos que a

implementação de qualquer tipo de projecto numa escola obedece a três princípios essenciais: a planificação do projecto, a sua realização e a uma avaliação do mesmo.

Na **planificação** do projecto, a primeira etapa será a procura de instituições parceiras, que poderá ser concretizada através de contactos pessoais, através das “*autoridades locais ou regionais*”, através da frequência de “*Cursos de formação Contínua Comenius 2*”, através das “*visitas de estudo Arion*” ou ainda através da participação em “*seminários de contacto*” organizados pela Agência Nacional do país. É ainda possível utilizar uma base de dados na Internet, da responsabilidade da “*PartBase*”, e consultar um sítio da responsabilidade da “*European Schoolnet*”. No caso particular das escolas sobre as quais o estudo se debruça, a escolha de instituições parceiras passou, num caso, pela participação numa reunião em Lisboa sobre os Projectos Comenius e nos restantes casos recorreu-se a contactos pessoais.

Após o contacto das instituições parceiras, pode seguir-se uma visita preparatória. Esta visita tem normalmente a duração máxima de uma semana e tem como objectivo que as escolas debatam e preparem a candidatura conjunta ao projecto. Nestas visitas, estabelecem-se relações pessoais e inicia-se o preenchimento do formulário de candidatura ao financiamento. Todos os professores participaram, numa fase dos seus projectos, numa visita preparatória.

Após a candidatura ter sido aprovada, as escolas assinam um contrato, um documento legal, que entra em vigor após a Agência Nacional estar de posse de um exemplar carimbado e assinado, o que fará com que a mesma conceda às escolas uma “*subvenção*”, que se divide entre um “*montante fixo*” e um “*montante variável*”. Esta difere do tipo de projecto. No caso do Projecto de Línguas, as escolas recebem um financiamento de 80% após o contrato e 20% no termo do período do mesmo. No caso dos Projectos de Escola e de Desenvolvimento Escolar, cuja duração ultrapassa um ano, a subvenção cobre o primeiro ano todo do projecto e, nos restantes anos, a escola terá de apresentar um relatório intercalar e uma candidatura para a renovação do projecto.

As escolas elaboram de seguida um plano de trabalho e elaboram uma planificação de trabalho onde estará referido o seguinte: o grupo alvo e quem participará no projecto, a forma como vão organizar as actividades, o tema, os objectivos, os conteúdos e as disciplinas envolvidas no projecto, os materiais necessários, as actividades de mobilidade, a elaboração de relatórios, a forma de avaliação a calendarização das actividades e das reuniões locais e ou “*transnacionais*”, o meio de divulgação do projecto e os resultados finais esperados

Após a conclusão do projecto, este é avaliado e é assim preenchido o Relatório de Actividades do projecto e enviado à Agência Nacional.

Todas as escolas do estudo seguiram estes procedimentos, adaptando-os a tipologia dos projectos implementados nas suas escolas.

Sendo prioridades especiais do Programa Sócrates, o fomento da igualdade de oportunidades e o fomento das línguas menos utilizadas e menos ensinadas, podemos concluir que os projectos, que as diferentes escolas implementaram, promoveram a igualdade de oportunidades ao permitirem a possibilidade de participação de alunos de Necessidades Educativas Especiais nos projectos, contribuindo, assim, para a promoção do respeito pelas diferenças e tornando-se numa forma de *“luta contra a exclusão social, o racismo e a xenofobia”*.

Em relação ao facto de os projectos concederem especial atenção às línguas menos utilizadas e menos ensinadas, devendo *“um dos dois parceiros representar um desses idiomas, oferecendo assim a alunos e professores a experiência invulgar de serem confrontados com uma língua que nunca ouviram”*, isto não se verifica na globalidade. Os alunos e professores usam a língua inglesa para comunicarem, seja qual for a origem das escolas parceiras dos projectos. No entanto, também se verifica que quando os alunos e professores regressam de uma deslocação a um país, cuja língua mãe não é o Inglês, trocam entre si algumas palavras nessa língua e sentem orgulho em usá-las junto de outros professores da escola.

4.3.3 - Em relação à terceira questão (De que forma é que estes projectos foram integrados no desenho curricular da escola?), verificamos que todas as escolas tentam integrar, no Projecto Educativo de Escola, os projectos europeus, acabando, assim, por ser uma forma de dar resposta a alguns dos objectivos definidos no mesmo.

Todos os projectos vêm referidos no Plano de Actividades das Escolas e são dados a conhecer nas reuniões do Conselho Pedagógico.

Quando há possibilidade, o projecto é integrado no Projecto Curricular da Turma, que irá trabalhar o projecto.

Sempre que possível, procura-se, também, que as diferentes disciplinas participem nos projectos, articulando o mesmo, com conteúdos e actividades definidas na suas planificações.

4.3.4 - No que diz respeito à quarta questão (**Quais foram as maiores dificuldades sentidas pelos responsáveis pelos projectos na implementação dos mesmos?**), estas sentiram-se a determinados níveis: na escola, a nível da própria organização da mesma que muitas vezes exige que um professor dê as suas aulas, sem o dispensar das actividades lectivas, e implemente e participe no projecto. Esta sobreposição de tarefas leva a que o professor tenha falta de tempo para se poder dedicar mais ao projecto.

Outra das dificuldades será a carga burocrática do projecto, que se traduz no seguinte: o preenchimento de formulários de candidaturas; a realização de um contrato entre a escola e a Agência Nacional Sócrates; a realização de relatórios de avaliação; a negociação do alojamento para professores e alunos; o planeamento de actividades lúdicas; os contactos com diferentes entidades e o estudo de diferentes orçamentos. Há também uma referência à falta de apoio das Escolas Parceiras no projecto, mas parece-nos ser um caso isolado e não ilustrativo da maioria das situações. Do mesmo modo que a referência a uma dificuldade sentida com os alunos, que demonstravam pouca apetência para participar nestes projectos, não é identificativa nem foi sentida por todos os professores.

A componente financeira do projecto gera, também, algumas dificuldades, mas nunca foi impeditiva da realização de um projecto.

O envolvimento e a participação de professores no projecto é uma das dificuldades sentidas, tanto na captação de professores para trabalharem directamente no projecto, como em fazer entender aos professores da escola a importância destes projectos. Se tivermos em conta os professores entrevistados, que são os coordenadores dos projectos, verificamos que estes já o desenvolvem há muitos anos, na mesma escola ou em escolas onde leccionaram. Do mesmo modo, os professores acompanhantes são os mesmos há já alguns anos, por uma questão de continuidade, de identificação e de formas de trabalho ajustadas aos dois elementos.

Capítulo 5 – Conclusões e sugestões

O problema central deste estudo consiste numa avaliação do impacto da implementação dos Projectos Comenius I em todos os elementos que constituem a comunidade educativa do Concelho de Silves. Assim, após a análise dos resultados apresentados, podemos concluir que estes projectos têm impactos, mais ou menos sentidos ou identificados, de uma forma directa ou indirecta, em todos ou em alguns elementos da comunidade educativa.

Mas, mais importante do que voltar a referir os impactos verificados será concluir que as políticas que a União Europeia vai tentado implementar na área da Educação, têm também contribuído para que as Escolas adiram, cada vez mais, a este tipo de projectos. Ao mesmo tempo, têm exigido às escolas que revejam o seu papel e que contribuam para reforçar a *Democracia, a Liberdade, o Respeito pelos Direitos Humanos*, e para fomentar a *Solidariedade* e a *Cooperação* entre os países que constituem a União Europeia.

Cabe, desta forma, à Escola, através dos conteúdos que ensina, dos valores que fomenta, das possibilidades de mobilidade que propicia aos alunos, contribuir para a *construção de uma Europa*, que, cada vez mais, valoriza a *tolerância, o conhecimento, a aprendizagem e a troca de experiências* e contribuir para *transformar os alunos em cidadão europeus*.

Focando os objectivos gerais (já descritos) destes projectos, e após a análise dos projectos abrangidos pelo nosso estudo, podemos concluir que os objectivos foram atingidos, pelo menos na maior parte.

Os diferentes projectos contribuíram para a *melhoria da qualidade do ensino escolar* ao dar oportunidade aos professores e aos alunos de adquirirem novas ou de aperfeiçoarem as competências já existentes (principalmente ao nível linguístico e ao nível das TIC). Permitiu aos professores ter um maior conhecimento sobre os diferentes sistemas educativos e métodos de ensino e inovar a nível da prática pedagógica.

Permitiram *reforçar a dimensão europeia da educação*, ao fomentar a transdisciplinaridade, a troca de experiências e ao promover intercâmbios entre professores e alunos de diferentes países.

Foi também incentivada a aprendizagem das línguas estrangeiras. No entanto, verificamos que a língua mais utilizada é o Inglês, não sendo esta a língua materna de

nenhuma das escolas que participaram nos projectos. Apesar da Agência Nacional Sócrates insistir na importância do desenvolvimento de um conhecimento *funcional* das línguas parceiras, isso não parece verificar-se na totalidade. Mesmo quando os alunos são alojados em casas das famílias dos alunos, a comunicação é feita em Inglês. No entanto, esta pode ser considerada uma forma de motivação para a aprendizagem de uma nova língua, posteriormente.

Os diferentes projectos promovem, sim, a *consciência intercultural* ao darem oportunidade aos participantes de alargarem os seus horizontes, ao permitirem o contacto com outros países, outras culturas, outras mentalidades e, assim, fomentarem o respeito e a compreensão pela diferença e pela diversidade.

É nossa opinião que os Projectos Comenius I contribuem, de forma importante e bastante satisfatória, para os quatro pilares em que a Educação assenta, “*aprender a conhecer*”, “*aprender a fazer*”, “*a aprender a ser*” e “*aprender a viver juntos*” e para o desenvolvimento do ser humano não somente como indivíduo, mas acima de tudo enquanto cidadão *Europeu*.

Os resultados deste estudo permitem-nos deixar algumas sugestões e levantar algumas questões.

Por um lado, consideramos que seria pertinente fazer um estudo sobre as percepções de toda a comunidade escolar sobre a implementação destes projectos. Seria, também, pertinente envolver um maior número de sujeitos aumentando o número da amostra e contribuindo para uma maior consistência dos resultados e diversificar os instrumentos de recolha, possibilitando uma maior triangulação dos dados.

Por outro lado, gostaríamos de sugerir o seguinte:

- As escolas deveriam disponibilizar mais tempo nos horários dos professores coordenadores, para que estes possam dedicar mais tempo a todo o processo burocrático;
- A Escola deveria apostar, cada vez mais, na construção de um currículo escolar mais aberto e flexível;
- Estes projectos, nomeadamente os Projectos de Escola e de Línguas, deveriam abranger o maior número de alunos possível, preferencialmente uma turma, integrar mais disciplinas, ser integrado nos PCTs e no PEE, para que mais professores participassem, mais directamente.

- Uma vez que só alguns alunos podem participar no intercâmbio concordamos com a definição de critérios de selecção para esses alunos. Desta forma, a Escola contribuirá também para aumentar a motivação dos alunos face à escola e à aprendizagem. Por outro lado, é também uma forma de premiar os bons alunos responsáveis e trabalhadores e que muitas vezes são esquecidos.

Bibliografia

ALONSO, Luísa. (2001). *O Projecto de “Gestão Flexível do Currículo” em questão*. In: Noesis, número 58, Abril/Junho.

ANTUNES, Fátima. (2004). *Políticas Educativas Nacionais e Globalização. Novas Instituições e Processos Educativos*. Braga: Centro de Investigação em Educação – Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

BARDIN, L.(1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BELL, J. (1993). *Como realizar um Projecto de Investigação. Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva.

BERBAUM, J. (1992). *Desenvolver a capacidade de aprendizagem*. Lisboa: Edições Escola Superior de Educação João de Deus.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

CANÁRIO, Rui. (1992). *Inovação e Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa.

COMUNIDADES EUROPEIAS. (2003). *Projecto de Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades.

COLL, C. & MESTRES, M. & ONRUBIA, J. & GALLART, I. (1999). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artmed Editora.

COMENIUS, I. Amos. (2001). *Didáctica Magna*.(Versão ebook). Brasil: Fundação Calouste Gulbenkian.

CONSELHO DA EUROPA. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.

CRUZ, Manuel Machado P. (1995). *Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social – 12º ano, volume 1*. Porto: Areal Editores.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. (1997). *Relatório do Projecto de Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. (1999). *Fórum – escola diversidade currículo*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. (2001). *Princípios, Medidas e Implicações*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico -Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

FONTAINE, Pascal. (1998). *A Construção Europeia de 1945 aos Nossos Dias – Edição revista e actualizada por José Barros Moura*. Lisboa: Gradiva.

FONTAINE, Pascal. (2003). *A Europa em 12 lições*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

GALVÃO, Maria Emília. (1998). *Dimensão Europeia da Educação: Realidade ou Utopia?* in <http://www.ipv.pt/millennium/galvao>.

GALVÃO, Maria Emília. (2000). *A Dimensão Europeia na Educação e Formação: Um dilema Europeu?* In : <http://www.dgicd.min-edu.pt/inovbasicedicoes/noe/noe54/dossier> .

GRUPO DE EDUCAÇÃO DA ERT. (1994). *Uma Educação europeia – A caminho de uma sociedade que aprende*. Bélgica: ERT.

HÉBERT, M. & GOYETTE, G. & BOUTIN, Gérald. (1990). *Investigação Qualitativa : Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

HEN, Christian & LÉONARD, Jacques. (2002). *O essencial sobre a União europeia*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica – Núcleo de Educação Pré-Escolar.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1999). *Forum – Escola, Diversidade, Currículo*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Gestão Flexível de Currículo - Escolas partilham Experiências*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Princípios, Medidas e Implicações. Decreto-Lei: 6/2001*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica, Instituto de Inovação Educacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2002). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

MONTEIRO, A. Reis. (2001). *Educação da Europa*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A.

NUNES, M. Jacinto. (1993). *De Roma a Maastricht*". Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PAIXÃO, M. (2000). *Educar para a cidadania*. Lisboa: Lisboa Editora.

PARLAMENTO EUROPEU. (2001). *50 Anos de Europa – os grandes textos da construção europeia*. Lisboa: Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu.

PIAGET, Jean. (1990). *Para onde vai a Educação?* Lisboa: Livros Horizonte.
(Foi escrito em 1971 em honra da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, órgão dependente da UNESCO).

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Lucvan (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

RODRIGUES, Maria de Lurdes & ANTUNES, Manuel Lobo. (2007). Caderno informativo – *Tratado de Lisboa – Presidência Portuguesa da União Europeia*.

ROLDÃO, Maria do Céu. (1995). *O director de turma e a gestão curricular – cadernos de organização e gestão escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

REBORDÃO, Manuela. (1994). *A construção Europeia*. Porto: Areal Editores.

SILVEIRA, Alessandra & FROUFE, Pedro Madeira. (2008). *Tratado de Lisboa. (versão consolidada)*. Lisboa: Quid Júris – Sociedade Editora.

SIMÕES, Miguel & RODRIGUES, Isabel Pires. (2007). *MULTILEIS – Legislação Escolar Interactiva*. Leiria: JPM & ABREU, Lda.

TUCKMAN, W. (2000). *Manual de investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DB

Outras fontes

“Avaliação intercalar da 2ª fase do Programa Sócrates – Relatório Final”.

Brochura “A Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia”.

“Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia”.

“Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, do Ministério da Educação: Currículo, Organização Curricular e Programas Escolares: Ensino Básico e Ensino secundário”.

“Decisão do Conselho nº 94/819/CE de 6 de Dezembro de 1994”.

“Decisão nº819/95/CE de 14 de Março de 1995”.

“Decisão nº1999/382/CE de 26 de Abril de 1999”.

“Decisão nº2006/1720/CE de 15 de Novembro de 2006”.

“Decisão Nº 253/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 24 de Janeiro de 2000 que cria a segunda fase do programa de acção comunitário em matéria de educação Sócrates – Jornal Oficial das Comunidades Europeia”.

“Decisão 2006/1720/CE, de 15 de Novembro de 2006, adoptada pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da União Europeia”.

“Decreto-lei nº. 6/2001, de 18 de Janeiro – Consagra os princípios orientadores da organização curricular e da gestão curricular do Ensino Básico”.

“Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de Março – Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário da educação”.

“Despacho nº 12 591 / 2006 (2ª série) – Enriquecimento Curricular”.

“ Formulário de Candidatura Conjunta de 2001, 2003, 2004, 2005; Relatório de Actividades e Relatório Financeiro de 2004 e 2003”, “Contrato de 2004” cedidos pelo Agrupamento Vertical de Escolas de São Bartolomeu de Messines- Escola E. B. 2,3 João de Deus.

“Formulário de Candidatura Conjunta de 2002 e de 2004; Relatório de Actividades e Relatório Financeiro de 2004” cedidos pela Escola Profissional de Agricultura do Algarve de São Bartolomeu de Messines.

“Lei nº 5 / 97 – Educação Pré-Escolar, de 10 de Fevereiro”.

“Lei nº 92 / 2001 – 1º Ciclo do Ensino Básico, de 20 de Agosto”.

“Lei nº. 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo”.

“Lei nº. 49/2005, de 30 de Agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo – Versão nova consolidada”.

“Memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida – Comissão das Comunidades Europeias. Bruxelas. 30/10/2000”.

“Projecto de Parecer do Parlamento Europeu, de 27/03/2006”.

“Programa Sócrates/Ação Comenius 1 – Formulário de Candidatura 2006 – Anotado”.

“Programa Sócrates /Ação Comenius 1 - “Manual para as Escolas 2001 ”.

“Programa Sócrates /Ação Comenius 1 – Parcerias entre Escolas – Manual Administrativo e Financeiro 2005”.

“Programa Sócrates /Acção Comenius 1 – Parcerias entre Escolas- Relatórios Anexos ao Contrato para Projectos 2005/2006”.

“Programa Sócrates /Acção Comenius 1 – Síntese do Processo de Candidatura, Selecção e Avaliação”.

“Relatório intercalar sobre a execução da segunda fase do programa Leonardo Da Vinci” (Bruxelas, 08-03-2004)”.

“Relatório intercalar de avaliação sobre os resultados obtidos e sobre os aspectos qualitativos e quantitativos da execução da segunda fase do programa de acção comunitário em matéria de Educação Sócrates”. (Bruxelas, 08-03-2004)

“Relatório final sobre a execução da primeira fase do Programa comunitário de Acção Leonardo Da Vinci (1995-1999) e “Relatório final da Comissão sobre a execução do Programa Sócrates 1995-1999”.

Sites consultados

www.acidi.gov.pt

<http://alv.addtion.pt>

www.aprendereuropa.pt

www.ciejd.pt

www.dgidc.min-edu.pt

www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna

<http://ec.europa.eu>

<http://ec.europa.eu/ploteus>

www.eden-online.org

www.educação.te.pt

www.etf.europa.eu

www.eu.int

www.eurydice.org

www.eurocid.pt

www.europa.eu

<http://europa.eu.int/comm/education/socrates.html>

www.europa.eu.pt
www.europal.europa.eu
www.europelearning.info
www.eun.org
www.historiasiglo20.org
www.icde.org
www.infoutil.org/4pilares/text-cont/delors-pilares.htm
www.novasoportunidades.gov.pt
www.oei.es
www.portugal.gov.pt
<http://sitio.dgicd.min-edu.pt>
www.socleo.pt
www.wikipedia.pt

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevista



Universidade de Évora

Mestrado Em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social

Guião de Entrevista a Professores

Orientador:
Professor Doutor José Carlos Bravo Nico

Fátima Isabel Guedes da Silva

Évora, Junho de 2007

Nota introdutória

Sendo objecto de estudo do meu trabalho de investigação “Os impactos percebidos pelos professores que participaram em Projectos Sócrates-Comenius 1 – Parcerias entre Escolas, no período de 2000 a 2006, em Escolas, do Ensino Básico e Secundário, do Concelho de Silves” pretendo utilizar como instrumento de recolha de dados a Entrevista.

A Entrevista deverá permitir-nos identificar e caracterizar o projecto desenvolvido por cada escola e estudar os impactos do mesmo no contexto educativo.

Para isso, foi elaborado um guião de entrevista a ser aplicado aos professores das diferentes escolas, que coordenaram e dinamizaram este tipo de projectos.

A elaboração deste guião teve como base uma conversa exploratória realizada a uma professora da Escola E. B. 2,3 João de Deus – S. Bartolomeu de Messines.

Optei por criar uma entrevista semi-estruturada, por pretender conciliar o objectivo de estudo a realizar com a expressão livre do entrevistado em torno desse mesmo objecto de estudo.

O guião de entrevista segue a seguinte estrutura: definição de blocos, objectivos específicos, itens e questões.

GUIÃO DE ENTREVISTA A PROFESSORES

Definição dos Blocos	Objectivos Específicos	Itens	Questões
Bloco A Legitimação da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Legitimar a entrevista 	<p>Objectivo da entrevista</p> <p>A confidencialidade</p> <p>A autorização da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado sobre o objectivo da entrevista • Garantir a confidencialidade da entrevista • Pedir autorização para a gravação da entrevista
Bloco B Identificação e caracterização do professor	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar o professor entrevistado 	<p>Nome</p> <p>Idade</p> <p>Formação Académica</p> <p>Anos de serviço / níveis / disciplinas leccionadas</p> <p>Cargos Desempenhados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o seu nome? • Que idade tem? • Qual a sua formação académica? • Há quantos anos dá aulas? • Que níveis e disciplinas lecciona? • Que cargos desempenha na escola? • Quantas horas tem no seu horário destinadas a trabalhar em projectos?
Bloco C Caracterização do envolvimento Pessoal no projecto	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer a motivação para a participação no projecto ➤ Identificar impactos do projecto no próprio 	<p>O Próprio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que o/a motivou a participar em projectos comunitários na área da educação? • Existe alguma diferença significativa nos métodos de ensino aprendizagem usados diariamente e nos usados no desenrolar de um projecto deste tipo? • A sua participação neste tipo de projectos contribui de alguma forma para uma maior motivação face à profissão? • Na sua opinião quais foram os maiores impactos que estes projectos tiveram para si?
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar o tipo de Projecto Sócrates desenvolvido pela escola 	<p>Características do Projecto</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de projecto Sócrates desenvolve na escola? • Tem uma ideia do ano em que se iniciaram esses projectos na escola onde lecciona? • Qual a função que desempenha no projecto? • Como teve contacto com este tipo de projectos?

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar produtos finais do projecto e o modo de divulgação do mesmo ➤ Caracterizar a avaliação desses projectos ➤ Caracterizar o modo de financiamento ➤ Identificar dificuldades sentidas na implementação do projecto ➤ Identificar a principal razão da participação da escola em projectos de cooperação internacionais ➤ Caracterizar a acção dos colegas da escola que participam/não participam no projecto ➤ Identificar a forma de participação 		<ul style="list-style-type: none"> • Como aderiu ao projecto? • Quais são as principais características do projecto? • Qual é a duração do mesmo? • Quais são as etapas para a implementação? • Qual é a etapa mais motivadora? • Em que valores assenta o projecto? • Como os promovem? • Quais são os objectivos? • Quem define esses objectivos? • Que conteúdos aborda? • Pode dar-me exemplos de temas? • Como são escolhidos os temas? • Quais as disciplinas onde são enquadradas as actividades do projecto? • Que tipo de actividades promovem? • Que recursos/materiais são necessários? • Que produtos finais se produzem? • Como são divulgados? • Como é avaliado o progresso e o impacto do projecto em alunos e professores participantes? • Como é feita a avaliação final do projecto? • Como se define o orçamento necessário? • Como se obtêm os recursos financeiros? • Quais são as maiores dificuldades sentidas na implementação do projecto? • O que pretende a Escola conseguir ao participar em projectos de cooperação internacionais?
--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar impactos nesses colegas ➤ Identificar os colegas estrangeiros ➤ Caracterizar a forma de contacto entre os professores de diferentes países ➤ Identificar as actividades que realizam ➤ Identificar possíveis impactos nesses colegas ➤ Identificar e caracterizar os alunos que participam no projecto ➤ Identificar as suas motivações ➤ Identificar os impactos nos alunos ➤ Caracterizar o envolvimento do pessoal não docente no projecto ➤ Identificar o possível impacto do projecto no pessoal não docente 	<p>Os colegas da Escola</p> <p>Os colegas estrangeiros</p> <p>Os alunos</p> <p>O pessoal não docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quantos professores participam? • Que funções/actividades desempenham no projecto? • Como são escolhidos os colegas que participam? • Existe apoio de professores que não participam nos projectos? De que forma? • Como reagem os colegas que não participam à existência desses projectos? • Quais lhe parecem ser os impactos que esses projectos poderão ter em ambos os seus colegas? • Quantos professores estrangeiros participam? • Como é mantido o contacto com os colegas estrangeiros? • Que actividades realizam? • Quais lhe parecem ser os impactos que esses projectos têm nos colegas estrangeiros? • Quantos alunos participam nestes projectos? • Como são escolhidos? • Que idade têm normalmente? • Que anos frequentam? • Que actividades desenvolvem: <ul style="list-style-type: none"> Na Escola Na visita à escola parceira? • Quais pensa serem as motivações desses alunos para participarem no projecto? • Na sua opinião qual /quais é/são o(s) maiores impacto(s) destes projectos nos alunos? • Existe um envolvimento de pessoal não docente no projecto?
--	--	--	--

			<p>De que forma?</p> <ul style="list-style-type: none"> Qual lhe parecem ser os impactos do projecto no pessoal não docente?
<p>Bloco D Caracterização do contexto pedagógico em que o projecto se insere</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar o contexto geográfico, social e escolar da escola ➤ Identificar impactos no projecto na escola ➤ Caracterizar a forma como o projecto é integrado nas actividades escolares ➤ Identificar a articulação do projecto com o Projecto Educativo de Escola ➤ Identificar a articulação do projecto com os Projectos Curriculares de Turma ➤ Identificar o apoio dado ao projecto pelo Conselho Executivo da Escola ➤ Identificar o impacto do projecto no Conselho Executivo da Escola 	<p>A Escola</p> <p>O Currículo / a legislação</p> <p>O Conselho Executivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como caracteriza o contexto geográfico, social e escolar em que funciona a escola? • Quais lhe parecem ser os maiores impactos destes projectos na escola? • Como é integrado este projecto nas actividades escolares: <ul style="list-style-type: none"> Clube Actividade extracurricular Em turma ou turmas? • Como é efectuada a sua articulação com o Projecto Educativo de Escola? • Como é articulado com os Projectos Curriculares de Turma? • De que forma é integrado no programa curricular dos alunos? • De que forma o Conselho Executivo apoia a realização destes projectos? • Quais lhe parecem ser os impactos destes projectos no Conselho Executivo? • Que tipo de apoio existe da comunidade envolvente? • Como tem a comunidade envolvente conhecimento da existência do projecto? • Na sua opinião qual/quais é/são o/s impacto/s do projecto na comunidade envolvente?
<p>Bloco E Caracterização do contexto "extra - escola"</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar o tipo de apoio da comunidade envolvente ao projecto ➤ Identificar a forma de contacto da comunidade envolvente com o projecto ➤ Identificar o impacto do projecto na comunidade envolvente 	<p>A comunidade envolvente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de apoio existe da comunidade envolvente? • Como tem a comunidade envolvente conhecimento da existência do projecto? • Na sua opinião qual/quais é/são o/s impacto/s do projecto na comunidade envolvente?

	<p>.....</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar a forma como a família toma conhecimento do projecto ➤ Caracterizar o envolvimento da família ➤ Identificar o impacto do projecto na família 	<p>.....</p> <p>A família</p>	<p>.....</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como têm os Encarregados de Educação conhecimento dos projectos? • Qual é, na sua opinião, a receptividade destes ao projecto? • Qual/quais é/são a/s forma/s mais comum de envolvimento dos Encarregados de Educação? • Na sua opinião qual/quais é/são o/s impacto/s do projecto na família?
<p>Bloco F Caracterização do contexto de parcerias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificar a forma de selecção das escolas parceiras do projecto ➤ Identificar as instituições parceiras ➤ Identificar o meio de contacto e cooperação entre as escolas ➤ Identificar a língua de contacto 	<p>As Escolas Parceiras</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como são escolhidas/seleccionadas as instituições parceiras? • Em que momento? • Como é escolhida qual a instituição coordenadora do projecto? • Quais têm sido as instituições parceiras dos projectos implementados? • De que países são, maioritariamente? • Como são realizados os contactos e a cooperação entre as escolas? • Qual a língua usada para comunicarem?

Anexo B – Exemplo de uma entrevista realizada



ENTREVISTA

Entrevistado número: 1

Entrevistado: Rui Silva

Escola: E. B. 2,3 João de Deus – S. B. de Messines

Local: Sala de Directores de Turma

Hora: 9h 30 m

Data: 23 de Julho de 2007

Transcrição da entrevista

A (Entrevistador): Olá Rui, Primeiro tenho que te dizer que o objectivo (da entrevista)... já sabes o que é que é... isto (a nossa conversa) é confidencial, ou seja eu depois posso no final dar-te depois os resultados, apresentar-te (os mesmos) e preciso de te pedir... se me autorizas que grave a entrevista?

B (Entrevistado): Sim, senhor.

A: Então vamos começar...nome?

B: Rui Silva.

A: Que idade é que tu tens?

B: 54.

A: E... és formado em...?

B: Sou licenciado em Biologia.

A: E nesta escola, há quantos anos... aliás...há quantos anos é que dás aulas?

B: Há 30 anos.

A: E normalmente que disciplinas é que tu leccionas?

B: Actualmente... Ciências e Matemática e área de Estudo Acompanhado.

A: Na escola que cargos é que tu desempenhas?

B: Portanto, sou Coordenador do Departamento de Ciências Exactas. (1.1.1)

A: De Ciências Exactas...

B: E sou Coordenador do... do Projecto Comenius. (1.1.2)

A: E... tens horas destinadas no teu horário para a trabalhar no projecto Comenius?

B: Tenho um bloco (1.2.1), pela primeira vez, portanto este ano é que... os outros anos nunca tive (1.2.2) este ano é que tive...tivemos um bloco para trabalhar no clube (1.2.3).

A: ... 90 minutos...

B: ... 90 minutos... Então o que é que te levou... o que é que te motivou a participar neste tipo de projectos?

B: Bem... o que me levou, portanto foi fundamentalmente melhorar as capacidades linguísticas (1.2.4) e, portanto ter a possibilidade de contactar com colegas de outras escolas (1.2.5), ver os sistemas educativos de outros países (1.2.6), ...foi fundamentalmente isso.

A: E participas nalgum tipo de projectos na escola sem ser no Projecto Comenius? Tens, por exemplo, outros clubes outras coisas?

B: Não, este ano não.

A: Este ano não...ao participares nestes projectos achas que eles alteraram ou que existe alguma diferença na forma de ensino quando trabalhas com o projecto e na forma de ensino quando dás aulas, por exemplo os métodos são os mesmos... ou?

B: Poderá ter modificado um bocadinho (1.2.7)... de qualquer modo eu penso que estes projectos não devem alterar (1.2.8), porque... para dar aulas é preciso estar motivado(1.2.9) e nesse aspecto eu sempre estive motivado(1.2.10), portanto não alterou muito(1.2.11). Agora abriu-me (1.2.12) foi... um bocadinho... portanto...tenho outra perspectiva do ensino (1.2.13), portanto por contacto com outras escolas (1.2.14). Portanto, quando vou nestas viagens com outros países uma das coisas que vamos ver é como funcionam as outras escolas (1.2.15) e assistir a aulas(1.2.16) e inclusivamente dar aulas(1.2.17). Portanto... e a pessoa ganha sempre uma certa...

A: ...experiência...

B: ...experiência (1.2.18)...

A: E... estes projectos fizeram com que tu te sentisses mais motivado face à profissão...ou... ou não?

B: Não (1.2.19), portanto eu acho que sempre tive motivado (1.2.20)... era a profissão que eu... gostava, não é...sempre tive motivado(1.2.21)... sinto-me talvez mais realizado(1.2.22), mas não motivado. Motivação sempre tive (1.2.23).

A: E se pensasses agora no global que impactos... é que estes projectos trouxeram para ti? Quais... foram os maiores impactos que estes projectos tiveram para ti? Pessoalmente?

B: Fundamentalmente foi a nível linguístico (1.2.24). Portanto, quando eu me i... iniciei nos projectos... já...só tinha tido três anos de Inglês... quando iniciei nos projectos, portanto, falava muito mal e hoje, portanto, já vou sozinho para esses países (1.2.25), portanto, falar Inglês e não tenho problemas. Foi... nas competências linguísticas (1.2.26) foi... o principal. E depois... foi uma... penso... que também a nível do

convívio (1.2.27), saber... conviver com outras pessoas (1.2.28) e fundamentalmente conhecer os outros sistemas educativos (1.2.29), isso para mim foi muito importante (1.2.30).

A: Projectos... que tipo de projectos Sócrates é que tu desenvolves aqui na escola?

B: Portanto... agora... eu tou a desenvolver o Comenius - Parcerias de Escola.

A: Parcerias de Escola e é um projecto Língua, projecto de Escola..?

B: É Projecto de Escola (1.3.1).

A: Tens alguma ideia em que ano é que estes projectos se iniciaram aqui na escola? Quando é que a escola começou com estes projectos?

B: Ora portanto... deve ter sido... 94... em 1996 (1.3.2)... este Parcerias entre Escolas... 96.

A: Qual é que é a tua função no projecto?

B: Tenho sido coordenador do projecto (1.3.3).

A: Coordenador de Projectos...e como é que tiveste contacto com este tipo de projectos?

B: A primeira vez foi através de um colega (1.3.4), disse que havia este projecto, portanto, e eu depois informei-me logo (1.3.5) e então... comecei até... até comecei com o projecto Língua. E fizemos dois projectos Língua, entretanto quando estava no projecto Língua tive conhecimento destes e candidatamo-nos também (1.3.6). Portanto foi quando passei a coordenar o projecto comenius.

A: Como é que vocês aderiram... como é que tu aderis ao projecto? Ou seja o que tens que fazer para aderir ao projecto?

B: Primeiramente fui convidado (1.3.7)... tanto no de Língua como no Comenius fomos, portanto, convidados por uma... no Língua uma escola Inglesa e neste Comenius por uma escola... Holandesa. E eles convidaram-nos e nós aceitamos logo(1.3.8), portanto. E com essa escola Holandesa estamos em projecto há... desde o início. Há 13... 13, 14 anos.

A: E este projecto, Projecto Escola, quais são as principais características do projecto para ti?

Quais são as principais características desse projecto?

B: No projecto... No tema que estamos a trabalhar este ano... ou?

A: No projecto em si.

B: As características é mais o desenvolvimento, portanto, das tecnologias... das tecnologias de informação e comunicação(1.3.9), portanto que é tudo... e a parte linguística (1.3.10).

A: ... e a parte linguísticas...qual é... quanto tempo é que dura normalmente este projecto? A duração dele?

B: Estes projectos costumam ser anuais(1.3.11).

A: Anuais?

B: Anuais. Agora a candidatura deste ano já é um projecto plurianual.

A: Que etapas é que tu... é que existem para tu implementares o projecto?... ou seja... tens que concorrer... que etapas é que existem para implementares o projecto?

B: Mas, a nível da candidatura ou do desenvolvimento...?

A: A nível da candidatura.

B: Da candidatura. OK. A candidatura (1.4.1) que é feita normalmente até Fevereiro... até Fevereiro, princípios de Março. Depois tem a aprovação (1.4.2)... a aprovação que é normalmente é dada em... Julho, princípios de Agosto... às vezes até demora mais um bocadinho, depois tem a preparação do trabalho que é uma reunião (1.4.3) que é feita normalmente em... Outubro que se começa... é evidente que a pessoa já vai falando com os colegas (1.4.4), portanto, por e-mail(1.4.5) o que é que se vai fazendo, mas essa reunião de Outubro é mesmo aquela de arranque do trabalho, e depois tem-se mais uma reunião (1.4.6), normalmente, em Fevereiro, Março que é para fazer... ver o que é que se está a ser feito e como é a conclusão que é normalmente... dependendo dos países para Maio, Junho, conclusão do trabalho (1.4.7).

A: E para ti qual é que é a etapa mais motivadora? O que é que te mais motiva dentro dessas etapas todas do projecto?

B: Penso que talvez seja a parte... de desenvolvimento do trabalho (1.4.8), porque... é naquela parte que estamos a trabalhar com os alunos e os alunos vão fazendo perguntas(1.4.9) e vai havendo um certo debate (1.4.10) uma certa conversa sobre o tema do trabalho(1.4.11).

A: Estes projectos normalmente assentam em alguns valores, não? Em que valores é que normalmente é que eles assentam este tipo de projectos? Que valores é que eles... querem dinamizar?

B: Eu penso que normalmente é para a igualdade (1.4.12), para a tolerância (1.3.13), para valores da cidadania, portanto, ... cidadania e cidadania europeia (1.4.14).

A: E como é que vocês promovem esses... esses...esses valores? Como ...através de quê? Que actividades?

B: Por exemplo às vezes os temas...os próprios temas são... como é que hei-de dizer são propícios a isso (1.4.15). Por exemplo, o tema que tivemos o ano passado... que era a aceitação de... das diferenças (1.4.16), por exemplo era ver na aldeia...na aldeia quer dizer... na vila de Messines quais eram os problemas que tinham as pessoas deficientes (1.4.17), por exemplo, para andarem na rua. Fomos investigar todos os sítios (1.4.18) que... por exemplo tinham incompatibilidade para uma pessoa de cadeira de rodas, isso proporcionou aos alunos debater(1.4.19), falar sobre esses sítios(1.4.20) e alertá-los para um determinado tipo de situações que eles ainda não tinham sido...como é que hei-de dizer confrontados (1.4.21), porque não tinham necessidade disso.

A: Então esses temas são escolhidos de acordo com... com os valores? Ou vocês...como é que vocês escolhem esses temas para os projectos?

B: O tema do projecto normalmente é feito uma reunião (1.4.22) quando decidimos fazer um projecto... quando estamos a acabar uma reunião num ano e estamos a candidatar para outro...

A: é em comum...?

B: Em comum as escolas reúnem-se (1.4.23)... a escola coordenadora com as escolas que estavam participando... que participavam no projecto e avança-se um tema(1.4.24), normalmente já as pessoas trazem

vários temas (1.4.25), não é. E temos normalmente o cuidado de saber, como a Europa às vezes faz o ano... europeu (1.5.1), por exemplo do deficiente, o ano europeu do desporto, o ano... nós tentamos que o tema vá para esse... tipo de... de comemoração (1.5.2), vá.

A: Tu deste este exemplo... deste último tema... outros temas que tenhas trabalhado sem ser este último que estás a trabalhar agora?

B: Trabalhamos há uns... há uns anos... deixa-me cá ver... foi uma...foi a história da Europa...

A:... história da Europa (1.5.3), não é...

B: foi... desde os Vikings até... desde os descobrimentos portugueses... foi...

A: E... que conteúdos é que normalmente estes temas abordam... ou seja que conteúdos é que vocês... tu já falaste na... em igualdade, tolerância?

B: Conteúdos de disciplinas praticamente nenhuns (1.5.4), portanto, são mais aqueles a nível de valores de atitudes (1.5.5) que a gente gosta muito de desenvolver, portanto... poderá ter é... a competência linguística, vai sempre (1.5.6)... os alunos vão sempre melhorar a competência linguística(1.5.7) e fundamentalmente a nível das TIC (1.5.8).

A: Então não há disciplinas enquadradas nas actividades do projecto, especificamente?

B: Às vezes há dependendo (1.5.9)... há tempos houve... foi... portanto.

A: O k...Quais são os objectivos globais, se eu posso chamar, deste tipo de projectos? Do teu projecto?

B: Eu penso que são mesmo a igualdade de oportunidades (1.5.10)... portanto entre rapazes e raparigas, tolerância(1.5.11)... desenvolvimento da tolerância (1.5.12), aceitação das diferenças (1.5.13)... e...

A: Então assentam mais nos valores...?

B: Tudo, quase tudo a nível dos...dos valores (1.5.14).

A: E quem é... quem é que define esses objectivos? São vocês...?

B: Somos nós... em reuniões das escolas (1.5.15), quando estamos a fazer a... candidatura do projecto, portanto, definimos logo os... os objectivos.

A: Que tipo de actividades é que vocês promovem, por exemplo? Dá-me lá exemplos de algumas actividades?

B: Por exemplo entrevistas (1.5.16)... fazemos entrevistas... este ano por exemplo fizemos... como era... o ano passado, por exemplo, falando do ano passado... que era da... lembraste os problemas dos deficientes... fomos fazer entrevistas a um... a ex-alunos daqui da escola... um que é deficiente motor, portanto, tá paraplégico e a um deficiente visual, portanto, ... e fizemos as entrevistas e perguntamos quais eram as dificuldades que eles encontravam na vila para desenvolver as suas actividades (1.5.17), a nível da... deslocação, transportes, de...trabalho etc... muito à base das entrevistas e depois à base da pesquisa, também (1.5.18).

A: E que recursos materiais é que vocês é que...são necessários, normalmente?

B: Normalmente, portanto, trabalhamos muito com o computador (1.5.19), isso é fundamental, gravador (1.5.20), máquina fotográfica (1.5.21) muito, porque tiramos muitas fotografias... pronto... e depois materiais que às vezes até já existem na escola (1.5.22), não é assim nada de especial.

A: No final desses projectos que produtos finais é que vocês, normalmente, produzem?

B: Costumamos produzir uma página web(1.6.1), portanto... produzimos... ao mesmo tempo que produzimos a página web fazemos CDs(1.6.2), que são dados às outras escolas, enviamos para as outras escolas... produzimos sempre em duas línguas (1.6.3), bilingue, Português e Inglês, produzimos brochuras (1.6.4)... brochuras... são os dois principais...

A: Como é que... que estes projectos são divulgados, por exemplo, a nível de escola, como é que as pessoas têm conhecimentos deles?

B: Pronto... normalmente em Conselho Pedagógico (1.6.5) é divulgado e logo por aí se as coisas funcionarem como deve ser, portanto, todos... toda a escola tem conhecimento(1.6.6), depois também é divulgado através do trabalho que é feito (1.6.7), o trabalho que é feito é posto na página da escola (1.6.8), portanto tem acesso a muita gente(1.6.9), depois é afixado (1.6.10)... e depois toda a gente tem... quando há... normalmente...quando temos aqui intercâmbios com os outros países... toda a gente fica a saber que existe (1.6.11).

A. Vocês, por exemplo, avaliam o progresso do... e o impacto do projecto em alunos e professores... como é que fazem essa avaliação? Através de quê?

B: Essa avaliação é feita... pelas próprias escolas quando se reúnem (1.6.12), portanto, nós temos duas reuniões anuais, duas ou três, não é ... normalmente o... a escola coordenadora tem três reuniões anuais...e... é a preparatória, depois há uma final, mas normalmente a escola coordenadora, vem... às outras escolas, portanto, há uma outra reunião intercalar, onde faz a avaliação do...como o projecto está a... a ser desenvolvido (1.6.13) e normalmente, portanto, como agora é muito fácil, nós por e-mail, às vezes, comunicamos com outras escolas... através de e-mail (1.6.14).

A: E a avaliação final do Projecto?

B: É feita também nessa reunião final (1.6.15) e também é feita... dado conhecimento no... no Conselho Pedagógico...(1.6.16)

A: ... no Conselho Pedagógico...

B: ... que avalia o... o projecto (1.6.17).

A: Como é que vocês definem o orçamento necessário para um projecto destes?

B: O orçamento está praticamente... definido (1.6.18), porque nós quando fazemos a candidatura... temos um plafon máximo (1.6.19) de 1000 euros, portanto que facilmente se chega lá (1.6.20), não é...que para se desenvolver o trabalho há... é... necessidade de alguns materiais(1.6.21)... a nível de fotocópias e isso, e facilmente se chega aos 1000 euros(1.6.22).

A: Depois como é que obtêm outros... outros apoios financeiros?

B: Não conseguimos (1.6.23)...

A: Não conseguem...

B: Normalmente não(1.6.24)...

A: Não têm?

B: Nem sentimos muita necessidade (1.7.1), portanto... porque

A: É suficiente?

B: É... penso que é... normalmente não tem havido... não tem havido deficiências de funcionamento do... do projecto por falta de dinheiro (1.7.2).

A: Quais são as dificuldades que tu sentes mais, por exemplo, na implementação dum projecto destes? Que dificuldades é que tu poderás sentir mais?

B: Acho que isso... talvez a calendarização das actividades (1.7.3), portanto que... e sobreposição (1.7.4) por exemplo, quando nós temos de fazer, por exemplo, uma deslocação tentar... uma reunião... tentar que possam jogar todas as escolas, porque umas escolas têm férias numa altura, outras noutras, outras têm actividades... é sempre... para nós... talvez seja ... com mais dificuldade a calendarização das actividades.(1.7.5)

A: O que é que tu achas que a escola pretende, por exemplo, ao... para participar nestes projectos de cooperação internacionais? O que é que a escola pretende conseguir obter, na tua opinião?

B: Eu penso que dar determinado tipo de competências aos alunos (1.7.6), a nível linguístico (1.7.7) acho que é fundamental, hoje em dia quem não falar Inglês, portanto sente as dificuldades que toda a gente sabe, não é... as competências linguísticas (1.7.8) e as competências das TIC são fundamentais (1.7.9). E depois também é o... o assumir da... da cidadania europeia (1.7.10), penso que além daqueles valores que eu já atrás referi, cidadania europeia (1.7.11), nós não podemos esquecer que estamos integrados na Europa, portanto, é um dos... um dos... como é que hei-de dizer... objectivos...

A: ... máximos.

B: ... máximos.

A: Falando em colegas de escola... colegas de escola normalmente quantos colegas é que participam no... no projecto?

B: Portanto, são normalmente dois que estão... há frente do projecto (1.7.12) e depois quando necessitamos de colaboração de colegas de outras disciplinas (1.7.13)... portanto...

A: ... solicitas...

B: ... temos tido muita aceitação da parte deles (1.7.14).

A: E essas funções... que actividades é que... que esses colegas desempenham no projecto? Tu és o coordenador, não é... e depois tens... mais alguém contigo, que função é que desempenha?

B: Normalmente eu... embora como disse há bocado, portanto já melhorei muito a nível ling... linguístico (1.7.15), portanto, normalmente vou com uma colega que... que é de Inglês (1.7.16), quando é necessário nas competências muito mais...

A: ... específicas...

B: ... específicas, portanto vou com ela e é com ela que trabalho desde o... início destes projectos, desde 94.

A: Então... a pergunta seria... como é que são escolhidos os colegas que participam nos projectos, neste caso..?

B: Pois este é uma continuidade (1.8.1)... tem sido uma continuidade (1.8.2), não foi escolhido, tem sido uma continuidade, embora os outros, portanto que às vezes, pontualmente são...são pedidos (1.8.3)... já tivemos um colega de (subentende-se Educação) Física a trabalhar, já tivemos um colega de História a trabalhar, portanto dependendo do tema do projecto desse ano...

A: Existe um apoio de outros colegas?

B: Existe um apoio de outros colegas (1.8.4)... aliás, portanto já há outros colegas sem serem estes dois que foram em intercâmbios, essa colega de Física já foi uma vez... em... num intercâmbio, portanto...

A: A forma como eles participam no intercâmbio é...?

B: Dependendo também do tema(1.8.5), que às vezes é necessário ser um professor de História, um professor de Geografia, um professor de Física... depende do desenvolvimento dos temas do... do projecto (1.8.6).

A: Aqueles colegas que não participam nos projectos como é que eles reagem ao projecto? Tens alguma percepção de como é que eles reagem ao projecto? Os que não participam... por exemplo o resto dos colegas da escola?... .. Se estão disponíveis... se não estão disponíveis...?

B: ... Penso que de início, acho que tinham assim umas certas reservas acerca dos objectivos dos projectos (1.8.7), mas ultimamente tenho visto que... que todos... praticamente todos apoiam... o desenvolvimento destes projectos (1.8.8), portanto e umas das coisas que verifico agora é que antigamente eles quando vinham cá colegas das outras escolas, portanto até tinham problemas de falar(1.8.9) e agora já vai havendo mais comunicação com os colegas e interesse por parte dos...dos professores daqui da escola em saber o que se está a fazer. (1.8.10)

A: Então... os impactos que estes projectos poderão ter nesses colegas que não participam directamente também é mais a nível linguístico ou ...?

B: ... hummm....

A: Ou achas que não há nenhum impacto?

B: Para já não tou a ver (1.8.11), se calhar assim um impacto, mas pelo menos sei que eles dão algum valor a isso (1.8.12), não sei que impacto possa ter (1.8.13), mas penso que dão algum valor a isso(1.8.14)...

A: Colegas estrangeiros...normalmente quantos professores é que... estrangeiros participam no projecto? Tu no teu tipo de projecto...tens mais escolas?

B: Sim, ora portanto neste agora são... há volta de 25 professores (1.8.15)...

A: ... professores estrangeiros!!!

B: Sim, evidente que estão 3 ou 4 de cada escola, às vezes nestes intercâmbios por motivos financeiros só se deslocam dois (1.8.16), não é., mas são cerca de 25 que tão envolvidos (1.8.17).

A: Como é que vocês mantêm contacto com esses colegas estrangeiros?

B: Quando é assim mais urgente por telefone (1.9.1), mas normalmente é por e-mail (1.9.2).

A: ... por e-mail...

B: Por e-mail, sim.

A: E que actividades é que vocês normalmente realizam em comum... durante a preparação do projecto?

B: Portanto às vezes conversa-se (1.9.3), enviamos, portanto, os materiais (1.9.4); portanto envia-se materiais, por exemplo com uma escola Norueguesa agora... estabelecemos uma parceria... de trabalhar com alunos portadores de deficiência, ora eles produzem lá materiais, mandam materiais(1.9.5) ou pela Net (1.9.6), portanto desenhos e isso ou até... outra produção de materiais mandam através, portanto, do correio (1.9.7). Através da Net (1.9.8) é normalmente dizer o que se está a fazer, mostrar, se são coisas que se possam mostrar por fotografias ou quê, são enviadas essas fotografias.

A: Então quais é que te parecem ser os impactos desses projectos nesses colegas estrangeiros, do teu ponto de vista?

B: Eu penso que deve mais ou menos igual ao nosso (1.9.9), portanto também deve ser... a maior parte deles também é a nível linguístico (1.9.10), porque nenhum é ... a língua mãe é o Inglês, não é..., comunicamos sempre em Inglês(1.9.11), portanto a nível linguístico tem de certeza(1.9.12); a nível das... das TIC tem de certeza (1.9.13), e penso também que aqueles valores que eu disse há bocado também são os mesmos que eles tentam desenvolver nos alunos deles (1.9.14)

A: Por falas em alunos agora... quantos alunos é que normalmente participam no projecto?

B: ...da nossa escola?

A: Da vossa escola...

B: Da nossa escola este ano temos um clube (1.9.15) com cerca de 15 (1.9.16).

A: ... 15 alunos... como é que eles são escolhidos, esses alunos, para participar?

B: Portanto também é como os professores... alguns já vêm de anos anteriores (1.9.17)...portanto, já trabalho com eles desde... o meu... desde o 5º ano que eles começaram (1.9.18), comecei a sensibilizá-los para este tipo de projectos (1.9.19), então esses alunos estão... vão agora para o 9º ano e têm estado sempre a trabalhar connosco(1.9.20)

A: E que idades é que eles têm?

B: 13... 15 anos... 13 (1.9.21).

A: Eles frequentam neste momento?

B: Agora passaram para o 9º ano (1.9.22)

A: Para o 9º ano.

B: ... um grande grupo e agora... já agora estamos a introduzir alunos, portanto que vão agora... que começaram agora no 6º ano. Também vão começar... já estão a...

A: Que actividades é que eles normalmente desenvolvem na escola, aqui... quando... quando preparam o projecto?

B: Normalmente... o projecto é-lhes dado logo como uma... um trabalho já feito (1.10.1), não é... eles vão é pesquisar (1.10.2), a primeira fase do trabalho é a pesquisa(1.10.3), depois o desenvolvimento do trabalho (1.10.4), o debate (1.10.5), o desenvolvimento do trabalho e a conclusão (1.10.6). Normalmente a parte de...

de Inglês que é onde eles têm mais dificuldade para a elaboração do trabalho (1.10.7)... eles fazem em Inglês e sempre com a ajuda da professora que os vai corrigindo.

A: Eles visitam a... outra escola? Há visitas...?

B: Este ano, por exemplo, fomos com 3 alunos... a uma das reuniões intercalares (1.10.8) aquela... .. a segunda reunião que foi em Itália, e nós levamos 3 alunos... lá que foram assistir a aulas (1.10.9), que foram fazer a apresentação do que estávamos a fazer até ao momento (1.10.10). E depois também recebemos alunos (1.10.11).

A: E ... quais é que tu pensas que são as motivações destes alunos para participarem nestes projectos?

B: É evidente que eu penso que é um bocado... gostam muito da... da valorização das TIC (1.10.12) é fundamental para eles... gostam muito de trabalhar... penso que Inglês (1.10.13) e depois também tem...o... o aliciante de poderem conhecer um país (1.10.14)...

A: ... diferente...

B: ... que se calhar não teriam muitas possibilidades a grande parte deles... não teriam muitas possibilidades senão fosse através do projecto (1.10.15).

A: Então qual... é que tu achas que são os maiores impactos destes projectos nestes alunos... nos que participam?

B: ...impactos... talvez... mesmo seja a nível do Inglês (1.10.16), porque estes... estes que participaram no projecto e foram ao intercâmbio, a nível do Inglês tiveram mesmo que falar (1.10.17) não é... porque senão não se desenrascavam, aí acho que tiveram um grande impacto (1.10.18)... enorme...aí nota-se..

A: ... nos próprios alunos...

B: ... nos próprios alunos.

A: Pessoal não docente... há... há algum tipo de envolvimento do pessoal não docente no projecto?

B: Não (1.10.19).

A: Não... achas que estes projectos têm algum impacto no pessoal não docente?

B: ... não sei responder a essa pergunta (1.10.20)... mas penso que não deve ter (1.10.21)... dão valor...vêm cá pessoas das outras escolas (1.10.22)... mas não sei que impacto possa ter.

A: Agora vamos tentar caracterizar este projecto a nível de escola. Então é assim Vamos começar aqui pelas escolas, a Escola de S. Bartolomeu de Messines, como é que tu caracterizas o contexto geográfico, social, escolar da escola, assim muito...?

B: A escola fica numa zona rural (1.10.23)..., uma grande parte dos alunos... oriundos de... de famílias... ..

A: ...desfavorecidas...

B: ... desfavorecidas(1.11.1), não é, com carências sociais (1.11.2), um estrato social baixo(1.11.3) e muitos, portanto, que vêm... não só desta zona, mas que vêm de muitas aldeias aqui em redor... da... ..

A: ... da serra...

B: ... da serra.

A: ... da serra também. Que impactos é que tu achas que estes projectos têm na escola, enquanto instituição? Qual é o maior impacto ou maiores impactos que este projecto pode ter na escola, em si?

B: Penso que é... um bocado a escola, portanto, estar aberta... ao contacto com outras... realidades, outras escolas, outras culturas,(1.11.4) e por exemplo, quando nós recebemos cá os outros colegas a escola é vista... como... não só como... não só como um local... uma estrutura dinâmica(1.11.5)... não é uma coisa estática como às vezes parece... pode parecer que seja só... aquele o dar aulas não é... é uma escola que está aberta(1.11.6)

A: Então... eu ia-te perguntar como é que o projecto é integrado nas actividades escolares, neste caso funciona como um clube, é isso?

B: Funciona como um clube(1.11.7).

A: Existe alguma articulação entre... o clube, o projecto e o Projecto Educativo de Escola?

B: Sim... eu penso que... o clube tem como... um dos objectivos deste projecto... estão de acordo com os objectivos com... um dos principais objectivos do Projecto Educativo (1.11.8).

A: Existe alguma referência no Projecto Educativo de Escola que refira a existência destes projectos Comenius?

B: Nos objectivos não (1.11.9), mas eu penso que os objectivos que têm lá que é valorizar... um dos objectivos do Projecto Educativo que é valorizar a educação para a cidadania(1.11.10) promover a igualdade de oportunidades(1.11.11) portanto, podem ser dadas respostas a estes objectivos através da implementação dos clubes... do Comenius(1.11.12)

A: Há alguma articulação entre os projectos e os Projectos Curriculares de Turma, por exemplo?

B: Quando há ligação entre o tema, quando o tema está ligado, por exemplo, a uma disciplina pode haver essa ligação,(1.11.13) por exemplo se não estiver ligado, por exemplo o ano passado foi ... quando foi aquilo das... da integração dos deficientes, por exemplo, não estava ligado a não ser à Formação Cívica, não é... nós não... estabelecemos uma ligação com disciplinas(1.11.14) mas normalmente estabelecemos, ou com Inglês ou com as TIC(1.11.15) ou com a... já foi com Geografia, já foi com Física.

A: Aqui perguntava-te de que forma é integrado no programa curricular dos alunos, o projecto?

B: É o mesmo... se houver ligação é, se não houver não é.(1.11.16)

A: Como é que o Conselho Executivo apoia a vossa realização destes projectos?

B: Eu penso que positivamente (1.11.17), nunca tivemos...

A: Dá-vos todo o apoio?

B: Sim... sim.

A: Acham que existe... achas que existe algum impacto destes projectos no Conselho Executivo?

B: Penso que sim(1.12.1)... que o Conselho Executivo... para já demonstra que... no apoio que dá(1.12.2), que deve... que deve ter algum interesse (1.12.3), não é... impacto teve... eu penso que... a própria... mostrar a escola para fora (1.12.4)... acho que é um...

A: ... um dos impactos...

B: ... um dos impactos.

A: Tens algum tipo de apoio da comunidade envolvente... à escola?

B: Apenas só dos Encarregados de Educação (1.12.5), que às vezes fazem... esse apoio.

A: Como é que a comunidade envolvente tem conhecimento do projecto? Terá algum conhecimento?

B: Através dos próprios filhos (1.12.6)...

A: ... dos alunos...

B: ... filhos... dos alunos aqui da escola(1.12.7). E depois se alguém consultar a Net (1.12.8), portanto, através da página da escola (1.12.9) também têm conhecimento.

A: Achas que há algum impacto destes na comunidade envolvente á escola?

B: Pelo menos existem naqueles cujos filhos têm ou frequentam o clube ou participam nas actividades, portanto, do clube. (1.12.10)

A: Tu já falaste que a família apoia (o projecto) como é que os encarregados de educação têm conhecimentos dos projectos?

B: Penso que através dos filhos, que chegam a casa e dizem(1.12.11)... penso que se calhar é... o...

A: ... o meio...

B: ... o meio mais coiso... mais... portanto, e também nas turmas (1.12.12), nestas duas turmas em que os alunos, por faziam parte... fundamentalmente essas duas turmas ás vezes os... os directores de turma também dizem aos encarregados de educação que esses os clubes existem (1.12.13) que... naquelas reuniões do início do ano penso que também têm conhecimento através dessa...(1.12.14)

A: Qual é que é na tua opinião a receptividade dos encarregados de educação ao projecto?

B: Pelo menos da parte destes alunos foi muito boa (1.12.15).

A: ... muito boa...

B: ... muito boa.

A: Quais é que são as formas mais comuns de envolvimento dos Encarregados de Educação? Como é que eles se envolvem no projecto?

B: Por exemplo agora nestes alunos quando houve o intercâmbio portanto... a recepção aos alunos italianos que nós tivemos foi excepcional (1.12.16), portanto, levavam-nos à praia (1.12.17), foi preciso... nós tínhamos dificuldades de transportes... ajudavam muito nos transportes (1.13.1), foi... foi impecável(1.13.2)

A: Qual é que é na tua opinião o maior impacto deste projecto nos encarregados de educação?

B: Talvez o próprio convívio com outras culturas (1.13.3), a melhoria também das competências linguísticas (1.13.4), porque alguns aproveitam para se iniciar no... no Inglês(1.13.5), portanto. São talvez as duas principais.

A: Falando ainda na...no... nas parcerias de escola... como é que são seleccionadas as instituições a participar no projecto? As instituições parceiras como é que elas são seleccionadas?

B: Isso aí normalmente é ... a escola coordenadora que faz a... a selecção ... e a...e os contactos com outras escolas(1.13.6)..., de modo a poder... de modo a poder... fazer essa... essa escolha.

A: E em que momento é feita essa escolha, normalmente?

B: Portanto, é feita no... ano anterior (1.13.7). Eles fazem esses contactos (1.13.8) e depois dos contactos feitos e da aceitação dessas escolas propõe às outras escolas que já fazem parte do projecto (1.13.9) que tem... mais uma escola... e as escolas dão a sua opinião sobre(1.13.10).

A: E como é que é escolhida... qual é a instituição coordenadora?

B: Foi escolhida logo de início (1.13.11), foi a instituição que ... iniciou este projecto(1.13.12), porque 3 das escolas que iniciaram o projecto ainda se mantêm, agora somos 8 ou 9, mas 3 são as iniciais. E como essa escola era sempre coordenadora sempre ficou coordenadora(1.13.13)

A: De que países é que elas são maioritariamente?

B: Ora países... agora temos da Holanda, Finlândia, Suécia, Noruega, Chipre, Polónia, Itália e Espanha (1.13.14). E de Itália temos duas escolas... sim de Itália temos duas escolas.

A: Então os contactos e a cooperação entre essas escolas são realizados sempre através da Internet?

B: Às vezes por telefone (1.13.15), mas é mais raro. Mas normalmente é através da Internet (1.13.16), todos têm o e-mail uns dos outros(1.13.17), portanto.

A: Qual é que é a língua usada para comunicarem?

B: É o Inglês (1.13.18).

A: É o Inglês que é o ...

A : Obrigada Rui.

Anexo C – Formulário de candidatura



Education and Culture

Socrates
Comenius

SÓCRATES

Comenius 1 - Parcerias entre escolas

FORMULÁRIO DE CANDIDATURA CONJUNTA

para
Projectos de Escola
Projectos de Línguas
Projectos de Desenvolvimento Escolar

Candidatura

DATA LIMITE PARA SUBMISSÃO DA CANDIDATURA: 01 DE FEVEREIRO 2005

(fazendo prova o carimbo de correio postal)

As candidaturas com data de correio postal posterior à data limite não serão consideradas.

As candidaturas terão de ser remetidas por correio postal.

As candidaturas enviadas por fax ou por e-mail não serão aceites.

(Sugere-se o envio das candidaturas em carta registada.)

COMISSÃO EUROPEIA



Education and Culture

Socrates Comenius

SÓCRATES

Comenius I - Parcerias entre escolas

FORMULÁRIO DE CANDIDATURA CONJUNTA

para
Projectos de Escola
Projectos de Línguas
Projectos de Desenvolvimento Escolar

Candidatura

IDENTIFICAÇÃO:

Nome da instituição candidata: <i>No caso da Escola estar inserida num Agrupamento é esta a instituição candidata. Será também a designação do Agrupamento que deverá constar na Secção B deste formulário.</i>	Escola / Agrupamento Escolar * Sendo Agrupamento deve <u>anexar um documento</u> com a identificação da(s) escola(s) que participa(m) no projecto, com a indicação do seu nome e respectivo Código DGAE.
A instituição candidata é:	Coordenadora do projecto Parceira no projecto
Esta candidatura refere-se a um:	Projecto de Escola Projecto de Línguas Projecto de Desenvolvimento Escolar

Reservado à Agência Nacional

Prazo de candidatura	Número de inscrição

COMISSÃO EURO

INFORMAÇÕES DE CARÁCTER GERAL

Antes de completar o formulário, leia as secções relevantes do Guia do Candidato Sócrates (versão de Junho de 2004), assim como o Convite Anual à Apresentação de Propostas, que contém informações adicionais relativas a prazos de entrega, endereços das Agências Nacionais para onde a candidatura deve ser enviada e prioridades específicas para esse ano. Para mais informações consulte o site do Programa SÓCRATES ou o site da Agência Nacional em:

<http://europa.eu.int/comm/education/socrates.html>
www.socleo.pt

O formulário pode ser preenchido e impresso a partir do computador, dactilografado ou manuscrito em letra maiúscula.

De acordo com a prática corrente da Comissão Europeia, as informações constantes do presente formulário de candidatura poderão ser utilizadas na avaliação do Programa SÓCRATES. Serão respeitados os regulamentos relativos à protecção de dados.

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

- Projectos de escola e projectos de desenvolvimento escolar: A parceria é estabelecida com um mínimo de três instituições de três países participantes no Programa SÓCRATES. Projectos de línguas: A parceria é estabelecida entre duas instituições, cada uma situada num dos países que participam no Programa SÓCRATES. (Países elegíveis: cf. secção 3.1 do Guia do Candidato).
- Pelo menos uma instituição participante provirá de um Estado-Membro da União Europeia na data de início do projecto.
- Todas as instituições participantes confirmaram junto da Agência Nacional do seu país que são elegíveis para participar na Acção Comenius I.
- A candidatura obedece aos procedimentos de candidatura constantes do Guia do Candidato e respeita os prazos estabelecidos pela respectiva Agência Nacional no Convite Anual à Apresentação de Propostas.
- O formulário de candidatura foi completamente preenchido numa das línguas oficiais da UE ou, no caso dos países da EFTA/EEE e dos países candidatos na língua nacional do país em causa.
- Os elementos de Identificação apresentados na primeira página e o comprovativo de recepção deste formulário de candidatura foram preenchidos individualmente por cada uma das instituições participantes no formulário que é enviado à respectiva Agência Nacional.
- As secções A, B, e C do presente formulário de candidatura foram preenchidas em conjunto por todos os parceiros do projecto, na língua de comunicação utilizada pela parceria e todos eles ficaram com uma cópia.
- O coordenador deverá verificar que as Partes D e E foram preenchidas individualmente por cada instituição participante e que foram assinadas e carimbadas pela pessoa legalmente autorizada a assinar em nome da instituição interessada.
- Todas as instituições participantes deverão enviar à respectiva Agência Nacional *:
uma cópia das secções conjuntas A, B e C na língua de comunicação do projecto;
anexar a tradução em língua portuguesa das secções A, B e C (podendo a despesa com a tradução estar incluída na candidatura ao financiamento comunitário - Montante Fixo);
as secções individuais D e E.

ENDEREÇO DE RECEPÇÃO DA CANDIDATURA

*Queira enviar o presente formulário à Agência Nacional *.*
 Os endereços de todas as Agências Nacionais encontram-se no Convite Anual à Apresentação de Propostas ou no site do Programa SÓCRATES.

*Agência Nacional para os Programas Comunitários Sócrates e Leonardo Da Vinci
 Avenida D. João II, Lote 1.07.2.1
 Edifício Administrativo da Parque EXPO - Piso 2 Ala B - 1990-096 Lisboa
 Telef: 351-218 919 934 Fax: 351-218 919 929
agencianacional@socleo.pt
www.socleo.pt

ELEMENTOS CONTRATUAIS

No sentido de tornar mais célere os procedimentos administrativos subsequentes à situação de aprovação deste projecto (caso esta venha a verificar-se), solicita-se a indicação dos elementos contratuais que se seguem, pois estes dados serão necessários a esta AN para redigir o contrato. Este preenchimento é opcional.

NIF (N.º de Identificação Fiscal) da Instituição candidata:																		
Referências bancárias da Instituição candidata:																		
NIB (N.º de Identificação Bancária)																		
N.º de conta																		
Titular																		
Entidade Bancária e balcão																		

Comprovativo de Recepção

Esta folha ser-lhe-á devolvida aquando da recepção e registo do seu formulário de candidatura. Queira, para esse fim, completar a secção seguinte:

Candidatura a:	
Título do projecto:	
Nome da instituição candidata *: <i>No caso da Escola estar inserida num Agrupamento é esta a instituição candidata. Será também a designação do Agrupamento que deverá constar na Secção B deste formulário.</i>	
Rua e número da instituição:	
Código postal e localidade:	
Nome e apelido da pessoa de contacto:	Nome: Função:
Região:	<input type="checkbox"/> Norte <input type="checkbox"/> Centro <input type="checkbox"/> Lisboa e Vale do Tejo <input type="checkbox"/> Alentejo <input type="checkbox"/> Algarve <input type="checkbox"/> Açores <input type="checkbox"/> Madeira
País:	Portugal

Reservado à Agência Nacional
 Confirmamos a recepção da sua candidatura n.º:

05-PRT01-S2C0 - - -

Queira referir este número em todos os contactos efectuados com a sua Agência Nacional

Local: Lisboa

Data:

Assinatura:

Carimbo da Agência

Nacional:

de 36 meses. Os Projectos de Línguas têm uma duração normal de 12 meses, excepto quando os intercâmbios recíprocos de alunos não podem ser realizados durante o mesmo ano lectivo, caso em que podem ser prorrogados até 24 meses.)
Atenção: A renovação do projecto requer a apresentação de candidatura anual.

Resumo do projecto:
(Queira efectuar uma breve e clara descrição do seu projecto, não excedendo as 200 palavras; note-se que a mesma descrição poderá ser utilizada para fins de publicação)

B. PARCERIA DO PROJECTO

A secção B do formulário de candidatura deve ser preenchida em conjunto por todas as instituições que participam no projecto. A parceria de projecto compreende as instituições de ensino elegíveis para um subsídio ao abrigo do Comenius I. Em caso de dúvida, confirme junto da Agência Nacional do país em que a instituição se situa.
Caso se trate de um Projecto de Línguas, uma das instituições deve ser referida como instituição coordenadora e a outra como instituição parceira N.º 1.
No caso da instituição candidata estar inserida num Agrupamento será a designação do Agrupamento que deverá constar nesta Secção B.

B.1 INSTITUIÇÃO COORDENADORA

Nome e endereço da instituição (se a candidatura for aprovada, toda a correspondência com ela relacionada, bem como o contrato relativo ao financiamento, serão enviados para este endereço):

Designação legal completa da instituição na língua nacional:	
Rua e número:	
Código postal e localidade:	Centro Urbano <input type="checkbox"/> Área Suburbana <input type="checkbox"/> Área Rural <input type="checkbox"/>
Região:	
País:	
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	
E-mail:	
Site na Internet:	

Tipo de instituição:

Tipo de instituição:	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação pré-escolar <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino básico <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino secundário <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico <input type="checkbox"/> Estabelecimento para/ com alunos com necessidades educativas especiais <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Natureza da instituição (pública ou privada):	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação público <input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação privado <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Tipo de supervisão: (no caso de Instituições estrangeiras a funcionar em Portugal)	<input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades nacionais do país de origem <input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades Portuguesas * <i>* no caso de supervisão portuguesa, deve incluir uma declaração das autoridades Portuguesas</i>
Pessoal (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino :
Alunos (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino:

Director da instituição (Pessoa legalmente autorizada a representar a sua instituição e que assinará o contrato se a candidatura for aprovada):

Nome e apelido:	Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input type="checkbox"/>
Título oficial (Presidente do Conselho Executivo, Director Executivo, etc.):	

Nome e endereço privado da pessoa de contacto (pessoa que será informada do resultado da selecção e que poderá ser contactada, se necessário, através do seu endereço privado, durante as férias escolares):

Nome e apelido:	Sr <input type="checkbox"/> . Sra. <input type="checkbox"/>
Rua e número:	
Código postal e localidade:	
Região:	
País:	
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	
E-mail:	

Professores e alunos da sua escola participantes no projecto:

Número de professores participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Número de alunos participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Idade dos alunos participantes no projecto:	Mais novos:	Mais velhos:	
Caso participem alunos do secundário, especificar o tipo de turma mais implicada:	Turma do ensino secundário: <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico		

Participação prévia em programas da UE

A sua instituição participou no Programa SÓCRATES ou em qualquer outra actividade apoiada pela União Europeia no decorrer dos últimos cinco anos (p. ex. LEONARDO DA VINCI, JUVENTUDE, outros)?		<input type="checkbox"/> SIM (preencher o quadro seguinte) <input type="checkbox"/> NÃO	
Ano	Programa da União Europeia	Número de referência do projecto	Título

Se o seu projecto é um Projecto de Línguas, responda também às seguintes perguntas:

Língua materna ensinada na sua instituição (igual à língua-alvo da instituição parceira):	
Língua materna ensinada na instituição parceira (igual à língua-alvo da sua instituição):	
A língua materna ensinada na instituição parceira faz parte do programa dos alunos (da sua instituição) que participam no intercâmbio de turmas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Para além das línguas das instituições participantes, utilizar-se-ão outras línguas para comunicar no âmbito do projecto?	<input type="checkbox"/> Sim Que língua(s)? ___ Inglês ___ <input type="checkbox"/> Não

B.2 INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Instituição parceira N.º 1

Nome e endereço da instituição (se a candidatura for aprovada, toda a correspondência com ela relacionada, bem como o contrato relativo ao financiamento, serão enviados para este endereço):

Designação legal completa da instituição na língua nacional:	
Rua e número:	
Código postal e localidade:	Centro Urbano Área Suburbana Área Rural
Região:	
País:	
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	
E-mail:	
Site na Internet:	

Tipo de instituição:

Tipo de instituição:	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação pré-escolar Estabelecimento de ensino básico <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino secundário <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico <input type="checkbox"/> Estabelecimento para/ com alunos com necessidades educativas especiais <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Natureza da instituição (pública ou privada):	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação público <input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação privado <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Tipo de supervisão: (no caso de Instituições estrangeiras a funcionar em Portugal)	<input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades nacionais do país de origem <input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades Portuguesas * <i>* no caso de supervisão portuguesa, deve incluir uma declaração das autoridades Portuguesas</i>
Pessoal (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino :
Alunos (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino:

Director da instituição (Pessoa legalmente autorizada a representar a sua instituição e que assinará o contrato se a candidatura for aprovada):

Nome e apelido:		Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input checked="" type="checkbox"/>
Título oficial (Presidente do Conselho Executivo, Director Executivo, etc.):		

Nome e endereço privado da pessoa de contacto (pessoa que será informada do resultado da selecção e que poderá ser contactada, se necessário, através do seu endereço privado, durante as férias escolares):

Nome e apelido:		Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input checked="" type="checkbox"/>
Rua e número:		
Código postal e localidade:		
Região:		
País:		
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):		
E-mail:		

Professores e alunos da sua escola participantes no projecto:

Número de professores participantes no projecto:	Total: Sexo feminino: Sexo masculino:
Número de alunos participantes no projecto:	Total: Sexo feminino: Sexo masculino:
Idade dos alunos participantes no projecto:	Mais novos: Mais velhos:
Caso participem alunos do secundário, especificar o tipo de turma mais implicada:	Turma do ensino secundário: <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico

Participação prévia em programas da UE

A sua instituição participou no Programa SÓCRATES ou em qualquer outra actividade apoiada pela União Europeia no decorrer dos últimos cinco anos (p. ex. LEONARDO DA VINCI, JUVENTUDE, outros)?		SIM (preencher o quadro seguinte) <input type="checkbox"/> NÃO	
Ano	Programa da União Europeia	Número de referência do projecto	Título

Se o seu projecto é um Projecto de Línguas, responda também às seguintes perguntas:

Língua materna ensinada na sua instituição (igual à língua-alvo da instituição parceira):	
Língua materna ensinada na instituição parceira (igual à língua-alvo da sua instituição):	
A língua materna ensinada na instituição parceira faz parte do programa dos alunos (da sua instituição) que participam no intercâmbio de turmas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

Para além das línguas das instituições participantes, utilizar-se-ão outras línguas para comunicar no âmbito do projecto?	Sim Que língua(s)? <u> Inglês </u> <input type="checkbox"/> Não
---	--

Instituição parceira N.º 2

Nome e endereço da instituição (se a candidatura for aprovada, toda a correspondência com ela relacionada, bem como o contrato relativo ao financiamento, serão enviados para este endereço):

Designação legal completa da instituição na língua nacional:			
Rua e número:			
Código postal e localidade:		Centro Urbano <input type="checkbox"/>	Área Suburbana <input type="checkbox"/> Área Rural <input type="checkbox"/>
Região:			
País:			
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	Telefone:	Fax:	
E-mail:			
Site na Internet:			

Tipo de instituição:

Tipo de instituição:	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação pré-escolar <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino básico <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino secundário <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico <input type="checkbox"/> Estabelecimento para/ com alunos com necessidades educativas especiais <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:		
Natureza da instituição (pública ou privada):	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação público <input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação privado <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:		
Tipo de supervisão: (no caso de Instituições estrangeiras a funcionar em Portugal)	<input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades nacionais do país de origem <input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades Portuguesas * <i>* no caso de supervisão portuguesa, deve incluir uma declaração das autoridades Portuguesas</i>		
Pessoal (n.º):	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino :
Alunos (n.º):	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:

Director da instituição (Pessoa legalmente autorizada a representar a sua instituição e que assinará o contrato se a candidatura for aprovada):

Nome e apelido:		Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input type="checkbox"/>
Título oficial (Presidente do Conselho Executivo, Director Executivo, etc.):		

Nome e endereço privado da pessoa de contacto (pessoa que será informada do resultado da selecção e que poderá ser contactada, se necessário, através do seu endereço privado, durante as férias escolares):

Nome e apelido:	Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input type="checkbox"/>	
Rua e número:		
Código postal e localidade:		
Região:		
País:		
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	Telefone:	Fax:
E-mail:		

Professores e alunos da sua escola participantes no projecto:

Número de professores participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Número de alunos participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Idade dos alunos participantes no projecto:	Mais novos:	Mais velhos:	
Caso participem alunos do secundário, especificar o tipo de turma mais implicada:	Turma do ensino secundário: <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico		

Participação prévia em programas da UE

A sua instituição participou no Programa SÓCRATES ou em qualquer outra actividade apoiada pela União Europeia no decorrer dos últimos cinco anos (p. ex. LEONARDO DA VINCI, JUVENTUDE, outros)?				<input type="checkbox"/> SIM (preencher o quadro seguinte) <input type="checkbox"/> NÃO
Ano	Programa da União Europeia	Número de referência do projecto	Título	

Se o seu projecto é um Projecto de Línguas, responda também às seguintes perguntas:

Língua materna ensinada na sua instituição (igual à língua-alvo da instituição parceira):	
Língua materna ensinada na instituição parceira (igual à língua-alvo da sua instituição):	
A língua materna ensinada na instituição parceira faz parte do programa dos alunos (da sua instituição) que participam no intercâmbio de turmas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Para além das línguas das instituições participantes, utilizar-se-ão outras línguas para comunicar no âmbito do projecto?	<input type="checkbox"/> Sim Que língua(s)? _____ <input type="checkbox"/> Não

Instituição parceira N.º 3

Nome e endereço da instituição (se a candidatura for aprovada, toda a correspondência com ela relacionada, bem como o contrato relativo ao financiamento, serão enviados para este endereço):

Designação legal completa da instituição na língua nacional:			
Rua e número:			
Código postal e localidade:		Centro Urbano <input type="checkbox"/>	Área Suburbana <input type="checkbox"/> Área Rural <input type="checkbox"/>
Região:			
País:			
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	Telefone:	Fax:	
E-mail:			
Site na Internet:			

Tipo de instituição:

Tipo de instituição:	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação pré-escolar <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino básico <input type="checkbox"/> Estabelecimento de ensino secundário <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico <input type="checkbox"/> Estabelecimento para/ com alunos com necessidades educativas especiais <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Natureza da instituição (pública ou privada):	<input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação público <input type="checkbox"/> Estabelecimento de educação privado <input type="checkbox"/> Outros, nomeadamente:
Tipo de supervisão: (no caso de Instituições estrangeiras a funcionar em Portugal)	<input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades nacionais do país de origem <input type="checkbox"/> Supervisão das autoridades Portuguesas * <i>* no caso de supervisão portuguesa, deve incluir uma declaração das autoridades Portuguesas</i>
Pessoal (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino :
Alunos (n.º):	Total: Sexo feminino: Sexo masculino:

Director da instituição (Pessoa legalmente autorizada a representar a sua instituição e que assinará o contrato se a candidatura for aprovada):

Nome e apelido:		Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input type="checkbox"/>
Título oficial (Presidente do Conselho Executivo, Director Executivo, etc.):		

Nome e endereço privado da pessoa de contacto (pessoa que será informada do resultado da selecção e que poderá ser contactada, se necessário, através do seu endereço privado, durante as férias escolares):

Nome e apelido:		Sr. <input type="checkbox"/> Sra. <input type="checkbox"/>
Rua e número:		
Código postal e localidade:		
Região:		
País:		
Telefone e fax (incluir o código da zona e do país):	Telefone:	Fax:
E-mail:		

Professores e alunos da sua escola participantes no projecto:

Número de professores participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Número de alunos participantes no projecto:	Total:	Sexo feminino:	Sexo masculino:
Idade dos alunos participantes no projecto:	Mais novos:	Mais velhos:	
Caso participem alunos do secundário, especificar o tipo de turma mais implicada:	Turma do ensino secundário: <input type="checkbox"/> geral <input type="checkbox"/> profissional <input type="checkbox"/> técnico		

Participação prévia em programas da UE

A sua instituição participou no Programa SÓCRATES ou em qualquer outra actividade apoiada pela União Europeia no decorrer dos últimos cinco anos (p. ex. LEONARDO DA VINCI, JUVENTUDE, outros)?		<input type="checkbox"/> SIM (preencher o quadro seguinte) <input type="checkbox"/> NÃO	
Ano	Programa da União Europeia	Número de referência do projecto	Título

Se o seu projecto é um Projecto de Línguas, responda também às seguintes perguntas:

Língua materna ensinada na sua instituição (igual à língua-alvo da instituição parceira):	
Língua materna ensinada na instituição parceira (igual à língua-alvo da sua instituição):	
A língua materna ensinada na instituição parceira faz parte do programa dos alunos (da sua instituição) que participam no intercâmbio de turmas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Para além das línguas das instituições participantes, utilizar-se-ão outras línguas para comunicar no âmbito do projecto?	<input type="checkbox"/> Sim Que língua(s)? _____ <input type="checkbox"/> Não

Se existirem mais de quatro instituições no projecto, continue por favor em cópias das páginas 13 e 14.

C. CONTEÚDO E ORGANIZAÇÃO DO PROJECTO

A secção C do formulário de candidatura deve ser preenchida em conjunto por todas as instituições que participam no projecto. Este requisito aplica-se aos três tipos de projectos Comenius I.

Responda numa folha em separado e seguindo a ordem das perguntas. A descrição completa do seu projecto não deverá exceder 3-4 páginas de texto.

Quais os objectivos concretos do projecto e qual o impacto esperado a nível dos participantes e outros agentes interessados (alunos, professores, instituições, comunidade local e comunidade educativa) ?

Que tipo de actividades pretende promover no decorrer do projecto ?

Queira fornecer informações gerais sobre as actividades planeadas para a totalidade da duração do projecto (ou seja, no máximo, três anos para um Projecto de Escola ou de Desenvolvimento Escolar, no máximo, dois anos para um Projecto de Línguas). Esta pergunta diz respeito, tanto às actividades do projecto planeadas localmente, no âmbito das instituições participantes, como às actividades de mobilidade transnacional⁹¹ para pessoal e alunos.

Que tipo de produto(s) final(is) pretende produzir ?

De que modo pretende avaliar o progresso do projecto, o seu impacto nos alunos e professores participantes, nas instituições participantes e, quando relevante, na comunidade local ?

De que modo pretende divulgar os resultados, disseminar a experiência e os produtos finais entre as instituições participantes, outras instituições e a comunidade local ?

Que tipo de medidas específicas, se existirem, pretende levar a cabo no âmbito do projecto, para:

facilitar a participação de alunos com necessidades educativas especiais ?

assegurar a igualdade de oportunidades para homens e mulheres a nível dos alunos e do pessoal ?

promover uma educação intercultural, e/ou para ajudar a combater o racismo/ a xenofobia?

facilitar a participação de alunos/escolas desfavorecidos/as por razões socioeconómicas ou outras ?

facilitar a participação de alunos e pessoal com deficiência ?

aumentar a participação de alunos provenientes de minorias étnicas ou outros grupos minoritários, em especial os filhos de trabalhadores migrantes, de pessoas que exerçam profissões itinerantes ou sem local de residência permanente e de ciganos ?

Descreva o papel de todas as instituições participantes e explique de que modo serão asseguradas uma cooperação e uma distribuição de tarefas efectivas.

O projecto pretende utilizar tecnologias de informação e de comunicação ? Em caso afirmativo, quais ? Como e em que medida serão utilizadas ?

A responder principalmente no caso de Projectos de Escola e de Línguas (perguntas 9-10):

Como se assegurará a participação activa dos alunos ao longo do projecto (planeamento, implementação e avaliação) ?

Em que medida se integrará o projecto no programa curricular dos alunos participantes em cada uma das instituições abrangidas ?

A responder apenas no caso de Projectos de Línguas (perguntas 11-13):

Descreva, por favor, para ambas as escolas participantes, que tipo de preparação na língua-alvo será dada aos alunos participantes no projecto antes de cada intercâmbio, em termos de:

número de horas,

os responsáveis pela preparação,

método(s) utilizado(s)

⁹¹ Queira consultar previamente o Guia do Candidato relativamente às actividades de mobilidade elegíveis para cada tipo de projecto.

e nível de proficiência esperado.

De que modo colaborarão os alunos, em termos práticos, na visita à escola parceira ?

No caso excepcional de um Projecto de Línguas se realizar em dois anos lectivos em vez de num só, deverá explicar o motivo pelo qual os intercâmbios das turmas não podem ser realizados no mesmo ano lectivo.

A completar para os três tipos de projectos:

Calendarização do projecto:

Deverá resumir no quadro seguinte as actividades previstas para o projecto, abrangendo quer as actividades que decorram a nível local no âmbito das várias instituições participantes, quer a mobilidade transnacional do pessoal e dos alunos a ser efectuada entre as instituições participantes.

No caso dos Projectos de Escola e dos Projectos de Desenvolvimento Escolar, deverá apresentar as actividades planeadas para o ano lectivo 2005/2006. Se a sua candidatura for aceite, deverá apresentar uma renovação da mesma anualmente (o apoio financeiro ao projecto poderá ser concedido para um máximo de três anos lectivos consecutivos).

Os Projectos de Línguas abarcam normalmente um ano lectivo (2005/2006). Se ambos os intercâmbios de turma não puderem ter lugar no mesmo ano, o projecto pode excepcionalmente abarcar dois anos. Neste caso, o quadro seguinte deve contemplar as actividades do projecto, tanto para o ano lectivo de 2005/2006, como para o de 2006/2007. Além disso, as datas previstas para ambos os intercâmbios (mínimo de 14 dias cada, incluindo viagem) devem igualmente constar do quadro. Deverá haver pelo menos um intercâmbio de turmas no decorrer do ano lectivo de 2005/2006 (não existindo financiamento adicional para o segundo ano).

Ao indicar as actividades de mobilidade transnacional, queira utilizar as designações referidas no Guia do Candidato Sócrates (pp. 34-35) e no ponto E.2 do presente formulário.

Data prevista	Actividade	Localização (no caso de mobilidade: de / para)

SECÇÃO C - Anexo

1. Quais os objectivos concretos do projecto e qual o impacto esperado a nível dos participantes e outros agentes interessados (alunos, professores, instituições, comunidade local e comunidade educativa) ?

Objectivos Específicos

Impacto esperado

2. Que tipo de actividades pretende promover no decorrer do projecto ?

3. Que tipo de produto(s) final(is) pretende produzir ?

De que modo pretende avaliar o progresso do projecto, o seu impacto nos alunos e professores participantes, nas instituições participantes e, quando relevante, na comunidade local ?

De que modo pretende divulgar os resultados, disseminar a experiência e os produtos finais entre as instituições participantes, outras instituições e a comunidade local ?

Que tipo de medidas específicas, se existirem, pretende levar a cabo no âmbito do projecto, para:

Descreva o papel de todas as instituições participantes e explique de que modo serão asseguradas uma cooperação e uma distribuição de tarefas efectivas.

O projecto pretende utilizar tecnologias de informação e de comunicação ? Em caso afirmativo, quais ? Como e em que medida serão utilizadas ?

Como se assegurará a participação activa dos alunos ao longo do projecto (planeamento, implementação e avaliação) ?

Em que medida se integrará o projecto no programa curricular dos alunos participantes em cada uma das instituições abrangidas ?

Descreva, por favor, para ambas as escolas participantes, que tipo de preparação na língua-alvo será dada aos alunos participantes no projecto antes de cada intercâmbio, em termos de:

De que modo colaborarão os alunos, em termos práticos, na visita à escola parceira ?

D. PLANO COMENIUS

A secção D do formulário de candidatura deve ser preenchida individualmente por todas as instituições que participam no projecto.

Responda numa folha em separado e siga a ordem das perguntas. O Plano Comenius da sua instituição não deve exceder duas páginas de texto.

O Plano Comenius destina-se a auxiliar a sua instituição no planeamento a longo prazo das suas actividades de cooperação europeias / internacionais. O seu objectivo é ajudar a reflectir e a planear a política de desenvolvimento da sua instituição neste domínio. A elaboração do Plano Comenius deve tentar envolver representantes de todos os agentes educativos: gestão, professores, alunos, pais, autoridades educativas locais.

O seu Plano Comenius servirá igualmente de documento de referência para a Agência Nacional, na apreciação da sua candidatura. Não deve, por conseguinte, ser uma cópia da candidatura do projecto (cf. secção C supra).

Apresentam-se algumas questões que poderão servir de orientação.

Para mais informações, queira consultar o Guia do Candidato ou a sua Agência Nacional.

Algumas questões orientadoras para o Plano Comenius

Como descreveria o contexto em que a sua instituição funciona?

Por exemplo: a instituição situa-se numa área desfavorecida do ponto de vista socioeconómico? A instituição confronta-se com necessidades específicas por parte dos alunos, do pessoal, de outros interessados (por exemplo, alunos em risco de exclusão, alunos com deficiência, filhos de migrantes, refugiados)? Em caso afirmativo, especifique.

A sua instituição tem alguma experiência de participação em actividades de cooperação internacionais (além das enumeradas na secção B)?

A sua instituição já esteve alguma vez, envolvida ou está actualmente envolvida em, por exemplo, intercâmbios ou programas de cooperação, nacionais ou bilaterais? Pretenderá vir a tomar parte em tais actividades?

Porque pretende a sua instituição participar em projectos de cooperação internacionais, tais como a Acção Comenius 1?

Quais os seus objectivos e prioridades? Que resultados concretos gostaria de alcançar a sua instituição?

Quem está envolvido na definição destes objectivos e prioridades? Quem estabelece a política da sua instituição neste domínio?

Plano Comenius - Anexo

Como descreveria o contexto em que a sua instituição funciona?

Por exemplo: a instituição situa-se numa área desfavorecida do ponto de vista socioeconómico? A instituição confronta-se com necessidades específicas por parte dos alunos, do pessoal, de outros interessados (por exemplo, alunos em risco de exclusão, alunos com deficiência, filhos de migrantes, refugiados)? Em caso afirmativo, especifique.

A sua instituição tem alguma experiência de participação em actividades de cooperação internacionais (além das enumeradas na secção B)?

A sua instituição já esteve alguma vez, envolvida ou está actualmente envolvida em, por exemplo, intercâmbios ou programas de cooperação, nacionais ou bilaterais? Pretenderá vir a tomar parte em tais actividades?

Porque pretende a sua instituição participar em projectos de cooperação internacionais, tais como a Acção Comenius 1?

Quais os seus objectivos e prioridades? Que resultados concretos gostaria de alcançar a sua instituição?

Quem está envolvido na definição destes objectivos e prioridades? Quem estabelece a política da sua instituição neste domínio?

E. ORÇAMENTO

A secção E do formulário de candidatura deve ser preenchida individualmente por todas as instituições que participam no projecto. Os quadros orçamentais referem-se exclusivamente aos pedidos de financiamento da sua própria instituição para 2005/2006. Quer isto dizer que todas as instituições participantes devem preencher o seu respectivo pedido de financiamento.

Assim, no caso excepcional do Projecto de Línguas se realizar em dois anos lectivos em vez de num só, o pedido de financiamento terá de abranger ambos os anos lectivos. Estes projectos não terão qualquer acréscimo de financiamento em relação aos Projectos de Línguas que decorram num único ano lectivo.

Antes de preencher os quadros, leia atentamente os Anexos 1 e 2.

E.1. MONTANTE FIXO

Os quadros orçamentais referem-se exclusivamente aos pedidos de financiamento da sua própria instituição para 2005/2006 (Só no caso excepcional de um Projecto de Línguas planeado para dois anos poderá o pedido de financiamento abarcar dois anos, ou seja, a totalidade da duração do Projecto de Línguas para 2005-2007; ver explicação na secção E. supra).

DESPESAS	Montante solicitado em euros
Preparação linguística de pessoal e alunos (p. ex. lições extra na língua-alvo, compra de material para aprendizagem autónoma, tal como CD-ROM, livros, etc.).	
Actividades do projecto (p. ex. papel, material para trabalhos manuais e objectos de arte, material para trabalho na aula ou de campo, bilhetes de entrada em museus, deslocações locais relacionadas com trabalho de campo, viagem para	

assistência a reunião de projecto em escola parceira no mesmo país, actividades de divulgação, etc.).	
Tradução	
Documentação (por ex. impressão, paginação).	
Software (ligação à Internet/e-mail ou software directamente relacionado com as actividades do projecto).	
Administração em geral (por ex. material de escritório, fotocópias, comunicação no máximo de 20% do montante fixo, com um máximo absoluto de 400 Euros ¹).	
Outros * (elementos necessários à execução do projecto mas que não se enquadram em nenhuma das anteriores categorias de despesas "normais" de um projecto. Pode tratar-se, por exemplo de elementos de hardware de menor importância, necessários ao trabalho do projecto. Note-se que é necessário especificar tais despesas e justificar a razão pela qual são essenciais para a execução do projecto).	
Total do Financiamento SÓCRATES pedido	

* OUTROS - Especificar e justificar:

¹ Máximo de 20% do montante fixo correspondente aos custos elegíveis na fase de relatório final, com um máximo absoluto de 400 Euros.

E.2 MONTANTE VARIÁVEL

Do quadro seguinte deverá constar exclusivamente o pedido de financiamento para actividades de mobilidade transnacional que a sua instituição pretende realizar em 2005/2006. Só no caso excepcional de um Projecto de Linguas planeado para dois anos poderá o pedido de financiamento abarcar dois anos, ou seja, a totalidade da duração do Projecto Linguístico para 2005-2007 (ver explicação na secção E. supra). Não se esqueça de responder às duas perguntas que se seguem ao quadro, se aplicáveis (caso preencha as colunas números 4, 5 e 11).

Tipo de mobilidade ⁹²	Pessoal (n.º total)	Alunos (n.º total)	Pessoal desfavorecido (n.º total) ⁹³	Alunos desfavorecidos (n.º total) ²	Origem (localidade e país)	Destino (localidade e país)	Duração (n.º de noites no estrangeiro)	Verba pedida para despesas de viagens (em euros)	Verba pedida para despesas de subsistência do pessoal (em euros)	Verba pedida para despesas de subsistência dos alunos, (em euros)	Total do montante variável pedido (em euros)
									TOTAL:	TOTAL:	TOTAL:

1. Queira explicar a situação de desfavorecimento do pessoal e/ ou aluno(s) em viagem ao estrangeiro e justificar a necessidade de um maior financiamento: Trata-se de alunos social e economicamente desfavorecidos, provenientes de famílias carenciadas.

2. Queira explicar a necessidade de financiamento para despesas de subsistência dos alunos:

A despesa de subsistência será apenas para esses alunos desfavorecidos. Embora apoiados pelo SASE este não dispõe de verbas suficientes.

92 Tipos de mobilidade elegíveis para:

- Projectos de Escola e Projectos de Desenvolvimento Escolar: reunião de projecto (para pessoal e alunos), intercâmbio de professores, estágio de professores, visita de estudo do director;
- Projectos de Linguas: reunião de projecto (só para pessoal), intercâmbio de alunos, adultos para acompanhamento do intercâmbio de alunos;
- Nota: Também é possível incluir um pedido de mobilidade para participar num evento no estrangeiro organizado por um projecto Comenius 3/Redes. Para mais informações consulte a sua Agência Nacional ou o website do Programa Sócrates/Comenius.

93 Pessoas desfavorecidas por razões socioeconómicas ou com deficiência e que necessitam de assistência especial em viagem e no estrangeiro.

ANEXO I

E.3 PARCEIROS ASSOCIADOS

"Parceiros associados" são organismos, tais como associações, autoridades locais ou regionais, empresas, etc. (cf. lista abaixo do quadro), que desempenharão um papel activo no projecto Comenius. Se a sua instituição pretende envolver tais organismos no projecto, inclua-os no quadro seguinte. Apenas pode incluir organismos do seu próprio país.

Indicar a designação legal completa e o estatuto* dos parceiros associados do projecto:	
Nome e endereço	Estatuto*

* *Tipos de organismos:*

Associação com fins não lucrativos (local /regional/ nacional)

Associação com fins não lucrativos (internacional)

Instituto de investigação

Autoridade pública (local)

Autoridade pública (regional)

Autoridade pública (nacional)

Empresa privada (indústria)

Empresa privada (serviços)

Outro tipo de organismo

E.4 DECLARAÇÃO

Para ser assinada e carimbada pela pessoa legalmente autorizada a assinar em nome da sua instituição. Note-se que a assinatura e o carimbo devem ser originais na candidatura a enviar para a sua Agência Nacional.
Segundo o Convite 2005 à Apresentação de Propostas Sócrates, o não preenchimento integral desta Declaração de Honra constitui um critério de exclusão do projecto.

"Eu, abaixo assinado, declaro que as informações prestadas no presente formulário de candidatura estão correctas, tanto quanto é do meu conhecimento.

Confirmo que a minha instituição tem as necessárias capacidades financeiras e operacionais para completar o projecto proposto.

Tomo devida nota de que, de acordo com as disposições previstas no Regulamento Financeiro aplicável ao orçamento geral das Comunidades Europeias⁹⁴, as subvenções podem não ser atribuídas a candidatos ou proponentes que se encontrem em qualquer das seguintes situações: Situação de falência ou que sejam objecto de algum processo de falência, de liquidação, de cessação de actividades, ou estejam sujeitos a qualquer outro meio preventivo de liquidação de património ou em qualquer outra situação análoga resultante de um processo da mesma natureza nos termos da legislação e regulamentação nacionais;

Tenham sido condenados por sentença transitada em julgado por qualquer delito que afecte a sua honorabilidade profissional;

Tenham cometido uma falta grave em matéria profissional, comprovada por qualquer meio que a entidade adjudicante possa apresentar;

Não tenham cumprido as suas obrigações relativamente ao pagamento das contribuições para a segurança social ou as suas obrigações relativamente ao pagamento de impostos de acordo com as disposições legais do país em que se encontrem estabelecidos, do país da entidade adjudicante ou ainda do país em que deva ser executado o contrato;

Tenham sido condenados por sentença transitada em julgado por fraude, corrupção, participação numa organização criminosa ou qualquer outra actividade ilegal que prejudique os interesses financeiros das Comunidades;

Na sequência de um procedimento de adjudicação de um outro contrato ou de um procedimento de concessão de uma subvenção financiada pelo orçamento comunitário, tenham sido declarados em situação de falta grave em matéria de execução, em razão do não respeito das suas obrigações contratuais;

Se durante o processo de adjudicação do contrato se encontrarem em situação de conflito de interesse;

Se durante o processo de adjudicação do contrato sejam culpados de falsas declarações ao fornecer as informações exigidas pela entidade adjudicante para a sua participação no contrato, ou caso não tenham fornecido essas informações.

Confirmo que nem eu nem a instituição da qual sou o representante legal nos encontramos em qualquer uma das situações acima descritas, e que tenho conhecimento de que as penalidades previstas no Regulamento Financeiro podem ser aplicadas em caso de falsas declarações."

Local:

Data:

Nome e funções em letra maiúscula:

Assinatura:

Carimbo da Instituição:

⁹⁴ Regulamento do Conselho n.º 1605/2002 (JO L248 de 16/09/2002) e Regulamento da Comissão N.º 2342/2002 (JO L357 de 31/12/2002). Ambos podem ser consultados em linha no seguinte endereço: <http://europa.eu.int/eur-lex/en/oj/index-list.htm>

ANEXOS

ANEXO 1: REGRAS APLICÁVEIS AO FINANCIAMENTO

As informações que se seguem constituem um complemento do Guia do Candidato. Como tal, leia também atentamente a secção relativa a Comenius I na parte II (Descrição das acções do âmbito do Sócrates) do referido guia.

O financiamento total de cada instituição é composto de duas partes: um montante fixo e um montante variável.

A. MONTANTE FIXO

As sete categorias de despesas elegíveis para financiamento são as seguintes:

1. **Preparação linguística de pessoal e alunos:** p. ex., lições extra na língua-alvo, compra de material para aprendizagem autónoma, tal como CD-ROM, livros, etc.
2. **Despesas nas actividades do projecto:** p. ex., papel, material para trabalhos manuais e objectos de arte, material para trabalho na aula ou de campo, bilhetes de entrada em museus, deslocações locais relacionadas com trabalho de campo, viagem para assistência a reunião de projecto em escola parceira no mesmo país, actividades de divulgação, etc.
3. **Tradução**
4. **Documentação:** p. ex. paginação, impressão.
5. **Software:** ligação à Internet/ e-mail ou software directamente relacionado com as actividades do projecto.
6. **Administração em geral:** comunicação, material de escritório, fotocópias.
7. **Outros:** elementos necessários à execução do projecto mas que não se enquadram em nenhuma das anteriores categorias de despesas. Pode tratar-se, por exemplo, de elementos de hardware de menor importância, necessários para o trabalho do projecto. Note-se que é necessário especificar tais despesas e justificar a razão pela qual são essenciais para a execução do projecto.

O **montante fixo** não excede normalmente os 2000 euros para a instituição coordenadora, relativamente aos Projectos de Escola e de Desenvolvimento Escolar; para as instituições parceiras, limitar-se-á normalmente a 1500 euros. Nos Projectos de Línguas, tanto a instituição coordenadora como a parceira, não receberão mais de 1500 euros (inclusive no caso excepcional de um Projecto de Línguas que se realize em dois anos); excepcionalmente, poderão receber 500 euros extra para custos específicos de preparação linguística.

Consideram-se as despesas com pessoal como uma contribuição em espécie da instituição beneficiária, não sendo, portanto, elegíveis para financiamento. Do mesmo modo, as despesas de socialização e hospitalidade não são elegíveis para financiamento.

B. MONTANTE VARIÁVEL

O montante variável destina-se a subsidiar a mobilidade transnacional de alunos e pessoal. O financiamento constituirá uma contribuição para despesas de viagem, seguro de viagem e subsistência.

O montante variável poderá aumentar no caso das pessoas desfavorecidas, ou seja, pessoas que se encontram numa situação desfavorecida por razões socioeconómicas e pessoas com deficiência, necessitando de assistência especial em viagem e no estrangeiro (p. ex. pessoa acompanhante). A Agência Nacional avaliará a necessidade de um montante maior guiando-se pelas informações fornecidas na secção E.2 (montante variável) do formulário de candidatura.

Nos **Projectos Escolares e Projectos de Desenvolvimento Escolar**, será dado, normalmente, o apoio necessário à consecução da mobilidade do pessoal no que respeita a 4-6 pessoas por escola e por ano, e à mobilidade estudantil no que respeita a 2-4 alunos por escola e por ano.

A nível dos **Projectos de Línguas**, pode ser dado apoio a um membro do pessoal, de forma a que este possa participar numa reunião de projecto prévia ao intercâmbio. Relativamente aos intercâmbios de turmas, será dado normalmente apoio a um máximo de dois adultos acompanhantes por grupo de 10 alunos. Em cada intercâmbio de turma devem participar pelo menos 10 alunos com um mínimo de 12 anos, dependendo o financiamento atribuído do número de alunos participantes. A duração mínima do intercâmbio de turmas é de 14 dias, incluindo a viagem.

Note-se que é igualmente possível candidatar-se à participação em eventos da rede **Comenius 3** organizados em outros países participantes. Para mais informações sobre as actividades de rede planeadas para o ano lectivo 2005/2006, contacte a sua Agência Nacional ou o site do Programa Sócrates (<http://europa.eu.int/comm/education/socrates.html>).

Despesas de viagem - As despesas de viagem e de seguro de viagem baseiam-se nas despesas reais realizadas. O financiamento cobre normalmente 100% de todas as despesas de viagem e seguros. Contudo, devem ser utilizadas as tarifas mais baixas. As despesas de viagem incluem as viagens locais/ regionais desde o local de partida no país de origem até ao destino no país de acolhimento. A Agência Nacional verificará se foram adoptadas as tarifas mais baixas em todas as viagens efectuadas. As viagens aéreas podem efectuar-se apenas para deslocações superiores a 400 quilómetros, excepto se for necessário um trajecto por barco. No caso de viagem em automóvel, o montante elegível limitar-se-á ao equivalente ao custo de um bilhete de comboio, em primeira classe, independentemente do número de pessoas que viajem no veículo.

Despesas de subsistência - A contribuição do financiamento para as despesas de subsistência não excederá as taxas máximas de subsistência diárias SÓCRATES. As despesas de subsistência incluem o alojamento e as ajudas de custo, incluindo as despesas de viagens locais/regionais durante o período de mobilidade no estrangeiro. Pessoal e alunos beneficiam de diferentes taxas máximas (cf. Anexo 2); para os alunos, as taxas são substancialmente mais baixas do que para o pessoal, dado que é suposto os alunos ficarem em casa uns dos outros.

ANEXO 2 : TAXAS DE SUBSISTÊNCIA

A sua Agência Nacional decidirá qual a percentagem diária a aplicar em cada caso. A decisão dependerá dos recursos orçamentais disponíveis que, por sua vez, dependerão do orçamento de cada país participante e do número de candidaturas apresentadas.

Taxas diárias máximas para o pessoal:

País	Máx. em euros	País	Máx. em euros
BE Bélgica	150	IS Islândia	183
DK Dinamarca	179	LI Liechtenstein	174
DE Alemanha	127	NO Noruega	171
GR Grécia	113	BG Bulgária	157
ES Espanha	141	CZ República Checa	214
FR França	130	EE Estónia	129
IE Irlanda	165	CY Chipre	100
IT Itália	130	LV Letónia	174
LU Luxemburgo	143	LT Lituânia	126
NL Países Baixos	148	HU Hungria	136
AT Áustria	122	MT Malta	116
PT Portugal	143	PL Polónia	227
FI Finlândia	156	RO Roménia	185
SE Suécia	157	SI Eslovénia	148
UK Reino Unido	199	SK Eslováquia	164
		TR Turquia	114

Taxas diárias máximas para os alunos:

País	Máx. em euros	País	Máx. em euros
BE Bélgica	38	IS Islândia	46
DK Dinamarca	45	LI Liechtenstein	44
DE Alemanha	32	NO Noruega	43
GR Grécia	28	BG Bulgária	39
ES Espanha	35	CZ República Checa	54
FR França	32	EE Estónia	32
IE Irlanda	41	CY Chipre	25
IT Itália	32	LV Letónia	44
LU Luxemburgo	36	LT Lituânia	31
NL Países Baixos	37	HU Hungria	34
AT Áustria	30	MT Malta	29
PT Portugal	36	PL Polónia	57
FI Finlândia	39	RO Roménia	46
SE Suécia	39	SI Eslovénia	37
UK Reino Unido	50	SK Eslováquia	41
		TR Turquia	29

N.B. Note-se que algumas Agências Nacionais só podem atribuir financiamento a despesas de subsistência de alunos se a necessidade da mesma for suficientemente justificada na candidatura (cf. pergunta 2 na secção E.2).

Anexo D – Relatório de Actividades

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

PERÍODO CONTRATUAL :
COMENIUS I

PROJECTOS DE ESCOLA
PROJECTOS DE LÍNGUAS
PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

ESTE RELATÓRIO DEVERÁ SER COMPLETAMENTE PREENCHIDO E ENTREGUE À AN ATÉ 15 DE OUTUBRO DE 2005, JUNTAMENTE COM O RELATÓRIO FINANCEIRO E O RELATÓRIO CONJUNTO DE ACTIVIDADES DO PROJECTO.

NOME DA INSTITUIÇÃO		
CÓDIGO DGAE		
ENDEREÇO DA INSTITUIÇÃO		
CÓDIGO POSTAL E LOCALIDADE		
N.º DO CONTRATO	04 – PRT01 – S2C02 – 00025 – 1	<input type="checkbox"/> ESCOLA COORDENADORA <input type="checkbox"/> ESCOLA PARCEIRA
1.º ANO DO PROJECTO	<input type="checkbox"/> 2002 <input type="checkbox"/> 2003	2004
TIPO DE PROJECTO	<input type="checkbox"/> PROJECTO DE ESCOLA (COM 1.1) PROJECTO DE LÍNGUAS (COM 1.2) <input type="checkbox"/> PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO ESCOLAR (COM 1.3)	
TÍTULO DO PROJECTO		

ANEXO I

A. INFORMAÇÕES DE CARÁCTER GERAL									
INFORMAÇÕES DA INSTITUIÇÃO BENEFICIÁRIA									
TIPO DE INSTITUIÇÃO/NÍVEL DE ENSINO (resposta múltipla)	<p>COM ENSINO PRÉ-ESCOLAR COM ENSINO BÁSICO 1º CICLO 2º CICLO 3º CICLO COM ENSINO SECUNDÁRIO GERAL PROFISSIONAL TÉCNICO OUTROS. ESPECIFIQUE:: _____</p>								
ESTABELECIMENTO PARA / COM ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS									
<p>ESTABELECIMENTO DE ENSINO PÚBLICO ESTABELECIMENTO DE ENSINO PARTICULAR OUTROS. ESPECIFIQUE:: _____</p>									
REGIÃO	<input type="checkbox"/> NORTE <input type="checkbox"/> CENTRO <input type="checkbox"/> LISBOA E VALE DO TEJO <input type="checkbox"/> ALENTEJO <input type="checkbox"/> ALGARVE <input type="checkbox"/> AÇORES <input type="checkbox"/> MADEIRA								
TIPO DE REGIÃO	<input type="checkbox"/> RURAL <input type="checkbox"/> SUBURBANA <input type="checkbox"/> URBANA								
TELEFONE E FAX	FAX: 282 330 737								
CORREIO ELECTRÓNICO									
SITE NA INTERNET									
PLANO COMENIUS	<p>INSTITUIÇÃO SITUADA EM ÁREA DESFAVORECIDA SOCIO-ECONOMICAMENTE</p> <input type="checkbox"/> INSTITUIÇÃO EM ÁREA GEOGRÁFICA DESFAVORECIDA <input type="checkbox"/> INSTITUIÇÃO COM ALUNOS EM RISCO DE EXCLUSÃO <input type="checkbox"/> INSTITUIÇÃO COM ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS								
DIRECTOR DA INSTITUIÇÃO (PESSOA LEGALMENTE AUTORIZADA A REPRESENTAR A SUA INSTITUIÇÃO E QUE ASSINARÁ O RELATÓRIO)									
NOME E APELIDO									
TÍTULO OFICIAL	DIRECTOR(A) OUTRO – ESPECIFIQUE: _____								
COORDENADOR DO PROJECTO									
NOME E APELIDO									
FUNÇÃO NA ESCOLA (possível resposta múltipla)	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 33%; border: none;">COORDENADOR(A) DE DEPARTAMENTO</td> <td style="width: 33%; border: none;">MEMBRO DO CONSELHO EXECUTIVO</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">COORDENADOR(A) DOS DIRECTORES DE TURMA</td> <td style="border: none;">OUTRO: COORDENADORA DE</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">DELEGADO(A) DE GRUPO</td> <td style="border: none;">PROJECTOS</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"></td> <td style="border: none;">PROFESSOR(A)</td> </tr> </table>	COORDENADOR(A) DE DEPARTAMENTO	MEMBRO DO CONSELHO EXECUTIVO	COORDENADOR(A) DOS DIRECTORES DE TURMA	OUTRO: COORDENADORA DE	DELEGADO(A) DE GRUPO	PROJECTOS		PROFESSOR(A)
COORDENADOR(A) DE DEPARTAMENTO	MEMBRO DO CONSELHO EXECUTIVO								
COORDENADOR(A) DOS DIRECTORES DE TURMA	OUTRO: COORDENADORA DE								
DELEGADO(A) DE GRUPO	PROJECTOS								
	PROFESSOR(A)								
INÍCIO DA PARCERIA									
COMO ENCONTROU AS ESCOLAS PARCEIRAS?	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 33%; border: none;"><i>PARTBASE</i></td> <td style="width: 33%; border: none;"><i>NETWORK MEETING</i></td> </tr> <tr> <td style="border: none;">SEMINÁRIO DE CONTACTO</td> <td style="border: none;">CONTACTOS FORNECIDOS PELA AN</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="border: none; text-align: center;">OUTRA. ESPECIFIQUE: PROJECTOS ANTERIORES</td> </tr> </table>	<i>PARTBASE</i>	<i>NETWORK MEETING</i>	SEMINÁRIO DE CONTACTO	CONTACTOS FORNECIDOS PELA AN	OUTRA. ESPECIFIQUE: PROJECTOS ANTERIORES			
<i>PARTBASE</i>	<i>NETWORK MEETING</i>								
SEMINÁRIO DE CONTACTO	CONTACTOS FORNECIDOS PELA AN								
OUTRA. ESPECIFIQUE: PROJECTOS ANTERIORES									
instituição coordenadora									
NOME DA INSTITUIÇÃO									
PAÍS									
INSTITUIÇÃO(ÕES) PARCEIRA(S)									
PARCEIRO 1									
NOME DA INSTITUIÇÃO									
PAÍS									
PARCEIRO 2									
NOME DA INSTITUIÇÃO									
PAÍS									

PARCEIRO 3	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
PAÍS	
PARCEIRO 4	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
PAÍS	
PARCEIRO 5	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
PAÍS	
PARCEIRO 6	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
PAÍS	
PARCEIRO 7	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
PAÍS	
PARCEIROS ASSOCIADOS *	
PARCEIRO ASSOCIADO 1	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
DESIGNAÇÃO LEGAL E ESTATUTO	
PARCEIRO ASSOCIADO 2	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
DESIGNAÇÃO LEGAL E ESTATUTO	
PARCEIRO ASSOCIADO 3	
NOME DA INSTITUIÇÃO	
DESIGNAÇÃO LEGAL E ESTATUTO	

** Tipos de organismos:*

Associação com fins não lucrativos (local/regional/nacional)

Associação com fins não lucrativos (internacional)

Instituto de investigação

Autoridade pública (local)

Autoridade pública (regional)

Autoridade pública (nacional)

Empresa privada (indústria)

Empresa privada (serviços)

Outro tipo de organismo

NOTA: caso necessite de mais espaço, duplique esta página

B. DESCRIÇÃO DO PROJECTO

TÓPICOS DO PROJECTO

<p>TEMA(S) DO PROJECTO (possível resposta múltipla)</p>	<p>PATRIMÓNIO CULTURAL HISTÓRIA E TRADIÇÕES TURISMO TEATRO, MÚSICA E DANÇA LITERATURA LÍNGUAS ESTRANGEIRAS OFÍCIOS E PROFISSÕES COMUNICAÇÃO SOCIAL SAÚDE EDUCAÇÃO DO CONSUMIDOR AMBIENTE E ECOLOGIA INTEGRAÇÃO/EXCLUSÃO SOCIAL CIDADANIA EUROPEIA, DEMOCRACIA E IDENTIDADE REGIONAL CIÊNCIA E TECNOLOGIA TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO INDÚSTRIA, ECONOMIA E MUNDO DO TRABALHO</p>	<p>VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS INTERCULTURALISMO E MINORIAS ÉTNICAS COMPARAÇÃO ENTRE SISTEMAS EDUCATIVOS GESTÃO DE ESCOLAS MELHORIA DOS RESULTADOS DOS ALUNOS COOPERAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE LOCAL MÉTODOS PEDAGÓGICOS DEFICIÊNCIA/NECESSIDADES ESPECIAIS IGUALDADE DE OPORTUNIDADES PARA HOMENS E MULHERES QUALIDADE DA EDUCAÇÃO OUTROS, ESPECIFIQUE: _____ _____</p>
--	---	--

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

<p>disciplina(s) envolvidas no projecto (A PRESENTE QUESTÃO REFERE-SE PRINCIPALMENTE AOS PROJECTOS DE ESCOLA E AOS PROJECTOS DE LÍNGUAS, a pergunta pode, portanto, ficar por responder no caso dos Projectos de Desenvolvimento Escolar) (resposta múltipla)</p>	<p>ARTES E OFÍCIOS MÚSICA HISTÓRIA RELIGIÃO / MORAL EDUCAÇÃO CÍVICA LÍNGUA MATERNA LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MATEMÁTICA FÍSICA QUÍMICA</p>	<p>BIOLOGIA GEOGRAFIA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SAÚDE DESPORTO NOVAS TECNOLOGIAS ECONOMIA E GESTÃO DISCIPLINAS TÉCNICO -PROFISSIONAIS OUTRAS, ESPECIFIQUE: _____ _____</p>
--	---	---

INTEGRAÇÃO NO PROJECTO EDUCATIVO DE ESCOLA

<p>O projecto integrou-se no Projecto Educativo da Escola?</p>	<p>SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/></p>
---	--

LÍNGUAS DE COMUNICAÇÃO

<p>QUAL(AIS) A(S) LÍNGUA(S) DE COMUNICAÇÃO USADA(S) ENTRE OS ALUNOS? (possível resposta múltipla)</p>	<p>PORTUGUÊS <input type="checkbox"/> ITALIANO <input type="checkbox"/> INGLÊS <input type="checkbox"/> ESPANHOL <input type="checkbox"/> FRANCÊS <input type="checkbox"/> ALEMÃO <input type="checkbox"/> OUTRAS, ESPECIFIQUE:</p>
--	---

PARTICIPAÇÃO NO PROJECTO

<p>NÚMERO DE PROFESSORES QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>
<p>NÚMERO DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>
<p>OUTRO PESSOAL QUE TENHA PARTICIPADO NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>
<p>NÚMERO DE PROFESSORES COM NECESSIDADES ESPECIAIS QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>
<p>NÚMERO DE ALUNOS DESFAVORECIDOS/COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>
<p>IDADE DOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>MAIS NOVOS:</p>	<p>MAIS VELHOS:</p>	
<p>NÚMERO DE ALUNOS PERTENCENTES A MINORIAS ÉTNICAS QUE PARTICIPARAM NO PROJECTO</p>	<p>SEXO FEM.:</p>	<p>SEXO MASC.:</p>	<p>TOTAL:</p>

<p>PAPEL ASSUMIDO NO PROJECTO PELOS (resposta múltipla)</p>	<p>PROFESSORES</p>	<p>ALUNOS</p>	<p>AUXILIARES EDUCATIVOS</p>	<p>PARCEIROS ASSOCIADOS</p>
<p>CONCEPÇÃO DO PROJECTO</p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>
<p>PLANEAMENTO / ORGANIZAÇÃO</p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>	<p><input type="checkbox"/></p>

IMPLEMENTAÇÃO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
CONCEPÇÃO DE MÉTODOS E ESTRATÉGIAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARTICIPAÇÃO EM ACTIVIDADES NAS AULAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARTICIPAÇÃO EM ACTIVIDADES DA ESCOLA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
CONTACTOS COM ESCOLAS PARCEIRAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
VISITAS A ESCOLAS PARCEIRAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PRODUÇÃO DE MATERIAIS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
AVALIAÇÃO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
OUTROS. ESPECIFIQUE: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTICIPAÇÃO EM MOBILIDADES TRANSNACIONAIS FINANCIADAS POR ESTA AGÊNCIA NACIONAL

TIPO DE MOBILIDADE	N.º MOBIL.	N.º TOTAL DE PROFESSORES, OUTRO PESSOAL E PARCEIROS ASSOCIADOS			
		SEXO M	FAIXA ETÁRIA	SEXO F	FAIXA ETÁRIA
REUNIÃO DE PROJECTO			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
INTERCÂMBIO DE PROFESSORES			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
ESTÁGIOS DE PROFESSORES			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
VISITAS DE ESTUDO			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
REUNIÃO NO ÂMBITO DE REDES COMENIUS 3			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
INTERCÂMBIO DE TURMAS	1	0	<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60	2	<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 x 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM PROFESSORES COM NECESSIDADES ESPECIAIS? <input type="checkbox"/> SIM. INDIQUE N.º DE PROFESSORES <input checked="" type="checkbox"/> NÃO					
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM PESSOAS QUE REPRESENTEM PARCEIROS ASSOCIADOS? <input type="checkbox"/> SIM. INDIQUE N.º <input checked="" type="checkbox"/> NÃO					

TIPO DE MOBILIDADE	N.º MOBIL.	N.º TOTAL DE ALUNOS			
		SEXO M	FAIXA ETÁRIA	SEXO F	FAIXA ETÁRIA
REUNIÃO DE PROJECTO			<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> > 20 <input type="checkbox"/> 15-20		<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> > 20 <input type="checkbox"/> 15-20
INTERCÂMBIO DE TURMAS	1	3	<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> > 20 <input type="checkbox"/> 15-20	12	<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> > 20 <input type="checkbox"/> 15-20
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS OU DESFAVORECIDOS? X SIM, INDIQUE N.º DE ALUNOS: <input type="checkbox"/> NÃO					

PARTICIPAÇÃO EM MOBILIDADES TRANSNACIONAIS NÃO FINANCIADAS POR ESTA AN

TIPO DE MOBILIDADE	N.º MOBIL.	N.º TOTAL DE PROFESSORES, OUTRO PESSOAL E PARCEIROS ASSOCIADOS			
		SEXO M	FAIXA ETÁRIA	SEXO F	FAIXA ETÁRIA
REUNIÃO DE PROJECTO			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
INTERCÂMBIO DE PROFESSORES			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
ESTÁGIOS DE PROFESSORES			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
VISITAS DE ESTUDO			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
REUNIÃO NO ÂMBITO DE REDES COMENIUS 3			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
INTERCÂMBIO DE TURMAS			<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60		<input type="checkbox"/> 20-30 <input type="checkbox"/> 40-50 <input type="checkbox"/> > 60 <input type="checkbox"/> 30-40 <input type="checkbox"/> 50-60
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM PROFESSORES COM NECESSIDADES ESPECIAIS? <input type="checkbox"/> SIM. INDIQUE N.º DE PROFESSORES <input type="checkbox"/> NÃO					
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM PESSOAS QUE REPRESENTEM PARCEIROS ASSOCIADOS? <input type="checkbox"/> SIM. INDIQUE N.º <input type="checkbox"/> NÃO					

TIPO DE MOBILIDADE	N.º MOBIL.	N.º TOTAL DE ALUNOS			
		SEXO M	FAIXA ETÁRIA	SEXO F	FAIXA ETÁRIA

REUNIÃO DE PROJECTO		<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> 15-20	<input type="checkbox"/> > 20		<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> 15-20	<input type="checkbox"/> > 20
INTERCÂMBIO DE TURMAS		<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> 15-20	<input type="checkbox"/> > 20		<input type="checkbox"/> 10-15 <input type="checkbox"/> 15-20	<input type="checkbox"/> > 20
DOS NÚMEROS INDICADOS ANTERIORMENTE, EXISTEM ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS OU DESFAVORECIDOS?						
<input type="checkbox"/> SIM, INDIQUE N.º DE ALUNOS _____ <input type="checkbox"/> NÃO						

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

OUTRAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ANO ESCOLAR CALENDARIZADAS NO PROJECTO	
tipo de actividade (possível resposta múltipla)	
TRABALHO EM SALA DE AULA	<input type="checkbox"/>
TRABALHO DE CAMPO	<input type="checkbox"/>
TRABALHO INDIVIDUAL DOS ALUNOS	<input type="checkbox"/>
TRABALHO DE GRUPO DOS ALUNOS	<input type="checkbox"/>
TRABALHO INDIVIDUAL DOS PROFESSORES	<input type="checkbox"/>
TRABALHO DE GRUPO DOS PROFESSORES	<input type="checkbox"/>
OUTRAS. ESPECIFIQUE: _____	<input type="checkbox"/>

VERIFICARAM-SE ALTERAÇÕES NO PROJECTO RELATIVAMENTE À CANDIDATURA INICIAL?

NÃO SIM

SE SIM, QUAIS?

HOUVE ALTERAÇÃO NA DATA PREVISTA DE REALIZAÇÃO DAS VISITAS DE INTERCÂMBIO. O PRODUTO FINAL TAMBÉM SOFREU ALTERAÇÃO: EM VEZ DE PÁGINA WEB FOI ELABORADO UM TRABALHO EM POWERPOINT, QUE SERÁ POSTERIORMENTE ADICIONADO AO SITE DA ESCOLA (EM CONSTRUÇÃO).

COMO SE REALIZOU A COMUNICAÇÃO ENTRE AS ESCOLAS PARCEIRAS? (possível resposta múltipla)

CORREIO ELECTRÓNICO CORREIO NORMAL FAX TELEFONE
 WEBCAM VÍDEO CONFERÊNCIA OUTRA. ESPECIFIQUE: _____

QUE OUTROS TIPOS DE NOVAS TECNOLOGIAS FORAM USADAS NO PROJECTO? (possível resposta múltipla)

CD-ROMS WORD, ACCESS, EXCEL INTERNET
 WEBSITE. ENDEREÇO DA ESCOLA: _____ X OUTRA. ESPECIFIQUE: POWERPOINT, PHOTODRAW

DE QUE FORMA FORAM USADAS, NO PROJECTO, AS TIC -TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO? (possível resposta múltipla)

COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO
 COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA/CONTEÚDO RELACIONADO COM O TRABALHO DE PROJECTO
 USO DAS TIC PELOS ALUNOS
 USO DAS TIC PELOS PROFESSORES

SE ESTE RELATÓRIO DIZ RESPEITO A UM PROJECTO DE LÍNGUAS, POR FAVOR RESPONDA ÀS DUAS QUESTÕES SEGUINTE. CASO CONTRÁRIO PASSE À SECÇÃO C

que preparação tiveram os participantes, ao nível da língua oficial do país visitado, antes do intercâmbio?

(possível resposta múltipla)

AULAS DADAS POR PROFESSOR DA ESCOLA
 AULAS DADAS POR PROFESSOR CONTRATADO PARA O EFEITO
 FREQUÊNCIA DE CURSOS
 MEIOS AUDIOVISUAIS
 MEIOS INFORMÁTICOS
 OUTRAS. ESPECIFIQUE: _____

participaram na programação do intercâmbio:

(possível resposta múltipla)

OS ALUNOS?

NÃO SIM DE QUE FORMA? _____

OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO?

NÃO SIM DE QUE FORMA? _____

C. IMPACTO E AVALIAÇÃO DO PROJECTO

IMPACTO DO PROJECTO (resposta múltipla)

impacto nos alunos	
HOUE ENVOLVIMENTO DE VÁRIAS TURMAS OU GRUPOS DE ALUNOS	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS RELACIONAIS MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
A AUTO-CONFIANÇA AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS NAS TIC MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
O CONHECIMENTO DOS PAÍSES PARCEIROS E DA SUA CULTURA AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
OUTROS. ESPECIFIQUE:	<input type="checkbox"/>
impacto em professores e outros funcionários da escola	
AS COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS NAS TIC MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS NA GESTÃO DE PROJECTOS MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
AS COMPETÊNCIAS PEDAGÓGICAS MELHORARAM	<input type="checkbox"/>
O CONHECIMENTO DOS PAÍSES PARCEIROS E DA SUA CULTURA AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
A MOTIVAÇÃO AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
OUTROS. ESPECIFIQUE:	<input type="checkbox"/>

impacto na escola	
HOUE ALTERAÇÕES NO CURRÍCULO DECORRENTES DO PROJECTO	<input type="checkbox"/>
HOUE ALTERAÇÕES NA PRÁTICA LECTIVA	<input type="checkbox"/>
HOUE ALTERAÇÕES NA METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS LÍNGUAS	<input type="checkbox"/>
HOUE ALTERAÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA	<input type="checkbox"/>
AUMENTOU A COOPERAÇÃO ENTRE PROFESSORES E OUTROS FUNCIONÁRIOS	<input type="checkbox"/>
AUMENTOU O APOIO DA GESTÃO DA ESCOLA	<input type="checkbox"/>
OUTROS. ESPECIFIQUE:	<input type="checkbox"/>

impacto na comunidade local	
A PARTICIPAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO E/OU FAMÍLIAS AUMENTOU	<input type="checkbox"/>
A PARTICIPAÇÃO DE OUTRAS INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES NO PROJECTO FOI SIGNIFICATIVA	<input type="checkbox"/>
HOUE PARTICIPAÇÃO DE OUTRAS ESCOLAS LOCAIS	<input type="checkbox"/>
HOUE PARTICIPAÇÃO DE OUTROS AGENTES LOCAIS	<input type="checkbox"/>
OUTROS. ESPECIFIQUE:	<input type="checkbox"/>

QUEM PARTICIPOU NA AVALIAÇÃO DO PROJECTO? (possível resposta múltipla)

- PROFESSORES ALUNOS AUXILIARES EDUCATIVOS
 PARCEIROS ASSOCIADOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO E/OU FAMÍLIAS
 OUTROS. ESPECIFIQUE: _____

DE QUE FORMA FOI AVALIADO O PROGRESSO DO PROJECTO? (possível resposta múltipla)

- FICHAS DE AVALIAÇÃO GRELHAS DE OBSERVAÇÃO INQUÉRITOS
 OUTROS. ESPECIFIQUE: ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DIRECTA E DISCUSSÃO EM SALA DE AULA E REUNIÃO DE PROFESSORES

PRODUTOS FINAIS DO PROJECTO (possível resposta múltipla)

- LIVRO / JORNAL / REVISTA SITE NA INTERNET CD-ROM
 VÍDEO TRABALHOS ARTÍSTICOS DESEMPENHOS (PERFORMANCES)
 OUTROS OBJECTOS OU FERRAMENTAS MATERIAL PEDAGÓGICO ARTIGOS SOBRE ESTRATÉGIA / POLÍTICA EDUCATIVA
 OUTROS. ESPECIFIQUE: _____

DISSEMINAÇÃO (resposta múltipla)

REALIZAD A POR:	<input type="checkbox"/>	ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA ENVOLVIDOS NO PROJECTO
	<input type="checkbox"/>	TODOS OS ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA
	<input type="checkbox"/>	OUTRAS ESCOLAS PORTUGUESAS
	<input type="checkbox"/>	OUTRAS PESSOAS E ENTIDADES. ESPECIFIQUE: _____
REALIZADA ATRAVÉS DE	<input type="checkbox"/>	MATERIAL AUDIOVISUAL
	<input type="checkbox"/>	MATERIAL GRÁFICO
	<input type="checkbox"/>	MATERIAL INFORMÁTICO
	<input type="checkbox"/>	CÓMUNICAÇÃO SOCIAL
	<input type="checkbox"/>	DIAPPOSITIVOS
	<input type="checkbox"/>	FOTOGRAFIAS
	<input type="checkbox"/>	VIDEOCASSETES, FILMES
	<input type="checkbox"/>	BROCHURAS, FOLHETOS, PANFLETOS
	<input type="checkbox"/>	CARTAZES, POSTERS, PLACARDS
	<input type="checkbox"/>	DOSSIERS
	<input type="checkbox"/>	RELATÓRIOS
	<input type="checkbox"/>	JORNAIS ESCOLAR OU/E DO PROJECTO
<input type="checkbox"/>	LIVROS	
<input type="checkbox"/>	CD-ROM	
<input type="checkbox"/>	SITE NA INTERNET	
<input type="checkbox"/>	CORREIO ELECTRÓNICO	
<input type="checkbox"/>	APRESENTAÇÃO ELECTRÓNICA (POWER-POINT)	
<input type="checkbox"/>	JORNAL	

	<input type="checkbox"/> ACTIVIDADES	<input type="checkbox"/> RÁDIO <input type="checkbox"/> TELEVISÃO <input type="checkbox"/> EXPOSIÇÕES <input type="checkbox"/> REUNIÕES <input type="checkbox"/> DEBATES <input type="checkbox"/> SEMINÁRIOS, COLÓQUIOS, CONFERÊNCIAS, CURSOS, PALESTRAS, ... <input type="checkbox"/> ESPECTÁCULOS (DRAMATIZAÇÃO, CONCERTO, ...) <input type="checkbox"/> CONTACTOS DIRECTOS, ENTREVISTAS
DIRIGIDA A:	<input type="checkbox"/> OUTRO. ESPECIFIQUE: _____ <input type="checkbox"/> COMUNIDADE ESCOLAR <input type="checkbox"/> COMUNIDADE EDUCATIVA <input type="checkbox"/> ESCOLAS DA REGIÃO <input type="checkbox"/> COMUNIDADE LOCAL <input type="checkbox"/> COMUNIDADE REGIONAL <input type="checkbox"/> OUTRO. ESPECIFIQUE: _____	

DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DECURSO DO PROJECTO (possível resposta múltipla)

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> ATRASO NO PAGAMENTO DOS CONTRATOS | <input type="checkbox"/> TEMPO INSUFICIENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO | <input type="checkbox"/> RECURSOS FINANCEIROS INSUFICIENTES |
| <input type="checkbox"/> EXCESSO DE TRABALHO ADMINISTRATIVO | <input type="checkbox"/> PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA | <input type="checkbox"/> PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO COM AS ESCOLAS PARCEIRAS |
| <input type="checkbox"/> PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO | <input type="checkbox"/> PROBLEMAS LINGÜÍSTICOS | <input type="checkbox"/> FALTA DE APOIO DAS ESCOLAS PARCEIRAS |

OUTROS. ESPECIFIQUE: _____

RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A AN

A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E ESTA AGÊNCIA NACIONAL FOI SATISFATÓRIA?

- SIM NÃO

COMENTE:: SEMPRE QUE HOUVE NECESSIDADE DE ESCLARECIMENTOS OU APOIO, A AN MOSTROU-SE SEMPRE DISPONÍVEL.

AVALIAÇÃO

FORAM ATINGIDOS OS OBJECTIVOS DO PROJECTO?

- SIM NÃO

COMENTE:

PLANOS PARA FUTUROS PROJECTOS

O PROJECTO FICOU CONCLUÍDO?

- SIM, ESTE FOI O ÚLTIMO ANO / SÓ UM ANO (PARA OS PROJECTOS DE LÍNGUA)
 NÃO, FALTA(M) 1 OU 2 ANO(S) DE PROJECTO.

SE RESPONDEU NÃO, INDIQUE SE EFECTUOU RENOVAÇÃO:

- SIM NÃO

SE NÃO, PORQUÊ? _____

DEPOIS DESTA PROJECTO VAI FAZER UMA NOVA CANDIDATURA?

- SIM
 POSSIVELMENTE
 NÃO

SE NÃO, PORQUÊ? _____

DECLARO QUE TODAS AS INFORMAÇÕES QUE CONSTAM DESTA RELATÓRIO SÃO VERDADEIRAS

DATA: _____ de _____ de 2005

ASSINATURA DO PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO / DIRECTOR(A)

(CARIMBO DA INSTITUIÇÃO)

Anexo E – Unidades de Registo da Dimensão A

Dimensão - A – “Contexto Pedagógico”

1.1.2 Coordenador do...do Projecto Comenius	Tipo	A1.1
1.3.1 É Projecto de Escola.	Tipo	A1.1
1.3.2... em 1996.	Tipo	A1.1
1.3.3 coordenador do projecto.	Tipo	A1.1
1.3.9 mais o desenvolvimento, portanto, das tecnologias... das tecnologias de informação e comunicação	Tipo	A1.1
1.3.10 a parte linguística	Tipo	A1.1
1.3.11 Estes projectos costumam ser anuais	Tipo	A1.1
1.4.1 A candidatura	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.2 a aprovação	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.3 a preparação do trabalho que é uma reunião	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.4 é evidente que a pessoa já vai falando com os colegas	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.5 por e-mail	Tipo	A1.1
1.4.6 tem-se mais uma reunião	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.7 conclusão do trabalho	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.8 a parte... de desenvolvimento do trabalho	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.9 naquela parte que estamos a trabalhar com os alunos e os alunos vão fazendo perguntas	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.10 vai havendo um certo debate	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.11 uma certa conversa sobre o tema do trabalho	Etapas de Implementação	A1.3
1.4.12 a igualdade	Valores	A1.4
1.4.13 a tolerância	Valores	A1.4
1.4.14 cidadania e cidadania europeia	Valores	A1.4
1.4.15 os próprios temas são... como é que hei-de dizer são propícios a isso	Temas	A1.6
1.4.16 a aceitação de... das diferenças	Valores	A1.4
1.4.17 problemas que tinham as pessoas deficientes	Temas	A1.6
1.4.18 Fomos investigar todos os sítios que... por exemplo tinham incompatibilidade para uma pessoa de cadeira de rodas	Temas	A1.6
1.4.19 proporcionou aos alunos debater	Actividades	A1.7
1.4.20 falar sobre esses sítios	Actividades	A1.7
1.4.21 alertá-los para um determinado tipo de situações que eles ainda não tinham sido...como é que hei-de dizer confrontados	Actividades	A1.7
1.4.22O tema do projecto normalmente é feito uma reunião	Temas	A1.6
1.4.23 Em comum as escolas reúnem-se	Temas	A1.6
1.4.24 avança-se um tema	Temas	A1.6
1.4.25 normalmente já as pessoas trazem vários temas	Temas	A1.6

<u>1.5.1 como a Europa às vezes faz o ano... europeu</u>	Temas	A1.6
<u>1.5.2 nós tentamos que o tema vá para esse... tipo de... de comemoração</u>	Temas	A1.6
<u>1.5.3 história da Europa</u>	Temas	A1.6
<u>1.5.4 Conteúdos de disciplinas praticamente nenhuns</u>	Temas	A1.6
<u>1.5.5 são mais aqueles a nível de valores de atitudes</u>	Temas	A1.6
<u>1.5.6 a competência linguística, vai sempre</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.7 os alunos vão sempre melhorar a competência linguística</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.8 fundamentalmente a nível das TIC</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.9 Às vezes há ... dependendo</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.5.10 a igualdade de oportunidades</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.11 tolerância</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.12 desenvolvimento da tolerância</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.13 aceitação das diferenças</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.14 quase tudo a nível dos... dos valores</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.15 Somos nós... em reuniões das escolas</u>	Objectivos	A1.5
<u>1.5.16 entrevistas</u>	Actividades	A1.7
<u>1.5.17 e fizemos as entrevistas e perguntamos quais eram as dificuldades que eles encontravam na vila para desenvolver as suas actividades</u>	Actividades	A1.7
<u>1.5.18 depois à base da pesquisa, também</u>	Actividades	A1.7
<u>1.5.19 o computador</u>	Recursos	A1.9
<u>1.5.20 gravador</u>	Recursos	A1.9
<u>1.5.21 máquina fotográfica</u>	Recursos	A1.9
<u>1.5.22 depois materiais que às vezes até já existem na escola</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.1 produzir uma página web</u>	Produtos finais	A1.8
<u>1.6.2 fazemos CDs</u>	Produtos finais	A1.8
<u>1.6.3 produzimos sempre em duas línguas</u>	Produtos finais	A1.8
<u>1.6.4 produzimos brochuras</u>	Produtos finais	A1.8
<u>1.6.5 normalmente em Conselho Pedagógico</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.6 toda a escola tem conhecimento</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.7 depois também é divulgado através do trabalho que é feito</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.8o trabalho que é feito é posto na página da escola</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.9 tem acesso a muita gente</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.10 depois é afixado</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.11 quando temos aqui intercâmbios com os outros países... toda a gente fica a saber que existe</u>	Divulgação	A1.10
<u>1.6.12 Essa avaliação é feita... pelas próprias escolas quando se reúnem</u>	Avaliação	A1.11
<u>1.6.13 há uma outra reunião intercalar, onde faz a avaliação do... como o projecto está a... a ser desenvolvido</u>	Avaliação	A1.11
<u>1.6.14 às vezes, comunicamos com outras escolas... através de e-mail</u>	Tipo	A1.1
<u>1.6.15 É feita também nessa reunião final</u>	Avaliação	A1.11
<u>1.6.16 dado conhecimento no... no Conselho Pedagógico...</u>	Avaliação	A1.11

<u>1.6.17 que avalia o... o projecto</u>	Avaliação	A1.11
<u>1.6.18 O orçamento está praticamente... definido</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.19 quando fazemos a candidatura... temos um plafon máximo</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.20 facilmente se chega lá</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.21 necessidade de alguns materiais</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.22 facilmente se chega aos 1000 euros.</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.23 Não conseguimos</u>	Recursos	A1.9
<u>1.6.24 Normalmente não</u>	Recursos	A1.9
<u>1.7.1 Nem sentimos muita necessidade.</u>	Recursos	A1.9
<u>1.7.2 não tem havido deficiências de funcionamento do... do projecto por falta de dinheiro.</u>	Recursos	A1.9
<u>1.7.3 talvez a calendarização das actividades</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>1.7.4 sobreposição</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>1.7.5 com mais dificuldade a calendarização das actividades.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>1.7.6 dar determinado tipo de competências aos alunos</u>	A Escola	A3
<u>1.7.7 a nível linguístico</u>	A Escola	A3
<u>1.7.8 as competências linguísticas</u>	A Escola	A3
<u>1.7.9 as competências das TIC são fundamentais</u>	A Escola	A3
<u>1.7.10 o assumir da... da cidadania europeia</u>	A Escola	A3
<u>1.7.11 cidadania europeia</u>	A Escola	A3
<u>1.9.14 penso também que aqueles valores que eu disse há bocado também são os mesmos que eles tentam desenvolver nos alunos deles</u>	Valores	A1.4
<u>1.10.23 A escola fica numa zona rural</u>	A Escola	A3
<u>1.11.1 uma grande parte dos alunos... oriundos de... de famílias... desfavorecidas</u>	A Escola	A3
<u>1.11.2 com carências sociais</u>	A Escola	A3
<u>1.11.3 um estrato social baixo</u>	A Escola	A3
<u>1.11.4 um bocado a escola, portanto, estar aberta... ao contacto com outras... realidades, outras escolas, outras culturas.</u>	A Escola	A3
<u>1.11.5 escola é vista... com... uma estrutura dinâmica</u>	A Escola	A3
<u>1.11.6 é uma escola que está aberta</u>	A Escola	A3
<u>1.11.7 Funciona como um clube</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.8 um dos objectivos deste projecto... estão de acordo com os objectivos com... um dos principais objectivos do Projecto Educativo</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.9 Nos objectivos não</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.10 um dos objectivos do Projecto Educativo que é valorizar a educação para a cidadania.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.11 promover a igualdade de oportunidades</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.12 ser dadas respostas a estes objectivos através da implementação dos clubes... do Comenius</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.13 quando o tema está ligado, por exemplo, a uma disciplina pode haver essa ligação.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.14 nós não... estabelecemos uma ligação com disciplinas</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.15 mas normalmente estabelecemos, ou com Inglês</u>	O currículo/a legislação	A2

<u>1.11.16 ou com as TIC</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.17 se houver ligação é, se não houver não é</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>1.11.18 Eu penso que positivamente</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>1.12.1 Penso que sim</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>1.12.2 no apoio que dá</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>1.12.3 que deve ter algum interesse</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>1.12.4 mostrar a escola para fora</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>1.13.6 a escola coordenadora que faz a... a selecção ... e a... e os contactos com outras escolas</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.7 no... ano anterior</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.8 Eles fazem esses contactos</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.9 depois dos contactos feitos e da aceitação dessas escolas propõe às outras escolas que já fazem parte do projecto</u>	Parcerias	A1.2
<u>13.10 e as escolas dão a sua opinião sobre</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.11 Foi escolhida logo de início</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.12 foi a instituição que ... iniciou este projecto</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.13 E como essa escola era sempre coordenadora sempre ficou coordenadora</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.14 da Holanda, Finlândia, Suécia, Noruega, Chipre, Polónia, Itália e Espanha</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.15 Às vezes por telefone</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.16 através da Internet</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.17 todos têm o e-mail uns dos outros</u>	Parcerias	A1.2
<u>1.13.18 É o Inglês</u>	Parcerias	A1.2
<u>2.1.1 Sou Coordenadora de Projectos, sou a responsável pelo Projecto Comenius – projecto de Línguas</u>	Tipo	A1.1
<u>2.3.1 É o projecto Língua.</u>	Tipo	A1.1
<u>2.3.2 fizemos a candidatura em 1994</u>	Tipo	A1.1
<u>2.3.3 e fizemos logo o primeiro intercâmbio</u>	Actividades	A1.7
<u>2.3.4 sei que fizemos o primeiro intercâmbio em 94/95</u>	Actividades	A1.7
<u>2.3.5 É elaborar a candidatura...</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.6 És a coordenadora?... Sim... sim</u>	Tipo	A1.1
<u>2.3.7 elaborar a candidatura com os... com os colegas</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.8 É organizar todo... todo o processo</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.9 organizar a ida de intercâmbio</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.10 organizar a... a recepção dos... dos alunos e professores.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.11 marcar as visitas</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.12 acompanha-los dentro de horário lectivo.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.13 fora do horário lectivo</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.14 incluindo fim-de-semana</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.15 portanto ... tudo</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.16 e fazer a avaliação.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.17 Foi a partir daí, sim.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.3.18 não é a língua que é mais importante.</u>	Tipo	A1.1
<u>2.3.19 E a língua alvo hoje em dia, deverá ser sempre a do outro país.</u>	Tipo	A1.1

<u>2.3.20 Depois há sempre a língua de comunicação que é o Inglês.</u>	Parcerias	A1.2
<u>2.4.1 O objectivo em si não é eles falarem bem... Inglês.</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.2 até nem é eles desenvolverem bem o Inglês.</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.3 tem a haver com a capacidade de comunicação...</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.4 de perderem o medo de comunicar</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.5 de... cometer erros.</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.6 Cada projecto tem a duração de um ano</u>	Tipo	A1.1
<u>2.4.7 a maior parte do... trabalho recai sempre sobre a altura do... das visitas de intercâmbio.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.8 A primeira etapa é... a candidatura.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.9 a segunda etapa... é a... preparação para o intercâmbio</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.10 etapa seguinte são os intercâmbios</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.11 a etapa final é a avaliação</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.12 Se bem que segundo o projecto nós deveríamos ter mais etapas, não é?. Só que é inviável... é inviável.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.13 É a do intercâmbio, sem dúvida nenhuma.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.4.14 Na igualdade de oportunidades...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.15 todos aqueles valores que... estão por trás daquilo que é uma União Europeia</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.16 a mobilidade, seja pessoal seja de alunos.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.17 a interculturalidade...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.18 a tolerância...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.19 nós não os promovemos propriamente...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.20 eles acabam por surgir.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.21 nós não fazemos, nesse aspecto, nenhum trabalho prévio...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.22 as situações surgem e nós resolvemo-las de acordo com as... com as necessidades.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.23 E acho que só pelo facto de eles terem que ficar alojados em casas de... colegas, que têm hábitos de vida completamente... completamente diferentes, que se calhar até têm alguns valores completamente diferentes, só por aí...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.24 pelo terem que lidar com essas situações no dia a dia.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.25 monitorizados por nós.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.26 porque nós estamos lá sempre.</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.27 a tentar corrigir alguma coisa que nos pareça menos bem..</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.28 é aí que vão adquirindo com a prática...</u>	Valores	A1.4
<u>2.4.29 não é nada teórico, surge.</u>	Valores	A1.4
<u>2.5.1 Efectivamente são... são aqueles que... que estão no anexo... no anexo C da candidatura....</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.2 que têm precisamente a ver com o desenvolvimento linguístico...</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.3 ou o desenvolvimento da comunicação em... em si...</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.4 dos valores da tolerância</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.5 nos últimos anos tem sido muito trabalhado no âmbito do desenvolvimento dos aspectos relacionados com as TIC</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.6 Porque nós utilizamos bastante as TIC para o trabalho final.</u>	Objectivos	A1.5
<u>2.5.7 os temas já foram... já foram vários.</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.8 Normalmente nós tentamos arranjar uns temas que sejam fáceis de trabalhar por qualquer... professor</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.9 também não posso escolher temas que sejam demasiado complicados</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.10 ... cuja área eu não domine tão... tão bem, não é?</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.11 a água</u>	Temas	A1.6

<u>2.5.12 a forma como em Portugal e nos Países Baixos se lida com... ou com o excesso de água ou com a falta de água</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.13 direccionado pró... pró Ambiente</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.14 trabalhos relacionados com História</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.15 Cultura</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.16 o Desporto</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.17 os valores no Desporto.</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.18 Podem ser... dependendo do tema...</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.19 um... que tenha a ver com a água pode ser enquadrado obviamente dentro da... Geografia ou das Ciências.</u>	Temas	A1.6
<u>2.5.20 Nas Línguas Estrangeiras sempre.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.5.21 pode ser enquadrado na História, depende realmente... do tema...</u>	O currículo / a legislação	A2
<u>2.5.22 na Educação Física</u>	O currículo / a legislação	A2
<u>2.5.23 Eu, por vezes, faço algumas... direccionadas pró... pró Inglês...</u>	Actividades	A1.7
<u>2.5.24 em termos de revisão da oralidade</u>	Actividades	A1.7
<u>2.5.25 de pequenas... perguntas</u>	Actividades	A1.7
<u>2.5.26... frases</u>	Actividades	A1.7
<u>2.5.27 vocabulário que eles já deviam conhecer e que já deram e que normalmente não se lembram e que vão ser fundamentais para o dia a dia.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.1 o uso da Internet...</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.2 depende mais uma vez do tema.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.3 Normalmente fazemos visitas a locais de interesse relacionados com o... o tema.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.4 fomos visitar os Delta Works que é o sistema de controlo da subida e descida do nível de água que eles têm, ver os moinhos...</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.5 portanto normalmente são coisas relacionadas com... o projecto.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.6 Tentamos dar sempre algumas actividades lúdicas...</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.7 fazemos actividades ... na...na escola</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.8 As actividades na escola... muitas são desenvolvidas na sala de Informática</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.9 trabalhamos pesquisa na... na Internet</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.10 utilização de PowerPoint para a apresentação do trabalho... do trabalho final.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.11 documentos em... em Word, tratamento de imagem</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.12 nós também trabalhamos muito com... com base na fotografia</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.13 Actividades lá com os... os colegas dentro... dentro da sala de aula.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.14 Chegamos a fazer também entrevistas</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.15 inquiridos...</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.16 depende muito do... do projecto</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.17 Organização de actividades conjuntas.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.18 tipo pequenas festas.</u>	Actividades	A1.7
<u>2.6.19 Depende do... depende do trabalho.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.6.20 mas normalmente é todo o suporte informático...</u>	Recursos	A1.9
<u>2.6.21 por vezes... depende...</u>	Recursos	A1.9
<u>2.6.22 foi o trabalho... a que mais materiais tivemos que recorrer, porque tivemos que arranjar os adereços, as roupas... enfim imensa... imensa coisa.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.6.23 Mas normalmente e quando o trabalho final é... uma apresentação em PowerPoint ou qualquer coisa do... género são os recursos informáticos.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.6.24 Livros.</u>	Produtos finais	A1.8
<u>2.6.25 panfletos...</u>	Produtos finais	A1.8
<u>2.6.26 depende.</u>	Produtos finais	A1.8

<u>2.6.27 ...não há necessidade de fazer uma divulgação muito... grande...</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.6.28 porque o projecto já é mais que...conhecido pela comunidade envolvente.</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.6.29Normalmente tentamos divulgar na... na Fissul.</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.6.30 aqui na escola...ou vai para uma página, criada lá</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.6.31 e divulgo apenas o site..</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.6.32 então junto ao... agora à nossa... á nossa página...</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.7.1 já chegamos a... expor fotografias também....</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.7.2 chegamos a deixar passar fotografias aqui na Biblioteca, no computador.</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.7.3 mas mais uma vez depende muito dos anos.</u>	Divulgação	A1.10
<u>2.7.4 é feita na avaliação que eu faço no meu relatório de ... de coordenação de projectos,</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.5 também ... é feita em Conselho Pedagógico.</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.6 é nesses relatórios</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.7 É nos documentos próprios da agência nacional</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.8 depois também no... no Pedagógico</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.9 nos relatórios.</u>	Avaliação	A1.11
<u>2.7.10Há um montante fixo</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.11 nós candidatamo-nos sempre ao montante máximo que eram 1500... 1500 euros</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.12 que sempre nos foram... nos foram concedidos</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.13porque aí também entram as comunicações</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.14entra qualquer outro... qualquer material que seja necessário</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.15incluindo comunicações e comunicações há... imensas.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.16 como o montante variável é realmente variável faço em função do... do preço em vigor... do preço de avião em vigor na altura em que faço a candidatura</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.17 por vezes acrescento mais... qualquer coisa para garantir</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.18 sabendo que posso sempre devolver caso não o gaste todo.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.19 Dos pais que dão sempre alguma...alguma contribuição</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.20 porque o projecto depois não... não contempla as actividades lúdicas.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.21 não contempla muita coisa</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.22 portanto os .. os pais dão sempre...</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.23contribuem sempre com qualquer coisa</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.24Tendo sempre em atenção se... e aí os pais contribuem de forma... de forma diferente</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.25 há quem contribua mais e quem contribua menos</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.26 Nós temos sempre em atenção</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.27 ...situação familiar do aluno</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.28 obviamente, não vamos deixar cá um aluno por não ter... recursos.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.7.29 uma das grandes dificuldades é a falta de tempo...</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.7.30 é o tempo necessário para o implementar.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.7.31A segunda é que eu nunca posso prejudicar o normal funcionamento da... das minhas aulas, mas efectivamente tenho que em simultâneo acompanhar o... o grupo.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.7.32é em termos de... de tempo, é que tenho que desenvolver as minhas funções habituais e regulares na escola e em simultâneo tenho que dinamizar isto, onde tenho um grupo... um grupo de 13, 14 , 15 pessoas que estão dependentes de mim e da minha colega, para tudo.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>2.8.1 Eu.. eu acho que isso depende.</u>	A Escola	A3
<u>2.8.2pode depender de escola para escola.</u>	A Escola	A3
<u>2.8.3Esta escola... tanto quanto me parece e pelo menos é isso que eu pretendo ao desenvolver estes...projectos, é tentar modificar alguns conceitos base que existem nesta localidade e nos arredores.</u>	A Escola	A3

<u>2.8.4Esta é uma zona muito fechada, com mentes muito... muito fechadas,</u>	A Escola	A3
<u>2.8.5com situações socio-económicas muito complicadas</u>	A Escola	A3
<u>2.8.6temos aqui uma população à qual foi difícil aceitar estes projectos no... no início</u>	A Escola	A3
<u>2.8.7 é dar-lhes uma visão um bocadinho diferente do... do mundo,</u>	A Escola	A1.5
<u>2.8.8 que para além de Messines ainda existe um país inteiro, que eles muitas vezes não têm essa... quase não têm essa noção, Messines é que interessa, o Algarve é que é... é que é bom,</u>	A Escola	A1.5
<u>2.8.9 .. não têm sequer a curiosidade de conhecer o que está para além de Messines ou do... do Algarve. É dar-lhes a noção que para além de Portugal, o país onde eles vivem, também há uma União Europeia</u>	A Escola	A1.5
<u>2.8.10e o resto do mundo lá fora..</u>	A Escola	A1.5
<u>2.8.11e que nós não podemos estar constantemente a criticar, ou a avaliar os... ou a julgar os turistas que.. que conhecemos aqui</u>	A Escola	A1.5
<u>2.8.12dizer “ai... todos os Ingleses são assim ou todos os Holandeses são”...</u>	A Escola	A1.5
<u>2.11.16 nas próximas candidaturas tendo em conta que os montantes agora são diferentes, e são um todo e implicam um mínimo de mobilidades... tivemos que diminuir... o número de alunos para que o dinheiro chegue.</u>	Recursos	A1.9
<u>2.14.1É um contexto muito complicado,</u>	A Escola	A3
<u>2.14.2uma freguesia muito grande,</u>	A Escola	A3
<u>2.14.3uma mentalidade muito... muito fechada,</u>	A Escola	A3
<u>2.14.4 muitos problemas socio-económicos</u>	A Escola	A3
<u>2.14.5não é uma zona muito fácil,</u>	A Escola	A3
<u>2.14.6Na escola enquanto instituição... será talvez a aceitação</u>	A Escola	A3
<u>2.14.7 o... ter-se tornado um hábito esta escola receber professores estrangeiros,</u>	A Escola	A3
<u>2.14.8 as pessoas já encaram isso com alguma...</u>	A Escola	A3
<u>2.14.9 naturalidade até porque temos colegas dos projectos que às vezes vêm passar férias ou vêm para outro projecto e aparecem por aqui, passam por aqui e vêm visitar a escola.</u>	A Escola	A3
<u>2.14.10 já se tornou normal e já ninguém sequer faz grandes perguntas quem é aquele o que estão aqui a fazer estrangeiros.</u>	A Escola	A3
<u>2.14.11 aqui como os participantes são de... de várias... são de várias turmas tem... tem que ser com pequenas coisas dentro das várias turmas.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.12Este projecto acaba por dar resposta a ... pelo menos... a dar significativamente resposta a pelo menos 3 objectivos do Projecto educativo de.. do Agrupamento</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.13porque um dos objectivos que nós temos no Projecto educativo vai ao encontro da multiculturalidade,</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.14temos outro que vai ao encontro da ... da cidadania</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.15dos valores</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.16temos ainda um outro, de não falamos aqui.. ainda, que tem a ver com o projecção do.. da escola para o exterior.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.17Deveria haver, mas efectivamente não há,</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.14.18Não vem mencionado em lado nenhum no Projecto Curricular de Turma.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.15.1Através das disciplinas.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>2.15.2 O Conselho Executivo... apoia e tem apoiado desde... desde o início...</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>2.15.3 aliás como eu já te tinha dito anteriormente tanto o Conselho Executivo e o Conselho Pedagógico apoiam fortemente estes... estes projectos.</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>2.15.4 para já nunca colocam qualquer obstáculo às actividades que pretendemos realizar,</u>	O Conselho Executivo	A4
<u>2.15.5 nunca houve qualquer obstáculo,</u>	O Conselho Executivo	A4

2.15.6 muito pelo contrário.	O Conselho Executivo	A4
2.15.7 houve sempre co... colaboração.	O Conselho Executivo	A4
2.15.8 Conselho Executivo tenta... organizar... determinadas... coisas para que nós não temos... não temos tempo de organizar.	O Conselho Executivo	A4
2.15.9 quando nós estamos envolvidas com o projecto, há coisas depois na escola que ficam para trás e o Conselho Executivo, tenta sempre dar resposta a isso.	O Conselho Executivo	A4
2.15.10 ou tentar arranjar alguém que nos substitua, se nós tivermos que eventualmente faltar	O Conselho Executivo	A4
2.15.11 sempre que possível participam em actividades, quando temos cá os colegas.	O Conselho Executivo	A4
2.15.12 A Presidente do Conselho executivo faz sempre questão em estar presente na reunião com os pais	O Conselho Executivo	A4
2.15.13 um impacto é que a Adélia está a aprender Inglês.	O Conselho Executivo	A4
2.15.14 já tivemos alturas em que houve problemas com o alojamento dos... dos alunos e a própria Presidente do Conselho Executivo ofereceu e deu várias vezes a casa dela para alojar miúdos	O Conselho Executivo	A4
2.17.6 Essa primeira... essa primeira escola já trabalhava com... este tipo de projectos e nós pedimos à Direcção Regional na altura que nos indicasse... algumas... algumas escolas	Parcerias	A1.2
2.17.7 pedimos inclusive também ao Consulado.	Parcerias	A1.2
2.17.8 surgiu aquela contactamos e a escola estava disposta a.	Parcerias	A1.2
2.17.9 Esta escola nós conhecemo-nos através... pela Escola Agrícola	Parcerias	A1.2
2.17.10 portanto conhecemo-nos eles fizeram um ou dois anos intercâmbio ali	Parcerias	A1.2
2.17.11 acabamos por ajudar, gostamos e fizemos o primeiro projecto em conjunto, resultou tão bem que... continuamos.	Parcerias	A1.2
2.17.12 o contacto é anterior.	Parcerias	A1.2
2.17.13 digo nós efectivamente só tivemos que procurar parceiro uma vez.	Parcerias	A1.2
2.17.14 É sempre a escola Holandesa.	Parcerias	A1.2
2.18.1 Por nada...	Parcerias	A1.2
2.18.2 hoje em dia qualquer uma das escolas pode ser a escola... a escola coordenadora.	Parcerias	A1.2
2.18.3 Neste momento não há qualquer vantagem ou desvantagem em ser-se a escola coordenadora	Parcerias	A1.2
2.18.4 nós acordamos há... há uns anos atrás...	Parcerias	A1.2
Sim, tirando os primeiros com a Inglaterra.(2.18.5)	Parcerias	
2.18.6 e-mail.	Parcerias	A1.2
2.18.7 telefone.	Parcerias	A1.2
2.18.8 SMS.	Parcerias	A1.2
2.18.9 Inglês obrigatoriamente.	Parcerias	A1.2
2.18.10 Fica em acta do Pedagógico.	Avaliação	A1.11
2.18.11 fica sempre no relatório de coordenação.	Avaliação	A1.11
3.2.12 Neste momento é um projecto de Desenvolvimento Escolar.	Tipo	A1.1
3.2.13 Língua...	Tipo	A1.1
3.2.14 com os projectos de Desenvolvimento Escolar há cerca de... para aí 5 anos.	Tipo	A1.1
3.3.1 Há 13 anos	Tipo	A1.1
3.3.2 Em termos aqui da Escola Secundária de Silves sou normalmente... sou eu que os promovo aqui	Tipo	A1.1
3.3.4 Nestes últimos dois projectos... de Desenvolvimento Escolar eu sou Coordenador	Tipo	A1.1
3.3.5 nós queremos ver o impacto das aprendizagens na... nos alunos mesmo, propriamente dito.	Tipo	A1.1

<u>3.3.6 ver que tipo de... consequências é que as aprendizagens que nós aqui... fornecemos têm de alguma forma influência no futuro.</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.7 porque nós aqui estamos muito limitados...</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.8 não podemos... alterar currículos... mas eles podem...</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.9...que eu tenha um interesse especial... não por aquilo que eu possa fazer aqui...</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.10mas ... preocupa-me que tipo de modificações... que tipo de atitudes é que vão tomar, principalmente.</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.11 3 anos.</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.12 .faço a candidatura</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.3.13 no caso especificamente deste houve uma visita preparatória</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.3.14 portanto uma pré-reunião antes de... da execução do projecto</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.3.15 por diversas razões estamos aqui a implementar um projecto de gestão de qualidade...</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.16 queríamos uma coisa que se ajustasse de qualquer forma ao sistema de gestão de qualidade</u>	Tipo	A1.1
<u>3.3.17E depois reuniões de projecto</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.1já houve intercâmbio neste... neste projecto.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.2Embora... seja um acessório e não propriamente... não é um objectivo</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.3 É quando estamos os cinco a trabalhar e a arquitectar o projecto.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.4 A preparação do projecto.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.5enfim eu já tenho uma certa experiência...</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.6 nós projectamos as coisas... coisas extremamente ambiciosas e depois a consecução daquilo tudo, às vezes torna-se muito difícil,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.7 senão quase impossível.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.8 O "outcome" acaba por ser assim um bocado... um bocado... a quem do que se pretendia.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.4.9São mais virados para a gestão da escola...Claro.</u>	Tipo	A1.1
<u>3.4.10 eu não sei se eles assentam em sistemas de valores.</u>	Valores	A1.4
<u>3.4.11 sei que são projectos... projectos virados para a... áreas como gestão, administração... desenvolvimento curricular...</u>	Tipo	A1.1
<u>3.4.12 não estão definidos objectivos.</u>	Objectivos	A1.5
<u>3.4.13 Mas acho que são, enfim, são virados para o desenvolvimento da escola,</u>	Objectivos	A1.5
<u>3.5.1eles são muito virados para a inclusão... de... de... diferentes grupos sociais,</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.2inclusão de minorias, ...</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.3inclusão de grupos sociais desajustados</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.4são muito virados para a escola... a escola inclusiva.</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.5Ucranianos e Brasileiros e era o problema da inclusão deles,</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.6na forma como nós tratávamos isso,</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.7 incluindo o Português para Estrangeiros</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.8implantou-se a rotina de português para estrangeiros</u>	Temas	A1.6
<u>3.5.9se calhar temos hoje professores mais habilitados para responder às necessidades desse tipo de população escolar.</u>	Temas	A1.6

<u>3.5.10Isso depende do projecto...</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.11este projecto é todo muito à base de leitura de dados,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.12de análise desses dados,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.13têm muito a ver com a melhoria da escola</u>		A1.7
<u>3.5.14digamos que há muito trabalho desde inquéritos que são feitos aos alunos, por amostragem,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.15são feitos inquéritos aos professores</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.16são feitos inquéritos aos pais,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.17depois de prontos nós temos um site e aí, portanto, são metidos todos os dados no site e o próprio site encarrega-os de os processar,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.18as actividades que existem na escola é a execução... a execução das sondagens e dos inquéritos,</u>	Actividades	A1.7
<u>3.5.19como sabes no 12º ano existe área de projecto e nós escolhemos uma turma... para nos ajudar a fazer isto,</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.5.20Sim... sim...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.5.21 não te vou dizer que era necessário trabalharmos com alunos...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.5.22 portanto fizemos porque achamos que era facilitador</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.5.23já agora porque tínhamos facilidade de fazer algum intercâmbio e de levar dois alunos, por acaso depois acabamos por levar seis,</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.5.24 e então escolhemos uma turma que nos auxiliou nesse tipo de trabalho,</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.6.1e nós próprios</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.2agora neste... basta por si só a verba dada pelo... pelo próprio projecto... é suficiente,</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.3... temos um site... de divulgação do projecto</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.4onde mostramos todos os resultados do estudo que estamos a fazer,</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.5a avaliação é feita enfim pelo próprio...</u>	Avaliação	A1.11
<u>3.6.6vamos fazer divulgação do site...</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.7 fazer a divulgação do site junto da comunidade,</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.8 para fazer a divulgação do projecto, penso também através do jornal "Barlavento"...</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.9uma rádio local, que também vai servir para fazer alguma divulgação,</u>	Divulgação	A1.10
<u>3.6.10os nossos parceiros Finlandeses ... e querem mesmo isto... para... fazerem publicidade na própria escola...</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.6.11têm métodos bastante diferentes dos nossos, se de facto isto na Finlândia, como eu penso que vai ter um... um impacto bastante grande, se calhar e por tabela se lá houver impacto, sabemos que aqui as coisas também têm,</u>	Parcerias	A1.1
<u>3.6.12nós os latinos temos uma maneira de fazer as coisas e temos... acreditamos muito vezes muito pouco naquilo que estamos a fazer,</u>	Parcerias	A1.1
<u>3.6.13normalmente... fazemos as coisas mas temos poucas expectativas</u>	Parcerias	A1.1
<u>3.6.14Isso faz-se uma avaliação daquilo que é necessário fazer...</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.15até agora havia... havia duas franjas, uma que era a tal fatia... que era variável... o volume fixo</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.16 "... é suficiente sem ser...</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.17porque existem muitas coisas que se fazem com estes projectos que não são... não é matéria elegível...</u>	Recursos	A1.9
<u>3.6.18 e que muitas vezes se prende com as tais despesas de socialização...</u>	Recursos	A1.9

<u>3.7.1aí temos que andar aí a ... falar com diferentes instituições,</u>	Recursos	A1.9
<u>3.7.2diferentes pessoas no sentido de conseguirmos de alguma fora dar resposta a essas despesas de socialização,</u>	Recursos	A1.9
<u>3.7.4 alguns conhecimentos</u>	Recursos	A1.9
<u>3.7.6As despesas de socialização,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.7outra das dificuldades é muitas vezes conseguir arranjar gente para trabalhar comigo,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.8 o facto de ir lá fora e conhecer coisas novas...</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.9normalmente as reuniões são de 3 dias, eu saio daqui a uma 5ª feira e regresso no Domingo...</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.10vais sempre aos mesmos sítios</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.18Por outro lado eu vejo uma dificuldade enorme... de disponibilidade</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.19 as pessoas... ficam assim um bocado envolvidas naquela desculpa "Oh não tenho família, não... tenho que fazer não... tenho aulas para dar".</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.20eu percebo que algumas pessoas tenham... tenham dificuldades com a língua que sejam de alguma forma tímidas,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.7.21mas aqui é uma dificuldade muito tremenda arranjar pessoas que queiram acompanhar o projecto, que queiram levar um grupo de alunos ao estrangeiro, muito difícil.</u>	Etapas de Implementação	A1.3
<u>3.8.1 há um objectivo muito... muito bem definido...</u>	Objectivos	A1.5
<u>3.8.2estamos há 3 anos a tentar implementar um projecto de gestão e qualidade na escola... queremos que a escola seja certificada...</u>	Objectivos	A1.5
<u>3.8.3nós começamos com as... com auto-avaliação na escola por via deste projecto,</u>	Produtos finais	A1.8
<u>3.8.4e portanto há melhorias... há melhorias objectivas na escola por via dos projectos implantados,</u>	Produtos finais	A1.8
<u>3.8.5há muita coisa que já se fez aqui que decorreu devo-te dizer directamente de ideias colhidas...</u>	Produtos finais	A1.8
<u>3.8.6nas casas de banho dos alunos nós temos um sistema de verificação rotineiro,</u>	Produtos finais	A1.8
<u>3.8.7Tem lá um relógio e diz esta casa de banho foi vista, e uma lista e a pessoa que vai limpar a casa de banho tem que assinar onde diz que verificou isto e aquilo.</u>	Produtos finais	A1.8
<u>3.9.4eu tenho um projecto de desenvolvimento escolar onde somos qua... somos cinco... somos Portugal, Itália, Alemanha, Irlanda e Finlândia,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.5Inglês,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.6Somos nós,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.7de facto eu penso que não haja vontade aqui de alguma forma tutelar um projecto desta natureza,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.8se quiseres que te diga eu sou coordenador, mas... de facto quem coordena acaba por ser... acaba por ser uma outra escola,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.9porque eles têm... isto é trabalhamos muito na base do site e o site não é desenvolvido aqui em Portugal é desenvolvido na Itália,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.10portanto grande parte do trabalho é feito lá</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.9.11o meu papel de coordenação é mais nas reuniões,</u>	Parcerias	A1.2
<u>3.10.5um Projecto deve trabalhar sempre com uma turma</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>3.11.2 eles (perdão) ficavam aqui comigo e desenvolvíamos actividades</u>	Actividades	A1.7
<u>3.11.3 elaborar inquéritos</u>	Actividades	A1.7
<u>3.11.4trabalhar os resultados dos inquéritos</u>	Actividades	A1.7
<u>3.11.5organização de eventos</u>	Actividades	A1.7

3.12.1 <u>eu tenho sempre muita dificuldade em pôr... porque eu não se isto é rural se é urbano.</u>	O currículo/a legislação	A3
3.12.2 <u>De facto acho que não é nem uma coisa nem outra</u>	O currículo/a legislação	A3
3.12.3 <u>o modo de viver das pessoas é urbano, de facto isto não é uma cidade propriamente dita...</u>	O currículo/a legislação	A3
3.12.4 <u>na sua dinâmica falta-lhe de facto alguma coisa para ser considerada como uma cidade.</u>	O currículo/a Legislação	A3
3.12.5 <u>uma localidade com características urbanas do ponto de vista... do ponto de vista social, mas ainda com muita moralidade....</u>	O currículo/a Legislação	A3
3.12.6 <u>Agora do ponto de vista geográfico isto é uma cidade com características históricas muito bem colocadas... muito com... as pessoas muito orgulhosas enfim do seu aspecto... da sua história...</u>	O currículo/a legislação	A3
3.12.7 <u>o maior impacto na escola enquanto instituição será aquilo que tu já referiste a melhoria de qualidade de gestão?</u>	A Escola	A3
3.12.8 <u>Há alguma articulação entre o Projecto de Desenvolvimento Escolar e o Projecto Educativo de Escola?...E de que maneira.</u>	O currículo/a legislação	A2
3.12.9 <u>qualquer projecto que exista por definição tem de estar no Projecto Educativo ou pelo menos no plano de actividades</u>	O currículo/a legislação	A2
3.12.10 <u>agora devo dizer que o nosso projecto educativo desenvolveu-se de determinada forma porque existiram projectos...</u>	O currículo/a legislação	A2
3.12.11 <u>o Projecto Educativo melhorou muito por via daquilo que nós vimos no estrangeiro e quisemos implementar aqui.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>Há alguma integração no currículo no programa curricular dos alunos? Do projecto? Não.</u> 3.12.12	O currículo/a legislação	A2
3.12.13 <u>embora ...eu agora não faça parte do Conselho Executivo... eu tenho apoio do... do... 100 por cento... do Conselho Executivo.</u>	O Conselho Executivo	A4
3.13.1 <u>houve empenhamento mesmo.</u>	O Conselho Executivo	A4
3.13.2 <u>Existe neste momento uma grande preocupação de internacionalização da escola.</u>	O Conselho Executivo	A4
3.14.9 <u>Vem.</u>	O currículo/a legislação	A2
3.14.10 <u>Está no Plano de Actividades e está no Projecto Educativo.</u>	O currículo/a legislação	A2
3.14.11 <u>A avaliação é obrigatória como tu sabes... eu faço na última reunião... faço a avaliação do projecto</u>	Avaliação	A1.11
3.14.12 <u>faço comunicação disso a Pedagógico....</u>	Avaliação	A1.11
4.2.3 <u>Ao projecto que tem aqui, ao projecto Língua... Sim, sim</u>	Tipo	A1.1
4.2.14 <u>as candidaturas, que antes não passavam por mim,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
4.2.15 <u>o negociar os temas de trabalho,</u>	Etapas de Implementação	A1.3
4.2.16 <u>o arranjar uma escola parceira quando é o caso disso</u>	Etapas de Implementação	A1.3
4.3.1 <u>que têm que ter o Inglês como língua de contacto</u>	Parcerias	A1.2
4.3.13 <u>eu lembro-me, por exemplo, de quando tivemos em Itália</u>	Parcerias	A1.2
4.4.1 <u>deve ter sido assim que a escola abriu, 92</u>	Tipo	A1.1
4.4.2 <u>nós temos um tema de trabalho em conjunto,</u>	Temas	A1.6
4.4.3 <u>os alunos... da Áustria e os nossos portugueses fizeram um trabalho para avaliar o impacto, dois anos depois da introdução da moeda, do euro.</u>	Temas	A1.6
4.4.4 <u>eles aplicaram inquéritos às populações daqui de Messines-Silves,</u>	Actividades	A1.7
4.4.5 <u>outros colegas aplicaram a duas populações, também de duas pequenas cidades da Áustria</u>	Actividades	A1.7
4.4.6 <u>depois foi uma comparação de resultados,</u>	Actividades	A1.7
4.4.7 <u>deu para fazer um trabalho... rico, digamos assim, e... e proveitoso</u>	Actividades	A1.7
4.4.8 <u>tem a ver também com a prática de uma Língua que neste caso é a língua de contacto comum que é o Inglês.</u>	Parcerias	A1.2

4.4.9com a <u>Austria</u> ,	Parcerias	A1.2
4.4.10um foi sobre a água...	Temas	A1.6
4.4.11a... <u>forma de tratamento das águas...</u> e também tinha a ver com a especificidade do curso,	Temas	A1.6
4.4.12sobre o euro foi uma turma de gestão,	Temas	A1.6
4.4.13fazia sentido também para o curso...	Temas	A1.6
4.4.14é isso que nós também tentamos adequar, é sempre o tema ao curso...	Temas	A1.6
4.4.15 a não ser que seja um tema mais abrangente, de uma área sócio-cultural e aí sim dá para qualquer curso trabalhar,	Temas	A1.6
4.4.16e então as visitas foram canalizadas nesse sentido,	Temas	A1.6
4.4.17nós vimos como é que eles fazem, como é que... purificam a água, como é que a água era distribuída, por exemplo em Viena, pronto e vimos tudo isso,	Temas	A1.6
4.4.18eles quando cá estiveram também foram ver todas as questões ligadas a esse tema.	Temas	A1.6
4.4.19 os resultados finais são feitos pelos alunos, mas sempre com a questão do... do Inglês.	Produtos finais	A1.8
4.4.20 É um ano lectivo.	Tipo	A1.1
4.4.21Primeiro temos o contacto com uma escola,	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.22se a escola está ou não interessada...	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.23neste momento não temos tido projectos Língua, exactamente porque tem sido um pouco complicado,	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.24temos contactado com algumas escolas, só que elas têm.. já uma ideia... muito rígida e fixa acerca do tema de trabalho e muitas vezes esse tema não se adequa à nossa realidade e por isso acabamos por não avançar.	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.25é efectivamente arranjar uma escola parceira	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.26depois enfim negociar o tema de trabalho,	Etapas de Implementação	A1.3
4.4.27 porque se o tema de trabalho não nos interessar ou se não tivermos alunos daquela... de uma área específica	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.1portanto não avançamos.	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.2e que essa escola parceira tenha um tema que... que sirva, digamos, às duas realidades,	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.3caso contrário não avançamos.	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.4Temos a candidatura	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.5às vezes fazemos visitas preparatórias	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.6depende um bocado também dos nossos "timings" aqui internos	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.7a fase seguinte é ou avançar para uma visita preparatória	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.8mas entretanto vamos trocando e-mails,	Parcerias	A1.2
4.5.9 os alunos também antes de... de fazerem o primeiro encontro também vão trocando e-mails entre eles vão-se conhecendo	Parcerias	A1.2
4.5.10 depois... senão houver visita preparatória avançamos então para a visita propriamente dita,	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.11... normalmente vamos nós primeiro lá... depois é que vêm cá, mas já tem acontecido o inverso...	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.12 depois é toda a organização da recepção,	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.13das dormidas, dos almoços, de todas as visitas que... se adequem ao tema do trabalho,	Etapas de Implementação	A1.3
4.5.14portanto algumas horas de trabalho na sala de Informática,	Actividades	A1.7
4.5.15até porque eles gostam de trocar e-mails com os amigos, com a família	Actividades	A1.7
4.5.16portanto disponibilizamos também umas horas na sala de informática	Actividades	A1.7
4.5.17Depois é o acompanhamento muito próximo, portanto, tanto da nossa parte de professores como	Actividades	A1.7

dos alunos,		
4.5.18eles, normalmente, durante os fins de semana ficam em casa de famílias,	Actividades	A1.7
4.5.19há também essa vertente que para os próprios alunos também acaba por ser muito bom, porque acabam por conhecer os familiares dos colegas...	Actividades	A1.7
4.5.20que não falam Inglês ou falam pouquinho,	Actividades	A1.7
4.5.21mas acabam por experimentar um bocadinho daquelas comidas que para eles é tudo novidade	Actividades	A1.7
4.5.22eles também se esforçam para ir mostrar aquilo que é o país deles,	Actividades	A1.7
4.5.23a cultura deles,	Actividades	A1.7
4.5.24Depois... de realizarmos as visitas quer aqui quer no outro país... passamos á fase final do... do trabalho,	Actividades	A1.7
4.5.25o trabalho é concluído e depois é traduzido,	Actividades	A1.7
4.5.26quando somos escola receptora, acolhedora é muito cansativo...	Etapas de implementação	A13
4.5.27porque temos que... estar muito atentos, temos que dar atenção, temos que esquecer tudo o resto e canalizar as nossas energias para ali,	Etapas de implementação	A13
4.5.28É interessante mostrarmos, o que fazemos	Etapas de implementação	A13
4.5.29como é que fazemos,	Etapas de implementação	A13
4.5.30o que é que temos	Etapas de implementação	A13
4.5.31o que é que somos	Etapas de implementação	A13
4.5.32mas depois torna-se muito desgastante, aquelas duas semanas de... como acolhedores,	Etapas de implementação	A13
4.5.33é muito cansativo	Etapas de implementação	A13
4.5.34Se calhar aparte mais aliciante é realmente quando estamos lá e não somos acolhedores,	Etapas de implementação	A13
4.6.1somos os acolhidos que aí não temos que nos preocupar com toda a parte logística	Etapas de implementação	A13
4.6.2porque os colegas é que sabem onde é que nos vão levar	Etapas de implementação	A13
4.6.3os colegas é que nos vão mostrar a realidade deles e é aí que realmente é muito mais motivador e fascinante	Etapas de implementação	A13
4.6.4 porque vamos conhecer coisas diferentes,	Etapas de implementação	A13
4.6.5 Eu por um lado eu acho que começa sempre pelo valor do respeito pela multicult	Valores	A1.4
4.6.6 o respeito pela cultura do outro,	Valores	A1.4
4.6.7 uma abertura à cultura do outro,	Valores	A1.4
4.6.8 perceber que realmente partilhamos um espaço comum que é... a Europa,	Valores	A1.4
4.6.9 mas que temos identidades muito... muito diferentes	Valores	A1.4
4.6.10 essas identidades culturais têm que ser respeitadas	Valores	A1.4
4.6.11 portanto não é agora somos todos europeus e somos todos iguais não passa por aí,	Valores	A1.4
4.6.12 acho que eles, eles alunos, ficam muito mais sensíveis	Valores	A1.4
4.6.13 e conseguem perceber muito melhor essa questão...	Valores	A1.4
4.6.14 pode atenuar algum tipo de sentimento racista, xenofobista etc...	Valores	A1.4
4.6.15 eu acho que atenua se houver,	Valores	A1.4
4.6.16 se não houver, então alarga horizontes no sentido de perceber o outro,	Valores	A1.4
4.6.17 Depois também em termos de competências linguísticas é uma mais valia,	Objectivos	A1.5
4.6.18 porque os nossos alunos muitas vezes não se esforçam porque também não têm que,	Objectivos	A1.5
4.6.19 E quando chegam lá... o primeiro contacto é sempre muito tímido porque têm medo que os outros saibam muito mais Inglês do que eles e que eles podem dizer alguma asneira, mas quando percebem que o nível é idêntico então libertam-se	Objectivos	

4.6.20 quando se libertam não tão com medo , nem com a preocupação de dizer alguma asneira	Objectivos	
4.6.21 no meio de asneiras conseguem desenvolver algumas competências linguísticas	Objectivos	
4.6.22 Para nós é sem dúvida a motivação...	Objectivos	A1.5
4.6.23 uma forma de motivar os alunos.	Objectivos	A1.5
4.6.24 Uma forma de desenvolver essas tais competências que já falamos anteriormente, portanto, linguísticas,	Tipo	A1.1
4.6.25 o respeito pela cultura dos outros...	Objectivos	A1.5
4.6.26 o intercâmbio de experiências,	Objectivos	A1.5
4.6.27 através desse tal conhecimento da cultura dos outros.	Objectivos	A1.5
4.6.28 Eu acho que essas são as mais valias do projecto.	Objectivos	A1.5
4.7.1 a Inquisição e a prática de Bruxaria durante o século XVI em Portugal e em Itália	Temas	A1.6
4.7.2 eles também não têm a disciplina de História, então não tavam assim muito motivados para o trabalho	Temas	A1.6
4.7.3 nós ficamos sempre de fazer uma trabalho que vá de encontro a um curso específico ou que vá de encontro a uma área sócio-cultural,	Temas	A1.6
4.7.4 as lendas,	Temas	A1.6
4.7.5 os alunos andaram a trabalhar as lendas aqui locais, não é... os alunos lá também	Temas	A1.6
4.7.6 depois foi uma comparação...	Temas	A1.6
4.7.7 uma troca de informação sobre as lendas das duas localidades diferentes...	Temas	A1.6
4.7.8 Lá está depende um pouco do tema.	O currículo/a legislação	A2
4.7.9 o Inglês está sempre sem dúvida envolvido ou seja a disciplina de Inglês está sempre envolvida.	O currículo/a legislação	A2
4.7.10 por isso as TIC são sempre envolvidas por uma questão de... de troca de e-mails com os colegas, por uma questão de arranjo do trabalho final, também são sempre envolvidas.	O currículo/a legislação	A2
4.7.11 sobre o Euro, o impacto do Euro,	Temas	A1.6
4.7.12 foram envolvidas as disciplinas de Economia, de Gestão, de Estatística porque eles depois também tiveram que trabalhar	Temas	A1.6
4.7.13 tiveram que trabalhar os dados estatísticos	Actividades	A1.7
4.7.14 a Área de Integração,	O currículo/a legislação	A2
4.7.15 a disciplina de Português	O currículo/a legislação	A2
4.7.16 mas também foram várias, não só da componente sócio-cultural, mas depois mesmo aquelas específicas que dizem respeito ao tema.	O currículo/a legislação	A2
4.7.17 mas em termos materiais... não sei... é como digo... depende muito da especificidade do projecto.	Recursos	A1.9
... 4.8.1 computadores...	Recursos	A1.9
4.8.2 Até agora tem sido em suporte de papel	Recursos	A1.9
4.8.3 e digital.	Recursos	A1.9
4.8.4 começo desde o início assim que sei que o projecto que fiz a candidatura começo a falar com a turma "possivelmente irá acontecer tal", isto é a preparação...	Divulgação	A1.10
4.8.5 só com uma turma	O currículo/a legislação	A2
4.8.6 porque durante duas semanas não íramos... prejudicar... vários alunos porque as aulas iriam decorrer normalmente.	O currículo/a legislação	A2
4.8.7 Tem a ver com o tema do trabalho...	O currículo/a legislação	A2

4.8.8 ou então o ano ...	O currículo/a legislação	A2
4.8.9 Porque eles no terceiro ano fazem estágio e fazem uma PAC, por isso o terceiro ano está sempre fora de questão... viajar.	O currículo/a legislação	A2
4.8.10 O primeiro ano é sempre muito imaturo	O currículo/a legislação	A2
4.8.11 normalmente escolhemos o segundo ano	O currículo/a legislação	A2
4.8.12 depois tem a ver com o curso.	O currículo/a legislação	A2
4.8.14 Fazemos através destes formulários e nada mais.	Avaliação	A1.11
4.8.15 a primeira coisa é realmente falar com eles dizer-lhes "preparem-se porque possivelmente iremos ter um projecto em que vamos trabalhar	Etapas de Implementação	A1.3
4.8.16 depois vem a resposta se for afirmativa... há logo a preparação para... envolver as disciplinas.	Etapas de Implementação	A1.3
4.8.17 depois há então uma reunião com os pais.	Etapas de Implementação	A1.3
4.8.18 portanto para falar com eles explicar o que é o projecto, o que vamos fazer, onde é que eles vão dormir, pronto... para explicar tudo....	Etapas de Implementação	A1.3
4.8.19 nós também somos uma escola muito pequenina toda a gente fica logo...	Divulgação	A1.10
4.8.20 depois também temos um jornal da escola, em que aí sim divulgamos onde é que fomos, quem recebemos, o que é que fazemos... todas as actividades.	Divulgação	A1.10
4.9.1 é tudo sem muita certezas...	Recursos	A1.9
4.9.2 eu costumo ir às tabelas que vêm no próprio formulário, identificar o país a que nos vamos deslocar e fazer as contas por... professores, alunos, pedir um... um orçamento à agência de viagens, também para ter uma ideia.	Recursos	A1.9
4.9.3 é calculado a partir desses valores.	Recursos	A1.9
4.9.4 Acerca do material... que vai ser necessário peço ali na Secretaria, que me digam... que me digam mais ou menos o valor daquilo que nós poderemos gastar.	Recursos	A1.9
4.9.5 Não.	Recursos	A1.9
4.9.6 Por um lado... é a nível financeiro.	Etapas de Implementação	A1.3
4.9.7 porque se não... se não formos financiados pela agência não temos hipótese, tanto que estava a ver um mail de um colega da Áustria que faz exactamente o mesmo... faz um convite para que façamos um projecto através de intercâmbio, com outras turmas, mas sem o financiamento... o financiamento da agência.	Etapas de Implementação	A1.3
4.9.8 Acontece que não é possível porque nós não temos como.	Etapas de Implementação	A1.3
4.9.9 É impossível mesmo.	Etapas de Implementação	A1.3
4.9.10... é sempre proporcionar aos alunos essa visão alargada do espaço... europeu.	A Escola	A3
4.9.11 essa visão de culturas diferentes	A Escola	A3
4.9.12 conhecer as pessoas como são,	A Escola	A3
4.9.13 as suas vivências,	A Escola	A3
4.9.14 verem uma escola diferente, com esquemas e funcionamentos completamente diferentes do nosso,	A Escola	A3
4.9.15 uma comparação para terem uma... perspectiva diferente.	A Escola	A3
4.12.7 somos uma terra de interior,	A Escola	A3
4.12.8 mas também... mas somos uma terra central.	A Escola	A3
4.12.9 estamos muito próximo de... de tudo	A Escola	A3

4.12.10 <u>Estamos numa zona rural.</u>	A Escola	A3
4.12.11 <u>recebemos alunos de vários pontos do país, digamos assim... e também de Cabo Verde,</u>	A Escola	A3
4.12.12 <u>São níveis muito diferentes.</u>	A Escola	A3
4.12.13 <u>Eu acho que passa muito pela motivação...</u>	A Escola	A3
4.12.14 <u>pela motivação relativamente aos alunos.</u>	A Escola	A3
4.12.15 <u>E aos professores também, porque os professores acabam por se sentir também... um pouco, como é que hei-de dizer, mais ligados à escola.</u>	A Escola	A3
4.12.16 <u>porque têm mais aquilo para fazer ou não...</u>	A Escola	A3
4.12.17 <u>ou sentem-se mais envolvidos nas visitas.</u>	A Escola	A3
4.12.18 <u>para o triénio 2006-2009</u>	O currículo/a legislação	A2
4.13.1 <u>nós aqui ...funcionamos por módulos é mais fácil a adaptação</u>	O currículo/a legislação	A2
4.13.2 <u>há sempre um módulo em que o tema pode-se encaixar...</u>	O currículo/a legislação	A2
4.13.3 <u>módulos e os conteúdos dos módulos.</u>	O currículo/a legislação	A2
4.13.4 <u>Não se opõem.</u>	O Conselho Executivo	A4
4.13.5 <u>Não é visível?... Não.</u>	O Conselho Executivo	A4
5.2.16 <u>Era o PE. Era um Projecto Escola.</u>	Tipo	A1.1
5.2.17 <u>Começou, portanto em 2000 e acabou em 2004/2005.</u>	Tipo	A1.1
5.2.18 <u>Portanto 3 anos antes.</u>	Tipo	A1.1
5.2.19 <u>Era Coordenador.</u>	Tipo	A1.1
5.3.1 <u>minha experiência ensinou-me que poderia trazer mais valências para, tanto para a escola, principalmente para os alunos.</u>	Tipo	A1.1
5.3.2 <u>Para a escola se a escola fosse capaz de se organizar e de aproveitar o positivo destes projectos então poderia reformular uma série de coisas,</u>	Tipo	A1.1
5.3.3 <u>melhorar em muitos aspectos</u>	Tipo	A1.1
5.3.4 <u>tornar quase como um hábito, uma... ser normal a partilha com outras escolas,</u>	Tipo	A1.1
5.3.5 <u>não estar fechado em si,</u>	Tipo	A1.1
5.3.6 <u>como acontece muito no nosso país, ...nas escolas, no nosso país.</u>	Tipo	A1.1
5.3.7 <u>Acontece muitas escolas fecharem-se em si, terem pouca partilha, pouca relação com a comunidade.</u>	Tipo	A1.1
5.3.8 <u>E muito menos com...com as escolas estrangeiras, com escolas que... do mesmo nível, do mesmo nível de ensino, que lhes podem ensinar muita coisa e também podem aprender connosco.</u>	Tipo	A1.1
5.3.9 <u>3 anos.</u>	Tipo	A1.1
5.3.10 <u>As etapas normalmente são a visita preparatória, onde se definem os contactos preliminares</u>	Etapas de implementação	A1.3
5.3.11 <u>que podem ser feitos em termos de sites existentes dentro...do... Sócrates... do Sócrates Leonardo, da agência nacional, inclusive</u>	Etapas de implementação	A1.3
5.3.12 <u>que podem, que podem permitir... ver que tipo de projecto nos interessa e que depois... estabelecermos o contacto com esses potenciais parceiros...</u>	Etapas de implementação	A1.3
5.3.13 <u>e então, marcar uma visita preparatória a partir da qual se estabelecem e, se tenta delinear e ver se realmente é aquilo que interessa a todos os parceiros e delinear então um projecto para ser aprovado pela...</u>	Etapas de implementação	A1.3
5.3.14: <u>Pela agência.</u>	Etapas de implementação	A1.3

<u>5.3.15 O processo.</u>		A1.3
<u>5.3.16 o processo de desenvolvimento do projecto.</u>	Etapas de implementação	A1.3
<u>5.3.17 Essencialmente humanos.</u>	Valores	A1.4
<u>5.3.18 Estes valores humanos desenvolvem-se em várias vertentes</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.1 estes projectos que lhes permitem realmente aceder a uma série de experiências.</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.2 de passar por uma série de... contactos, ...aprendizagens que normalmente não lhes seriam possíveis</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.3 motivações extra para aprender.</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.4 para a escola</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.5 para a sua vida pessoal.</u>	Valores	A1.4
<u>5.4.6 um projecto destes deve ter como objectivo de...trazer algo novo...</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.7 trazer algo novo em termos pessoais.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.8 em cada um dos participantes que... deixa uma marca, daquelas que não são fáceis de apagar com o tempo.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.9 porque são experiências vividas... e são aquelas que normalmente têm mais valor para nós...</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.10 em relação às que são, digamos, teóricas, as vividas, as experimentadas têm muito mais valor...</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.11 e essas experiências são... muito válidas em termos pessoais e em termos de futuro...</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.12 em termos de escola, também tenho um objectivo de deixar algo para a escola.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.13 Este projecto pessoalmente deixou alguma...alguma responsabilidade para as escolas.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.14 eu pessoalmente, antes de participar nestes projectos, depois de iniciar os contactos... submeto à aprovação do Conselho Pedagógico, Conselho Executivo.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.15tento conversar com eles e verificar dos objectivos e se realmente interessa.</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.16tentar dar uma abertura...que as coisas sejam desenhadas em conjunto e não pelo coordenador</u>	Objectivos	A1.5
<u>5.4.17 a vida quotidiana.</u>	Temas	A1.6
<u>5.4.18 planear um ambiente condigno...</u>	Temas	A1.6
<u>5.4.19 Os temas... normalmente são conversados.</u>	Temas	A1.6
<u>5.4.20 normalmente tenta-se que os títulos tenham alguma... algum impacto</u>	Temas	A1.6
<u>5.4.21 o título também é importante não só o conteúdo do próprio projecto.</u>	Temas	A1.6
<u>5.4.22 São as mais variadas.</u>	Actividades	A1.7
<u>5.4.23 Isso é de acordo com cada tema.</u>	Actividades	A1.7
<u>5.4.24 todas as disciplinas podem ser enquadradas.</u>	Actividades	A1.7
<u>5.5.1 Aqui fizemos com uma turma.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.5.2porque seria mais fácil de enquadrar dentro do Projecto Curricular de Turma.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.5.3seria mais fácil enquadrar do que ter de trabalhar com um grupo de alunos...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.5.4devido á própria organização da escola seria algo mais difícil de conseguir juntar os alunos e trabalhar...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.5.5uma equipa de professores que acompanharam a turma durante pelo menos os 3 anos do projecto para permitir o desenvolvimento do projecto que faz parte do Projecto Curricular da Turma.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.5.6 primeiro existem os recursos económicos que o apoio que é dado pela...Agência</u>	Recursos	A1.9
<u>5.5.7 existe também a comparticipação por parte da escola...</u>	Recursos	A1.9
<u>5.5.8 Também pela escola. A escola também comparticipa...</u>	Recursos	A1.9
<u>5.5.9 ...comparticipar com material de execução, material de trabalho no dia a dia.</u>	Recursos	A1.9

<u>5.5.10 nós no decurso deste projecto, fizemos uma pequena horta de... de ervas aromáticas e ervas de ...chá...</u>	Produtos finais	A1.8
<u>5.5.11 foi a escola que pagou o sistema de rega, o... foi a escola que tratou do protocolo com a Câmara para... para tratar o terreno...</u>	Produtos finais	A1.8
<u>5.5.12 no primeiro ano fizemos um estudo da forma de viver nos diversos países... desde os séculos mais remotos... o tipo de construção das casas...</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.13 a alimentação, a influência dos hábitos de... das... daquelas chamadas ... da comida... da alimentação moderna... da Fast food.</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.14 tratamos sobre a questão do tabaco, do fumo na adolescência...</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.15 falamos também sobre as “agua pops”, são aquelas bebidas tipo vodka com limão...</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.16 fizemos também um estudo</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.17 a relação desses países com os consumos dessas bebidas</u>	Temas	A1.6
<u>5.5.18 produzimos um calendário comum, com desenhos feitos pelos alunos nas próprias... nas escolas</u>	Produtos finais	A1.8
<u>5.5.19 fizemos um pequeno livro de receitas tradicionais que foram escolhidas de vários países para fazer uma pequena brochura... um pequeno livrinho... com receitas tradicionais de cada país...</u>	Produtos finais	A1.8
<u>5.6.1 a única divulgação que tínhamos... digamos que um pouco mais institucional era um Jornal da Escola</u>	Divulgação	A1.10
<u>5.6.2 e também os próprios alunos... porque quando os alunos conversam uns com os outros e dizem que vão viajar para o estrangeiro... talvez a melhor... a melhor publicidade começa em termos dos próprios alunos.</u>	Divulgação	A1.10
<u>5.6.3 Por observação directa</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.4 por entrevistas...</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.5 com conversa com os alunos no final... no final de cada um do projecto.</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.6 A avaliação também foi feita com o... com os alunos.</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.7 os professores participantes no projecto</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.8 o Conselho Executivo.</u>	Avaliação	A1.11
<u>5.6.9 A resistência dos professores.</u>	Etapas de implementação	A1.3
<u>5.6.10 a falta de hábitos dos alunos em desenvolverem trabalhos diferentes daquelas que está no livrinho.</u>	Etapas de implementação	A1.3
<u>5.6.11 Trazer algo de novo.</u>	A Escola	A3
<u>5.6.12 Inovação.</u>	A Escola	A3
<u>5.7.14 Foi com a Alemanha, a Polónia... a Alemanha, a Polónia e Chipre.</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.7.15 O Inglês.</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.1 Na sequência dos tais conhecimentos anteriores...</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.2 foram escolas com que eu já tinha desenvolvido projectos...</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.3 Era a escola de Chipre.</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.4 houve sempre uma escola... uma escola coordenadora...</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.5 as escolas coordenadoras como têm mais verbas...</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.6 acaba por ser quase que digamos rotativo</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.7 embora não tenha havido tantos projectos que permitisse a todos serem escola coordenadora,</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.8 digamos sem termos um historial escolar que nos permita ter estabilidade e que nos permita ter conhecimentos... e... uma participação que seja sólida também acabamos por não ter interesse em ser uma escola coordenadora, porque as despesas são muito maiores</u>	Parcerias	A1.2

<u>5.8.9este projecto, as suas... principais linhas partem de uma proposta cipriota que acabou por em conjunto acharmos ser a escola coordenadora deste projecto.</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.11Por e-mail.</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.12por telefone</u>	Parcerias	A1.2
<u>5.8.13essa escola alemã...o seu principal objectivo foi montar na escola uma central foto voltaica</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.9fizeram inquéritos ...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.10fizeram estudos ao nível dos gastos...dos gastos energéticos da escola...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.11dos gastos de água...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.12de formas de reduzir os gastos...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.13instalação de novas torneiras...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.14instalação de novos interruptores...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.15fizemos uma tentativa de saber...como é que se poderia modificar, por exemplo, o aquecimento ao nível da água do...para a Educação Física</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.16fizemos também um estudo em termos de...de temperaturas médias e de pluviosidade e humidades médias dentro da sala, fora da sala...</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.18 os grandes fogos que tivemos principalmente no Algarve e então fizemos... o percurso todo sobre esses... sobre os incêndios e sobre as alterações que esses incêndios iriam produzir seja na desflorestação seja na... nos terrenos que perdem...perdem a vegetação passam... passa a haver maior arrastamento a nível de águas, a nível de... altera a infiltração...as infiltrações... altera a desertificação dos solos</u>	Actividades	A1.7
<u>5.9.22o tema do projecto quer a alimentação, nutrição... e comida, digamos, saudável e típica, a nossa alimentação mediterrânica</u>	Temas	A1.6
<u>5.11.3 uma escola interior que estando no interior... não tem aquelas características ditas de cidade de interior...</u>	A Escola	A3
<u>5.11.4 é uma cidade pequena,</u>	A Escola	A3
<u>5.11.5 com muitas disponibilidades para os alunos com muitas outras ofertas que não só a escola,</u>	A Escola	A3
<u>5.11.6é um meio que... embora esteja inserido num meio, que até posso dizer rural, as características da cidade em si não são rurais,</u>	A Escola	A3
<u>5.11.7alunos que vêm de zonas mais de interior...</u>	A Escola	A3
<u>5.11.8 com o Conselho Executivo, que... já este ano me pediram para fazer outro projecto ...e quando isso acontece é sinal que alguma coisa positiva ficou...</u>	A Escola	A3
<u>5.11.9as pessoas dizem... pá...trouxe alguma movimentação à escola...</u>	A Escola	A3
<u>5.11.10trouxe algo positivo trouxe... algo mais válido à escola...</u>	A Escola	A3
<u>5.11.11 teve alguma validade para a escola</u>	A Escola	A3
<u>5.11.12pequenas coisas que foram feitas, ainda...ainda continuam a funcionar é sinal que alguma coisa ficou,</u>	A Escola	A3
<u>5.11.13 não... houve alguma articulação... o Projecto Educativo estava em construção</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.14 o Projecto Curricular de Turma tentou adaptar-se o mais possível e...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.15 Foi.</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.16 tentando ligar aos currículos que iam sendo leccionados...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.17 tentar ligar aos conteúdos...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.18dizer aos professores este ano vamos trabalhar mais isto...</u>	O currículo/a legislação	A2
<u>5.11.19 tentamos que houvesse ligação a... pequenos estudos</u>	O currículo/a legislação	A2

5.11.20... ao programa, ao currículo que estava a ser leccionado.	O currículo/a legislação	A2
5.12.1os projectos dos professores, no geral, são apoiados...	O Conselho Executivo	A4
5.12.2são apoiados o mais possível dentro das limitações da escola, claro está,	O Conselho Executivo	A4
5.12.3 é importante para a escola para a própria comunidade escolar e que dentro da própria comunidade escolar, sejam os professores, sejam os alunos, que participem, que ganhem alguma coisa todos esses projectos	O Conselho Executivo	A4
5.12.4 são apoiados o mais possível,	O Conselho Executivo	A4
5.12.5 quando temos visitas de professores estrangeiros, quando temos... professores nossos, alunos nossos a irem para o estrangeiro existe um determinado cuidado,	O Conselho Executivo	A4
5.12.6 quando vamos para o estrangeiro... é importante o apoio e o contacto permanente para saber se realmente... se está tudo bem...	O Conselho Executivo	A4
5.12.7porque é muita responsabilidade...	O Conselho Executivo	A4
5.12.8eu penso que passa um pouco pela escola assumir as responsabilidades...	O Conselho Executivo	A4
5.12.9as responsabilidades que tem em receber, quando é possível	O Conselho Executivo	A4
5.12.10e que tem enquanto os alunos e professores que vão numa representação ao estrangeiro...	O Conselho Executivo	A4
5.12.11Eu diria mais num... num dos membros do Conselho Executivo...	O Conselho Executivo	A4
5.12.12tem alguma importância para eles que as coisas corram bem	O Conselho Executivo	A4
5.12.13que esteja tudo de acordo... com... com o projecto...	O Conselho Executivo	A4
5.12.14que não haja... desvios orçamentais,	O Conselho Executivo	A4
5.12.15que se receba bem, que... quando vamos ao estrangeiro... tenhamos a consciência que estamos a representar não só a escola, mas o país...	O Conselho Executivo	A4
5.12.16a principal preocupação do Conselho Executivo...realmente não houvesse problemas para ninguém...	O Conselho Executivo	A4
5.12.17tiveram sempre uma função muito de... fiscalização,	O Conselho Executivo	A4
5.12.18uma fiscalização que não era imposta, mas assumida... assumida por todos como necessária.	O Conselho Executivo	A4
5.14.9Temos ali um dossier próprio...	Avaliação	A1.11
5.14.10todo o trabalho do projecto está na Secretaria	Avaliação	A1.11
5.14.11Vinha também como actividade.	Avaliação	A1.11
5.14.12 Nas reuniões do Conselho Pedagógico tudo o que se passou no projecto, fosse as visitas ao estrangeiro, os alunos que foram ao estrangeiro, tudo...tudo passou sempre pelo Conselho Pedagógico, aliás cada ano que o projecto era submetido para renovação, antes disso era submetido à aprovação do Conselho Pedagógico.	Avaliação	A1.11

Anexo F – Unidades de Registo da Dimensão B

DIMENSÃO B – Contexto Pessoal

1.1.1 “Coordenador do Departamento de Ciências Exactas”	O Próprio	B1
1.2.1 Tenho um bloco	O Próprio	B1
1.2.2 os outros anos nunca tive	O Próprio	B1
1.2.3 este ano é que tive...tivemos um bloco para trabalhar no clube	O Próprio	B1
1.2.4 melhorar as capacidades linguísticas	O Próprio	B1
1.2.5 ter a possibilidade de contactar com colegas de outras escolas	O Próprio	B1
1.2.6 ver os sistemas educativos de outros países	O Próprio	B1
1.2.7 Poderá ter modificado um bocadinho	O Próprio	B1
1.2.8 eu penso que estes projectos não devem alterar	O Próprio	B1
1.2.9 para dar aulas é preciso estar motivado	O Próprio	B1
1.2.10 eu sempre estive motivado	O Próprio	B1
1.2.11 portanto não alterou muito	O Próprio	B1
1.2.12 abriu-me	O Próprio	B1
1.2.13 tenho outra perspectiva do ensino	O Próprio	B1
1.2.14 por contacto com outras escolas	O Próprio	B1
1.2.15 vamos ver é como funcionam as outras escolas	O Próprio	B1
1.2.16 assistir a aulas	O Próprio	B1
1.2.17 inclusivamente dar aulas	O Próprio	B1
1.2.18 a pessoa ganha sempre uma certa experiência	O Próprio	B1
1.2.19 Não	O Próprio	B1
1.2.20 eu acho que sempre tive motivado	O Próprio	B1
1.2.21 sempre tive motivado	O Próprio	B1
1.2.22 sinto-me talvez mais realizado	O Próprio	B1
1.2.23 Motivação sempre tive	O Próprio	B1
1.2.24 a nível linguístico	O Próprio	B1
1.2.25 quando iniciei nos projectos, portanto, falava muito mal e hoje... , portanto, já vou sozinho para esses países	O Próprio	B1
1.2.26 não tenho problemas(...)nas competências linguísticas	O Próprio	B1
1.2.27 também a nível do convívio	O Próprio	B1
1.2.28 saber... conviver com outras pessoas	O Próprio	B1
1.2.29 conhecer os outros sistemas educativos	O Próprio	B1
1.2.30. isso para mim foi muito importante	O Próprio	B1
1.3.4 através de um colega	O Próprio	B1
1.3.5 eu depois informei-me logo	O Próprio	B1
1.3.6 tive conhecimento destes e candidatamo-nos também	O Próprio	B1
1.3.7 fui convidado	O Próprio	B1
1.3.8 nós aceitamos logo	O Próprio	B1
1.7.12 são normalmente dois que estão... há frente do projecto	Os Colegas da Escola	B2

<u>1.7.13 depois quando necessitamos de colaboração de colegas de outras disciplinas</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.7.14 temos tido muita aceitação da parte deles</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.7.15 portanto já melhorei muito a nível ling... linguístico</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.7.16 normalmente vou com uma colega que... que é de Inglês</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.1 Pois este é uma continuidade</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.2 tem sido uma continuidade</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.3 às vezes, pontualmente são... são pedidos</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.4 Existe um apoio de outros colegas</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.5 Dependendo também do tema</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.6 depende do desenvolvimento dos temas do... do projecto</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.7 Penso que de início, acho que tinham assim umas certas reservas acerca dos objectivos dos projectos</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.8 mas ultimamente tenho visto que... que todos... praticamente todos apoiam... o desenvolvimento destes projectos</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.9 umas das coisas que verifico agora é que antigamente eles quando vinham cá colegas das outras escolas, portanto até tinham problemas de falar</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.10 agora já vai havendo mais comunicação com os colegas e interesse por parte dos...dos professores daqui da escola em saber o que se está a fazer.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.11 Para já não tou a ver</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.12 mas pelo menos sei que eles dão algum valor a isso</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.13 não sei que impacto possa ter</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.14 penso que dão algum valor a isso</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>1.8.15 há volta de 25 professores</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.8.16 às vezes nestes intercâmbios por motivos financeiros só se deslocam dois</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.8.17 mas são cerca de 25 que tão envolvidos</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.1 por telefone</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.2 por e-mail</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.3 às vezes conversa-se</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.4 enviamos, portanto, os materiais</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.5 produzem lá materiais, mandam materiais</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.6 pela Net</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.7 portanto desenhos (...) mandam através(...) do correio</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.8 Através da Net</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.9 Eu penso que deve mais ou menos igual ao nosso</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.10 a maior parte deles também é a nível linguístico</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.11 comunicamos sempre em Inglês</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.12 a nível linguístico tem de certeza</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.13 a nível das... das TIC tem de certeza</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>1.9.15 temos um clube</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.16 com cerca de 15</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.17 alguns já vêm de anos anteriores</u>	Os Alunos	B4

<u>1.9.18 desde o 5º ano que eles começaram</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.19 comecei a sensibilizá-los para este tipo de projectos</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.20 esses alunos estão... vão agora para o 9º ano e têm estado sempre a trabalhar connosco.</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.21... 13</u>	Os Alunos	B4
<u>1.9.22 o 9º ano</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.1 o projecto é-lhes dado logo como uma... um trabalho já feito</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.2, eles vão é pesquisar</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.3 a primeira fase do trabalho é a pesquisa</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.4 o desenvolvimento do trabalho</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.5 o debate</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.6 a conclusão</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.7 Normalmente a parte de... de Inglês que é onde eles têm mais dificuldade para a elaboração do trabalho</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.8 com 3 alunos... a uma das reuniões intercalares</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.9 foram assistir a aulas</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.10 foram fazer a apresentação do que estávamos a fazer até ao momento.</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.11 E depois também recebemos alunos.</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.12 gostam muito da... da valorização das TIC</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.13 gostam muito de trabalhar... penso que Inglês</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.14 o aliciante de poderem conhecer um país</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.15 não teriam muitas possibilidades senão fosse através do projecto.</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.16 a nível do Inglês</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.17 estes que participaram no projecto e foram ao intercâmbio, a nível do Inglês tiveram mesmo que falar.</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.18 porque senão não se desenrascavam, aí acho que tiveram um grande impacto</u>	Os Alunos	B4
<u>1.10.19 Não.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
<u>1.10.20 não sei responder a essa pergunta</u>	O Pessoal Não Docente	B5
<u>1.10.21 mas penso que não deve ter</u>	O Pessoal Não Docente	B5
<u>1.10.22 dão valor...vêm cá pessoas das outras escolas</u>	O Pessoal Não Docente	B5
<u>2.1.2 sub-coordenadora</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.1 Não</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.2 Nem nunca tive</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.3 também nunca tinha pensado nisso...</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.4 isto aconteceu um bocado por...por acaso.</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.5 em Conselho Pedagógico, em que o Rui, que era Presidente do Executivo, encontrou... ou recebeu material sobre o Sócrates e.... levou a Pedagógico direccionou logo para mim...</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.6 que sabia que eu iria ficar no ano seguinte</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.7 eu achei interessante...</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.8 é porque eu gosto de viajar...</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.9 achei que era uma boa oportunidade de levar os miúdos lá fora.... aprenderem alguma coisa.</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.10 Não... face à profissão em si não</u>	O Próprio	B1
<u>2.2.11 se bem que... eu gosto de desenvolver estes projectos...</u>	O Próprio	B1

2.2.12 Não	O Próprio	B1
2.2.13 não consigo ver nenhuma.	O Próprio	B1
2.2.14 enquanto pessoa foi o facto de... conhecer outras... outras escolas, outras realidades educativas	O Próprio	B1
2.2.15 de ter conhecido... outros professores com os quais já trabalho... há anos	O Próprio	B1
2.2.16 acabou por haver uma relação de amizade muito... muito forte	O Próprio	B1
2.2.17 até já implica um conhecimento familiar	O Próprio	B1
2.2.18 eles virem cá passar férias...	O Próprio	B1
2.8.13 Efectivamente a tempo inteiro dois,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.14que sou eu e a pessoa que me...me acompanha. Depois dependendo... do projecto e das necessidades do projecto.	Os Colegas da Escola	B2
2.8.15dependendo das pessoas que estão na escola,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.16 temos tido sempre um grande número de... de professores novos,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.17depende também muita da boa vontade dessas pessoas,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.18 porque também há quem não tenha qualquer compreensão para este tipo de...projecto	Os Colegas da Escola	B2
2.8.19 e não queira,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.20 não tenha paciência,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.21Acompanha-me,	Os Colegas da Escola	B2
2.8.22 planifica as actividades... comigo...	Os Colegas da Escola	B2
2.8.23 acompanha-me em tudo	Os Colegas da Escola	B2
2.8.24 e normalmente faz aquilo para que eu não tenho tempo	Os Colegas da Escola	B2
2.8.25 e eu normalmente faço aquilo para que ela não tem tempo...	Os Colegas da Escola	B2
2.8.26 planifica tudo comigo em termos de intercâmbio	Os Colegas da Escola	B2
2.9.1Normalmente eu faço a candidatura	Os Colegas da Escola	B2
2.9.2depois dou-lhe e ela vê, revê e vê se faz... se faz sentido.	Os Colegas da Escola	B2
2.9.3Depois planifica comigo, organiza comigo...	Os Colegas da Escola	B2
2.9.4acompanha os miúdos comigo,	Os Colegas da Escola	B2
2.9.5durante o intercâmbio fazemos tudo em... em conjunto,	Os Colegas da Escola	B2
2.9.6houve também uma altura em que tentávamos, logo no início, que fosse sempre um homem e uma mulher a acompanhar o...o grupo,	Os Colegas da Escola	B2
2.9.7até que chegamos à conclusão que não era... não era viável porque as pessoas que vão trabalhar num projecto destes e que estão durante duas semanas fora com miúdos têm que ser pessoas que tenham... que funcionem muito bem juntas,	Os Colegas da Escola	B2
2.9.8que tenham a mesma forma de ver as coisas	Os Colegas da Escola	B2
2.9.9e de... de trabalhar...	Os Colegas da Escola	B2
2.9.10tem que haver uma forma de actuação... em que os princípios sejam os mesmos	Os Colegas da Escola	B2
2.9.11foi ela que... disse que se um dia houvesse algum tema adequado que gostaria de participar.	Os Colegas da Escola	B2
2.9.12 resultou muito ... muito bem e temos mantido	Os Colegas da Escola	B2
2.9.13 De alguns... sim,	Os Colegas da Escola	B2
2.9.14 de outros não.	Os Colegas da Escola	B2
2.9.15 eu sinto normalmente o apoio de pessoas que de si já são muito dinâmicas	Os Colegas da Escola	B2

2.9.16 que de si já trabalham em muita coisa na... na escola.	Os Colegas da Escola	B2
2.9.17 daqueles que não se envolvem tanto em actividades, não sinto, normalmente, apoio.	Os Colegas da Escola	B2
2.9.18 E depois... depende realmente das pessoas	Os Colegas da Escola	B2
2.9.19 da.. e da vontade.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.1há uns que efectivamente reagem bastante mal.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.2há alguns, até já há muitos anos, que dizem que o... o intercâmbio acaba por prejudicar os resultados académicos dos... dos alunos.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.3o Pedagógico, nesse aspecto, tem uma postura completamente...	Os Alunos	B4
2.10.4 tanto o Pedagógico como o Conselho Executivo, tem uma postura completamente diferente..,	Os Alunos	B4
2.10.5 Nós achamos que isto é uma... é uma mais valia para os nossos miúdos	Os Alunos	B4
2.10.6 acabou por aprender coisas que normalmente não... não aprenderia	Os Alunos	B4
2.10.7 Mas os... os colegas que não concordam é um bocado porque interfere com a rotina deles.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.8Eu acho que tem a ver com o... com o conhecerem	Os Colegas da Escola	B2
2.10.9e o contactarem com... com os alunos e os professores estrangeiros,	Os Colegas da Escola	B2
2.10.10acho que é um bocado por aí e a troca de... de experiências..	Os Colegas da Escola	B2
2.10.11Tem a ver com a troca de experiências.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.12É assim, a longo longo prazo... há, mas a muito longo prazo.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.13em colegas aqui que sempre tiveram uma enorme resistência	Os Colegas da Escola	B2
2.10.14 mas sempre tiveram uma enorme resistência	Os Colegas da Escola	B2
2.10.15e que já encaram com alguma tolerância.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.16é porque estamos no bom caminho.	Os Colegas da Escola	B2
2.10.17directamente também dois.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.10.18Regularmente por... e-mail.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.10.19Ocasionalmente... telefonamos	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.10.20ou enviamos alguma documentação também por fax.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.10.21mas o normal é por... por e-mail.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.1eles fazem... basicamente eles fazem o mesmo que eu e a Isabel fazemos.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.2 aquilo que nós fazemos cá para, eles fazem lá para nós, antes da... da visita.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.3 o que nós fazemos durante a visita eles fazem lá por... por nós.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.4 O que eu noto é na escola... na escola Holandesa uma maior disponibilidade dos outros professores.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.5 não só em participarem no projecto, como também em contactarem connosco.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.6 cá já... já melhorou bastante.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.7já tivemos anos em que os professores estrangeiros entravam na sala dos professores e os colegas viravam a ... as...as costas.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.8que eu não acho que fosse por má educação.	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.9 era por receio... receio de terem que comunicar numa Língua Estrangeira	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.10 não se sentiam à vontade...	Os Colegas Estrangeiros	B3
2.11.11é uma coisa que lá não noto.	Os Colegas Estrangeiros	B3

<u>2.11.12 mas também lá... todos eles têm um domínio bastante bom da Língua Inglesa,</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>2.11.13Eu acho que os impactos devem ser basicamente os impactos que nós temos...</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>2.11.14é o... o contacto com outra realidade.</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>2.11.15Normalmente...15...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.17Os alunos são escolhidos... entre todas as turmas do... 9º... 9º ano.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.18 em função dos... resultados obtidos no primeiro período.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.19E por resultados obtidos, falamos na média geral de todas as disciplinas, incluindo as... as NACS</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.20utilizamos como... como forma de desempate o... o Inglês e faltas injustificadas.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.21nós arranjamos esta porque temos sempre muitos candidatos</u>	Os Alunos	B4
<u>2.11.22e temos que... que arranjar uma forma clara e... e justa e que não ...suscite dúvidas...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.1para além disso achamos também que era uma forma de premiar o empenho dos nossos... dos nossos alunos...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.2de premiar o empenho e até de estimular.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.3que já se conseguiu fazer isso...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.4nós temos miúdos que chegam ao 9º ano e iniciam o 9º e dizem "Ai eu este ano vou trabalhar mais que é para ver se vou à Holanda".</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.5Rondam os 15...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.6poderão ter mais idade.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.7Frequentam o 9º ano.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.8nós só levamos alunos do 9º ano.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.9 Os nossos... os nossos... acompanham ...os...os colegas na elaboração do trabalho.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.10por acaso é umas das dificuldades que eu há bocado não mencionei ... é que...enquanto eles lá têm uma maior flexibilidade...que lhes permite sair da sala de aula quando precisam, criar grupos de trabalho</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.11os nossos alunos aqui estão presos... a um horário... fixo que têm de várias disciplinas</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.12nós não podemos estar a retirar os miúdos constantemente das aulas.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.13 eles fazem isso e fazem isso... quando têm tempo livre...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.14 nas horas em que têm Área de Projecto, Formação Cívica, ocasionalmente quando é o Inglês...em Educação Física, também muitas vezes</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.15trabalhar em grupo.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.16 na sala de Informática.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.17organização de eventos dentro da escola</u>	Os Alunos	B4
<u>2.12.18 as saídas.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.1 O que os leva é sem dúvida viajar ...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.2 e viajar com os colegas.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.3 Nos alunos...mais uma vez é mais um impacto que só se vê a longo...a longo prazo...</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.4 o que eu vejo em muitos é vontade de viajar que era uma vontade que não tinham anteriormente.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.5 Depois em alguns verifiquei também que descobriram que afinal falar em Inglês... não é assim tão difícil.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.6 E... também uma maior abertura para depois mais tarde participar em outros projectos</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.7conheço um inclusive, que... no 12º ano veio-me pedir qualquer coisa para passar um ano</u>	Os Alunos	B4

<u>no... no estrangeiro foi pelo Intercultura</u>		
<u>2.13.8hoje em dia está a estudar no... no Porto e trabalha para a Intercultura.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.9É ele que recebe colegas... colegas estrangeiros, faz o acompanhamento deles.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.10Conheço outros miúdos que depois participaram em Erasmus, também na Universidade.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.11Conheço outros em que passaram a fazer viagens com o Padre.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.12juntaram-se ao grupo de jovens e passaram a fazer viagens para... para o exterior.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.13outros que... começaram a melhorar as notas nas Línguas Estrangeiras.</u>	Os Alunos	B4
<u>2.13.14Directo não...</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.15se bem que tenho a dizer que o pessoal não docente sempre que é solicitado tem participado.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.16É mais no encaminhamento dos miúdos estrangeiros quando eles andam... andam por aí.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.17têm toda a paciência e tolerância, quando por exemplo eles quebram uma regra da escola sem conhecerem a regra.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.18têm normalmente tendência a... a desculpar</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.19depois a falar comigo ou a com a Isabel</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.20 Acho que eles nesse aspecto em termos de atitudes têm trabalhado muito bem e mesmo sem falar Inglês.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.21tentam ajudá-los no Bar.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.22 aí pela escola quando eles estão a desenvolver actividades.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>2.13.23 o perderem receio de perder o medo de comunicar com alguém que não entenda a língua deles.</u>	"O Pessoal Não Docente"	B5
<u>3.1.1sou coordenador do Centro de Novas Oportunidades, embora ainda não oficialmente...</u>	O Próprio	B1
<u>3.1.2Não.</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.1Aqui há uns anos... já largos fui convidado a participar num encontro em Lisboa, onde foi divulgado este tipo de projectos que eu desconhecia</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.2entrei em contacto imediato com... com um grupo de professores que eram oriundos da ... Grã-Bretanha... eram Irlandeses... Escoceses... e logo aí... formamos uma parceria.</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.3Directamente acho que não...</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.4 não alterei muita coisa</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.5o facto de ter de trabalhar em Área de Projecto com a turma, com uma das turmas... portanto, por isso daí houve alterações</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.6 até aí não trabalhava muito em Área de Projecto.</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.7 Sim.</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.8 no processo de ensino-aprendizagem propriamente não há assim grandes impactos,</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.9 mas comecei-me a interessar sobretudo por diferentes processos de administração e gestão escolar...</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.10 pelos diversos sistemas educativos, aí houve muito mais impacto.</u>	O Próprio	B1
<u>3.2.11Aí comecei a ver a escola de outra maneira... mais por cima a sair fora da sala de aula</u>	O Próprio	B1
<u>3.3.3tenho normalmente a companhia do professor João Gomes, que é hoje o... portanto... o presidente do Conselho Executivo</u>	Os Colegas da Escola	B6
<u>3.7.11sobretudo dizer é verdade que quando eu me meti nisto era uma possibilidade de viajar</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.12hoje as coisas já não são tanto assim... nós... nós verificamos que afinal temos muito pouco tempo para ver seja aquilo o que for</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.13Mas de qualquer forma eu acho isto... espectacular... estes projectos,</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.14porque estou em contacto com outras pessoas que trabalham de forma diferentes</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.15outras trabalham como eu trabalho</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.16sempre... criamos laços de amizade, criamos laços profissionais até bem fortes,</u>	O Próprio	B1
<u>3.7.17como às vezes não criamos aqui... e isso é de facto muito importante.</u>	O Próprio	B1
<u>3.8.8participar activamente muito poucos, neste momento são duas pessoas,</u>	Os Colegas da Escola	B2

<u>3.8.9É a disponibilidade.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.10 Não.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.11Eu acho que eles são muito cépticos</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.12eu não te vou dizer todos.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.13mas a sensação que eu tenho é que existe muito cepticismo.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.14o maior impacto é como eu costumam dizer é abrir os olhos.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.15 tudo depende... há impacto...</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.16 há impacto essencialmente quando existe algum acontecimento, algum evento que de alguma forma os envolva...</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.8.17 no encerramento do nosso antigo projecto de desenvolvimento escolar, nós tivemos um jantar aqui num hotel...</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.9.1isto envolvia toda a comunidade escolar, com o corpo docente</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.9.2 eu tentei escolher pessoas...as chamadas "opinion makers" e algumas cépticas para ali estarem</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.9.3para além de ter sido agradável penso que de alguma forma divulguei... positivamente os projectos que pretendo desenvolver aqui na escola.</u>	Os Colegas da Escola	B2
<u>3.9.12 E-mail e telefone</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.9.13E-mail é quase... é quase semanal</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.9.14telefone há coisas que têm que ser por telefone</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.10.1ao nível da escola Finlandesa mexe muito...</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.10.2de facto eles estão interessados em saber como os jovens saem dali... os formandos saem dali e vão para o mercado do trabalho... eles querem exactamente saber portanto... se o que estão a fazer estão a fazer bem... se é aquilo que os clientes querem ou não.</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.10.3por exemplo os impactos são diferentes...</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.10.4existem sempre impactos ao nível ...da gestão</u>	Os Colegas Estrangeiros	B3
<u>3.10.6São 25.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.10.7 normalmente trabalho com alunos de 15 anos, de décimo ano.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.10.8 iniciamos um projecto... iniciamos com o décimo ano, porque... décimos segundos por definição é um ano onde que é difícil de trabalhar ou era... por causa dos exames</u>	Os Alunos	B4
<u>3.10.9 era assim eu estava na Direcção e tinha... normalmente trabalhava com uma turma... tinha uma turma... e então essa turma era a que escolhia.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.10.10 Depende...</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.1Já tive um projecto em que... foi o anterior... tínhamos um dia onde nos encontrávamos e aí não trabalhava com uma turma tinha alunos oriundos de várias turmas, porque era o tal projecto inclusivo.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.6Desenvolvem trabalho de projecto.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.7se saem vão com trabalho de certeza</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.8É ir ao estrangeiro.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.9 agora já estão todos muito habituados, as coisas já estão quase rotineiras...</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.10Os impactos são enormes...</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.11o desenvolvimento da língua estrangeira</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.12a criação de laços é espectacular</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.13como os miúdos interagem... os adolescentes, é melhor, ... entre si.</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.14é o alargar de horizontes...</u>	Os Alunos	B4
<u>3.11.15eles vêm de lá... vêm de outra maneira eles crescem... de uma maneira...</u>	Os Alunos	B4

3.11.16 É difícil...	"O Pessoal Não Docente"	B5
3.11.17 no próprio orçamento existe uma clausula para incluir pessoal auxiliar... eu nunca os meti...	"O Pessoal Não Docente"	B5
3.11.18Ai existe certamente...	"O Pessoal Não Docente"	B5
3.11.19 quem está ao telefone...tem que se desenrascar de alguma forma...dou-lhes ali o básico do Inglês a atender alguém.	"O Pessoal Não Docente"	B5
3.11.20como temos aqui reunides de projecto...são preparados	"O Pessoal Não Docente"	B5
3.11.21isso é capaz de ter algum impacto digamos na... na sua profissional idade.	"O Pessoal Não Docente"	B5
4.1.1 orientadora educativa de duas turmasque é o equivalente a director de turma.	O Próprio	B1
4.1.2coordenadora de curso.	O Próprio	B1
4.1.3também trabalho noutros projectos.	O Próprio	B1
4.2.1 Isso aqui na escola nunca funcionou assim aqui dentro.	O Próprio	B1
4.2.2 nós aqui gerimos um pouco o nosso tempo não seguindo um horário.	O Próprio	B1
4.2.4Quando eu vim para esta escola já existia portanto, uma tradição.	O Próprio	B1
4.2.5depois na altura, convidaram-me para viajar... com uma turma	O Próprio	B1
4.2.6Eu fui apenas como professora acompanhante.	O Próprio	B1
4.2.7 estou a falar do primeiro em que eu participei que foi em 99.	O Próprio	B1
4.2.8recebemos os alunos aqui eu depois envolvi-me mais um bocadinho.	O Próprio	B1
4.2.9 com os alunos com quem tinha viajado fizemos um programa das visitas.	O Próprio	B1
4.2.10também fiz algum acompanhamento aos colegas que vinham da outra escola.	O Próprio	B1
4.2.11 começou um pouco por aí.	O Próprio	B1
4.2.12 o nosso director, que por uma questão de tempo e de disponibilidade, me passou a pasta.	O Próprio	B1
4.2.13 então pediu-me que ficasse com a coordenação dos projectos e com toda a responsabilidade que isso implica.	O Próprio	B1
4.2.17 a partir daí é que as coisas passaram para... para o meu lado.	O Próprio	B1
4.2.18eu... como qualquer pessoa que gosta de viajar sinto uma certa curiosidade em ver como é que as coisas funcionam num país diferente.	O Próprio	B1
4.2.19 como é que os nossos colegas fazem.	O Próprio	B1
4.2.20como é que as coisas se processam.	O Próprio	B1
4.2.21que eu veja que isso me motive muito mais, se calhar até não.	O Próprio	B1
4.2.22porque acabamos sempre por ter algum trabalho extra que de alguma forma não nos é pago, digamos assim.	O Próprio	B1
4.2.23Mas em relação aos alunos vejo que sim	Os Alunos	B4
4.2.24 porque quando eles sabem que existe.	Os Alunos	B4
4.2.25 eu faço depois com eles e lhes digo "vamos ter um projecto de intercâmbio com outra escola, com outro país".	Os Alunos	B4
4.2.26para eles é tudo novo.	Os Alunos	B4
4.2.27 Para muitos deles é a primeira vez que vão viajar de avião.	Os Alunos	B4
4.2.28é a primeira vez que saem do país.	Os Alunos	B4
4.2.29 é a primeira vez que contactam directamente com... jovens da idade deles, mas de outro país	Os Alunos	B4
4.3.2para eles vejo que sim	Os Alunos	B4
4.3.3Vejo que há uma outra motivação... em relação aquilo que depois fazem nesse ano.	Os Alunos	B4
4.3.4porque se empenham.	Os Alunos	B4
4.3.5viu-se que realmente quando ficaram a saber que só iam aqueles que tinham realmente boas notas ainda ficaram mais motivados.	Os Alunos	B4
4.3.6Talvez quando trabalhamos sobre o projecto em si.	O Próprio	B1

4.3.7já elaboramos muitos trabalhos de grupo,	O Próprio	B1
4.3.8 já visionamos muitos filmes,	O Próprio	B1
4.3.9 já fazemos muitas coisas desse género,	O Próprio	B1
4.3.10portanto não traz nada de novo nesse sentido.	O Próprio	B1
4.3.11O que traz de novo é realmente a experiência enriquecedora,	O Próprio	B1
4.3.12que é o facto de eles irem verificar outra realidade...	O Próprio	B1
4.3.14de eles ficarem muito... muito surpreendidos com o facto dos colegas entrarem às oito da manhã,	O Próprio	B1
4.3.15depois também... enfim... permanecemos muito tempo na escola, trabalhávamos na sala de Informática deles e eles conheceram, portanto, toda a estrutura	O Próprio	B1
4.3.16e o modo de funcionamento	O Próprio	B1
4.3.17 a troca de experiências eu acho que é muito enriquecedora para eles.	O Próprio	B1
4.3.18Eu acho que é ver o que é que os nossos colegas fazem,	O Próprio	B1
4.3.19para já a estrutura do próprio ensino é completamente diferente,	O Próprio	B1
4.3.20... portanto os níveis podem ser equivalentes, mas depois a forma de funcionamento é muito diferente, e isso é bom,	O Próprio	B1
4.3.21porque conseguimos tirar algumas ideias	O Próprio	B1
4.3.22ai deu-me também para perceber como é que... como é que funciona o sistema,	O Próprio	B1
4.3.23 E isso é sempre positivo, porque acabamos por conhecer, como estava a dizer há pouco, outras realidades,	O Próprio	B1
4.3.24Agora até que ponto é que essas realidades são... aplicáveis no ... no nosso contexto isso aí já é mais relativo,	O Próprio	B1
4.3.25 porque estamos a falar de estruturas que estão montadas há imensos anos tal como as nossas	O Próprio	B1
4.3.26 que podemos realmente com certos pormenores... melhorar e introduzir mudanças,	O Próprio	B1
4.5.19há também essa vertente que para os próprios alunos também acaba por ser muito bom, porque acabam por conhecer os familiares dos colegas...	Os Alunos	B4
4.5.20que não falam Inglês ou falam pouquinho,	Os Alunos	B4
4.5.21 acabam por experimentar um bocadinho daquelas comidas que para eles é tudo novidade	Os Alunos	B4
4.8.13 Têm entre 16 e 20, 21.	Os Alunos	B4
4.9.16 Normalmente envolve 4, 5 professores.	Os Colegas da Escola	B2
4.9.17 temos a professora de Inglês, a Elsa, que normalmente colabora depois com as traduções...	Os Colegas da Escola	B2
4.9.18 ou então se houver alguma dúvida às vezes num e-mail de um aluno qualquer coisa, ela ajuda;	Os Colegas da Escola	B2
4.9.19 depois há a professora de Português para o trabalho em Português, que também dá a sua contribuição	Os Colegas da Escola	B2
4.9.20 depende da natureza do trabalho.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.1 Por um lado têm que ter disponibilidade,	Os Colegas da Escola	B2
4.10.2 nós aqui não temos um corpo docente a tempo inteiro,	Os Colegas da Escola	B2
4.10.3 somos uma escola pequenina,	Os Colegas da Escola	B2
4.10.4 não temos horários completos ou não temos horários muito completos,	Os Colegas da Escola	B2
4.10.5 também não podemos estar a exigir às pessoas, porque aqui as pessoas, recebem à hora,	Os Colegas da Escola	B2

4.10.6 as pessoas normalmente que dão aqui aulas têm outras actividades	Os Colegas da Escola	B2
4.10.7 são advogados, são pessoas ou professores que estão em regime de acumulação ou então são pessoas que têm outras actividades.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.8 E depois é um pouco nessa base ” estás disponível para... olha isto implica assim, assim, assim”.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.9 tem um pouco também a ver com isso com a boa vontade das pessoas	Os Colegas da Escola	B2
4.10.10 também em querer participar	Os Colegas da Escola	B2
4.10.11 Porque ninguém lhes paga nada.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.12 Depende...	Os Colegas da Escola	B2
4.10.13 há professores que depois se disponibilizam	Os Colegas da Escola	B2
4.10.14 dizem eu não posso ir, não posso sair daqui uma semana e ir com vocês onde quer que seja, mas quando vierem, portanto, eu disponibilizo um dia para vos acompanhar nalguma actividade, isso sim.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.15 somos uma escolinha tão pequena que acaba por... toda a gente acaba por saber o que se passa.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.16 quando há um projecto toda a gente tem conhecimento desse projecto.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.17 as pessoas não envolvidas normalmente são pessoas, que estão cá quase de passagem.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.18 Não tenho nenhuma ideia sobre isso.	Os Colegas da Escola	B2
4.10.19 4, 5 é mais ou menos o mesmo número que... nós.	Os Colegas Estrangeiros	B3
4.11.1 Acho que não...	Os Colegas Estrangeiros	B3
4.11.2 eu sei que por exemplo os colegas austríacos adoram vir para cá e adoram fazer projectos connosco, e adoram vir cá, por eles viriam cá todos os anos.	Os Colegas Estrangeiros	B3
4.11.3 eu acho que eles gostam mesmo muito de... pelos... aqui do nosso cantinho... o resto do país.	Os Colegas Estrangeiros	B3
4.11.4 mas eles gostam muito de vir para cá.	Os Colegas Estrangeiros	B3
4.11.5 elaboraram os inquéritos.	Os Alunos	B4
4.11.6 tiveram que sair daqui da escola e ir a Silves, também aplicar inquéritos.	Os Alunos	B4
4.11.7 Normalmente são visitas ligadas ao tema...	Os Alunos	B4
4.11.8 também foi lá aplicado um inquérito	Os Alunos	B4
4.11.9 Eu acho que eles perceberam que apesar de falarmos línguas diferentes de ... de... de haver uma cultura toda diferente... fazemos parte de um espaço comum e sentimos as mesmas consequências... e as mesmas consequências quer positivas quer negativas em relação aquilo que se passa.	Os Alunos	B4
4.11.10 já houve.	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.1 Portanto na última viagem foi uma pessoa da Secretaria.	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.2 porque costuma tratar de todas as partes burocráticas do processo e portanto... e também conhece os alunos etc...	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.3 viajou com eles.	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.4 um funcionário que nos... acompanha para todo o lado.	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.5 fazem faltas várias carrinhas, não é... para deslocação e então o funcionário acompanha-nos.	“O Pessoal Não Docente”	B5
4.12.6 Eu acho que são bons, são positivos.	“O Pessoal Não Docente”	B5
5.1.1 Coordenador de Departamento...	O Próprio	B1
5.1.2 Quando tive os projectos do Sócrates tive 2 horas.	O Próprio	B1

5.1.3 <u>Essencialmente alargar horizontes,</u>	O Próprio	B1
5.1.4 <u>novas formas de ... trabalhar</u>	O Próprio	B1
5.1.5 <u>conhecer outras realidades</u>	O Próprio	B1
5.1.6 <u>e não só.</u>	O Próprio	B1
5.2.1 <u>quando falamos, em alargar horizontes é ...</u>	O Próprio	B1
5.2.2 <u>significa que estamos a tentar algo mais dentro da nossa profissão...</u>	O Próprio	B1
5.2.3 <u>se isso é motivação, se é melhorar... tentar melhorar a nossa prestação,</u>	O Próprio	B1
5.2.4 <u>a nossa forma de trabalhar...</u>	O Próprio	B1
5.2.5 <u>se pudermos entender como motivação...</u>	O Próprio	B1
5.2.6 <u>Não... propriamente.</u>	O Próprio	B1
5.2.7 <u>foi um maior conhecimento a nível de... a nível pessoal,</u>	O Próprio	B1
5.2.8 <u>a nível humano,</u>	O Próprio	B1
5.2.9 <u>a nível da partilha,</u>	O Próprio	B1
5.2.10 <u>a nível da colaboração,</u>	O Próprio	B1
5.2.11 <u>a nível de saber muito mais</u>	O Próprio	B1
5.2.12 <u>conhecer outras realidades totalmente diferentes da nossa</u>	O Próprio	B1
5.2.13 <u>que... nos permitem verificar que nem... nem estamos muito bem, nem estamos muito mal,</u>	O Próprio	B1
5.2.14 <u>simplesmente, cada realidade é diferente da outra...</u>	O Próprio	B1
5.2.15 <u>que se adapta a... cada sítio e a cada lugar.</u>	O Próprio	B1
5.2.20 <u>Tive contacto em 97 porque participei numa acção,</u>	O Próprio	B1
5.2.21 <u>num curso a nível do Comenius</u>	O Próprio	B1
5.2.22 <u>os conhecimentos... que foram feitos a partir desse curso serviram como base para trabalhos futuros,</u>	O Próprio	B1
5.2.23 <u>para projectos futuros que foram sendo desenvolvidos, tanto nesta escola, como noutras escolas</u>	O Próprio	B1
5.2.24 <u>Foi através dessa reunião, desse contacto...</u>	O Próprio	B1
5.2.25 <u>Este projecto foi na sequência de outros já desenvolvidos com os mesmos parceiros</u>	O Próprio	B1
5.6.13 <u>directamente trabalharam 4...5 professores.</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.14 <u>Foram os professores que trabalharam mais com a turma mais dentro do projecto,</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.15 <u>indirectamente trabalharam todos os professores que passaram pelo Conselho de Turma...</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.16 <u>Além disso houve mais alguns professores que colaboram, em termos de escola, com as suas valências,</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.17 <u>com aquilo que tinham para dar que os professores que estavam no projecto solicitaram,</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.18 <u>Não.</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.19 <u>Conversa-se com um, conversa-se com outro...</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.6.20 <u>Sim.</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.7.1 <u>Alguns com indiferença.</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.7.2 <u>Outros com...outros talvez com vontade de participar.</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.7.3 <u>O problema é que nós estamos cada vez pressionados... com os currículos...</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.7.4 <u>estamos cada vez mais pressionados em cumprirmos os programas escolares...</u>	Os Colegas da Escola	B2
5.7.5 <u>isso é extremamente limitativo</u>	Os Colegas da Escola	B2

5.7.6 normalmente os professores começam a sentir que estão pressionados por cumprir determinado programa porque os alunos vão ser sujeitos a exame.	Os Colegas da Escola	B2
5.7.7 Isso é limitativo ...	Os Colegas da Escola	B2
5.7.8 e é mesmo restritivo para o bom trabalho do projecto.	Os Colegas da Escola	B2
5.7.9 Eu acho que houve alguns que poderiam ter...	Os Colegas da Escola	B2
5.7.10 modificado um pouco mais a sua maneira de estar...perante determinadas situações...	Os Colegas da Escola	B2
5.7.11 em alguns sei que aconteceu...	Os Colegas da Escola	B2
5.7.12 outros nem por isso	Os Colegas da Escola	B2
5.7.13 e ainda outros que tentaram que o projecto funcionasse de acordo com eles e não eles de acordo com o projecto..	Os Colegas da Escola	B2
5.8.10 Existem coisas que são muito boas nestes projectos que é a amizade que se forma.	O Próprio	B1
5.9.1 Verificar que a opinião... a opinião que normalmente passa de nós no estrangeiro nem sempre é aquela...nem sempre é aquela que as pessoas ficam depois de trabalharem connosco.	Os Colegas Estrangeiros	B3
5.9.2 acabam por compreender um pouco em termos das zonas limítrofes da Europa, determinadas zonas da Europa as coisas não se desenvolveram tanto,	Os Colegas Estrangeiros	B3
5.9.3 digamos se revelar, em termos de construção... das Escolas que ainda estão a crescer, que ainda estão a ganhar uma identidade, porque a nossa Democracia ainda é muito jovem.	Os Colegas Estrangeiros	B3
5.9.4 Por volta dos 30 alunos.	Os Alunos	B4
5.9.5 entre os 12 e 15 .	Os Alunos	B4
5.9.6 Normalmente, 3º ciclo.	Os Alunos	B4
5.9.7 entre todos os professores que participaram no projecto... um dos professores sugeriu que fosse este grupo de alunos	Os Alunos	B4
5.9.8 pelo conhecimento que tinha deles e que achou que seria aquele que poderia ...produzir um trabalho mais válido.	Os Alunos	B4
5.9.17 normalmente a apresentação de um trabalho que é desenvolvido aqui ...	Os Alunos	B4
5.9.19 Eles apresentavam os trabalhos nas escolas onde eram as visitas	Os Alunos	B4
5.9.20 também faziam actividades práticas.	Os Alunos	B4
5.9.21 apresentamos algumas das receitas que eles cozinharam...cozinharam no estrangeiro...	Os Alunos	B4
5.10.1 os alunos demonstram muita falta de confiança neles próprios...essa falta de confiança manifesta-se quando eles têm que viajar para o estrangeiro.	Os Alunos	B4
5.10.2 Alguns estão perfeitamente disponíveis para trabalhar na escola,	Os Alunos	B4
5.10.3 têm óptima confiança em si	Os Alunos	B4
5.10.4 as suas... capacidades a nível do...da expressão do Inglês são limitadas	Os Alunos	B4
5.10.5 então têm algum receio em viajar... por... também por irem ficar em casas de pessoas, de colegas que inibem, ...	Os Alunos	B4
5.10.9 eu aqui não senti que o impacto,	Os Alunos	B4
5.10.10 embora haja alguns alunos tenham mantido contacto com alguns colegas,	Os Alunos	B4
5.10.11 alguns alunos realmente tiraram muito deste projecto.	Os Alunos	B4
5.10.12 este projecto simplesmente deixou memórias	Os Alunos	B4
5.10.13 deixou ... se calhar algumas valências.	Os Alunos	B4
5.10.14 Se calhar alguma outra confiança para chegar à Escola Secundária,	Os Alunos	B4

5.10.15 <u>eu sei que destes alunos, muitos deles, a maior parte deles quando chegaram à Escola Secundária, participaram noutros projectos da Escola Secundária. ...</u>	Os Alunos	B4
5.10.16 <u>o melhor que ficou, com que eles... foi a capacidade e a confiança de poderem participar e confiarem mais nas suas capacidades</u>	Os Alunos	B4
5.10.17 <u>poderem participar.</u>	Os Alunos	B4
5.10.18 <u>Pouco.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.19 <u>Colaboração que nós pedíamos.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.20 <u>Colaborações pontuais...</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.21 <u>grupo de funcionários já seja de uma idade muito mais avançada</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.22 <u>mais limitada a capacidade de participar.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.23 <u>Embora nunca se recusaram em fazer coisas pontuais,</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.24 <u>fosse a nível da gestão... da gestão, de ajudar os alunos quando eles foram... estiveram na nossa escola em visita,</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.25 <u>para preparar a recepção na sala dos professores aos professores,</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.26 <u>para acompanhar os alunos às salas de aulas... das aulas que eles iriam assistir.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.27 <u>A cantina... para... para contar com alunos diferentes...</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.28 <u>haver alguma... algum... alguma sensibilidade... mais sensibilidade para alunos diferentes e de outras escolas.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.29 <u>Despertar para outras realidades.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.10.30 <u>Foram pequenos alertas que foram feitos e pequenos pedidos de colaboração.</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.11.1 <u>O impacto que o projecto teve neles... acho que talvez... é... é residual...</u>	O Pessoal Não Docente	B5
5.11.2 <u>Pontual.</u>	O Pessoal Não Docente	B5

Anexo G – Unidades de Registo da Dimensão C

Dimensão C – Contexto “Extra-escolar”

<u>1.12.5 Apenas só dos Encarregados de Educação</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.6 Através dos próprios filhos</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.7 dos alunos aqui da escola</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.8 depois se alguém consultar a Net</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.9 através da página da escola</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.10 Pelo menos existem naqueles cujos filhos têm ou frequentam o clube ou participam nas actividades, portanto, do clube.</u>	Comunidade Envolvente	C1
<u>1.12.11 Penso que através dos filhos, que chegam a casa e dizem</u>	A Família	C2
<u>1.12.12 também nas turmas</u>	A Família	C2
<u>1.12.13 os directores de turma também dizem aos encarregados de educação que esses os clubes existem</u>	A Família	C2
<u>1.12.14 naquelas reuniões do início do ano penso que também têm conhecimento</u>	A Família	C2
<u>1.12.15 Pelo menos da parte destes alunos foi muito boa</u>	A Família	C2
<u>1.12.16 a recepção aos alunos italianos que nós tivemos foi excepcional</u>	A Família	C2
<u>1.12.17 levavam-nos à praia</u>	A Família	C2
<u>1.13.1 ajudavam muito nos transportes</u>	A Família	C2
<u>1.13.2foi impecável</u>	A Família	C2
<u>1.13.3 Talvez o próprio convívio com outras culturas</u>	A Família	C2
<u>1.13.4a melhoria também das competências linguísticas</u>	A Família	C2
<u>1.13.5 alguns aproveitam para se iniciar no... no Inglês</u>	A Família	C2
<u>2.15.15sempre contamos com o apoio da Casa do... da Casa do Povo,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.16que nos recebe os... os professores e já tivemos a necessidade também de ter lá alguns alunos,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.17 é óbvio que se paga um preço por isso, mas que põem as instalações à... à disposição deles,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.18 inclusive as instalações desportivas,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.19 a comunidade</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.20 pelo menos eu vejo pequenos pormenores, que eles vêem os lourinhos e já sabem “ai...são os Holandeses ali da... ali da escola”</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.21 acho que até os tratam com algum... algum carinho,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.15.22 ou quando vêem... eu sei que se houver algum problema com...</u>	A Comunidade Envolvente	C1

<u>com um aluno Holandês e que alguém daqui veja... num instante uma de nós há-de saber.</u>		
<u>2.15.23 eles têm esse cuidado.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.16.1Numa comunidade tão pequena...e ao fim de tantos anos já nem sequer há necessidade de... de divulgação.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.16.2 A divulgação foi feita com a presença deles cá.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.16.3 não sei se será talvez ao nível de aceitação de... de miúdos que acabam por fazer parte da comunidade durante aquele tempo.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>2.16.4 dos alunos que participam são normalmente convocados à... à escola</u>	A Família	C2
<u>2.16.5 aqueles que vão ser os Encarregados de Educação dos alunos participantes normalmente já estão a contar com isso.</u>	A Família	C2
<u>2.16.6 Têm porque é um conhecimento que fazem um bocado boca a boca.</u>	A Família	C2
<u>2.16.7 Hoje em dia é excelente.</u>	A Família	C2
<u>2.16.8 Foi muito difícil no... no início em vários aspectos.</u>	A Família	C2
<u>2.16.9 O primeiro era o... permitirem... portanto...um bocado o receio de deixar... os filhos durante tanto tempo... fora de casa num país estrangeiro, com apenas dois professores.</u>	A Família	C2
<u>2.16.10 Havia também muitos problemas em relação ao alojamento.</u>	A Família	C2
<u>2.16.11 as pessoas tinham receio de... de receber um aluno estrangeiro em casa.</u>	A Família	C2
<u>2.16.12 Os problemas eram em termos de dormida</u>	A Família	C2
<u>2.16.13 ou por acharem que não tinham condições.</u>	A Família	C2
<u>2.16.14 Por não falarem a língua, por não...não saberem o que é que os miúdos comem, e pensarem que se calhar depois tinham que alterar a ementa semanal toda.</u>	A Família	C2
<u>2.16.15 Hoje em dia esses problemas já não se... já não se colocam.</u>	A Família	C2
<u>2.16.16 todos eles dizem que recebem e até quando eu pergunto e quantos, dizem"ai...1,2,3".</u>	A Família	C2
<u>2.17.1ocasionalmente participam em... em actividades.</u>	A Família	C2
<u>2.17.2nós tentamos arranjar sempre alguma actividade em que possam participar, por exemplo um piquenique</u>	A Família	C2
<u>2.17.3uma actividade aqui na... aqui na escola em que eles possam também conviver todos entre... entre eles</u>	A Família	C2
<u>2.17.4 e tem resultado muito bem.</u>	A Família	C2
<u>2.17.5 É que as pessoas já não acham estranho receber um estrangeiro...em casa.</u>	A Família	C2
<u>3.5.25houve outros projectos em que tivemos de nos recorrer de...por da Junta de Freguesia que nos deu alguma ajuda financeira</u>	A Comunidade Envolvente	C1

<u>3.7.3 Socorro-me de Câmaras Municipais</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.7.4 alguns conhecimentos</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.7.5 Zoomarine</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.3 Existe de... de algumas empresas,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.4 tou a lembrar-me do Hotel Almansor, da Câmara Municipal de Lagoa, tou a lembrar-me do “Boca de Lagoa” ...os Amorim</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.5 eu já tenho escrito para alguns jornais... publicitando o tipo de trabalho que se desenvolve aqui em termos das parcerias,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.6 sei lá... eu acho que sim...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.7 tou a ver as empresas que nos facilitam de alguma forma a vida e nos proporcionam algumas benesses...porque existe evidentemente publicidade...</u>	A Comunidade Envolvente	1
<u>3.13.8 nós quando vamos lá... nós também nos comprometemos a fazer isso...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.9 e vê-se também nos jornais...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.10 Isso é publicidade... são... são coisas que se fazem... de alguma forma dão alguma projecção.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>3.13.11 os encarregados de educação dos alunos que vão esses têm obviamente... conhecimentos dos projectos, são cá chamados, eu faço reuniões com eles,</u>	A Família	C2
<u>3.13.12 preparo-os, informando acerca do conteúdo do projecto, da importância do projecto, que provavelmente alguns deles vão receber gente em casa, portanto esse pedido é feito...</u>	A Família	C2
<u>3.14.1 Ai isso é muito dispar.</u>	A Família	C2
<u>3.14.2 Há uns que sim que... abraçam isto e que apoiam,</u>	A Família	C2
<u>3.14.3 há outros que nem pensar... era o que faltava...</u>	A Família	C2
<u>3.14.4 normalmente com algumas raparigas as coisas não são assim tão fáceis como tudo isso</u>	A Família	C2
<u>3.14.5 Depois há outros que têm dificuldades obviamente, por exemplo não têm condições para receber ninguém, embora eu tente de alguma forma colmatar essas falhas...</u>	A Família	C2
<u>3.14.6 É curioso... eu por acaso nunca... nunca... nunca me preocupei muito em saber isso.</u>	A Família	C2
<u>3.14.7 mas as... as impressões que eu tenho é que as famílias de uma maneira geral se empenham bastante em receber...</u>	A Família	C2

<u>3.14.8evidente que depois existem dificuldades da língua.</u>	A Família	C2
<u>4.13.6 Não.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.7Depende...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.8depende às vezes lá está da natureza,</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.9 porque por vezes é necessário... a fazer visitas e contactar pessoas aqui... aqui próximo que ficam a ter conhecimento</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.10 outras possivelmente não terão...a não ser através do jornal da escola.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.11 Também nunca... nunca me apercebi.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>4.13.12 Através dos alunos</u>	A Família	C2
<u>4.13.13 através da reunião em que lhes é explicado, portanto os objectivos, o que é que vamos fazer, como é que vamos fazer.</u>	A Família	C2
<u>4.13.14 eu acho que é bastante boa.</u>	A Família	C2
<u>4.14.1 por um lado tomam conhecimento que os filhos vão viajar</u>	A Família	C2
<u>4.14.2 depois no sentido de acolherem os outros... os outros colegas durante o fim de semana e lhes mostrarem... querem mostrar-lhes também tudo, porque entretanto também ficaram a saber que os filhos foram muito bem recebidos e então também querem mostrar...</u>	A Família	C2
<u>4.14.3 já tem acontecido eles fazerem uma festa de despedida em que convidam toda a gente para participar...</u>	A Família	C2
<u>4.14.4toda a gente os pais, familiares, amigos.</u>	A Família	C2
<u>4.14.5Por um lado é assim, eles inicialmente ficam muito apreensivos por causa da questão da língua, mas depois de... desses primeiros contactos essa parte dissipa-se um bocadinho,</u>	A Família	C2
<u>4.14.6 e nem que seja por gestos acabam por conseguir comunicar.</u>	A Família	C2
<u>4.14.7O impacto... eu... a esse nível parece-me sempre positivo</u>	A Família	C2
<u>5.10.6os pais também não, não têm grande confiança em deixar os filhos viajar porque estão permanentemente preocupados se lhes acontece alguma coisa.</u>	A Família	C2
<u>5.10.7 não é fácil.</u>	A Família	C2
<u>5.10.8 Nós inclusivamente tivemos alguns pais que viajaram connosco.</u>	A Família	C2
<u>5.12.19Eu normalmente tenho por hábito quando inicio um projecto deste tipo ... não serem só os alunos ...a... terem conhecimento dele, mas também as famílias e os pais.</u>	A Família	C2
<u>5.12.20tenho por hábito fazer uma reunião com os pais no inicio do ano</u>	A Família	C2
<u>5.12.21 dizer-lhes...o que os vossos filhos vão trabalhar na... escola está de acordo com o programa deles, não vai influenciar em nada.... as aprendizagens deles.</u>	A Família	C2

<u>5.12.22</u> Não se pretende que influencie em nada as aprendizagens deles...	A Família	C2
<u>5.12.23</u> aliás pretende-se que influencie pela positiva,	A Família	C2
<u>5.12.24</u> não vai ser prejudicial às aprendizagens que eles teriam normalmente...	A Família	C2
<u>5.12.25</u> e também fazê-los assumir a responsabilidade,	A Família	C2
<u>5.12.26</u> porque quando uma família diz assim “o meu filho vai participar e o que houver necessidade da minha parte colaborar” tem que ser... quando é dito depois tem que ser responsabilizado...	A Família	C2
<u>5.12.27</u> Nós tivemos... muitos....muitos... se calhar os pais... os Encarregados de Educação de... mais de metade dos alunos a terem uma participação muito... muito activa.	A Família	C2
<u>5.13.1</u> Tivemos a participação ... na preparação das actividades tivemos de uma festa que foi... que foi... foi feita pelos professores da escola e os encarregados de educação com o jantar, com ementa típica nossa, com uma série de pequenas coisas, com a participação do rancho folclórico... uma festa ao longo da noite ...	A Família	C2
<u>5.13.2</u> em que os pais participaram ,	A Família	C2
<u>5.13.3</u> os pais tiveram de colaborar, eu tive-os... tive-os a cozinhar, decorar a sala, uma série de coisas.. que os pais tiveram activos.	A Família	C2
<u>5.13.4</u> É boa	A Família	C2
<u>5.13.5</u> algumas modificações que se operaram nos... nos filhos... foram os ... os maiores impactos para aqueles que tiveram a possibilidade de ir,	A Família	C2
<u>5.13.6</u> nós convidamos alguns a estarem presentes connosco, a viajarem connosco...	A Família	C2
<u>5.13.7</u> porque puderam passar para aos outros...	A Família	C2
<u>5.13.8</u> porque têm conhecimento que a nossa responsabilidade com os filhos deles é... grande e o cuidado que temos, as nossas preocupações, os mais pequenos detalhes...	A Família	C2
<u>5.13.9</u> fosse na recepção, fosse... nas visitas que nós fizemos ao estrangeiro... em todos houve... cada família ficou com um plano pormenorizado de cada visita...	A Família	C2
<u>5.13.10</u> telefones de contacto,	A Família	C2
<u>5.13.11</u> isso os pais ficavam com um guião, que em qualquer altura poderiam estar em contacto e ...e saber tudo o que se estava a passar.. e saber... como se estava... o que se estava a passar.	A Família	C2
<u>5.13.12</u> Pouco... da comunidade envolvente neste projecto, tivemos o apoio de ... tivemos o apoio da... da Câmara...	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.13</u> tivemos o apoio da Câmara nos transportes,	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.14</u> tivemos o apoio da Câmara na elaboração de algum material ...	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.15</u> principalmente em termos de impressão...	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.16</u> tivemos o apoio... do Modelo,	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.17</u> em termos de ofertas, de uma série de coisas	A Comunidade Envolvente	C1

	Envolvente	
<u>5.13.18 tivemos o apoio do Silves Futebol Clube.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.13.19 pelo do nosso contacto directo</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.1 eu penso que acaba por não ter.....</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.2 por uma razão muito simples ... nós temos pouco o hábito de... potenciarmos em termos positivos aquilo que fazemos bem...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.3a Câmara normalmente só publicita e só enuncia aqueles trabalhos que partem deles e então publicita-os</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.4 mas em termos do próprio Modelo de Silves digamos que poderia... poderiam tirar algum benefício.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.5 colaboramos em termos sociais com estas ... numa perspectiva social...</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.6 com o Silves Futebol Clube é a mesma coisa... que ... a publicidade que eles fazem da colaboração social que dão é pouca.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.7 A rentabilidade que tiram daí é pouca ou diria mesmo nula.</u>	A Comunidade Envolvente	C1
<u>5.14.8 apoiam-nos e nós divulgamos que eles nos apoiam</u>	A Comunidade Envolvente	C1